

PORTUGALIA

NOVA SÉRIE, VOLUME XXIII



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

2002

PORTVGALIA

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
(SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA)

COORDENADOR:
Mário Jorge BARROCA

CONSELHO DE REDACÇÃO:
Carlos Alberto Brochado de ALMEIDA
Mário Jorge BARROCA
Rui Manuel Sobral CENTENO
José Amadeu Coelho DIAS
Susana de Oliveira JORGE
Vitor de Oliveira JORGE
António Baptista LOPES
Sérgio Emanuel Monteiro RODRIGUES
Maria de Jesus SANCHES
Armando Coelho Ferreira da SILVA
Teresa SOEIRO

INTERCÂMBIO:
PORTVGALIA
Biblioteca Central da
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/nº
Apartado 55038
4150-564 PORTO

IMPRESSÃO:
Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira

ISSN: 0871-4290
Depósito Legal: 189069/02

O conteúdo dos artigos é responsabilidade dos seus autores.

Solicita-se permuta – On prie bien de vouloir établir l'échange
Sollicitiamo scambio – We would like exchange – Tauschverkehr erwünscht

ÍNDICE

ORQUINHA DOS JUNCAIS (VILA NOVA DE PAIVA, VISEU) ANÁLISES POLÍNICAS

J. A. López Sáez e D. J. da Cruz 5

ESTUDO DO MATERIAL LÍTICO DO CRASTO DE PALHEIROS – MURÇA. UMA PRIMEIRA ABORDAGEM METODOLÓGICA – 2ª PARTE

Isidro M. T. Gomes 35

MONTE MOZINHO: A TERRA SIGILLATA RECUPERADA DO SECTOR B

Teresa Pires de Carvalho 117

VESTÍGIOS ROMANOS ENCONTRADOS NA RUA MOUZINHO DA SILVEIRA – PORTO

Carlos A. Brochado de Almeida e Pedro Miguel D. Brochado de Almeida 155

VÁRIA

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA TAPADA DA VENDA, PEDROSO, CELO-RICO DE BASTO (NORTE DE PORTUGAL): PRIMEIRAS IMPRESSÕES DAS ESCAVAÇÕES DE 2001

Ana Bettencourt, António Dinis, Isabel Sousa e Silva, Carlos Cruz e José Pereira 187

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PENEDOS GRANDES, ARCOS DE VALDEVEZ (NORTE DE PORTUGAL): NOTÍCIA PRELIMINAR

Ana Bettencourt, António Dinis, Isabel Sousa e Silva, Carlos Cruz, José Pereira e
Josélia Martins 201

NOTA DA REDACÇÃO 219

O CONCHEIRO DE SALAMANSA (ILHA DE SÃO VICENTE, ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE): NOTA PRELIMINAR

João Luís Cardoso, A. M. Monge Soares, Francisco Reiner, António Guerreiro, Carlos Barradas, Ricardo Costa e Carlos Carvalho 221

RECENSÕES CRÍTICAS

Recensões Críticas 235

ORQUINHA DOS JUNCAIS (Vila Nova de Paiva, Viseu) ANÁLISES POLÍNICAS

J. A. López Sáez*
D. J. da Cruz**

ABSTRACT:

In this paper we are publishing the results of the pollen analyses of Orquinha dos Juncais. It is a monument with a tumulus built on the limits of a depressed ground; it has a small chamber in the centre, probably rectangular in shape; judging by its dimensions, it concerns an individual burial or, at least, a burial of restricted utilization. The burial, located near Orca dos Juncais (a large passage grave monument), was built most likely during the second half of the IV millennium BC.

1. INTRODUÇÃO

Na região do Alto Paiva, no sector norte da Beira Alta, têm sido desenvolvidos trabalhos de inventário e de escavação arqueológica, inicialmente em construções tumulares, datáveis sobretudo do Neolítico Final, depois, em estações de período cronológico mais abrangente, compreendendo a ocupação do território desde a Pré-história Recente à Alta Idade Média¹.

Os referidos trabalhos incluem a amostragem de sedimentos e de restos vegetais, em estações arqueológicas e depósitos sedimentares, seja para o conhecimento do processo de formação de cada um dos sítios, a datação pelo processo de Carbono 14, ou a definição do quadro paleoecológico e paleoambiental da região. Neste contexto, a investigação desenvolvida no âmbito da Palinologia tem como objectivo o conhecimento da evolução da paleovegetação, bem como dos principais factores que participaram no processo de antropização da área em estudo. Num outro plano, visa-se a inferência de aspectos de ordem económico-social que permitam um melhor conhecimento das sociedades que ocuparam o território durante o período Holocénico.

* Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Historia, Laboratorio de Arqueobotánica. C/ Duque de Medinaceli, 6 – 28014 Madrid. E-mail: cehl149@ceh.csic.es

** Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Rua de Sub-Ripas – 3000-395 Coimbra. E-mail: dcruz@megamail.pt

¹ Projecto subvencionado pelo Instituto Português de Arqueologia, no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA), intitulado: "O Alto Paiva: sociedade e estratégias de povoamento desde a Pré-história Recente à Alta Idade Média".

Foram entretanto publicados os resultados dos perfis polínicos dos monumentos 1 e 2 de Lameira Travessa (CASTRO *et al.*, 1999; LÓPEZ SÁEZ *et al.*, 2001b), bem como do povoado do Bronze Final de Canedotes (LÓPEZ SÁEZ *et al.*, 2000, 2001a). No âmbito da Antracologia divulgaram-se os resultados das amostragens de várias estações do Alto Paiva (FIGUEIRAL, 2001). Decorre a análise polínica de outras jazidas (Orca das Castonairas), bem como da amostragem sistemática de carvões vegetais do depósito de fundo de vale de Chã das Lameiras (serra da Nave, Moimenta da Beira).

Neste trabalho apresentam-se os resultados da análise polínica realizada com sedimentos do paleossolo e terras constituintes do *tumulus* do monumento localmente designado “Orquinha dos Juncais”.

2. ASPECTOS GEOGRÁFICOS

A Beira Alta, expressão que aqui deve ser entendida mais em sentido geográfico que administrativo (RIBEIRO, 1994; RIBEIRO *et al.*, 1987), corresponde, do ponto de vista geomorfológico, a extensa superfície de aplanamento, que se desenvolve a norte da Cordilheira Central. A serra do Caramulo, o “Maciço da Gralheira” (Arestal, Freita, Arada) e a serra do Montemuro constituirão os seus limites mais ocidentais. A leste, os afluentes do Douro, correndo paralelamente segundo a direcção S.-N., por vezes ocupando vales de fractura, profundos e entalhados, como o Távora, o Torto e a ribeira de Teja, já nos limites do prolongamento para oeste da “superfície da Meseta”; os rios Douro e Mondego limitam-na a norte e a sul.

A serra da Nave identifica-se no norte da Beira Alta com o conjunto de “terras mais altas”, que se levantam acima dos 1000 m de altitude: Leomil (1008 m), Laje Branca (1012 m), Nave (1016 m), etc.; trata-se de retalhos de superfície de aplanamento muito antiga, designada “níveis culminantes” (FERREIRA, 1978: 92), que a erosão não terá completamente arrasado. Estes cimos, aplanados ou levemente convexos, erguem-se sobre um outro nível de erosão, bem conservado e com grande desenvolvimento que, no Alto Paiva, se enquadra entre as cotas de 750 e 900 m; este nível de erosão, pela extensão e estado de conservação, foi designado “superfície fundamental” (*idem, ibidem*: 89, 303) dos planaltos centrais e níveis intermédios das montanhas ocidentais. É provável a existência de um terceiro nível de aplanamento, entre 700 e 750 m – a “superfície inferior” ou “superfície de Pendilhe” (*idem, ibidem*: 103) –, relacionável com o regolho existente entre Pendilhe e S. Joaninho, o vale do Touro (ou Covo), a área a norte de Castro Daire (entre Farejinhãs e Lamelas), e outros sectores, onde atinge maior desenvolvimento, como os eixos Fráguas-Queiriga e Fráguas-Nogueira de Cota, entre o Paiva e o Vouga, a leste do relevo designado Arco (899 m) e da crista quartzítica de S. Lourenço (930 m).

Este conjunto de episódios, sobretudo o nível intermédio de aplanamento (“superfície fundamental”), marca o comportamento do relevo da região, que se caracteriza por uma platitude generalizada; os planaltos, extensos, são interrompidos apenas por circunscritos relevos mais elevados, como os já mencionados, a que se deve acrescentar, entre a serra da Nave e a serra do Montemuro, Covas do Estanho (1015 m), Outeiro Mourisco (1065 m), Testos (1080 m), Santa Helena (1102 m), Tarouca (1091 m) e Mourisca (1037 m), como aqueles, igualmente identificáveis com os “níveis culminantes” (Fig. 1).

A estação arqueológica que prestou o perfil polínico que suporta este trabalho situa-se a cerca de 2 km para NE. da povoação de Queiriga (conc. de Vila Nova de Paiva). Trata-se de “plateau” de média altitude, entre os rios Paiva e Vouga, em torno dos 800 m de altitude (Abelha, 819 m; Maria Donis, 820 m; Junça, 809 m; Picoto, 838 m), integrando vestígios dos níveis de aplanamento da “superfície fundamental”, como também da “superfície inferior”. Neste sector, o rio Paiva, com nascentes na serra da Nave, corre segundo a direcção NE.-SO.; o rio Vouga, com curso inicial próximo do daquele (N.NE.-S.SO.), corre depois no sentido E.-O.

Mais restritamente, a Orquinha dos Juncais e as construções funerárias existentes nas proximidades ocupam uma depressão dominada pelo rio Rebentão, afluente do Vouga, correndo inicialmente, até às cercanias da povoação de Queiriga, de NE. para SO., depois, até à Quinta do Porto Largo (o ponto de junção com o Vouga), de NO. para SE.

Os Juncais e área circundante assentam sobre uma mancha de granitos, com diferenciações texturais várias, destacando-se os granitos alcalinos de duas micas, porfiróides e não porfiróides, de grão fino e médio. A sudoeste, localiza-se uma formação silúrico-carbónica, com orientação aproximada NO.-SE., constituída por conglomerados, quartzitos, grauvaques, grés quartzosos e vários tipos de xistos (xisto-ardósia, xisto-andaluzítico, xisto mosqueado ou quiastolítico), de um modo geral profundamente metamorfisados; o relevo localmente designado “Antas”, assumindo a forma de penhasco – com expressivo destaque na paisagem, até pelos materiais constituintes (xistos subluzentes) –, integra esta mancha paleozóica. Nestas formações instalaram-se várias explorações mineiras, quase todas pertencentes ao antigo Couto Mineiro de Lagares, mas abandonadas desde os finais dos anos 60; explorava-se então a cassiterite e a volframite, e, em menor escala, o estanho e o tungsténio².

A região situa-se na zona fito-ecológica SA.MA (Subatlântica / Mediterrâneo-Atlântica), caracterizada pela presença de *Betula celtiberica* (vidoeiro), *Castanea sativa* (castanheiro), *Pinus pinaster* (pinheiro bravo), *Pinus pinea* (pinheiro manso), *Quercus pyrenaica* (carvalho negral), *Quercus robur* (carvalho alvarinho ou roble), *Quercus suber* (sobreiro) e *Taxus baccata* (teixo)³. Seguindo a nova classificação por andares bioclimáticos (vegetação potencial), o Alto Paiva integrará a província Cantabro-Atlântica, subprovíncia Galaico-Asturiana, sector Galaico-português, subsector Miniense, com uma vegetação constituída pelos carvalhais mesotemperados e termotemperados do *Rusco aculeati-Quercetum roboris quercetosum suberis*, incluindo também como características as formações de urze, giesta e tojo (COSTA *et al.*, 1998: 13). Mais restritivamente, integrará o superdistrito Beiraduriense, com as associações de carvalhais de carvalho negral (*Holco-Quercetum pyrenaicae*), os giestais (*Lavandulo sampaioanae-Cystisetum multiflori* e *Cytiso striatti-Genistetum polygaliphyllae*), os urzais-tojais (*Ulici minoris-Ericetum umbellatae*), os prados de lima (*Anthemido-Cynosuretum cistati*) e os juncais (*Peudedano Juncetum acutiflori*) (*idem, ibidem*: 14).

A área dos Juncais possui actualmente uma paisagem bastante aberta e desflorestada devido à acção dos incêndios. Exceptuando as depressões, com maior potência de sedimentos, os solos são generalizadamente esqueléticos, ou inexistentes. Há cerca de 30

² Vide, sobre a geologia da área em estudo e a formação ordovícico-carbónica de Queiriga: Teixeira, 1943; Teixeira *et al.*, 1942, 1972; Neiva, 1944.

³ J. Pina Manique Albuquerque, “Carta Ecológica, Fito-Edafo-Climática. Escala de 1/1.000.000”, Lisboa, Comissão Nacional do Ambiente, 1984 [Atlas do Ambiente].

anos eram ainda expressivas as manchas de pinhal. Até aos anos 60 do século XX cultivava-se centeio em algumas leiras próximas das estações arqueológicas.

Do coberto arbóreo autóctone restam alguns carvalhos (*Quercus robur*) isolados na paisagem. Os pinhais (*Pinus pinaster*), resultantes de um repovoamento recente, foram destruídos também pelo fogo. A paisagem é assim dominada muito expressivamente pelos matagais, geralmente espinhosos, ricos em diversas leguminosas arbustivas, que constituem parte das etapas de substituição do carvalhal e integram as associações *Ulici europaei-Cytisetum striati* (giestais com tojo) e *Ulici europaei-Ericetum cinereae* (tojais / urzais), pelo que as espécies mais frequentes são o próprio tojo (*Ulex europaeus*, *U. gallii*), a giesta (*Cytisus striatus* e *C. scoparius*), muito especialmente a carqueja (*Chamaespartium tridentatum*), e, em menor medida, *Erica cinerea*, *E. arborea*, *Genista triacanthos*, *G. florida*, *Cistus psilosepalus*, *Halimium alyssoides*, *Calluna vulgaris* e *Pteridium aquilinum*. O vidoeiro (*Betula pubescens* subsp. *celtibérica*) surge igualmente de forma muito isolada. As zonas abertas dos matagais apresentam-se ocupadas por pastos graminóides.

A cerca de 250 m da Orquinha dos Juncais desenvolve-se uma estreita, mas extensa, lameira, associada ao rio Rebutão; esta faixa de terrenos húmidos apresenta-se hoje densamente povoada de salgueiros (*Salix* spp.), amieiro negro (*Frangula alnus*), outros amieiros dispersos (*Alnus glutinosa*); refugiam-se aqui, também, alguns carvalhos.

3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

O sítio dos Juncais foi utilizado durante a Pré-história para a construção de três sepulturas (Fig. 2):

- a) a **Orca dos Juncais**, um dólmen de corredor de grandes dimensões envolvido por um *tumulus* imponente (LEISNER, 1934; LEISNER e LEISNER, 1956; MOITA, 1966; CRUZ, 1993, 2001);
- b) a **Orquinha dos Juncais**, que se situa a cerca de 150 m para O.SO. da Orca dos Juncais (CRUZ, 2001);
- c) a **Cista dos Juncais**, de lajes baixas, que definem uma câmara de planta rectangular, a cerca de 50 m para SO. da Orca dos Juncais; a escavação desta última não revelou indícios de *tumulus* que, a ter existido, seria baixo e de pequenas dimensões (CRUZ, 2001: 164-165).

Os dois primeiros monumentos datarão do Neolítico Final: a Orca dos Juncais, face às datações de Carbono 14 disponíveis para monumentos similares da Beira Alta e do Alto Paiva, terá sido construída no primeiro terço do IV milénio a. C. (cronologia em anos históricos) (CRUZ, 1995, 2001); a Orquinha dos Juncais, com duas datações feitas com amostras de madeira carbonizada recolhidas no topo do solo soterrado com a sua construção – que adiante se discutem –, poderá datar dos finais da 1ª metade, ou já da 2ª metade do IV milénio a. C.; a Cista dos Juncais, pela tipologia e dimensões, parece inserir-se bem num momento, ainda que impreciso, da Idade do Bronze, encontrando paralelos em outras câmaras cistóides, baixas, isoladas ou agrupadas, reconhecidas nos planaltos da serra da Nave (Labiada das Touças, Matas 2, Rapadouro 2, Pousadão, etc.) (CRUZ, 2001).

As áreas circunvizinhas revelam outros monumentos funerários, uns de cronologia similar à da Orca dos Juncas (Tanque, Seixinho, Fojinho), outros de idade mais imprecisa (Tojinho, Orquinha da Bouça, Antas 1 e 2), ou próxima – pelas dimensões, tipologia arquitectónica e espólio –, da Orquinha dos Juncas (Orca da Abelha, por ex.) (CRUZ, 2001) (Fig. 3).

De períodos mais recentes, destaca-se a exploração de ouro de Queiriga pelos Romanos (ALARCÃO, 1988: 128; VASCONCELLOS, 1920). A presença destes é também atestada por achados cerâmicos em monumentos funerários da área em estudo (VASCONCELLOS, 1897; MOITA, 1966).

4. A ESTAÇÃO

A “Orquinha dos Juncas” é também conhecida pelo topónimo “Forno da Moira”. Ocupa a periferia de terrenos alagadiços, relacionando-se com ribeira invernal subsidiária do rio Rebentão.

O monumento foi escavado em 1896 por J. Leite de Vasconcellos. Foi então recolhido um machado de pedra polida, de secção sub-rectangular, bem como um seixo rolado, com vestígios de utilização, que terá servido para “polir instrumentos de pedra” (VASCONCELLOS, 1897: 111 §74; LEISNER, 1998: 58, taf. 49). O *tumulus* é referenciado por I. Moita (1966), anotando que se trata de “monumento de pequenas dimensões, reduzido, possivelmente, à câmara” (p. 235), e, igualmente, por V. Leisner (1998: 58).

Coordenadas geográficas: latitude – 40° 48’ 45” N.; longitude – 01° 24’ 03” E. (meridiano de Lisboa). Altitude – 755 m (“Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25.000”, fl. 168 – Queiriga, V. N. de Paiva, 2ª ed., 1987) (Fig. 2).

Localização administrativa: freguesia de Queiriga, concelho de Vila Nova de Paiva, distrito de Viseu.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no monumento revelaram um *tumulus* em terra, de planta subcircular, com cobertura pétreo densa, medindo 12 m de eixo menor (N.-S.) e 14 m de eixo maior (O.-E.); atingia, na parte central, 1 m de altura; o revestimento pétreo superficial apresentava-se mais desmantelado no lado E., sobretudo nos quadrados E4, F4 e G4, certamente consequência de escavações antigas e revolvimentos provocados por populares (Figs. 4-6).

A escavação da área central deste montículo revelou uma câmara, de características cistóides, de pequenas dimensões, provavelmente de planta rectangular, de que se identificaram dois esteios, deslocados mas com as bases *in situ*, dispostos paralelamente; estes elementos definem o eixo maior da câmara (NO.-SE.); a construção teria outros esteios (um, eventualmente dois, de cada lado), que não se conservaram; foi identificado, deslocado sobre o *tumulus*, um pilar, fragmentado numa das extremidades, com 1,14 m de altura; este elemento terá, eventualmente, integrado a construção funerária; também deslocados, observaram-se no quadrado E4 dois fragmentos de lajes, que poderão ter pertencido a esta parte do monumento, ou à laje de cobertura; o limite da câmara, no lado SO., era perfeitamente definível, pois aqui conservaram-se as pedras que constituíam o contraforte da câmara funerária; o lado NE. apresentava-se mais destruído. Muito provavelmente tratar-se-á de câmara fechada, de planta rectangular, com 1,5 m de comprimento e entre 1 m a 1,20 m de largura, pouco ultrapassando 1,20 m de altura (Fig. 7).

Os esteios da câmara eram suportados por contraforte, pequeno mas bem estruturado, à base de blocos e lajes de maiores dimensões que os elementos pétreos que cobriam o *tumulus*.

A área da câmara forneceu dois micrólitos, em sílex, do tipo segmento largo (G.E.E.M., 1969) (Quadro I).

Quadro I – Micrólitos geométricos (Fig. 8)

Nº Ord.	Matéria-prima	Medidas (mm)			Secção	Retoque	Tipologia (G.E.E.M.)	Localização
		comp.	larg.	esp.				
1	sílex castanho	22	8,5	2	triangular	marginal e abrupto no arco	Segmento largo	câmara
2	sílex cast.-acinzentado	29	12,5	2,5	trapezoidal	marginal e abrupto no arco	Segmento largo	câmara

Na vala de sondagem S.-N., sob o *tumulus* (D2-D3), ao nível do topo do solo de base, foram recolhidos três fragmentos cerâmicos, dois dos quais do bordo, pertencentes ao mesmo vaso, de forma provavelmente ovóide, relacionando-se com a ocupação do sítio previamente à construção do monumento (Fig. 8). Como já referimos, das escavações de J. Leite de Vasconcellos resultou um machado de pedra polida, de secção rectangular (Fig. 8). As indicações de cronologia relativa a partir do espólio são, assim, limitadas, embora não seja difícil admitir uma cronologia do IV milénio a. C., em anos históricos, face à presença de micrólitos, como também dos referidos fragmentos cerâmicos.

A estação dispõe de três datações de Carbono 14 (Quadro II, Fig. 10).

As amostras 2 e 11 provêm do topo do solo conservado sob o *tumulus*. Pretendia-se definir um *terminus post quem* para a construção do monumento. A amostra 3 foi recolhida na base do referido solo, em contacto com a alterite; a sua análise insere-se no contexto dos estudos paleoambientais realizados na região, visando-se, neste sentido, a datação do início da pedogénese do sítio.

Quadro II – Datações de ¹⁴C da Orquilha dos Juncais

Ref. Lab.	Datação BP	Calibração (AC) ⁴						Obs.
		Método A		Método B				
		1 sigma	2 sigma	1 sigma	%	2 sigma	%	
GrA-17166	8750±70	7959-7612	8199-7597	7955-7954	0,3	8197-8187	0,6	Carvão vegetal. Am. 3. D3: 56/51/226/98. Base do paleossolo.
				7941-7928	5,4	8163-8128	3,9	
				7922-7855	24,8	8120-8110	0,6	
				7853-7708	56	8081-8069	0,9	
				7702-7678	9,2	8061-8045	1,1	
				7666-7653	4,3	8004-7980	1,3	
						7974-7598	91,6	
GrA-17163	5020±60	3940-3710	3962-3659	3937-3875	39,5	3958-3697	99,2	Idem. Am. 11. D3: 51/55/207/82. Topo do paleossolo.
				3873-3861	6,5	3677-3670	0,8	
				3809-3756	34,4			
				3748-3712	19,7			
GrA-17167	4620±60	3501-3351	3623-3104	3517-3400	69,6	3627-3583	4,3	Idem. Am. 2. D3: 34/4/210/75. Topo do paleossolo.
				3384-3341	27,8	3534-3306	77,9	
				3205-3204	0,6	3296-3295	0,1	
				3148-3142	2	3288-3286	0,1	
						3268-3265	0,2	
						3238-3168	9	
						3163-3102	8,4	

⁴ Calibração realizada com o programa "Radiocarbon Calibration Program rev. 4.3. Cfr. Stuiver e Reimer, 1993; Stuiver *et al.*, 1998.

As amostras do topo do solo antigo não são estatisticamente semelhantes, ainda que a sua localização na quadrícula seja próxima e a situação estratigráfica similar. Vários factores poderão justificar esta “discrepância”, uns inerentes à idade da madeira, outros às condições de sedimentação do sítio, situação que se discute demoradamente em outro texto (CRUZ, 2001: 229 e sqq.). Nestas circunstâncias, como temos considerado em outros trabalhos (CRUZ, 1992, 1995, 2001), cremos que será de valorizar o resultado mais recente. Assim, o monumento poderá ter sido construído, considerando o intervalo de confiança de 2 sigma ($\pm 94,45\%$), posteriormente à data “real” que se pretende determinar e que estará contida no intervalo de tempo de 3623 a 3104 cal. AC (método A). Admitimos, assim, que a Orquinha dos Juncais terá sido construída posteriormente à Orca dos Juncais e à generalidade dos monumentos dolménicos de grandes dimensões da região (CRUZ, 2001).

A datação GrA-17166: 8750 \pm 70 BP permite-nos uma aproximação ao início do processo de formação do solo local. Este resultado fornece o intervalo 8199-7597 cal. AC, ou seja, em cronologia convencional não calibrada, aproximadamente 8890-8610 BP (2 sigma), o que corresponde à primeira metade do período Boreal. Neste sentido, as amostras do solo que ficou soterrado com a construção do monumento reportar-se-ão aos períodos Boreal, Atlântico e parte inicial do Sub-Boreal.

Quadro III – Amostras pontuais de carvão vegetal do topo do solo antigo

Am.	Localização	Taxa / nº fragmentos
1	D3: 8/35/207/80	<i>Quercus</i> (folha caduca) 1
4	D3:46/2/206/76	<i>Quercus</i> (folha caduca) 1
5	D2: 78/193/208/76	<i>Quercus</i> (folha caduca) 1
		Leguminosae 1
6	D3: 66/9/210/77	<i>Quercus</i> cf. <i>suber</i> 1
7	D2: 77/194/208/76	<i>Quercus</i> (folha caduca) 1
8	D2: 90/188/210/75	<i>Quercus</i> (folha caduca) 2
9	D2: 70/197/209/76	<i>Quercus</i> (folha caduca) 1
10	D2: 15/192/210/76	<i>Quercus</i> (folha caduca) 1
12	D3: 81/69/206/82	<i>Quercus</i> (folha caduca) 1

Foram colectadas 12 amostras de carvão vegetal para identificação pela Antracologia (Quadro III). A recolha é pontual, efectuada na vala de sondagem S.-N., igualmente nos quadrados D2 e D3, ao nível do topo do paleossolo (excepto a já referida amostra 3, relativa à base do solo). O estudo destes carvões revelou a presença quase exclusiva de carvalho (*Quercus* de folha caduca e tipo *suber*) (FIGUEIRAL, 2001).

5. ANÁLISE POLÍNICA

5.1. Material e métodos

No corte S.-N., quadrado D3, parede oeste, do monumento da Orquinha dos Juncais, foram recolhidas 34 amostras de sedimentos para análise polínica; a amostragem fez-se em coluna estratigráfica, em sentido ascendente, com espaçamento de 3 cm (Fig. 11):

1 a 3 – solo antigo enterrado, sob o *tumulus*: terra castanho-amarelada, em contacto com a alterite granítica;

4 a 8 – solo antigo enterrado: terra acastanhada, compacta, sem raízes e poucos elementos grosseiros;

9 a 20 – terras do *tumulus*: têm origem alóctone, pois foram transportadas das imediações para a construção desta parte do monumento (montículo de terra que envolvia a câmara funerária e respectivo contraforte); terras castanho-acinzentadas, com alguns elementos vegetais carbonizados; são menos compactas que as terras do solo *in situ*; assinalaram-se algumas manchas castanho-amareladas, denotando os diferentes locais de extracção destes sedimentos; as amostras 19 e 20 poderão ter sofrido infiltrações de data posterior, pois localizam-se sob a estrutura pétreo de revestimento, propícia a infiltrações;

21 a 34 – terra vegetal: terras acinzentadas, pulverulentas, granulosas, com raízes, finas e médias, por vezes grosseiras; alguns elementos pétreos centimétricos; correspondem às terras depositadas sobre as pedras que constituem o revestimento pétreo superficial do *tumulus* após a construção do monumento, sofrendo um processo de infiltração gradual que terá conduzido ao preenchimento dos espaços intersticiais existentes nesta estrutura.

As amostras foram tratadas com 7% HCl para a eliminação de carbonatos, maceradas em 10% de NaOH, lavadas sucessivamente, para remover os ácidos húmicos, e aquecidas em 45% HF durante duas horas; depois de centrifugadas foram submetidas a um novo tratamento com 7% HCl, para eliminar colóides, seguindo-se, na generalidade, a metodologia clássica estabelecida para sítios arqueológicos (GIRARD e RENAULT-MISKOVSKY, 1969). Finalmente, foram concentradas mediante a adição de licor de Thoulet (GOEURY e DE BEAULIEU, 1979), e montadas em glicerina.

O espectro polínico de cada amostra foi estabelecido a partir da contagem média de cerca de 150 pólenes, que constitui o somatório da base polínica; excluíram-se os palinomorfos hidro-higrófilos, assim como os esporos pteridófitos e os microfósseis não polínicos. Um somatório de base assim estabelecido, com a contagem mínima de 20 *taxa*, permite um estudo estatisticamente fiável (MC ANDREWS e KING, 1976; JANSSEN, 1981).

Para a identificação dos principais tipos polínicos utilizámos os trabalhos de Moore *et al.* (1991), Reille (1992, 1995), bem como a palinoteca do Laboratorio de Arqueobotánica do Instituto de Historia (CSIC, Madrid).

5.2. Resultados

Para facilitar a interpretação paleoecológica do diagrama polínico (Fig. 9) procedeu-se à sua biozonação, utilizando-se para o efeito a sequência estratigráfica definida para a estação:

Biozona OJ-A

Esta biozona compreende as três amostras inferiores da sequência (1 a 3); a base do paleossolo foi datada de 8750±70 BP (GrA-17167), o que nos permite situar estas amostras mais profundas no período Boreal (9000-8000 BP).

Durante esta biozona a vegetação arbórea é escassa, pois representa apenas 35% do total; os *taxa* arbustivos limitam-se a cerca de 5%; o pólene de espécies herbáceas atinge cerca de 60%.

Entre os palinomorfos de origem arbórea, o carvalho (*Quercus robur* type), com 10%, e o zimbro (*Juniperus* t.), com 15-10%, são dominantes; a azinheira / carrasqueiro (*Quercus ilex* /

/ *coccifera* t.) não atinge 10%. Estão representados outros taxa arbóreos, todos com percentagens inferiores a 5%: amieiro (*Alnus*), castanheiro (*Castanea*) e pinheiro silvestre (*Pinus sylvestris*).

A vegetação arbustiva também não se apresenta excessivamente desenvolvida: Cistaceae, *Erica*, Labiatae e *Sambucus nigra* t. (sabuzeiro).

O espectro polínico desta biozona permite-nos admitir uma paisagem relativamente aberta; o bosque caducifólio (carvalhal) apresentar-se-ia sensivelmente reduzido, convivendo com formações de âmbitos mais xerófilos do tipo azinhal e zimbral, que dominariam as zonas mais expostas, sobretudo aquelas com maior abundância de afloramentos graníticos, como acontece na área em estudo. Regista-se nesta biozona um facto importante: a presença, nas três amostras, de pólene de castanheiro, o que nos permite considerar o carácter autóctone e natural desta espécie no período cronológico referido. As percentagens muito baixas de pólene de *Pinus sylvestris* t. parecem indicar uma origem extra-regional dos palinomorfos desta arbórea.

A vegetação herbácea, com 60% do total, é dominante; destacam-se *Artemisia* (c. 10%), Chenopodiaceae / Amaranthaceae (c. 7-10%) e Gramineae (20%); estes indicadores relacionar-se-ão com uma paisagem dominada por pastos graminóides ricos em elementos xerófilos, como as artemísias e quenodopiáceas, indicadores seguros de um clima seco e possivelmente frio.

Os taxa próprios de âmbitos nitrófilos (Cardueae, Cichorioideae, etc.) surgem em percentagens muito baixas, o que permite supor que a presença do homem no meio, a ter existido, terá sido muito limitada, ou meramente esporádica. De facto, o registo conjunto nesta biozona de *Plantago lanceolata* t., Chenopodiaceae / Amaranthaceae e *Urtica dioica* t., parece denunciar na área circundante um certo tipo de pressão relacionada com a presença / criação de animais (GALOP, 1998), mas nunca intensiva; o sítio poderá ter funcionado como zona de passagem de gado, como parece indicar o limitado grau de antropização observado no diagrama polínico.

Entre os palinomorfos hidro-higrófilos apenas se verifica a presença de Cyperaceae, em percentagens muito reduzidas (1%), o que condiz com o ambiente de clima seco e frio anteriormente mencionado.

Biozona OJ-B

Esta biozona compreende as amostras 4 a 8, integrando igualmente o solo subjacente ao monumento. Neste sentido, estas amostras reflectirão a paleovegetação anterior, e imediatamente anterior, à sua construção.

Para o topo do paleossolo dispõe-se, como já dissemos, de duas datações de radiocarbono: 5020±60 BP (GrA-17163) e 4620±60 BP (GrA-17166), o que nos permite admitir que, pelo menos as duas amostras superiores (7 e 8) desta biozona se enquadrarão nos inícios do período Sub-Boreal. Por falta de datações, não podemos definir com precisão a cronologia dos episódios paleovegetacionais das amostras inferiores (6, 5 e 4), ainda que apresentem espectros polínicos equiparáveis entre si e totalmente diferentes dos da biozona OJ-A. A título de hipótese, esta biozona OJ-B englobará, com elevada probabilidade, o desenvolvimento do período Atlântico, enquanto que a biozona OJ-A, de carácter paleoclimático eminentemente frio e seco, corresponderá ao período Boreal, o que está de acordo com o resultado da datação disponível para a base do solo.

Nesta biozona OJ-B assinala-se o desenvolvimento do carvalho, pois a percentagem de *Quercus robur* t. atinge 40% e ultrapassa 50% na amostra inferior; as duas amostras superiores (7 e 8) revelam, ao invés, uma regressão do carvalho para valores próximos dos da biozona precedente. Paralelamente a estes aspectos produz-se um incremento percentual muito expressivo dos pastos de ambientes húmidos, representados no diagrama polínico por Cyperaceae, assim como Filicales triletes e *Pteridium aquilinum* (feto comum). O amieiro (*Alnus*) regista também um aumento das suas percentagens, se bem que ligeiramente. Estes resultados permitem-nos pensar num aumento substancial da humidade, que provocará o desenvolvimento do bosque caducifólio em detrimento das formações xerófilas (tanto *Juniperus* t. como *Quercus ilex / coccifera* t. diminuem os respectivos valores percentuais), assim como uma maior extensão do bosque ribeirinho de *Alnus* e das formações hidro-higrófilas. O desenvolvimento do bosque ribeirinho é igualmente marcado por um aumento de *Sambucus nigra* t. (sabugueiro) nas três amostras inferiores desta biozona.

Entre as espécies arbóreas verifica-se a presença autóctone do castanheiro e alóctone de *Pinus sylvestris* t., assim como a primeira presença no diagrama polínico de pinheiros de carácter mediterrâneo (*Pinus pinaster / pinea* t.), que, de qualquer modo, surgem em percentagens muito baixas, pelo que não nos é possível assegurar o carácter autóctone desta arbórea na área em estudo, mas talvez mais uma origem distante destes pólenes.

Paralelamente ao aumento da humidade referenciado, produz-se, ao menos nas amostras inferiores desta biozona, o total desaparecimento de *Artemisia*, e quase total de Chenopodiaceae / Amaranthaceae, entre os taxa herbáceos de carácter xerófilo.

Entre os palinómorfs de âmbitos nitrófilos não há diferenças substanciais relativamente ao referido para a biozona anterior, pelo que podemos pensar que a presença do homem no meio é residual. Não obstante, como na biozona OJ-A, verifica-se a presença paralela de *Plantago lanceolata* t., Chenopodiaceae / Amaranthaceae e *Urtica dioica* t., o que nos permite admitir que o sítio poderá ter funcionado como lugar de passagem ocasional de gado.

As duas amostras superiores desta biozona (7 e 8) apresentam no entanto espectros polínicos relativamente diferentes dos das amostras inferiores. Assim, tanto na amostra 7, como na amostra 8, detecta-se uma diminuição muito notável da percentagem de *Quercus robur* t. (c. 20%), sem que se observem, ao invés, diferenças substanciais para *Juniperus* t. e *Quercus ilex / coccifera* t. relativamente às amostras 4, 5 e 6. Nas amostras 7 e 8 é relativamente importante o aumento tanto de Cistaceae como de *Erica*, o que será, talvez, reflexo do desenvolvimento das formações arbustivas típicas das etapas de substituição do carvalho, do tipo giestal / urzal, e que se traduzirão na afirmação de um processo de desflorestação do bosque autóctone de carvalhos. Um ligeiro aumento nestas amostras de certos elementos de marcado carácter nitrófilo, como Cardueae ou Cichorioideae, permite supor que este fenómeno será de origem antrópica, ainda mais quando outros palinómorfs, igualmente de origem antrópica, como *Rumex acetosa* t. e *Rumex acetosella* t., apresentam valores máximos em toda a sequência.

Confirmando o que antes se disse, fez-se nestas duas amostras a primeira identificação na sequência de ascósporos de *Chaetomium* spp. (type 7A), de marcado carácter carbonícola; estes elementos prestam-nos informação sobre o processo de desflorestação do carvalho, o que terá acontecido mediante a utilização do fogo (López Sáez *et al.*, 1998), culminando numa rápida instalação posterior de arbustos com carácter pirófilo, como ocorre com muitas espécies arbustivas de Cistaceae ou Leguminosae.

Contudo, tanto na amostra 7, como na amostra 8, reaparece *Artemisia* (elemento xerófilo) e Cyperaceae diminuí bruscamente, o que nos leva a pensar num certo condicionamento de tipo climático em todo o processo antes descrito, que não unicamente de carácter antrópico. Estas duas amostras poderão indicar não só as primeiras manifestações de uma actividade antrópica incipiente, mas clara, nas imediações da Orquinha dos Juncais, como igualmente o momento próprio de transição entre os períodos Atlântico e Sub-Boreal, que as datações disponíveis para o topo do solo antigo parecem, aliás, indicar.

Biozona OJ-C

Esta biozona compreende as amostras 9 a 20. Todas pertencem às terras do *tumulus* e, portanto, correspondem ao período de construção, ou anterior, dependendo da profundidade a que foram extraídos os sedimentos que formam esta parte do monumento, e, eventualmente, posterior, se considerarmos a possibilidade da infiltração de partículas finas (pólenes) após a construção do *tumulus*. São, portanto, sedimentos algo misturados quando da construção do monumento, o que limita grandemente a interpretação paleoecológica.

No conjunto, todas as amostras da biozona OJ-C apresentam espectros polínicos muito similares, o que confirmará a referida mistura de sedimentos. Em todas elas a percentagem de *Quercus robur* t. é relativamente baixa e quase sempre inferior a 20%, como ocorria na biozona OJ-A. Por sua vez, tanto *Juniperus* t. como *Quercus ilex / coccifera* t. apresentam percentagens muito similares às da biozona OJ-A. As percentagens de *Alnus*, Cistaceae e *Erica* assemelham-se às da biozona OJ-B. Entre os palinórfos de origem herbácea, *Artemisia* está praticamente presente em todos os espectros desta biozona; os restantes palinórfos apresentam semelhanças relativamente aos valores percentuais que possuíam na biozona OJ-A ou OJ-B. O mesmo se pode dizer de Cyperaceae e também de *Pteridium aquilinum* ou *Chaetomium* spp. Um facto curioso é que o paralelismo existente nos valores máximos de Cyperaceae e *Pteridium aquilinum* em OJ-B não acontece em OJ-C, mas tal não ocorre relativamente a estes dois palinórfos e *Chaetomium*, situação que evidencia uma discordância notável nas condições ecológicas destes *taxa* resultantes da mistura de sedimentos.

Em conclusão. Não é possível obter nenhuma precisão paleoecológica das amostras que formam a biozona OJ-C, pois os sedimentos que a constituem provêm de terras alóctones, sedimentadas em períodos cronológicos anteriores à construção do sepulcro, relacionando-se com as biozonas OJ-A e OJ-B, pois os espectros polínicos de OJ-C assemelham-se indistintamente a uma e a outra.

Biozona OJ-D

Corresponde às amostras 21 a 27. São, tal como as anteriores, difíceis de enquadrar cronologicamente. De qualquer modo são posteriores à construção e utilização primária do monumento, pois integram sedimentos que se foram acumulando, e infiltrando, por entre as pedras que constituem o revestimento pétreo superficial do *tumulus*.

Os espectros polínicos desta biozona são todos muito semelhantes, denotando uma paisagem aberta na qual o carvalho representa cerca de 20% do pólene total. A par do carvalho, temos amieiro (5%), castanheiro, *Pinus sylvestris* t., muito pontualmente, zimbro e azinheira. O pólene arbóreo representa quase 40% do total, o que nos permite pensar numa paisagem aberta algo mais florestada do que em OJ-A; o carvalho seria a espécie arbórea dominante, com valores superiores ao das formações mais xerófilas de tipo zimbral e azinhal.

Entre os arbustos, como ocorria em OJ-B, estão bem representadas Cistaceae (c. 10%) e sobretudo *Erica* (c. 10% nas amostras 25 e 26). A presença destes palinórfos, associados a *Genista* / *Ulex* t. e Labiatae denotarão certo desenvolvimento dos matagais seriais degradativos do carvalhal, em situação semelhante ao que acontecia nas amostras 7 e 8 de OJ-B.

Entre os palinórfos de origem herbácea, diferentemente do que acontecia em OJ-B, dominam claramente as Gramineae (20-30%), juntamente com outros de carácter nitrófilo, como Cichorioideae, Cardueae e *Aster* t. Outros taxa de marcado carácter antrópico estão igualmente presentes, caso de *Plantago lanceolata* t., *Rumex acetosa* t. e *Rumex acetosella* t., o que dará conta de certa pressão antrópica sobre o meio, ainda assim não demasiado forte. *Urtica dioica* t. só se apresenta de maneira muito residual nas amostras 21 e 27, pelo que devemos supor que a presença de gado na área envolvente do monumento foi muito esporádica durante esta biozona.

A ausência quase total de elementos hidro-higrófilos (só Cyperaceae aparece pontualmente na amostra 25) permite-nos admitir um período climático seco, o que parece ser corroborado pela presença contínua nesta biozona de um elemento xerófilo muito característico, como é o caso de *Artemisia*.

Biozona OJ-E

Diz respeito à biozona superior da sequência e engloba as amostras 28 a 34.

Do mesmo modo que na biozona anterior o amieiro, castanheiro e zimbro estão presentes e em percentagens similares. Em contrapartida, é muito notório o aumento percentual de *Pinus pinaster* / *pinex* t., muito possivelmente devido ao repovoamento de áreas próximas da estação. Ao mesmo tempo *Quercus robur* t. e *Quercus ilex* / *coccifera* t. diminuem sensivelmente os seus valores percentuais. No caso do carvalho chegam a situar-se abaixo de 10% nas duas amostras superiores.

Entre os pólenes de espécies arbustivas produz-se uma continuidade dos elementos próprios das etapas seriais degradativas, do tipo Cistaceae, *Genista* / *Ulex* t. e Labiatae, em percentagens ligeiramente inferiores às da biozona anterior.

Entre a flora herbácea, destaca-se a identificação pela primeira vez na sequência polínica de pólene de cereal, que está aliás presente continuamente em todas as amostras estudadas desta biozona. O pólene de cereal atinge 3% do total, o que, associado ao seu registo contínuo, permite-nos considerar o seu cultivo nos terrenos imediatos à jazida, possivelmente nas zonas mais abertas do bosque. Associada à presença de cereal nota-se uma maior representação de elementos de carácter nitrófilo, representados fundamentalmente por *Aster* t., Cardueae e Cichorioideae, assim como *Plantago lanceolata* t., *Rumex acetosa* t. e *Rumex acetosella* t. *Urtica dioica* t. reaparece de maneira constante, o que poderá ser o resultado da presença contínua de gado no meio. De qualquer modo, a paisagem é dominada pelos pastos graminóides, em que as Gramineae atingem quase sempre 20% do total, ainda que estejam em geral menos representadas que na biozona anterior.

O registo constante de Cyperaceae (5%) indicará possivelmente um período de maior humidade, sobre tudo edáfica, o que parece igualmente testemunhado pela diminuição percentual de *Artemisia* relativamente à biozona anterior.

Entre os microfósseis não polínicos foram identificados tanto *Chaetomium* spp. (type 7A) como *Coniochaeta* cf. *ligniaria* (type 142), ambos de marcado carácter carbonícola, indicadores

da ocorrência de incêndios, tanto de origem local, como regional (LÓPEZ SÁEZ *et al.*, 1998). De facto, é possível admitir que, com vista à obtenção de áreas adequadas para o estabelecimento de campos cerealíferos, tanto o carvalhal como os matagais arbustivos foram desbastados através do fogo.

5.3. Discussão

O diagrama polínico de Orquinha dos Junciais deve ser visto, nesta fase dos estudos paleoecológicos da região da Beira Alta e, em particular, do Alto Paiva, como um contributo preliminar, face ao carácter isolado da amostragem. Uma abordagem mais abrangente obrigará à análise de novos perfis, com distinta localização geográfica, para além do conhecimento mais aprofundado dos condicionalismos geográficos locais. Ademais, reconhecemos que cada um dos perfis analisado necessitará de um leque mais alargado de datações de radiocarbono, que permitirá balizar melhor as alterações sofridas pela vegetação ao longo do tempo, bem como uma avaliação mais aturada do peso dos factores climático e antrópico no processo. Um outro aspecto que limita o estudo paleopalínológico desta sequência é a proveniência exógena dos sedimentos correspondentes à biozona OJ-C, cuja mistura, ocorrida quando da construção do monumento, impede uma interpretação paleoecológica em sentido diacrónico.

A datação da base da sequência, de 8750 ± 70 BP, permite-nos fixar o seu início na primeira metade do período Boreal.

A primeira biozona descrita, OJ-A, localiza-se na base do paleossolo existente sob o monumento. Os três espectros polínicos desta biozona denotam uma paisagem relativamente aberta na qual se conjuga o bosque caducifólio de carvalhos e outras formações próprias de zonas mais secas do tipo zimbral / azinhal, que ocuparão principalmente as áreas graníticas mais acidentadas. De qualquer modo, a característica fisionómica da paisagem corresponderá a amplas extensões de prados graminóides ricos em elementos xerófilos. A clara ausência de palinomorfos hidro-higrófilos e a presença dos elementos antes descritos permitem-nos supor que o clima seria eminentemente seco e possivelmente frio. É de destacar a presença autóctone do castanheiro neste período cronológico. De um ponto de vista palínológico não pode afirmar-se uma presença notável do homem na área envolvente, pois os palinomorfos de carácter nitrófilo surgem representados de forma muito residual. Ao invés, parece identificar-se certa dinâmica, associável à presença de gado, sempre, e de qualquer modo, de forma muito testemunhal e possivelmente esporádica.

A falta de datações de radiocarbono intermédias não permite precisar o lapso cronológico abarcado por esta biozona OJ-A. Se é certo que a sequência se inicia no período Boreal, não é claro pelos espectros polínicos que englobe somente este período, ou também os inícios do período Atlântico. A alteração clara que se regista na paleovegetação durante a biozona OJ-B, com um aumento sensível da humidade, bem como as duas datações existentes, permitem-nos considerar, sempre hipoteticamente, que a biozona OJ-A albergaria muito possivelmente o período Boreal, e que a biozona OJ-B corresponderá ao período Atlântico e os inícios do Sub-Boreal.

Comparando a sequência da Orquinha dos Junciais com a de Canedotes (LÓPEZ SÁEZ *et al.*, 2000, 2001a) observam-se algumas correspondências importantes. A camada 4 de Canedotes foi situada tentativamente no lapso cronológico correspondente ao período de 8000-6500 BP, ou seja, a primeira metade do período Atlântico. Os espectros polínicos desta

camada 4 apresentam percentagens baixas ($\leq 10\%$) para *Quercus robur* t. (= *Q. suber* t.), a par da presença mínima de amieiro, zimbro e *Pinus sylvestris* t., associada a valores percentuais igualmente reduzidos para as formações arbustivas (dominadas, de qualquer modo, por *Cistus* t.). Ao invés, são os pastos graminóides que dominam a paisagem, a par dos elementos próprios de âmbitos nitrófilos e aqueles que são indicadores de certa actividade pastoril no meio envolvente. A paisagem descrita para a camada 4 de Canedotes assemelha-se bastante à da biozona OJ-A do monumento em estudo, com a diferença substancial da ausência total de *Artemisia* em Canedotes e uma presença mínima (c. 2%) de Chenopodiaceae / Amaranthaceae. Estes dados permitem-nos distinguir claramente, de qualquer modo, a biozona OJ-A da Orquinha dos Juncais da biozona da camada 4 de Canedotes. De facto, tanto a datação de 8750 ± 70 BP da Orquinha dos Juncais, como o amplo elenco de elementos xerófilos (zimbro, azinheira, artemísia, etc.) autorizam-nos a enquadrá-la sem dificuldades no período paleo-climático Boreal. Ao invés, a ausência destes elementos xerófilos na camada 4 de Canedotes, bem como a existência de certos níveis claros de antropização da área envolvente, obrigam-nos a situá-la em momento algo mais tardio, e admitir como bastante adequado o lapso cronológico de princípios do período Atlântico.

Durante a biozona OJ-B regista-se, pelo menos na sua metade inferior, um aumento sensível da humidade, que dá lugar ao desenvolvimento do carvalhal e do bosque de amieiros, assim como dos pastos de ambientes húmidos. Continua-se a verificar a presença autóctone do castanheiro, assim como o primeiro registo de pinheiros de carácter mediterrâneo. Este momento mais húmido dá lugar ao retraimento das formações florestais de carácter xerófilo, de tipo zimbral e / ou azinhal, e das formações herbáceas de ambientes mais secos. A antropização da envolvência continua sem ser muito clara, como em OJ-A, e poderá de igual modo admitir-se certa continuidade da passagem de gado pela área dos Juncais.

Nas duas amostras superiores da biozona OJ-B (amostras 7 e 8) parece encontrar-se o momento de transição entre os períodos paleoclimáticos Atlântico e Sub-Boreal, em que, para além do clima, parece ser o homem o principal elemento perturbador do meio mediante a desflorestação pelo fogo do carvalhal, e a posterior instalação das etapas próprias da substituição do bosque (giestais, tojais, etc.), com a conseqüente conquista dos pastos graminóides por elementos florísticos de marcado carácter nitrófilo.

Se compararmos a biozona OJ-B de Orquinha dos Juncais com a sequência de Canedotes (LÓPEZ SÁEZ *et al.*, 2000, 2001a) observamos uma correspondência perfeita relativamente à biozona 3A (camada 3) deste último sítio. Assim, a biozona 3A de Canedotes identifica-se perfeitamente com as amostras 4 a 6 de Orquinha dos Juncais, momento em que se produz o desenvolvimento do carvalhal e do amial; o aumento da humidade é, no entanto, mais difícil de delimitar em Canedotes por não se localizar próximo de uma linha de água, o que impede informação mais detalhada da curva de Cyperaceae. Por outro lado, em Canedotes a antropização da área envolvente parece ser mais evidente que na Orquinha dos Juncais, mas trata-se de jazidas com distinta utilização pelo homem. As amostras superiores da biozona 3A de Canedotes (amostras 13 a 15) denotam o mesmo processo desflorestador com o uso do fogo que as amostras 7 e 8 de Orquinha dos Juncais, associável à degradação do carvalhal, com o desenvolvimento dos matagais arbustivos, o aumento de palinóforos de carácter nitrófilo e o aparecimento de ascósporos de *Chaetomium*. Do ponto de vista paleovegetacional, tanto a biozona OJ-B da Orquinha dos Juncais, como a biozona 3A de Canedotes, são perfeitamente comparáveis, o que parece ser corroborado pelas datações de radiocarbono

disponíveis. A biozona 3A de Canedotes corresponderá ao intervalo de 6500-5000 BP, com uma datação de 6500±40 BP (GrN-24053) para a amostra 5, enquanto que as duas datações disponíveis para a Orquinha dos Juncas enquadram-se, como já referimos, na transição Atlântico / Sub-Boreal, momento paleoclimático marcado por um período de secura crescente no qual terão ocorrido todos os processos descritos.

Pouco se poderá dizer, do ponto de vista paleoecológico, da biozona OJ-C, pois existe um problema tafonómico resultante da origem alóctone e mistura dos seus sedimentos. Estes, ou são contemporâneos do momento de construção do edifício tumular, ou de idade anterior, identificando-se com os episódios descritos para as biozonas OJ-A e OJ-B. Este tipo de problemas de índole tafonómico limitaram em muitas ocasiões as interpretações paleoecológicas em contexto arqueológico, pelo que se deve ser muito cuidadoso e conseqüente tanto na recolha de amostras como na sua interpretação posterior (LÓPEZ GARCÍA *et al.*, 1997; VICENT *et al.*, 2000). O carácter heterogéneo das terras constituintes do *tumulus* dos monumentos, como também os múltiplos e complexos processos de alteração a que foram sujeitos os solos sobre os quais foram construídos os edifícios tumulares, são, aliás, cada vez melhor conhecidos (MADEIRA e MEDINA, 1981; RICARDO e MADEIRA, 1986, 1988; CRUZ, 1987, 1992: 60 e seq.; MARTÍNEZ CORTIZAS e MOARES DOMINGUEZ, 1995, 1996; MARTÍNEZ CORTIZAS e LLANA, 1997).

A biozona OJ-D apresenta uma paisagem aberta. O carvalho é o elemento arbóreo dominante, com as formações florestais de carácter xerófilo (azinhal / zimbral) muito reduzidas. A paisagem é dominada fundamentalmente por pastos de carácter graminóide, com certos elementos nitrófilos e arbustivos ricos em Cistaceae e Leguminosae, próprios das etapas seriais degradativas. Durante esta biozona o clima será relativamente seco, como demonstra a ausência de palinóforos hidro-higrófilos e a presença constante de *Artemisia*.

A situação cronológica da biozona OJ-D é difícil de estabelecer, face à escassez de datações de radiocarbono e, sobretudo, ao importante lapso cronológico e ao indubitável problema tafonómico existente na biozona OJ-C. De qualquer modo, se compararmos esta biozona com a sequência de Canedotes (LÓPEZ SÁEZ *et al.*, 2000, 2001a), verificamos uma correspondência bastante aceitável entre a biozona OJ-D da Orquinha dos Juncas e as biozonas 2B e 2A daquele povoado, sobretudo com os espectros das amostras 26 a 33. Tomando como referência cronológica as datações existentes para estas amostras de Canedotes, a biozona OJ-D da Orquinha dos Juncas poderá enquadrar-se possivelmente entre 2800 e 2600 BP, quer dizer, os finais do período Sub-Boreal. Um facto fundamental que acontece em Canedotes e não na Orquinha dos Juncas é o cultivo de cereal, o que se explicará pelo carácter funerário desta última estação e, evidentemente, pelo facto da Orquinha dos Juncas ter sido construída em momento muito anterior, ocorrendo logo depois o seu abandono como lugar de culto, com a conseqüente deslocação da população para outras áreas, como parece ser prática destas antigas comunidades construtoras de dólmenes e outras sepulturas sob *tumulus*. Não há indícios arqueológicos de ocupação do sítio nos momentos finais do Sub-Boreal.

A biozona mais moderna da sequência é a OJ-E. Observa-se o repovoamento extensivo com pinheiros de carácter mediterrâneo, muito possivelmente de pinheiro bravo (*Pinus pinaster*). Estes processos repovoadores darão lugar ao retrocesso tanto do bosque autóctone (carvalho), como das etapas seriais arbustivas (estevais, giestais, tojais). Por sua vez, é nesta biozona que se detecta pela primeira vez o cultivo de cereal na área envolvente da estação,

associado ao desenvolvimento de pastos de carácter nitrófilo e ao uso do fogo como elemento desflorestador para a abertura do bosque ou do matagal na procura de zonas apropriadas para o estabelecimento dos campos cerealíferos⁵. A presença de elementos hidro-higrófilos denota possivelmente um período de maior humidade do que o registado na biozona precedente.

A nível cronológico, esta biozona OJ-E é comparável com a biozona 1 da sequência de Canedotes (LÓPEZ SÁEZ *et al.*, 2000, 2001a), onde também se observa o repovoamento com pinheiros de ambiência mediterrânea, que é paralelo à regressão do bosque caducifólio, como também dos matagais degradativos. Em Canedotes ocorre também o cultivo de cereais, a par do aumento dos elementos nitrófilos e a utilização do fogo como instrumento para a abertura de clareiras. A biozona 1 de Canedotes situar-se-á cronologicamente no período Sub-Atlântico, ou seja, entre 2500 BP e o Presente. A biozona OJ-E de Orquinha dos Juncas poderá enquadrar-se também neste período paleoclimático.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo megalitismo, inicialmente limitado aos edifícios feitos com pedras de grandes dimensões, em estado bruto ou frustemente desbastadas, engloba actualmente construções tumulares muito diversas, cuja cronologia é também bastante ampla.

A generalização do termo à quase totalidade dos *tumuli* traduz muitas vezes a dificuldade em circunscrever tipos construtivos a períodos cronológicos específicos, bem como o nosso desconhecimento relativamente às práticas mortuárias e cultuais dos diferentes momentos da Pré-história Recente.

Temos defendido que a emergência das construções funerárias de grandes dimensões é de facto um episódio de curta duração (CRUZ, 1995, 2001; GONÇALVES e CRUZ, 1994). Estará representado, no Alto Paiva e na Beira Alta, como também noutras regiões da Península Ibérica, por dólmenes, simples e de corredor, envolvidos por um *tumulus* – em terra, em pedra, ou utilizando ambos os materiais como elementos de construção. São edifícios duradouros, criteriosamente construídos, que marcam a paisagem. Na região em estudo preferenciam-se as depressões, amplas e largas, com solos espessos e húmidos (vales de montanha) (Orca de Pendilhe, Orca do Tanque, Chã da Lameira, Lameira Grande, etc.), por vezes as plataformas baixas ribeirinhas das linhas de água (Castonairas, Porto Lamoso (ou Moinhos de Rua), Juncas, etc.) (CRUZ, 2001). Estes dólmenes terão sido construídos no primeiro terço do IV milénio a. C., antecedidos por outros funcional e estruturalmente menos complexos (CRUZ, 2001).

Estes monumentos marcam na região um momento importante da evolução das sociedades. A região da Beira Alta, a crer nos vestígios arqueológicos conhecidos, bem como

⁵ Este tipo de práticas era comum na região ainda no século XX: "Pelo fogo destrói-se o matagal. Cava-se depois o terreno. Segue-se a cultura do centeio que se faz com períodos de pousio maiores ou menores e se torna itinerante. Cultiva-se um ano aqui, outro ano além. Cada vizinho *amalhoa* ou marca por meio de covas feitas na terra ou montes de terra e pequenas pedras (malhões) um certo lote de terreno para nele fazer a sua cavada; esse lote de terreno passa então a ser propriedade particular até à ceifa, voltando depois ao regime comunal" – A. A. Girão, *Montemuro. A mais Desconhecida Serra de Portugal*, Coimbra, Coimbra Editora, 1940, p. 125. A estas práticas ancestrais se refere também Aquilino Ribeiro, tendo por cenário a serra da Nave: "Finalmente a serra, a maternal e boa serra, é de todos, dos roçadores que chegam primeiro, dos gados que todas as manhãs mais madrugam a sair do estábulo, de quem dispõe de um enxadão, corta as urzes aqui, o sargaço além, a carqueja mais nos altos. Através dos seus desdobres há chãs cultiváveis, e ultimamente o aldeão, saltando por cima de leis e posturas, rompeu a desbravá-las, fazendo queimadas, amanhando-as ao regime de pousio." – A. Ribeiro, *Aldeia. Terra, Gente e Bichos*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1995, pp. 213-214 (1ª ed. 1946).

nas alterações do coberto vegetal indiciadas nas análises polínicas, seria já ocupada, embora não densamente. Admitimos que os construtores de megálitos, e outros sepulcros com *tumulus*, mas igualmente marcantes do terreno, têm origem nestes antigos povos – de quem sabemos muito pouco –, mas que certamente também tumulavam os seus mortos. De facto, as sepulturas destas populações pristinas não terão características monumentais. Ignoramos também tudo sobre o cerimonial⁶.

O que sabemos dos habitats das comunidades que construíram megálitos não é muito diferente daquilo que conhecemos dos povos mais antigos que terão habitado a região. Mas estes não nos deixaram sepulturas feitas com o objectivo de vencerem o Tempo. O carácter visível e duradouro dos sepulcros dos finais do V milénio e dos inícios do IV milénio a. C. constituirá um momento de mudança expressivo destas antigas sociedades que viveram na região.

Temos também considerado a possibilidade, ainda durante o IV milénio a. C., da construção de monumentos com características arquitectónicas diversas, como também de implantação no terreno. São já edifícios pouco “megalíticos”, situação que permitirá diferentes valorizações. Estes novos monumentos, de acordo com os dados disponíveis, tanto poderão ser anteriores e contemporâneos das construções mais monumentais, como parece acontecer com as mamoas do Alto da Portela do Pau, na serra de Castro Laboreiro (JORGE *et al.*, 1997; JORGE e MATHÍAS, 1999; CRUZ, 2001: 278 e sqq.), ou posteriores, como admitimos relativamente a alguns túmulos do Alto Paiva e da Beira Alta (*tumulus* periférico do Dólmen dos Moinhos de Vento, Arganil) (CRUZ, 1995, 2001: 260 e sqq.), ou também do Norte de Portugal, como é o caso da Mamoia 10 do Chão da Cheira (BETTENCOURT, 1991-92; CRUZ, 2001: 288-289), ou de alguns monumentos da serra da Aboboreira, que em trabalho anterior designámos de “tipo V” (CRUZ, 1992). A Orquilha dos Juncas inserir-se-á neste contexto. Trata-se de sepultura de pequenas dimensões, de carácter individual, cuja construção terá ocorrido, muito possivelmente, já na segunda metade do IV milénio a. C., altura em que já não se erguem dólmenes, os antigos monumentos foram ritual e definitivamente encerrados, outros são ainda utilizados (ou reutilizados?).

O período de construção de sepulturas monumentais corresponde aos finais do período Atlântico, e sobretudo aos inícios do Sub-Boreal. O clima, provavelmente mais quente do que o do período anterior, é crescentemente seco. No período Atlântico (8000-5000 BP), o clima quente e húmido terá favorecido na região a expansão da cobertura arbórea, dominada pelos carvalhais, bem como dos prados naturais.

Admitimos que a procura pelas populações construtoras de megálitos de terrenos com solos espessos de fundo húmido (lameiros), ou localizados na proximidade de linhas de água, tenha alguma relação com as alterações paleoambientais então registadas. Os prados naturais serão agora espacialmente mais limitados, circunscrevendo-se às áreas com humidade edáfica.

Nos Juncas corre uma linha de água importante – o rio Rebentão –, em torno do qual se desenvolvem extensas lameiras. Foram aqui construídos dois sepulcros durante o IV milénio a. C., o que permitiu a conservação do solo preexistente sob a mamoia de um dos monumentos. A possança deste solo é reduzida (c. de 0,24 m). Admitimos que possa respeitar a informação

⁶ Será aqui de invocar a interessante situação das fossas sepulcrais de La Lámpara (Ambrona, Soria). A construção do monumento megalítico de La Peña Abuela é antecedida por sepulturas não monumentais. Trata-se, noutro sentido, de um processo de monumentalização do lugar, cuja cronologia parece bem estabelecida. Cfr. Rojo e Kunst, 1999; Kunst e Rojo, 2000.

parcelar do extenso período paleoclimático em análise. As características do sítio (depressão com drenagem limitada), a possibilidade dos terrenos terem ficado alagados em certos períodos do ano, os processos erosivos que derivam destas e outras circunstâncias, poderão explicar as eventuais lacunas (hiatos) do perfil, ainda que não tenham sido identificados quaisquer indícios da sua ocorrência.

A análise polínica do solo enterrado da Orquilha dos Juncas permite-nos seguir a evolução da cobertura vegetal do sítio e área envolvente desde o Boreal (9000-8000 BP). Assiste-se a uma crescente arborização da região, com destaque para os carvalhais caducifólios. Tal acontece principalmente no período Atlântico. Esta evolução paleovegetacional é igualmente observável em outros estudos polínicos de estações arqueológicas do Alto Paiva e jazidas naturais de regiões próximas (serras da Freita e serra da Estrela), como já acentuamos em outros trabalhos (LÓPEZ SÁEZ *et al.*, 2000, 2001a).

A intervenção do homem na paisagem, no caso do perfil em apreço, é sensível nos inícios do Sub-Boreal, relacionando-se certamente com a construção dos mencionados sepulcros. Os carvalhais autóctones sofrem uma redução expressiva. São menos sensíveis às alterações então registadas os carvalhos do tipo azinheira / carrasqueiro, arbóreas mais adaptadas a ambientes restritivos. As plantas que exigem graus de humidade elevada regredem significativamente (Cyperaceae). É também de considerar neste processo o factor climático. Por outro lado, utiliza-se o fogo como instrumento para o desbaste do bosque, situação igualmente observável em outros sítios do Alto Paiva (Canedotes, Lameira Travessa, Castonairas). A intervenção do homem é evidente, embora não pareça ser muito profunda, ou continuada. É possível que tal se possa explicar, por um lado, pela dimensão reduzida das comunidades, por outro, pela estratégia adoptada na exploração dos recursos económicos do território, obrigando a uma certa itinerância. Tratar-se-ão de povos que circulam no território, de que dependem, mas que conhecem bem e controlam. Admitimos um sedentarismo estacional, associado à exploração de uma gama diversificada de recursos, a par da produção directa de alimentos, através da agricultura – certamente incipiente – e sobretudo da criação de gado.

O sítio ocupado com regularidade, no qual se acabará por construir o sepulcro onde se guardam os ancestrais, é uma referência com carácter identitário. Os sepulcros monumentais, considerando uma das possibilidades explicativas, de carácter funcional-processualista, avançada por T. C. Darvill (1979), C. Renfrew (1983: 141 e sqq.; 1984: 165 e sqq.) e R. Chapman (1981, 1995), poderão ter funcionado como “marcadores” territoriais de sociedades segmentárias. Os argumentos, umas vezes são mais de ordem social e demográfica (Renfrew, 1983: 164 e sqq.; 1984), valorizando-se o crescimento populacional (que, admite-se, se terá registado na Europa durante o Neolítico), ou de carácter antropológico, destacando-se a importância dos recursos críticos, que são limitados, e a necessidade do seu controlo pelos “grupos corporativos”, com a emergência de espaços formais bem definidos destinados aos mortos (ancestrais), como seriam os monumentos megalíticos (CHAPMAN, 1981), ou ainda, o papel que deteriam alguns monumentos como pontos nodais, de carácter simbólico, permitindo a organização do espaço habitado (FLEMING, 1973).

Os factores que terão participado no processo monumentalizador das sepulturas dos finais do V e inícios do IV milénio a. C., à escala da Europa ocidental, serão certamente múltiplos, atendendo à diversidade geográfica, potencialidades económicas dos territórios, substrato cultural de cada região, etc. Com base nos resultados agora publicados, pelo menos para a região da Beira Alta, podemos admitir também um condicionamento climático. Os

prados naturais serão no período em referência cada vez mais escassos e limitados, circunscritos às terras irrigadas ou com fundo húmido, próximas de fontes naturais. Disputar-se-á agora a terra mais do que antes, fazendo intervir a “autoridade” dos mortos. A população, a avaliar pelo registo arqueológico, não parece ser muito mais numerosa que nos períodos anteriores. A terra ocupada pelos prados naturais é que será mais reduzida, obrigando a mecanismos de controlo mais estreitos por parte dos povos aqui instalados.

Digamos que o estudo da evolução da vegetação, e do clima, bem como dos processos de erosão, e do modo de intervenção do homem na paisagem – no qual se insere a análise polínica da Orquilha dos Juncais –, talvez nos ajude a compreender, a par de outros mecanismos (sociais, demográficos, ideológicos, etc.), as mudanças ocorridas nos finais do V milénio a. C. / inícios do IV milénio a. C. (c. 5000 BP).

Madrid / Coimbra, Dezembro de 2001.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1988), *O Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, Publicações Europa-América [Colecção “Forum da História”].
- ARGANT, J. (1998), “Monument n° 1 de Lameira Travessa (Pendilhe, V. N. de Paiva, Portugal). Analyse pollinique” (rapport, non publié).
- BETTENCOURT, A. M. (1991-92) “A Mamoia n° 10 do Chão da Cheira (Maciço do Borrelho – Vila Verde)”, *Cadernos de Arqueologia*, 2ª série, 8/9, Braga, pp. 43-65.
- CASTRO, A. S., SILVA, A. J. M., SILVA, C. R., SEBASTIAN, L. C. (1997), “Trabalhos de escavação arqueológica realizados no monumento 2 da “Lameira Travessa” (Pendilhe, Vila Nova de Paiva, Viseu)”, *Estudos Pré-históricos*, 5, Viseu, pp. 29-53.
- CASTRO, A. S., SILVA, A. J. M., SEBASTIAN, L. C., GINJA, M., DIAS, V., FIGUEIREDO, F. P., CATARINO, L., ARGANT, J. (1999), “Trabalhos de escavação arqueológica realizados no monumento 1 da «Lameira Travessa» (Pendilhe, Vila Nova de Paiva, Viseu)”, *Estudos Pré-históricos*, 7, Viseu, pp. 37-64.
- CHAPMAN, R. (1981), “The emergence of formal disposal areas and the “problem” of megalithic tombs in prehistoric Europe”. In: CHAPMAN, R., KINNES, I., RANDSBORGH, K. (eds.), *The Archaeology of Death*, Cambridge University Press, 1981, pp. 71-81.
- CHAPMAN, R. (1995), “Ten years after – megaliths, mortuary practices, and the territorial model”. In: BECK, L. A. (ed.), *Regional Approaches to Mortuary Analysis*, New York / London, Plenum Press, 1995, pp. 29-51.
- COSTA, J. C., AGUIAR, C., CAPELO, J. H., LOUSÃ, M., NETO, C. (1998), “Biogeografia de Portugal Continental”, *Quercetea*, vol. 0, Lisboa, Associação Lusitana de Fitossociologia (ALFA).
- CRUZ, D. J. (1987), “A Mamoia de “Monte da Olheira” (serra da Aboboreira – Baião). Estudos de Paleobotânica e datações de Carbono 14”, *TAE*, 27 (1-4), Porto, pp. 230-234.
- CRUZ, D. J. (1992), *A Mamoia 1 de Chã de Carvalho no Contexto Arqueológico da Serra da Aboboreira*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [“Conimbriga / Anexos”, 1].
- CRUZ, D. J. (1993), “A Orca dos Juncais (Queiriga, Vila Nova de Paiva, Viseu)”, *Estudos Pré-históricos*, 1, Viseu, pp. 67-81.
- CRUZ, D. J. (1995), “Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste peninsular e da Beira Alta”, *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, pp. 81-119.
- CRUZ, D. J. (2000) (coord.), *Roteiro Arqueológico de Vila Nova de Paiva*, V. N. de Paiva, Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva.

- CRUZ, D. J. (2001), *O Alto Paiva: Megalitismo, Diversidade Tumular e Práticas Rituais Durante a Pré-história Recente*, 2 vols., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (dissertação de doutoramento, policopiada).
- CRUZ, D. J., CANHA, A. J., LOUREIRO, S., VALINHO, A., VIEIRA, M. A. (2000a), "Património arqueológico do concelho de Vila Nova de Paiva: a ocupação humana do Alto Paiva desde a Pré-história Recente à Alta Idade Média", *Estudos Pré-históricos*, 8, Viseu, pp. 251-263.
- CRUZ, D. J., VILAÇA, R., SANTOS, A. T., MARQUES, J. N. (2000b), "O grupo de *tumuli* do Pousadão (Pendilhe, Vila Nova de Paiva)", *Estudos Pré-históricos*, 8, Viseu, pp. 125-150.
- DARVILL, T. C. (1979), "Court cairns, passage graves and social change in Ireland", *Man*, n. s., 14, Londres, pp. 311-327.
- FERREIRA, A. B. (1978), *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos [«Memórias do C. E. G.», vol. 4].
- FIGUEIRAL, I. (2001), "Restos vegetais carbonizados do Alto Paiva (Beira Alta)", *Estudos Pré-históricos*, 9, Viseu (no prelo).
- FLEMING, A. (1972), "Tombs for the living", *Man*, n. s., 8, Londres, pp. 177-193.
- GALOP, D. (1998), *La forêt, l'homme et le troupeau dans les Pyrénées. 6000 ans d'histoire de l'environnement entre Garonne et Méditerranée*, Toulouse, Geode / Laboratoire d'Écologie Terrestre.
- GIRARD, M., RENAULT-MISKOVSKY, J. (1969), "Nouvelles techniques de préparation en palynologie appliquées à trois sédiments du Quaternaire final de l'abri Cornille (Istres, Bouches-du-Rhône)", *Bulletin de la A.F.E.Q.*, 4, pp. 275-284.
- GOEURY, C. L., DE BEAULIEU, J. L. (1979), "A propos de la concentration du pollen a l'aide de la liqueur de Thoulet dans les sédiments minéraux", *Pollen et Spores*, 23, pp. 239-251.
- G.E.E.M. (1969), "Épipaléolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques", *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 66, Paris, pp. 355-366 ["Études et Travaux"].
- JORGE, V. O., SILVA, E. J. L., BAPTISTA, A. M., JORGE, S. O. (1997), *As Mamoas do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço). Trabalhos de 1992 a 1994*, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia ["Textos", 2].
- JORGE, V. O., ALONSO MATHÍAS, F. (1999), "Datação das mamoas do Alto da Portela do Pau (Planalto de Castro Laboreiro, concelho de Melgaço)", *TAE*, 39 (1-2), Porto, pp. 244-252.
- KUNST, M., ROJO GUERRA, M. A. (2000), "Ambrona 1998. Die Neolithische fundkarte und ¹⁴C-datierungen", *MM*, 41, Berlim, pp. 1-31.
- JANSSEN, C. R. (1981), "Contemporary pollen assemblages from the Vosges (France)", *Review of Palaeobotany and Palynology*, 33, pp. 183-313.
- LEISNER, G. (1934), "Die Malereien des Dolmen Pedra Coberta", *Jahrbuch für Prähistorische und Ethnographische Kunst*, Band 9, Berlim e Leipzig, Verlag Walter de Gruyter, pp. 23-44, est. X-XVI.
- LEISNER, G. e V. (1956), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Berlim, Walter de Gruyter ["Madriider Forschungen", Band 1-2].
- LEISNER, V. (1998), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Berlim, Walter de Gruyter. ["Madriider Forschungen", Band 1-4].
- LÓPEZ GARCÍA, P., ARNANZ, A. M., UZQUIANO, P., LÓPEZ SÁEZ, J. A. (1997), "Los elementos antrópicos en los análisis arqueobotánicos como indicadores de los usos del suelo". In: GARCÍA RUÍZ, J. M. & LÓPEZ GARCÍA, P. (eds.), *Acción Humana y Desertificación en Ambientes Mediterráneos*, Zaragoza, Instituto Pirenaico de Ecología, pp. 41-59.
- LÓPEZ SÁEZ, J. A., VAN GEEL, B., FARBOS-TEXIER, S., DIOT, M. F. (1998), "Rémarques paléoécologiques à propos de quelques palynomorphes non-polliniques provenant de sédiments quaternaires en France", *Revue de Paléobiologie*, 17, pp. 445-459.
- LÓPEZ SÁEZ, J. A., LÓPEZ GARCÍA, P., CRUZ, D. J., CANHA, A. J. (2000), "Paleovegetação e impacto

humano durante a Pré-história recente na região do Alto Paiva: palinologia do povoado do Bronze Final de Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu)", *Estudos Pré-históricos*, 8, Viseu, pp. 161-185.

LÓPEZ SÁEZ, J. A., LÓPEZ GARCÍA, P., CRUZ, D. J., CANHA, A. J. (2001a), "Palaeovegetation and human impact in the Upper Paiva region: palynology of the Late Bronze Age settlement of Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu, Portugal)", *Journal of Iberian Archaeology*, 3, Porto, pp. 47-72.

LÓPEZ SÁEZ, J. A., CRUZ, D. J., SILVA, A. J. M. (2001b), "Monumento 2 de Lameira Travessa (V. Nova de Paiva, Viseu). Resultados das análises polínicas", *Estudos Pré-históricos*, 9, Viseu (no prelo).

MADEIRA, M. A. V., MEDINA, J. M. B. (1981), "Ensaio de aplicação da Pedologia à Arqueologia. O caso das mamoas da serra da Aboboreira. Resultados e perspectivas", *Arqueologia*, 4, Porto, pp. 64-73.

MARTÍNEZ CORTIZAS, A., MOARES DOMÍNGUEZ, C. (1995), *Edafología y Arqueología: aplicaciones al estudio de yacimientos arqueológicos al aire libre en Galicia*, Corunha, Xunta de Galicia / Consellería de Cultura.

MARTÍNEZ CORTIZAS, A., MOARES DOMÍNGUEZ, C. (1996), "Estratigrafías de yacimientos arqueológicos gallegos: procesos formativos y postdeposicionales". In: FÁBREGAS VALCARCE, R. (ed.), *Os Primeros Poboadores de Galicia: O Paleolítico*, Corunha, Edicions do Castro, pp. 193-215 ["Cadernos do Seminario de Sargadelos", vol. 73].

MARTÍNEZ CORTIZAS, A., LLANA, C. (1997), "Conceptos estratigráficos y edáficos en contextos tumulares". In: RODRÍGUEZ CASAL, A. A. (ed.), *O Neolítico Atlántico e as Orixes do Megalitismo*, Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela, pp. 73-91.

MC ANDREWS, J. H., KING, J. E. (1976), "Pollen of the North American Quaternary: the top twenty", *Geoscience and Man*, 15, pp. 41-49.

MOITA, I. (1966), "Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta", *Ethnos*, 5, Lisboa, pp. 189-277.

MOOREE, P., WEBB, J. S., COLLINSON, M. E. (1991), *Pollen analysis*. 2ª ed., Londres, Blackwell Scientific Publications.

NEIVA, J. M. Coteló (1944), *Jazigos Portugueses de Cassiterite e Volframite*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal ["Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", vol. 25].

REILLE, M. (1992), *Pollen et Spores d'Europe et d'Afrique du Nord*, Marseille, Laboratoire de Botanique Historique et Palynologie.

REILLE, M. (1995), *Pollen et Spores d'Europe et d'Afrique du Nord. Supplement 1*, Marseille, Laboratoire de Botanique Historique et Palynologie.

RENFREW, C. (1984), *Approaches to Social Archaeology*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press.

RIBEIRO, O. (1994), "Beira Alta". In: *Guia de Portugal. Beira. II. Beira Baixa e Beira Alta*, 3º vol., 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 741-745.

RIBEIRO, O., LAUTENSACH, H., DAVEAU, S. (1987), *Geografia de Portugal. I. A Posição Geográfica e o Território*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.

RICARDO, R. P., MADEIRA, M. A.V. (1986), "Informação pedológica acerca da Mamoa do "Monte da Olheira" (Serra da Aboboreira – Baião)", *Arqueologia*, 13, Porto, pp. 140-143.

RICARDO, R. P., MADEIRA, M. A.V. (1988), "Considerações de índole pedológica acerca da Mamoa 1 de Outeiro de Ante (serra da Aboboreira – Baião)", *Arqueologia*, 17, Porto, 179-189.

ROJO GUERRA, M. A., KUNST, M. (1999), "Zur neolithisierung des inneren der Iberischen Halbinsel", *MM*, 40, Berlim, pp. 1-52.

STUIVER, M., REIMER, P. J. (1993), "Extended ¹⁴C database and revised CALIB radiocarbon calibration program", *Radiocarbon*, 35, pp. 215-230.

STUIVER, M., REIMER, P. J., BARD, E., BECK, J. W., BURR, G. S., HUGHEN, K. A., KROMER, B., MCGORMAC, F. G., VAN DER PLICHT, J., SPURK, M. (1998), "INTCAL98 Radiocarbon age calibration 24,000 – 0 cal BP", *Radiocarbon*, 40, pp. 1041-1083.

- TEIXEIRA, C. (1943), "Notas geológicas sobre a região de Queiriga", *Beira Alta*, II (2), Viseu, pp. 91-94.
- TEIXEIRA, C., NEIVA, J. M. C., CERVEIRA, A. (1942), "Esboço geológico da região de Queiriga (Vizeu)", *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, I (3), Porto, pp. 179-191.
- TEIXEIRA, C., SANTOS, J. P., LOPES, J. V. T., PILAR, L., PEREIRA, V. C. (1972), *Carta Geológica de Portugal na Escala de 1/50.000. Notícia Explicativa da Folha 14-D (Aguiar da Beira)*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- VASCONCELLOS, J. L. (1920), "Coisas velhas", *AP*, XXIV, Lisboa, pp. 215-237.
- VASCONCELLOS, J. L. (1897), "Acquisições do Museu Ethnographico Português", *AP*, III, Lisboa, pp. 108-111.
- VICENT GARCÍA, J. M., RODRÍGUEZ ALCALDE, A. L., LÓPEZ SÁEZ, J. A., DE ZAVALA MORENCOS, I., LÓPEZ GARCÍA, P. & MARTÍNEZ NAVARRETE, M. I. (2000), "¿Catástrofes ecológicas en la estepa?. Arqueología del Paisaje en el complejo minero-metalúrgico de Kargaly (Región de Orenburg, Rusia)", *TP*, 57 (1), Madrid, pp. 29-74.

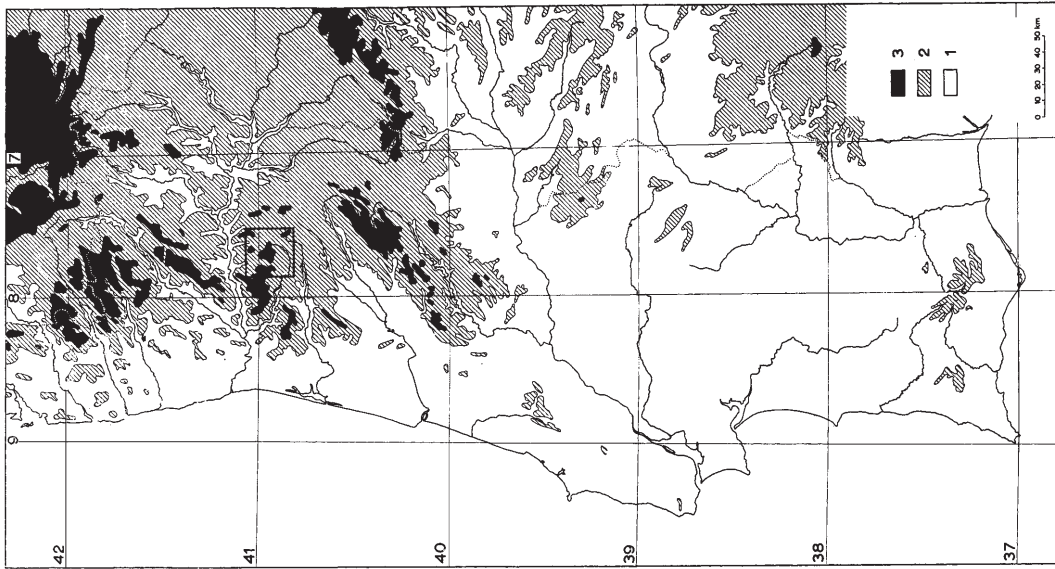


Figura 1 – Andares hipsométricos fundamentais de Portugal: 1. altitude inferior a 400 m; 2. de 400 a 700 m; 3. superior a 700 m (O. Ribeiro, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de Relações Geográficas*, 4ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, mapa I). Sinaliza-se a região do Alto Paiva.



Figura 2 – Localização geográfica dos monumentos do sítio dos Juncal: 1 – Orca dos Juncal; 2 – Orquilha dos Juncal; 3 – Cista dos Juncal. “Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25.000”, fl. 168 – Queiriga, V. N. de Paiva, 2ª ed., 1987.

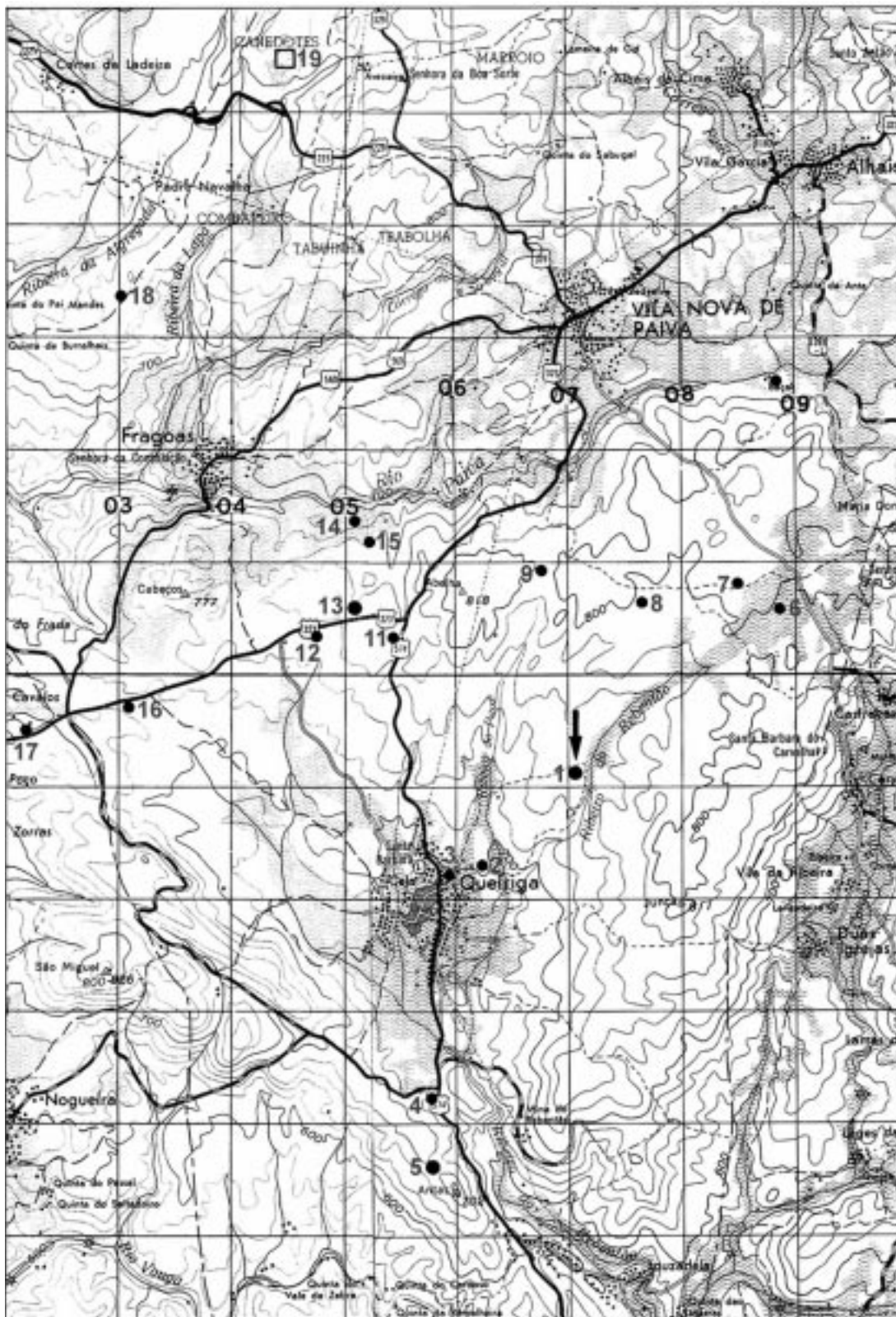


Figura 3 – Monumentos com *tumuli* do sector sul da serra da Nave (interflúvio Paiva-Vouga). Localização geográfica aproximada: 1 – Juncais (orca, orquinha e cista); 2 – Fojinho; 3 – Seixinho; 4 – Tojinho; 5 – Antas (1 e 2); 6 – Orquinha da Bouça; 7 – Orca do Tanque; 8 – Tapada do Poço; 9 – Abelha; 10 – Porto Lamoso (ou Moinhos de Rua); 11 – Tojeira; 12 – Corga dos Moços 1; 13 – Corga dos Moços 2 e 3; 14 – Orca das Castonairas; 15 – Castonairas 2; 16 – Vale de Carris; 17 – Vale de Cavalos 1; 18 – Santinho; 19 – Canedotes (povoado do Bronze Final). (“Carta Militar de Portugal, na escala de 1/50.000”, fls. 14-II (Aguiar da Beira) e 14-III (S. Pedro do Sul), 1ª ed., 1982, série M-782). Cfr. Cruz, 2001: mapa 1 e sqq.

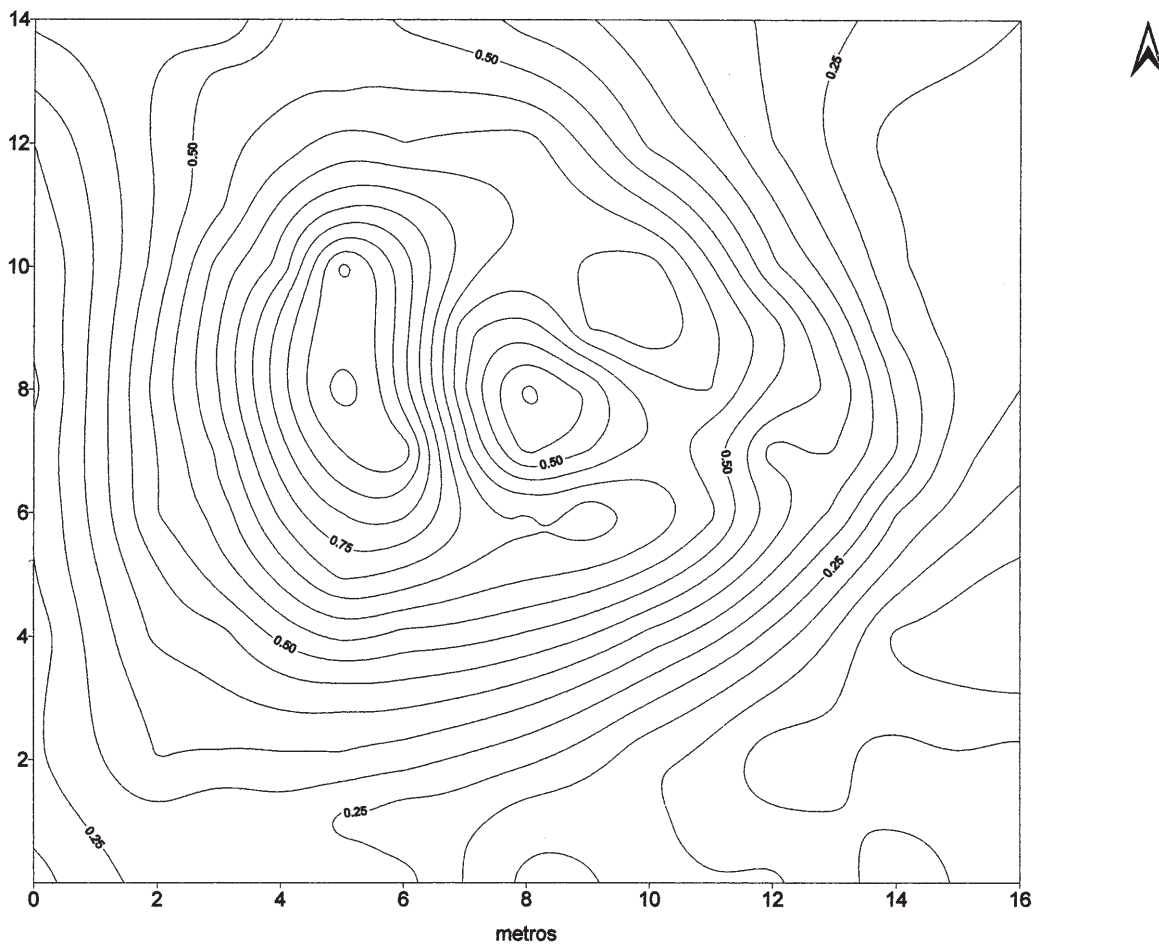


Figura 4 – Levantamento topográfico do monumento e área envolvente. Aplicação do programa informático Surfer, versão 6. Equidistância de 0,10 m.

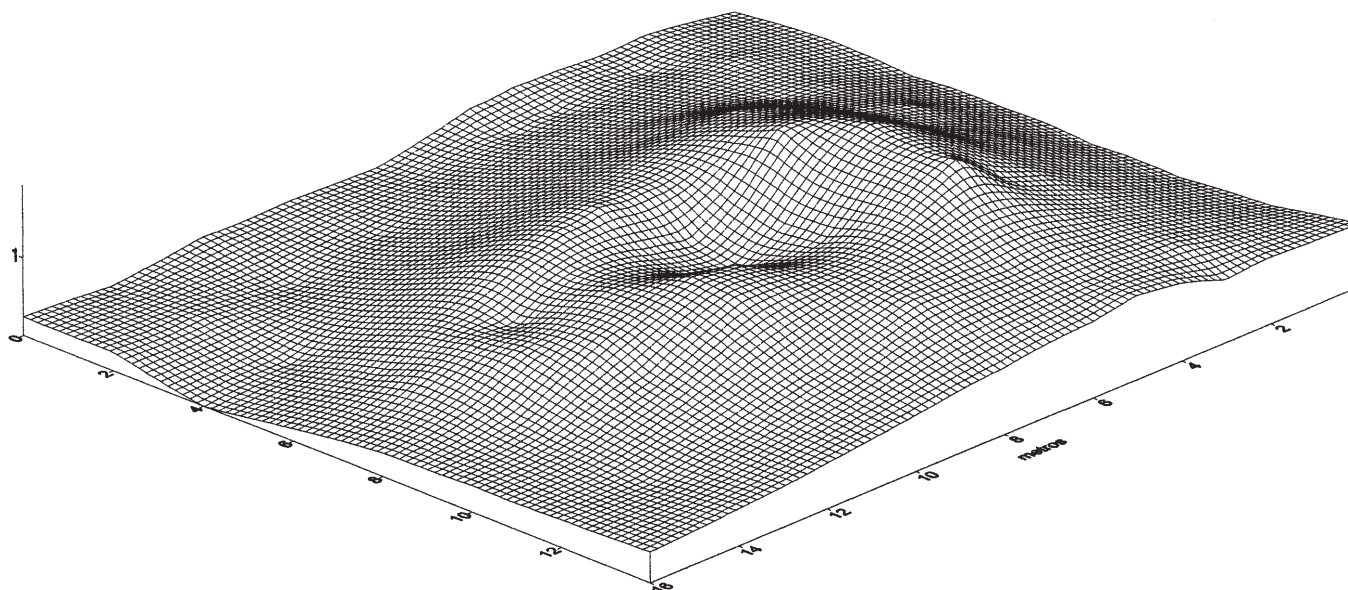


Figura 5 – Vista em perspectiva, segundo a direcção NE.-SO. Aplicação do programa Surfer, versão 6.

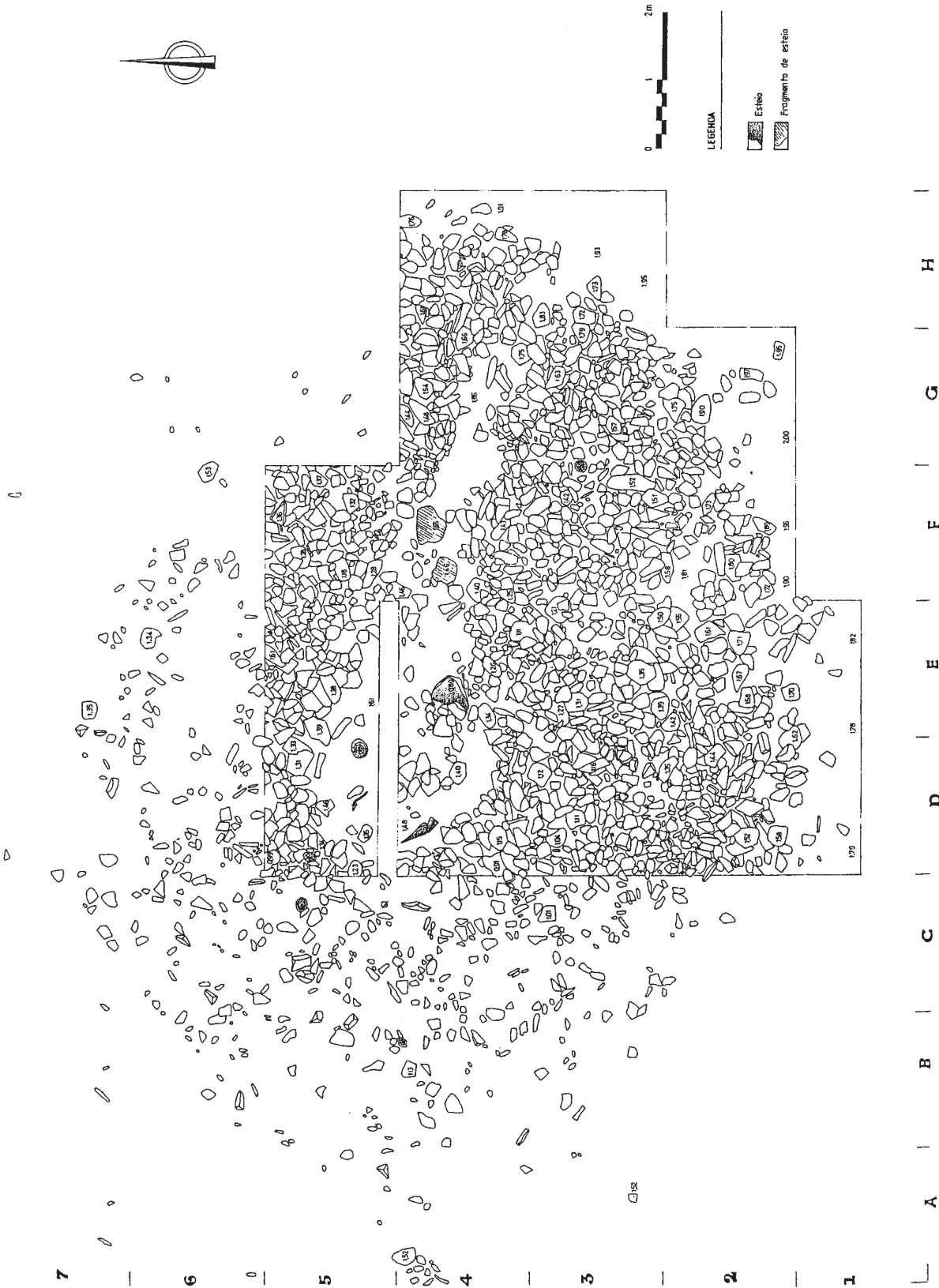


Figura 6 – Orquilha dos Juncais. Planta do *tumulus*.

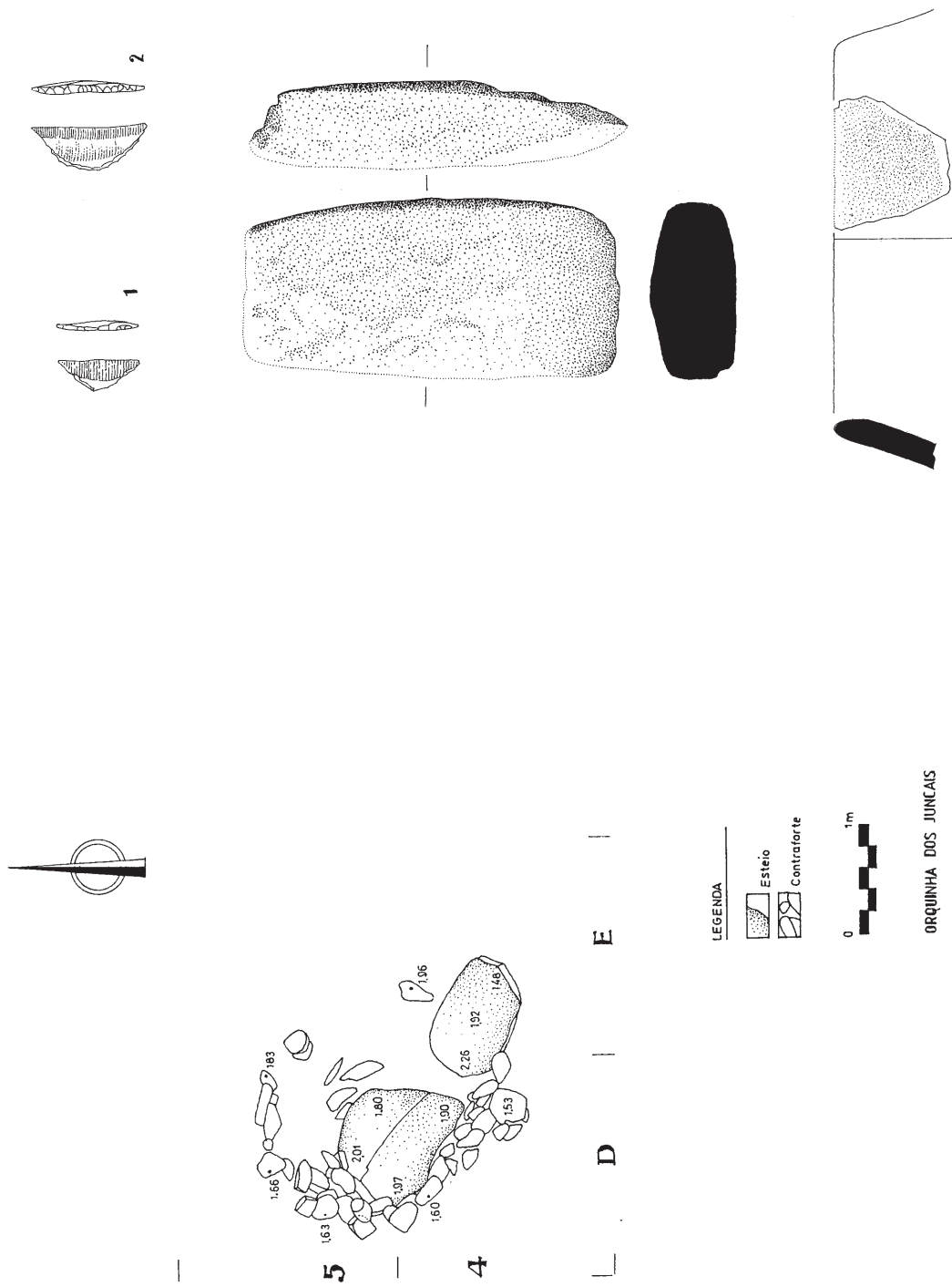


Figura 8 – Espólio: micrólitos geométricos; machado de pedra polida (seg. Leisner, 1998: est. 49: I-16-64); fragmento de vaso cerâmico. Escala de 1 : 1.

Figura 7 – Orquinha dos Juncals. Planta da área da câmara funerária.

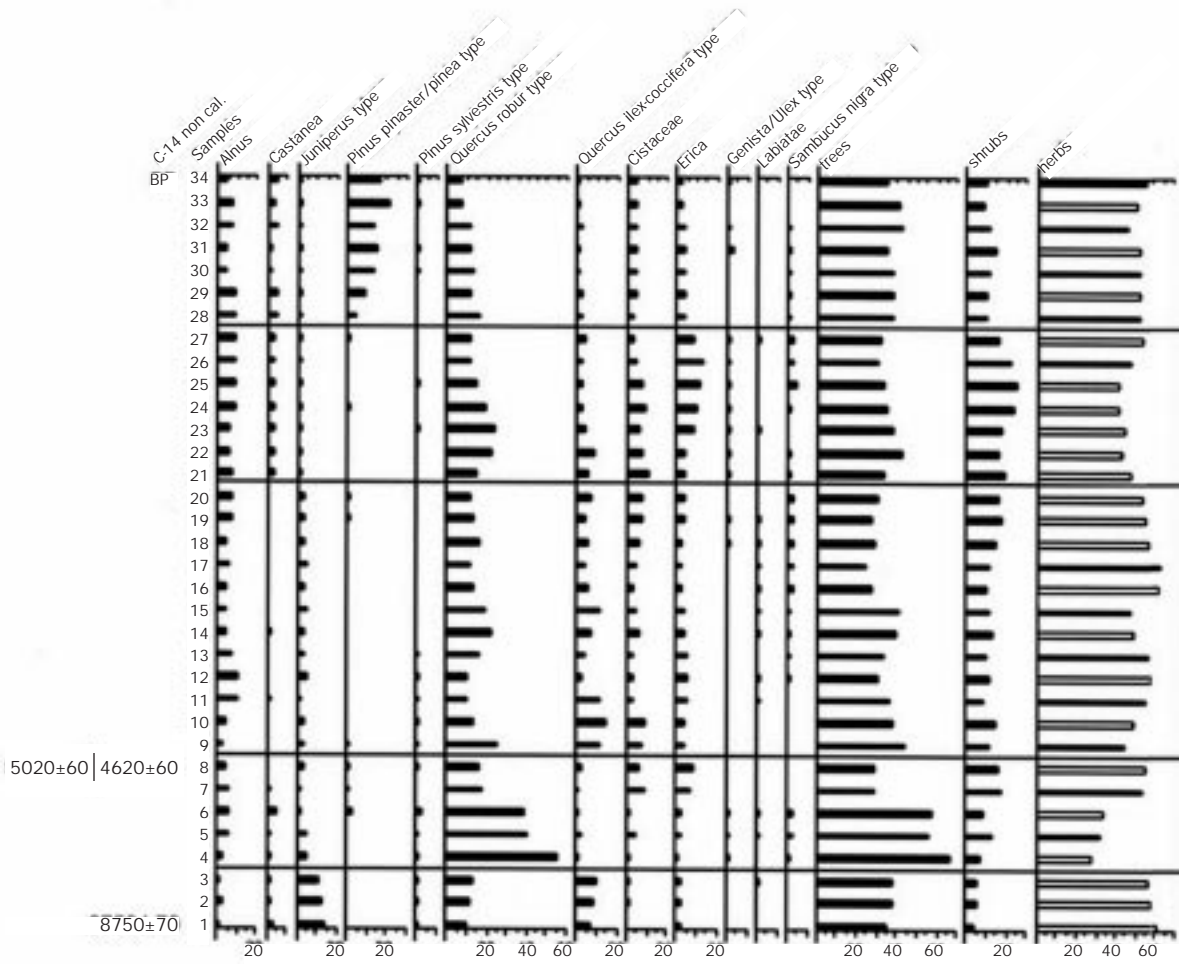


Figura 9 – Diagrama polínico da Orquilha dos Junciais.

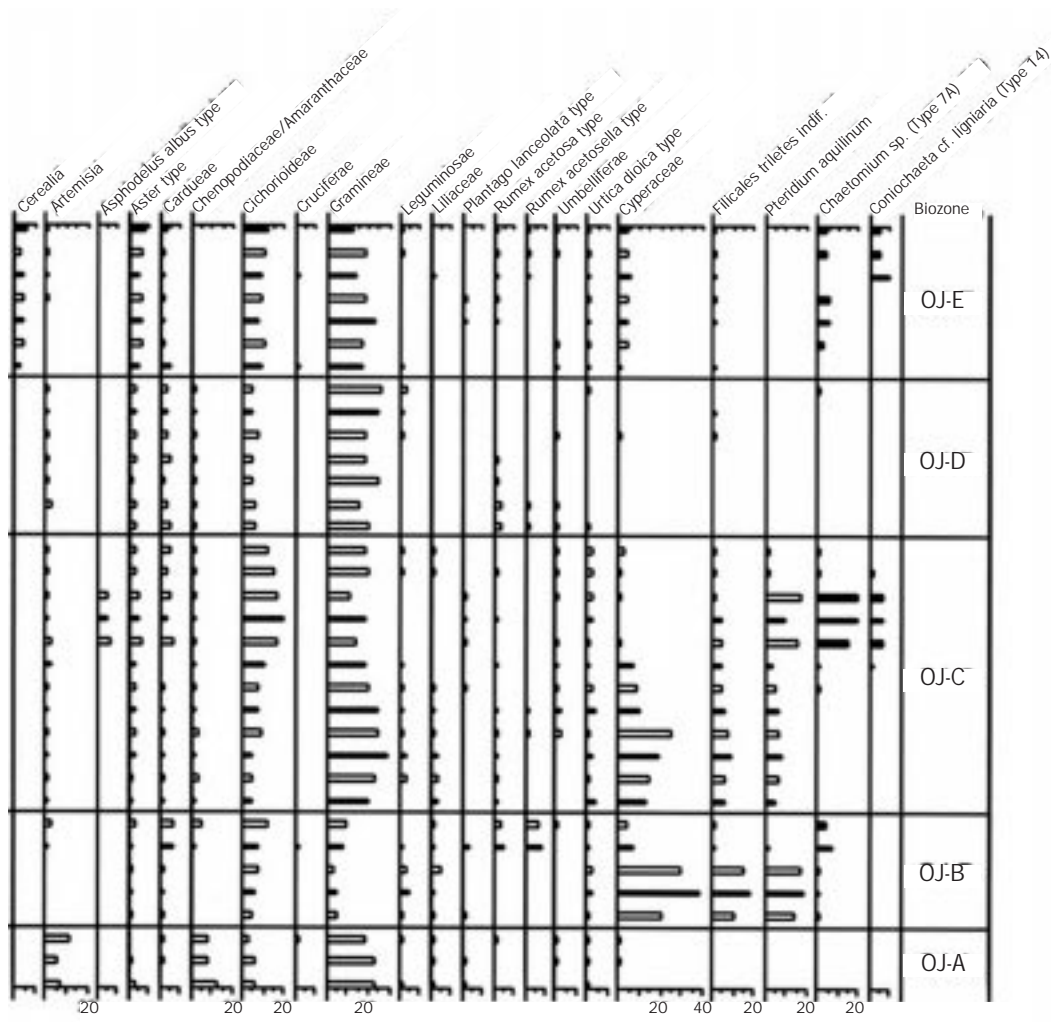


Figura 9 - Diagrama polínico da Orquinha dos Juncais (continuação)

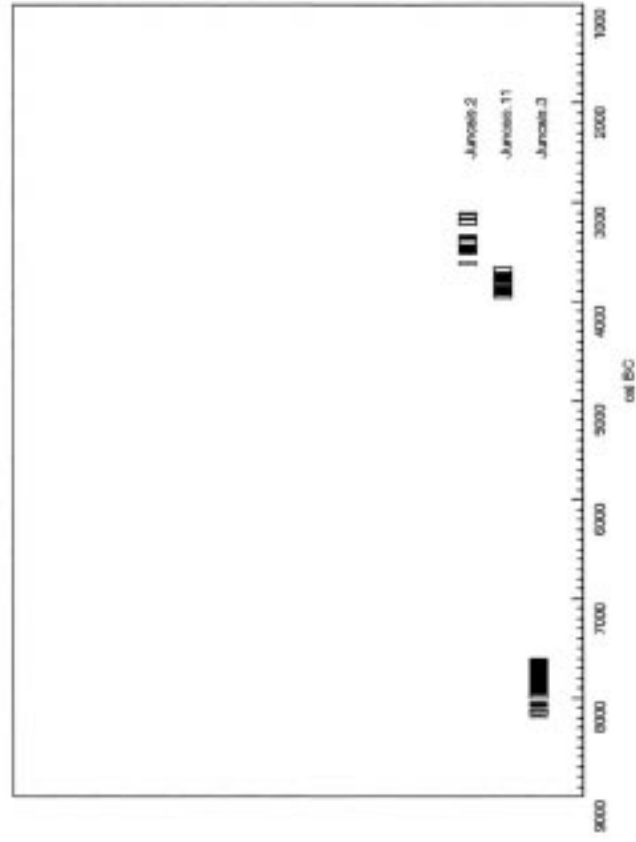


Figura 10 - Representação gráfica das datações ¹⁴C da Orquilha dos Junciais (calibração segundo o "Radiocarbon Calibration Program rev. 4.3", método A (intercepção simples com a curva de calibração), 1 e 2 sigma). Cfr. Stuiver e Reimer, 1993; Stuiver *et al.*, 1998.

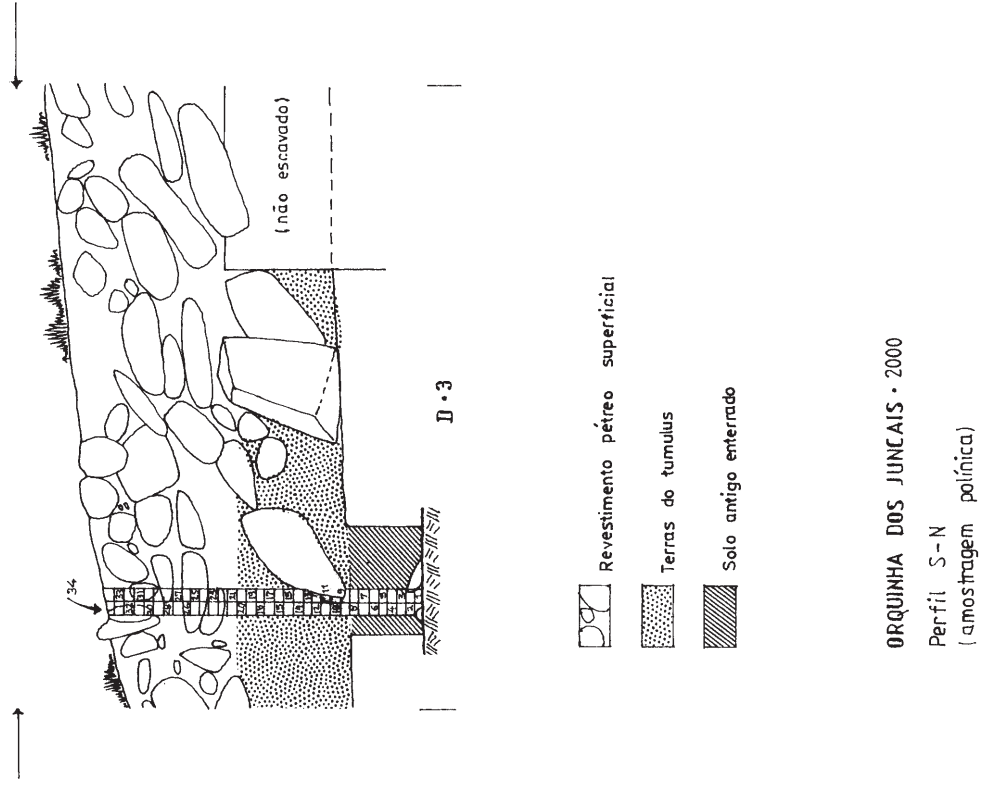


Figura 11 - Corte estratigráfico S.-N. (quadrado D3, parede oeste) e coluna polínica.

ESTUDO DO MATERIAL LÍTICO DO CRASTO DE PALHEIROS – MURÇA

Uma Primeira Abordagem Metodológica – 2ª Parte

Isidro M. T. Gomes*

Abstract

The final results from the study of lithic material from Castro de Palheiros (Murça-Vila Real) are presented in this manuscript, following the previous publication of the first data. The morpho-technical analysis of material such as, grindstones, polishers, adzes, axes and other tools, has been carried out. This material concerns the two main occupation phases: Chalcolithic (3rd millennium BC) and Iron Age (IVth century BC – Ist century AD).

1. OBJECTIVOS

Esta constitui a segunda parte de um trabalho relativo ao estudo do material lítico do Crasto de Palheiros¹. Na primeira parte, publicada no anterior número desta Revista, estudámos os percutores, os produtos de talhe e os núcleos exumados durante as escavações de entre 1995 e 1999². Esta segunda parte estender-se-á aos restantes materiais líticos: moinhos (dormentes e moventes), alisadores/polidores, machados, enxós e goivas, utensílios e “diversos”.

Em simultâneo, esta segunda parte vem também responder à necessidade de um estudo afinado do espólio lítico restante, o que estava a comprometer o adequado entendimento da estação, impedindo assim a elaboração de uma verdadeira monografia do Crasto de Palheiros. Também, à semelhança do estudo anterior, e na ausência de uma bibliografia aprofundada relativamente a este tipo de peças, tivemos alguma dificuldade na criação de uma metodologia de abordagem que fosse satisfatória, o que representou um esforço acrescido por nos obrigar a uma constante adaptação de diferentes modos de descrever, e mesmo de interpretar, as peças habitualmente denominadas de material lítico polido.

Os objectivos e os critérios utilizados são basicamente semelhantes àqueles publicados no artigo anterior, pelo que remetemos para a sua leitura. Sugerimos, de igual modo, e como enquadramento arqueológico da estação, a leitura do artigo – *O Crasto de Palheiros (Murça): Do*

* Licenciado em História variante Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ Quero expressar mais uma vez os meus agradecimentos à Prof. Doutora Maria de Jesus Sanches, docente da FLUP, pelo apoio científico e orientação que dedicou a este trabalho.

² A direcção da escavação deste povoado é da responsabilidade da arqueóloga Maria de Jesus Sanches .

Calcolítico à Idade do Ferro, da autoria de Maria de Jesus Sanches –, relativo à análise descritiva das estruturas Crasto de Palheiros, e publicado também naquele número da revista *Portugália*.

2. METODOLOGIA E OPÇÕES NA APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

2.1. Metodologia no estudo do material lítico

O estudo do material lítico relativo a esta 2.^a parte do trabalho refere-se a um menor número de peças, mas abarca um leque mais diversificado de artefactos. Tendo em conta o espaço temporal em que se desenrolou a ocupação do Crasto de Palheiros, tornou-se necessário destringir, de igual modo, os sistemas técnicos patentes em cada um dos períodos cronológico-culturais – Calcolítico e Idade do Ferro.

Optamos por valorizar as características / descritores mais pertinentes, recorrendo sempre que as dúvidas o exijam ao auxílio da bibliografia. Também, sempre que possível, e os dados assim o permitam, estabeleceremos um paralelo regional com o espólio de outras estações.

Versando esta 2.^a parte o estudo de peças que apresentam um objectivo funcional aparentemente mais bem definido do que aquelas constantes da 1.^a parte deste trabalho, o enfoque será necessariamente diferente. Nestas últimas pudémos distinguir sequências operatórias – fossem elas mais simples ou mais complexas –, o que permitiu, numa primeira instância, a valorização do aspecto técnico do talhe, e só, numa segunda, o aspecto morfológico e funcional. Pelo contrário, nas peças que são agora aqui apresentadas, habitualmente mais conhecidas pela sua morfologia/função, torna-se bastante difícil, pela sua natureza técnica, reconstituir os diferentes “passos” do fabrico. É essa a razão pela qual elas são apresentadas em categorias cuja denominação é aquela pela qual são habitualmente conhecidas: *Moinhos* – que se subdividem em *Dormentes* e *Moventes* –; *Machados*, *Enxós* (onde se incluem também outras peças que, pelas suas características achamos devem ser enquadradas nesta categoria, como sejam, por ex. as goivas); *Alisadores / Polidores*; *Utensílios* e *Diversos Líticos*. No grupo dos *Utensílios* inserimos não somente aqueles realizados sobre lasca ou núcleo, como é o caso dos raspadores e das raspadeiras, mas também outras peças que incluímos nesta definição de “outil” decorrente do aspecto técnico e funcional, como, por ex., utensílios denominados de UAD, bem como uma ponta de seta. O grupo dos *Líticos Diversos* que inclui todos os restantes materiais não inseríveis nas categorias anteriores, conta ainda com outros que quantitativamente têm uma representação irrisória.. Adentro de cada uma das categorias procedemos à elaboração de uma ficha descritiva que contém uma série de descritores específicos a essa categoria, e outros comuns a todas as restantes categorias, tal como procedemos na 1.^a parte deste trabalho. Esses descritores constam simultaneamente dos quadros descritivos.

A localização e contextualização das peças é indicada por *itens* comuns a todas as peças. São estes:

N.º – número de inventário da peça; **A** – ano; **U** – unidade, que inclui a – **I** – interna ou a – **E** – externa; **Quad.** – quadrícula; **Cm** – camada; **Lx** – complexo; **mp** – matéria-prima usada; no fim do quadro incluímos faseamento – **Fa** e a interpretação – **Int.** – (que se refere às estruturas pétreas onde foi encontrado o material, por ex. Talude Interno, Empedrado, etc.).

As matérias-primas identificadas no Crasto de Palheiros são: anfíbolite – **a**; filito – **fl**; gabro – **gb**; gnaíse – **gn**; granito – **g**; grauvaque – **gv**; lidito – **ld**; metavulcanito – **mv**; pegmatito

– **pg**; quartzo – **c**; cristal de quartzo – **cc**; quartzite – **q**. A análise física, macroscópica, destas rochas foi realizada com o apoio do geólogo Dr. José Feliciano, ao qual agradecemos mais uma vez as identificações e respectivas explicações.

Os descritores específicos atenderão aos critérios técnicos e funcionais que consideramos mais salientes, como sejam, por exemplo, o polimento, a orientação das estrias de uso, entre outros.

2.1.1. Moinhos – Os Moinhos do Crasto de Palheiros devem ser visto não como “engenhos de moer”³, ou seja, como as formas complexas de moagem adoptadas dos romanos por algumas populações indígenas da I. do Ferro, mas como formas muito artesanais, muito arcaicas, de transformar vegetais ou minerais em produtos comestíveis e manuseáveis ao Homem⁴. Assim, e apesar da polivalência funcional atribuída a estes moinhos, optámos por os dividir em duas subcategorias técnicas: dormente e o movente. Tal acontece porque muito embora ambas as peças estejam em articulação estrita no plano funcional, pois um sem o outro não tem serventia (VILAÇA, 1995: 56), a nível morfotécnico as diferenças são claras.

2.1.1.1. Dormentes

O *dormente*, por vezes de considerável dimensão, refere-se à parte do moinho que se encontra imóvel e sobre a qual se procede à transformação dos produtos por trituração. Mas a definição mais usual de dormente indica que se trata de um bloco de pedra com uma textura granulada, e de forma geralmente ovalar, por vezes com bordos regularizados, provida de uma superfície plana sobre a qual se esmaga, ou tritura, substâncias minerais ou vegetais com ajuda de um bloco de forma alongado – o movente – (LEROI-GOURHAN, 1980: 689). Outros dormentes, como alguns que foram exumados em Portugal, possuem formas rectangulares, sub-rectangulares e elípticas, sendo de diversas dimensões (GONÇALVES, 1988: 248). A(s) superfície(s) activa(s), no momento do abandono, podem apresentar faces plano-côncavas ou côncavas, resultantes dos sucessivos e repetitivos movimentos abrasivos, e/ou da conjugação daqueles com a picotagem sobre essa mesma superfície, com a finalidade de a tornar mais rugosa e mais operativa, como A. Leroi-Gourhan (1980: 689) salienta também. Em Crasto de Palheiros verificamos que a sua superfície activa pode ser plano-convexa, ou mesmo convexa, dependendo esta característica do tipo de matéria-prima e da finalidade pretendida. Relativamente à funcionalidade particular, quer dizer, aos produtos aí triturados, certamente dependerá do contexto da estação arqueológica. Contudo, Raquel Vilaça (1995: 56-57), por ex., refere que para além da trituração de produtos agrícolas, estes dormentes serviam para o esmagamento de pedras minerais, colorantes, etc.

Outro aspecto comumente relacionado com este artefacto refere-se à presença, com alguma frequência, de vestígios de um certo multifuncionalismo nas tarefas realizadas. Raquel Vilaça (1995: 56) salienta que determinados dormentes por si analisados apresentavam um funcionamento como polidor.

Em Crasto de Palheiros esta característica também foi detectada em algumas das peças,

³ Esta expressão refere-se aparelhos ou mecanismos usuais na arte de moer, onde se utiliza todo um sistema de engrenagens com a finalidade de duplicação da força e da produção.

⁴ Esta categoria (que abarca dormentes e moventes) representa o segundo maior grupo de artefactos encontrados até ao momento no Crasto de Palheiros (sobretudo o segundo). Acima dos Moinhos encontramos unicamente os percutores que lideram de forma esmagadora o número de peças aqui exumadas. Podemos afirmar que a expressiva presença de Moinhos neste povoado é a prova da importância que aqui detinham estes artefactos.

por vezes associado, no nosso ver, ao afiar de instrumentos. O seu uso como bigorna, embora raro, também está presente. É perante esta diversidade de funções conceptualizadas que verificamos, numa grande parte dos casos, que a escolha da matéria-prima terá que se ajustar, pois só assim se poderá retirar o máximo proveito da técnica a aplicar.

São estes aspectos morfotécnicos e funcionais dos dormentes, particularmente aqueles relativos à face activa, que serão objecto do quadro descritivo. Para isso, e na ausência de uma bibliografia especializada (pelo menos aprofundada) relativa aos dormentes, apoiámo-nos nos parâmetros descritivos definidos por Victor Gonçalves (1988) e Raquel Vilaça (1995). Assim, a par dos descritores comuns a todas as peças, já anteriormente referenciadas, os restantes, são relativos ao aspecto físico, macroscópico, e ao carácter morfotécnico.

Iniciando pela análise física macroscópica dos materiais, o *estado físico* – **EF** – representa o descritor que define as alterações físicas ocorridas na superfície da peça. Define-se como o “conjunto de alterações que incidem na superfície das peças, aferindo-se o grau de desenvolvimento de cada uma delas [das alterações] a partir da análise macroscópica dos materiais” (CUNHA-RIBEIRO, 1999: 49). Neste sentido distinguimos peças que possuíam um estado *anguloso* e *eolizado*. No estado *anguloso* – **A** – trata-se de uma superfície muito irregular, marcada de múltiplos ângulos, podendo as suas arestas se apresentarem-se *vivas* – **v** –, ou evidenciarem um ténue *boleamento* – **b**. Nas que se encontram em estado *eolizado* – **E** – a sua alteração resulta do desgaste físico, total ou parcial, sofrido pela superfície. De igual forma registámos se as suas arestas evidenciavam ainda um certo avivamento – **v** –, ou se simplesmente as arestas existentes se apresentavam boleadas – **b**. O *estado de conservação* – **EC** – abarca a situação física em que se encontra o artefacto actualmente, que pode ser considerado um *fragmento* – **1** – caso possua até 50% do total da peça; *fragmentada* – **2** – se conserva mais do que 50%, e *completa* – **3** – se a peça parece mostrar a sua forma integral. Relativamente ao suporte, que abrange a forma da matéria-prima utilizada para a elaboração do artefacto, optámos por não a incluir por se tratar unicamente de grandes blocos.

Relativamente aos aspectos morfotécnicos do dormente, os *atributos tipométricos* surgem como o primeiro elemento analítico adentro deste quadro descritivo. Medimos então, o *comprimento* – **C** – segundo o eixo maior da peça; a *largura* – **L** – na perpendicular ao eixo anterior, e que deverá coincidir com a largura máxima da peça; por último a *espessura* – **E** – realizada na secção transversal de espessura máxima onde passa o eixo da largura. Outro dos atributos tipométricos que optámos também registar refere-se à área funcional do Dormente, a qual designámos por, *superfície activa* – **SA**. Este descritor vai abranger os atributos tipométricos relativos à zona activa da peça. Neste sentido, mediu-se o *comprimento* – **Sa-C** – segundo o eixo maior da superfície activa; a *largura* – **Sa-L** – na perpendicular em relação ao eixo anterior, e no espaço mais largo; por último, a *profundidade da superfície activa* – **Sa-Pf** – que é a profundidade máxima ao plano dos bordos onde estes são mais elevados. Em casos de dormentes em que a morfologia da superfície activa (Csa) se apresente *plano-convexa* (pcx) ou *convexa* (cx), mede-se a altura efectuada a partir do plano dos bordos onde estes são mais baixos, ao ponto mais alto e central da superfície activa.

Por vezes surgirá no âmbito destes 3 descritores (Sa-C, Sa-L e Sa-Pf) a conjugação de dois valores numéricos separados por traço vertical, que resulta da medição das faces activas, quando existentes. Para o seu registo foi tido em conta em primeiro lugar a face activa que apresente uma maior profundidade (Sa-Pf).

O descritor *categorias de profundidade* – **CgPf** –, tem como objectivo proceder a uma melhor

caracterização técnica e funcional dos dormentes no contexto do faseamento crono-estratigráfico do Crasto de Palheiros. Esta categorização apoia-se na articulação mútua dos valores obtidos nos itens: *profundidade da superfície activa* – **Sa-Pf** –, *comprimento* – **C** –, e *característica da superfície activa* – **Csa**. Procura-se ter uma percepção da morfologia do desgaste efectuado na superfície activa, tendo em conta o comprimento máximo da matéria-prima utilizada. Neste sentido, criámos 3 categorias-base: as *côncavas* – **A** –, as *planas* – **B** –, e as *convexas* – **C** –, as quais foram divididas em outras subcategorias. Assim, na categoria de *côncavas* – **A** –, temos a subcategoria **A1** que corresponde aos dormentes com uma profundidade entre 0.1 e 0.5 cm. Adentro desta temos a **A1.1**, relativo aos dormentes que possuam um comprimento até 13 cm; na **A1.2**, dormentes com um comprimento entre 13.1 e 20 cm; na **A1.3**, dormentes com um comprimento a partir de 20.1 cm. Na categoria **A2**, relativo aos dormentes com uma profundidade entre 0.6 e 1 cm, temos: **A2.1**, dormentes com um comprimento até 15 cm; **A2.2**, dormentes com um comprimento entre 15.1 e 22 cm; **A2.3**, dormentes com um comprimento de 22.1 cm ou mais. A categoria **A3** que correspondente aos dormentes com uma profundidade entre 1.1 e 2 cm, temos: a **A3.1**, dormentes com um comprimento até 15 cm; **A3.2**, dormentes com um comprimento entre 15.1 e 22 cm; **A3.3**, dormentes com um comprimento a partir de 22.1 cm. Na categoria **A4**, relativa aos dormentes com uma profundidade entre 2.1 e 3.5 cm, temos: a **A4.1**, dormentes com um comprimento até 18 cm; **A4.2**, dormentes com um comprimento entre 18.1 e 29 cm; **A4.3**, dormentes com um comprimento a partir de 29.1 cm. A categoria **A5**, que correspondente aos dormentes com uma profundidade entre 3.6 e 5 cm, temos: a **A5.1** abarca dormentes com um comprimento até 19 cm; **A5.2** dormentes com um comprimento entre 19.1 e 29 cm; **A5.3** dormentes com um comprimento de 29.1 cm ou mais. Na categoria **A6**, relativa aos dormentes com uma profundidade entre 5.1 e 8 cm, temos: a **A6.1**, dormentes com um comprimento até 20 cm; **A6.2**, dormentes com um comprimento entre 20.1 e 35 cm; **A6.3**, dormentes com um comprimento a partir de 35.1 cm. Por último, na categoria **A7**, que abarca os dormentes com uma profundidade de 8.1 cm ou mais, temos: a **A7.1**, dormentes com um comprimento até 20 cm; **A7.2**, dormentes com um comprimento entre 20.1 e 35 cm; **A7.3**, dormentes com um comprimento a partir de 35.1 cm.

A categoria *planas* – **B** – incluirá dormentes que possuam uma profundidade 0 (zero). Nesse sentido, criámos 3 categorias assentes no comprimento máximo do dormente: a **B1** refere-se a dormentes com um comprimento entre 1 e 15 cm; a **B2**, a dormentes entre 15,1 e 28 cm; e a **B3** dormentes com um comprimento superior a 28,1 cm.

Por fim, na categoria *convexas* – **C** – temos a subcategoria **C1**, onde o declive (profundidade) da superfície activa do dormente vai entre 0.1 e 0.8 cm. Adentro desta, distinguimos a **C1.1**, que engloba dormentes com um comprimento até 15 cm; a **C1.2**, para dormentes com um comprimento entre 15.1 e 25 cm; **C1.3** para dormentes com um comprimento superior a 25.1 cm. Na categoria **C2**, onde o declive do dormente vai entre 0.9 e 2 cm, distinguimos: a **C2.1** que abarca dormentes com um comprimento até 15 cm; a **C2.2** para dormentes com um comprimento entre 15.1 e 25 cm; a **C2.3** para dormentes com um comprimento de 25.1 ou mais. Por último, na categoria **C3**, onde o declive é de 2.1 cm ou superior, temos: a **C3.1** que corresponde a dormentes com um comprimento até 15 cm; a **C3.2** para dormentes com um comprimento entre 15.1 e 25 cm; a **C3.3** para dormentes com um comprimento superior a 25.1 cm.

No caso dos dormentes que apresentem duas faces activas optou-se por categorizar unicamente uma face, ou seja, aquela que tinha uma maior profundidade. Para o faseamento

serão tidos em conta unicamente os dormentes que apresentem um *estado de conservação* – **EC** –, *completo* – **3** –, isto é, aqueles onde seja possível avaliar a totalidade do dormente.

Relativamente à *morfologia* definimos: a *silhueta* (ou forma) – **Silh** – respeitante à forma quando olhada a peça longitudinalmente segundo o seu eixo maior; a *secção* (corte ou perfil) *transversal* – **Sç tv** – feita sobre o eixo maior da peça perpendicular ao eixo anterior. Em cada uma delas foi considerada a forma, e classificada segundo o procedimento corrente neste estudo. Quer dizer, seguiu-se a aproximação a sólidos geométricos. Assim, por exemplo, uma silhueta pode ser: **bp** – bipyramidal; **ci** – circular; **el** – elíptica; **hx** – hexagonal; **lo** – losangonal; **ov** – ovalar; **qd** – quadrangular; **r** – rectangular; **sci** – semicircular; **tp** – trapezoidal; **tr** – triangular. O mesmo acontece com a secção transversal.

De seguida segue-se a indicação das características técnicas e funcionais, com a *quantificação das faces activas* – **Qa** – existentes no dormente. Estes podem possuir uma só face – *unifacial* – **u** –, ou duas faces – *bifacial* – **b**.

Quanto ao *estado do bordo* do dormente – **Eb** –, este pode apresentar-se *anguloso*, *afeiçoado* ou *boleado*. *Anguloso* – **a** –, é quando o bordo mostra o aspecto natural da matéria-prima, ou seja, a preparação da face activa não incluiu o afeiçoamento do bordo. *Afeiçoado* – **f** – é quando o bordo apresenta negativos de acções de desbaste ou afeiçoamento, resultantes da preparação e adaptação da face activa. *Boleado* – **b** – o bordo já não mostra, aparentemente, as mesmas características referidas no item anterior; estas poder-se-ão ter desvanecido ou, desaparecido, em resultado de alterações erosivas ou intencionais, provocadas pelo homem, como é o caso do polimento. Num mesmo exemplar poderão aparecer conjugados os 2 itens anteriores – **b,f** –, querendo dizer que os negativos resultantes do afeiçoamento do dormente já são ténues devido aos agentes erosivos.

Na *característica da superfície activa* – **Csa** –, item que incide no aspecto morfológico ocupado pela área activa e funcional do dormente, considerámos a(s) sua(s) face(s) como: *plana* – **p** –, *plano-côncava* – **pc** –, *côncava* – **c** –, *plano-convexa* – **pcx** –, e *convexa* – **cx**. Quando se trata de dormentes com duas faces activas, o seu registo foi efectuado de igual forma como no da *superfície activa* (SA) – primeiro a face com maior profundidade separada da segunda por um traço vertical. Em certos dormentes poder-se-á identificar grande parte da base, mas não a área da face activa. Neste sentido será assinalado pela sigla – **G** –, *ausente por estar fragmentado*.

Outro dos descritores morfológicos, mas oposto ao anterior, é o que *caracteriza a base* – **Cb**. Como o nome indica, este descritor sumaria a morfologia da base do dormente que assenta sobre o solo, isto no caso dos dormentes *unifaciais*. Esta pode surgir, *aplanada* – **a** –, *convexa* – **cx** –, ou em *cone* – **co**. No caso dos dormentes *bifaciais* dado a dificuldade de determinar qual das faces foi a base, porque ambas o foram quando a oposta era a activa, optámos por registar a base como estando *em utilização* – **e**. A sigla – **?** – refere-se aos casos onde foi impossível definir a morfologia da base (por mal conservada ou ausente).

A análise que se segue pretende verificar o *estado da superfície activa* – **Esa** –, avaliado pela análise do grau de desgaste ocorrido na zona funcional do dormente. Para isso registou-se se a face(s) activa(s) se apresentava *polida* – **p** –, ou se o polimento da mesma denotava uma certa *rugosidade* – **pr**. Ou então, pelo contrário, se a *rugosidade* evidenciada um certo *polimento* – **rp** –, ou ainda se a superfície da área activa se encontrava maioritariamente *rugosa* – **r**. Na análise deste descritor tivemos de que ter em conta diversos factores ocorridos durante e depois da construção da área activa. É o caso dos agentes naturais, como por exemplo, a erosão, ou então, o simples avivar da superfície activa com o intuito de a tornar mais “agressiva” para o

trabalho de trituração. Por vezes nota-se que determinadas zonas da área activa encontram-se mais picotadas, que na nossa opinião, derivam da utilização do dormente como bigorna.

Procedeu-se de seguida à caracterização e orientação do *tipo de estrias de uso* – **Teu** – presente na(s) face(s) activa(s) com o objectivo de perceber qual a direcção mais usual em cada dormente, para se perceber se existia, ou não, alguma relação com a matéria-prima, com a morfologia, com a tipometria, etc., ou se simplesmente era casual. Neste sentido distinguimos se eram: *paralelas* – **p** –, *transversais* – **t** –, *diagonais* – **d** –, ou *pluridireccionais* – **pd** –, atendendo sempre ao eixo morfológico maior da peça. Como determinadas peças possuem duas faces activas, acrescentou-se a seguir a uma virgula se surgiam numa só face, *unifacial* – **u** –, ou se em ambas as faces activas, *bifacial* – **b**.

O último descritor que se segue pretende registar o é o carácter de dupla funcionalidade que por vezes ocorre em determinados peças através da denominação – *instrumento múltiplo*. A sua presença no caso dos dormentes reflecte-se na presença de pequenas superfícies marteladas de forma subcircular que provêm de uma percussão bem direccionada, na qual o dormente proporcionou um bom apoio no uso como bigorna. Convencionalmente, o instrumento bigorna é referida como sendo um bloco de rocha de dureza variável, sobre o qual terá sido apoiado um núcleo para a realização da debitagem, ou então, de suportes laminares para o seu retocamento (TIXIER *et alii*, 1980:86). O registo da funcionalidade *dormente/ bigorna* – **D/B** – teve em conta se ocorre numa só face, *unifacial* – **u** –, ou em ambas as faces activas, *bifacial* – **b**. Também se regista se a bigorna se *restringe* a uma pequena área activa – **r** –, ou se, pelo contrário, ocupa ou estende por uma área *abrangente* – **a**.

Em todos os descritores acima, quando não é possível fazer uma adequada caracterização segundo os parâmetros definidos por nós, colocamos um ponto de interrogação – **?** – na casela respectiva da tabela descritiva.

2.1.1.2. *Moventes*

A palavra movente, por oposição ao dormente, sugere movimento, ou seja, o sentido de exercer uma acção móvel sobre algo. É este a verdadeira acção proporcionada por esta parte de moinho, ou seja, a de “correr” sobre o dormente. Como elemento arqueológico é convencionalmente definido como bloco de rocha dura por vezes da mesma matéria-prima do dormente, sensivelmente esférico, geralmente do tamanho de uma mão, e utilizado particularmente no esmagamento de produtos vegetais ou minerais que se encontram sobre o dormente (LEROI-GOURHAN, 1988: 701), num movimento de vai e vem, ou por percussão oblíqua apoiada (GONÇALVES, 1988: 248). Este tipo, de morfologia pequena, mas que pode variar na sua forma, é sobretudo de tendência alongada (PIEL-DESRUISSEAU, 1984: 135), adaptando-se facilmente à preensão da mão. Conjugando a forma com um baixo peso, favorece a criação de um utensílio ágil nos movimentos a exercer sobre o dormente. Porém, esta forma poderá gradualmente modificar-se, como sugere J.-L. Piel-Desruisseaux (1984: 135), em resultado da fricção que cria uma face plana, de acordo com a morfologia da superfície do dormente. Mas basicamente esta superfície é plana ou plano-convexa. Outros tipos de morfologias podem surgir nos moventes, como é o caso dos de tendência circular, que evidenciam uma forma de acção diferente: em vez de movimentos de vai e vem, a acção decorre do rebolar do instrumento, tornando-se esta numa outra forma de triturar / esmagar.

Adentro da superfície activa, e contando já com a forma, o polimento surge como uma das características de maior interesse, sendo através desta que se permite catalogar estas

peças como utensílios moventes ligados à trituração moageira. Mas é a “patine” da superfície activa que tem sido um dos elementos sobre os quais os arqueólogos mais se têm debruçado na busca de respostas, sobretudo para a compreensão da relação existente entre os produtos transformados e o polimento resultante desse processo. Uma das perguntas que habitualmente se faz é se este polimento não resultará de acções sobre determinados produtos específicos que originam afinal este tipo de patine. Infelizmente a resposta não tem tido os resultados exigidos devido à falta de estudos em arqueologia experimental. Mesmo assim, verificamos que, por exemplo, R. Vilaça (1995) salienta que a forma e o polimento pode variar de acordo com os produtos triturados, ou seja, as características resultantes da trituração podem provir tanto de produtos agrícolas, como de pedras minerais ou colorantes. Cremos, por outro lado, que esta patine poderá resultar da fricção entre as matérias-primas específicas do movente e as do dormente.

Uma outra característica que por vezes surge associado ao movente, é o seu carácter multifuncional. Este aspecto é referido também por R. Vilaça (1995: 56). Os moventes por si analisados possuíam marcas de terem servido como percutores. Já V. Gonçalves (1988: 249) deixa transparecer que a presença de diversos tipos de moventes poderá ter correspondência com a característica estrutural do vegetal, o que obrigaria a uma adaptação da peça à qualidade do produto. No Crasto de Palheiros, além destes aspectos, verificou-se a presença de um uso como bigorna, o que enfatiza o funcionalismo, provavelmente já culturalmente preconizado para este tipo de instrumento lítico.

Na construção do quadro descritivo dos Moventes recorreremos aos trabalhos desenvolvidos por V. Gonçalves (1988), R. Vilaça (1995), M. J. Sanches (1997) e A. Valera (1997). Para a sua elaboração, a par dos critérios comuns a todas as peças, tais como, N.º, Ano, Unidade, Quadrícula, etc., referenciados no início deste trabalho; no *estado físico* – **EF** –, tal como no *estado de conservação* – **EC** –, remetemos o leitor para a leitura dos descritores anteriores relativos aos dormentes. Relativamente ao *suporte* – **Sp** –, descritor que abarca a morfologia da “rocha” utilizada para a elaboração da peça, definimos se era um *bloco* – **b** – (pedaço de matéria-prima adaptado a movente), ou um *seixo rolado* – **sr** – (rocha eolizada por agentes erosivos e adaptada a movente).

Para o apuramento dos *atributos tipométricos*, como é o caso do *comprimento* – **C** –, da *largura* – **L** –, e da *espessura* – **E** –, seguimos os mesmos critérios definidos já para a análise dos dormentes. A estes atributos acrescentamos o valor do *peso* – **P** – em gramas. Associado ao peso optámos criar um quadro de *categorias de peso* – **Cg** – que nos possibilitasse posteriormente (aquando do faseamento), caracterizar tecnicamente e funcionalmente os moventes de acordo com o seu contexto de proveniência ou de uso. Para esta caracterização, e no intuito de evitar a mínima distorção dos dados, incluímos preferencialmente moventes que apresentassem um estado de conservação completo (3), isto é, inteiros. Neste sentido, na *categoria 1* – *muito pequenos* –, englobamos todos os moventes com um peso entre 1 e 100 gramas; na *categoria 2* – *pequenos* –, moventes entre 101 e 300 gramas; na *categoria 3* – *médios* –, entre 301 e 600 gramas; na *categoria 4* – *grandes* –, entre 601 e 900 gramas; na *categoria 5* – *muito grandes* –, entre 901 e 1600 gramas; por último, na *categoria 6* – *enormes* –, moventes com valores superiores a 1601 gramas (>1601).

Outro dos aspectos morfotécnicos é a *morfologia* da peça. Definimos assim, a *silhueta* (ou forma) – **silh** –, a *secção longitudinal* – **SçL** –, e a *secção transversal* – **SçT** –, recorrendo para tal às formas geométricas. Foram aqui usados os mesmos critérios dos dormentes (ver

atrás). Ainda no aspecto técnico o descritor que se segue *quantifica o número de superfícies activas* existentes – **Qa**. Estas podem ser *unifaciais* – **u** –, *bifaciais* – **b** –, ou, *múltiplas* (quando o movente apresenta 3 ou mais faces activas) – **m**.

Na análise do *perfil das superfícies activas* – **Psa** –, assente no aspecto morfológico e na posição da face da superfície funcional, criámos 6 tipos de superfícies: a *superfície 1* – **S1** –, para moventes unifaciais em que a sua face tem morfologia plana; *superfície 2* – **S2** –, para moventes unifaciais mas em que a morfologia da sua superfície activa já se apresenta plano-convexa; *superfície 3* – **S3** –, para moventes bifaciais, ou múltiplos, em que as suas faces activas se apresentam planas e/ou plano-convexas (por exemplo, no caso de um movente bifacial em que uma face é plana e a outra plano-convexa); *superfície 4* – **S4** –, para moventes bifaciais em que as suas faces activas se apresentam planas ou plano-convexas, mas com localização oposta; *superfície 5* – **S5** –, para moventes de morfologia circular, o que transforma a totalidade da área do movente em superfície activa, como acontece, por exemplo, com os rebolos e pilões; *superfície 6* – **S6** –, para moventes bifaciais, em que uma das faces activas se encontra ao longo do eixo maior, enquanto a segunda face se localiza lateralmente em relação à primeira; por último, *superfície 7* – **S7** –, para moventes de faces múltiplas, em que estas se distribuem tanto ao longo do eixo maior da peça, como nas faces laterais em relação ao eixo anterior.

O *estado das superfícies activas* – **Esa** –, centra-se no grau de desgaste físico ocorrido em cada uma das faces activas. Embora sendo difícil a distinção entre o polimento inicial destinado à conformação do utensílio para o uso pretendido, daquele que resulta tanto de destruições e reavivamentos posteriores, tentámos apartar estes dois tipos de vestígios. Assim, na “primeira” conformação e uso, são considerados *polidas* – **p** –, como resultado da actividade funcional, mesmo quando *polida* pode apresentar um certo desgaste, tornando-a ligeiramente *rugosa* – **pr**. Na segunda, se as faces activas se apresentam *rugosas* – **r** –, tanto como resultado da acção de agentes erosivos, como de um novo avivamento realizado sobre a área activa do movente com o intuito de o tornar mais “mordaz”. Neste último caso o estado da superfície activa não nos permite entrar em mais ilações como no caso das polidas, facto este resultante da impossibilidade de distinguir a sua proveniência (se erosivo ou por avivamento). Sempre que o movente apresente duas ou mais faces activas, o seu estado será registado (sempre que uma face difere da outra) com a introdução do um traço vertical.

Relativamente ao *tipo de estrias de uso* – **Teu** – presente em cada superfície activa teve-se em conta o registo da direcção, ou direcções, dos dispositivos presentes em cada uma das faces, assim como a posição das estrias relativamente ao eixo morfológico maior da peça. Este descritor tem como objectivo principal perceber se existe (ou não) uma relação directa entre a morfologia do movente (capacidade de prensão) e a direcção das estrias. Neste sentido definimos se estas eram: *paralelas* – **p** –, *transversais* – **t** –, *diagonais* – **d** –, ou *pluridireccionais* – **pd**. Como existe moventes com mais do que uma face activa incluímos a seguir aos itens já referidos (separados por uma vírgula), uma letra simbolizando o número de faces. A letra: **u** – se presentes numa só face activa; **a** – **b** – se presentes em duas faces activas; **a** – **m** – se presentes em três ou mais faces activas. Caso surjam várias direcções em faces diferentes, estas serão todas registadas mas separadas entre si por um traço vertical. Por exemplo, temos um movente com 3 faces activas e cada uma diverge na direcção das estrias, então registaremos: p,u|t,u|d,u.

Os dois descritores seguintes são relativos ao carácter bifuncional dos moventes utilizados no Crasto de Palheiros. Esta característica ocorre igualmente noutros instrumentos já

aqui referenciados, o que é indicador de uma versatilidade funcional destas peças, que inserimos no grupo do(s) *instrumento(s) múltiplo(s)*. O primeiro descritor, refere-se às marcas de percussão presentes em determinados pontos do movente, e que designámos por *movente/ /percutor – M/P*. Estas podem situar-se na *periferia – P –*, se distribuídas em torno do movente, ou fixar-se na *extremidade* do eixo maior – *E*. Adentro destas localizações, a distribuição pode ser ainda *polar – p –*, *lateral – l –*, *dispersa – d –*, ou *abrangente – a*. Por vezes poderá existir mais do que uma localização ou distribuição no registo da qual se utilizará o traço diagonal para as separar. Outro dos vestígios destes instrumentos múltiplos (moventes) refere-se ao *movente/ /bigorna – M/B*. A sua presença traduz-se pelo aparecimento de zonas côncavas (pequenas covinhas picotadas) resultantes de acções de percussão, as quais se localizam na maior parte dos casos, na parte central da superfície activa. A sua origem é ligada sobretudo a trabalhos de debitação de núcleos ou de suportes laminares, recorrendo estes à utilização do método de percussão bipolar, assente em utensílios reutilizáveis, como é o caso dos moventes (TIXIER *et alii*, 1980: 86; VALERA, 1997: 106). É *unifacial – u –*, quando está presente numa superfície; *bifacial – b –*, quando surge em duas superfícies, e *tripolar – t –*, quando afecta três superfícies. A sua utilização pode *restringir-se* a uma presença pouco pronunciada na superfície – *r –*, ou então, *estender-se* por uma área significativa – *a*. De igual forma se poderá utilizar o traço diagonal para separar peças com mais do que uma localização ou distribuição.

2.1.2. Alisadores / Polidores

Tentaremos aqui mostrar as características definidoras destas peças que consideramos alisadores ou polidores e que tecnicamente ou funcionalmente, são sinónimos, e onde os indícios técnicos não sejam equiparáveis aos dos moventes. Nestes verifica-se que a área activa ocupa preferencialmente a zona mais plana do suporte; pelo contrário, no alisador/ /polidor esta região activa não é assim tão extensa, surgindo preferencialmente circunscrita a uma determinada área do suporte. Também há, neste caso, uma certa dificuldade em encontrar uma definição clara por parte dos arqueólogos, definição essa que precise tecnicamente (mas também funcionalmente) estes utensílios. cremos que tal decorre, infelizmente, da fraca importância que lhes é atribuída.

A definição mais conhecida refere-se a um bloco de pedra abrasiva utilizada para o polimento de artefactos em osso ou em pedra, e em que a superfície activa mostra a presença de estrias dispostas de forma paralela ou em círculos, resultantes do tipo de tarefas executadas (LEROI-GOURHAN, 1988: 852-853). Embora o polimento esteja presente desde o Paleolítico Superior, o aparecimento dos alisadores/polidores é quase uma constante desde do início da Pré-história Recente, particularmente quando se procede à modificação dos hábitos tecnológicos, agora adaptados a um maior sedentarismo, que obrigam ao aperfeiçoamento técnico de determinados artefactos existentes no quotidiano. O objectivo seria o de diminuir a resistência do gume (no caso dos líticos), ao eliminar as superfícies rugosas não só desta parte activa como aquelas que cobriam a peça (SEMENOV, 1981: 136-140). O uso do polimento/ /alisamento em cerâmicas deveria ser também expressivo, sobretudo naquelas peças onde se exigia um tratamento apurado das pastas exteriores, aplicando-se para tal um simples polimento ou um brunido. É neste caso que os alisadores/polidores parecem ter tido papel mais activo. Outras tarefas haveria em que os alisadores tinham certamente um papel importante, mas infelizmente as suas marcas de uso não nos permitem especulações.

A evidência de uma aptidão funcional pouco especializada, com uma expressividade

numérica baixa, impossibilita uma percepção funcional clara destas peças em Crasto Palheiros. Uma definição precisa é de momento impossível de estabelecer, mas estamos cientes da multiplicidade de tarefas desempenhadas, sobretudo quando verificamos a ligação que estes instrumentos têm com outras funcionalidades, como é o caso da dos percutores e da dos moventes (VILAÇA, 1995; SANCHES, 1997: 73).

Relativamente ao tipo de suporte há, como noutras estações de Pré-história recente transmontana, uma clara preferência por seixos rolados oblongos (SANCHES, 1997). Esta opção resulta certamente das capacidades físicas evidenciadas por este tipo de suporte, sobretudo naqueles de morfologia ovalada e oblonga, por dispensarem a sua pré-preparação. A própria eolização presente sobre a forma de patine foi a nosso ver o grande factor responsável pela escolha destes suportes. Por outro lado, o recurso a seixos do rio poderá ter resultado da falta de matéria-prima local adaptável à função desejada (SEMENOV, 1981: 137).

Para a construção da ficha descritiva dos Alisadores encontramos na bibliografia consultada uma tênue referência a determinados aspectos técnicos, sendo M. J. Sanches (1997) a que mais se aproximava nas suas descrições dos objectivos por nós pretendidos. A elaboração do quadro descritivo atendeu preferencialmente aos aspectos morfotécnicos e funcionais presentes nos alisadores/polidores do Crasto de Palheiros. Na construção da ficha, a par dos critérios comuns a todos os restantes materiais em estudo (N.º, Ano, Unidade, Quadrícula., etc.), referidos no início deste trabalho, acrescentamos o *estado físico*, o *estado de conservação*, os *atributos tipométricos* e a *morfologia* (forma), segundo os mesmos critérios anunciados nos descritores anteriores. No *suporte* – **Sp** –, relativo à morfologia da “rocha” usada para a elaboração do alisador, retemos se este era um *bloco* – **b** –, ou um *seixo rolado* – **sr**.

No âmbito dos atributos técnicos, a *localização da área funcional da peça* – **Laf** –, foi o primeiro aspecto identificado. Retrata a posição da área activa ou de abrasão tendo em conta o eixo maior. Assim, consideramo-la *unifacial* – **u** –, quando presente numa face; *bifacial* – **b** –, quando surge em duas faces; *periférica/lateral* – **pr** –, quando situada na zona periférica lateral (ou bordo) da peça; *polar* – **pl** –, quando se localiza nas extremidades (ou ponta) do eixo maior da peça, e *multifacial* – **m** –, quando se distribui por várias faces da peça.

O descritor seguinte tenta apurar o *nível de alisamento* – **Np** –, assente no grau de desgaste, ou seja, em que estado se encontra a superfície activa. Definimos se a alteração física surge de forma *ténue* – **t** –, ou se, pelo contrário, mostra um intenso *polido* – **p**. Quando passamos à análise das características das estrias de uso – **Ceu** –, visualmente perceptíveis na superfície activa, verificamos que as mesmas podem surgir de forma *ténue* – **t** –, ou então, ou *nítida* – **n**. Relativamente à *disposição das estrias de uso* – **Deu** –, sobre área activa e obtidas sempre em relação ao eixo morfológico da peça, averiguamos que se podiam dispor de modo *longitudinal* – **l** –, *transversal* – **t** –, *circular* – **c** –, *diagonal* – **d** –, ou *pluridireccional* – **pd**. Em simultâneo, estas estrias podiam localizar-se em uma das faces, *unifacial* – **u** –, ou em duas faces activas, *bifacial* – **b**. As estrias das diferentes faces aparecem separadas por uma virgula. No caso de existirem marcas de estrias em duas faces (bifaciais), e de estas se apresentarem com uma disposição diferente entre si, no seu registo será introduzido um traço diagonal para as separar; por exemplo, l/t,b.

Um aspecto técnico interessante que notamos nos alisadores do Crasto de Palheiros foi a presença de extracções. Para perceber a finalidade destes levantamentos criámos um item denominado, *características dos levantamentos de lascas* – **Lv**. Por aqui importava compreender se eram resultantes dum talhe *intencional para obtenção de lascas* – **a** –, se seriam

produto de um *afeiçoamento* da própria peça conducente à tarefa a exercer – **b** –, ou então, se se trataria de *levantamentos acidentais* – **c**.

Os descritores que se seguem referem-se a vestígios que sublinham o carácter *multifuncional* dos alisadores. Esta versatilidade de funções, também presente nos outros materiais aqui recolhidos é o indicio de estarmos perante um *instrumento múltiplo*. O primeiro descritor, *alisador/percutor* – **A/P** –, dá conta das marcas de percussão que por vezes surgem em determinados pontos do suporte. Já o segundo descritor, *alisador/bigorna* – **A/B** –, identifica pequenas depressões ou concavidades situadas preferencialmente no centro de uma ou das duas faces mais planas, sendo resultantes do impacto das percussões. Os critérios aqui usados são similares aos anteriormente referidos nos outros materiais.

2.1.3. Machados, Enxós e Goivas

Neste grupo incluímos aqueles instrumentos cuja parte funcional se destina particularmente ao “corte”, como é o caso dos machados e enxós, e ao uso em bisel, como é referido no caso das goivas. Contrariamente às restantes peças já referenciadas neste trabalho, o estudo destes utensílios encontra-se tecnicamente aprofundado, o que facilitou as nossas descrições. Contudo, a panóplia de dados publicados exigiu que se procedesse a uma selecção dos descritores a considerar, particularmente naqueles que dão conta de uma forma mais precisa dos artefactos do Crasto de Palheiros.

A nível arqueológico os conceitos desenvolvidos sublinham existência de uma similitude entre Machado e Enxó, pelo menos na questão funcional. Defini-los-íamos como utensílios em pedra, possuidores de uma parte cortante [talhada ou polida], podendo o seu suporte comportar um cabo em matéria parecível (PIEL-DESRUISSEAU, 1984, 98). A verdadeira visualização destas peças exige que a peça seja vista como um todo, ou seja, como possuindo o cabo, o dispositivo de encabamento e o gume. Na concepção do machado foi tido em conta o seu uso em movimentos longitudinais lançados, onde o gume cortante se encontra disposto num plano paralelo ao eixo do cabo. Este gume cortante apresenta uma morfologia transversal simétrica e um plano longitudinal convexo. (LEROI-GOURHAN, 1988: 460; FABREGAS VALPARCE, 1988: 20 e 23). A enxó aqui difere do machado, em primeiro lugar, pela posição do gume em relação ao eixo do cabo, que aqui é de plano perpendicular; em segundo lugar, o perfil transversal do gume é assimétrico simples ou duplo (bifacial) (FABREGAS VALPARCE, 1988: 23; LE ROUX, 1999: 150). A distinção morfológica assente na simetria do gume poderá revelar-se como inibidora da real utilização da peça. Esta depende, a nosso ver, sobretudo da relação entre a posição da “lâmina” e a do cabo. É a partir desta relação que se poderá perceber a concepção morfotécnica subjacente à elaboração do gume e ao arqueamento do suporte. Com estas características explica-se que os movimentos sejam lançados tangenciais ao solo, caso contrário seria um machado. Relativamente ao polimento, no caso dos machados, aquele pode abranger uma parte ou a totalidade da peça; nas enxós, pelo contrário, o polimento tende a reduzir-se simplesmente à área do gume (LEROI-GOURHAN, 1988: 460 e 483-484). Mas o gradual surgimento do polimento, e, conseqüentemente, da sua progressiva extensão a todo o suporte, resulta do aperfeiçoamento técnico e qualitativo conseguido durante os tempos. O polimento favorece a diminuição da resistência, especialmente na zona do gume e em áreas mais grossas (SEMENOV, 1981: 137). Ao nível funcional existe uma diferença entre estes dois utensílios: o machado liga-se a trabalhos que envolvem o desbaste da floresta, a enxó, a tarefas de corte de mato rasteiro (LE ROUX, 1999: 150), e mesmo a cavar.

Relativamente à goiva podemos no geral afirmar que não difere em muito dos utensílios anteriores, mas possui um comprimento acentuado em relação à sua largura (FABREGAS VALPARCE, 1988: 34). O seu fio é similar ao bisel e ao buril, encurvado ou rectilíneo, destinado a tarefas actualmente usadas pelo escorpo, isto é, ao desbaste ou afeiçoamento de uma peça em madeira (ou osso). A goiva exumada na Fase II em Crasto de Palheiros, mostra ter sido realizada sobre um seixo rolado, onde numa das suas extremidades foi criado um gume em U, posteriormente polido. Este tipo de gume permite efectuar trabalhos mais minuciosos e “requintados”.

Igualmente verificamos nestes utensílios a presença de marcas de outras funções, embora essa “multifuncionalidade” possa resultar somente do aproveitamento do utensílio original quando já em desuso, para outros fins. Trata-se vestígios relacionados do seu uso como percutor, ou como polidor (na área do gume).

Para a elaboração do quadro descritivo que sumariasse todos os elementos técnicos e funcionais, partimos da proposta morfológica desenvolvida por A. Leroi-Gourhan (1978: 168-169), e complementada com novos dados de outros autores mais recentes, sempre que o exigisse. Neste sentido, na construção da ficha descritiva além dos critérios comuns a todos os materiais líticos de Crasto de Palheiros, analisámos também, segundo os mesmos parâmetros, o *estado físico*, o *estado de conservação*, os *atributos tipométricos* e a *morfologia* (forma). Mas adentro de determinados descritores agora referidos, houve a necessidade de acrescentar novos elementos: no *estado físico* – **EF** –, além do estado *anguloso* e do *eolizado*, acrescentámos o estado *polido* – **P**. Este item refere-se àquelas peças que apresentem grande parte do seu suporte coberto por um tratamento abrasivo, ou seja, polida intencionalmente pelo Homem. Anotámos ainda se as suas arestas encontravam-se *vivas* – **v** –, ou *boleadas* – **b**. Após o descritor *peso* – **P** –, incluímos um descritor que desse conta dos aspectos mais marcantes a nível morfotécnico de cada peça, quer dizer, que realizasse uma espécie de categorização geral com vista a sua melhor adequação ao faseamento crono-estatigráfico do Crasto de Palheiros. Denominamos este “descritor” de *categorias tipovolumétricas* – **Cg** – que realça os dados relativos aos itens do Peso e Comprimento. Consideramos 4 categorias, as quais subdividem-se em outras 3 categorias: a *categoria C1* – *muito pequenas* –, refere-se às peças com um peso que varia entre 1 a 100 gramas; a *categoria C2* – *pequenas* –, as peças entre 101 a 250 gramas; a *categoria C3* – *médias* –, as peças entre 251 a 500 gramas, e *categoria C4* – *grandes* –, peças com 501 ou mais gramas de peso (>501 gramas). Adentro destas temos peças com um comprimento até 7 centímetros, que correspondem à categoria – **C1.1, C2.1, C3.1 e C4.1** –; peças com um comprimento entre 7,1 cm e 9,5 cm, que corresponde à categoria – **C1.2, C2.2, C3.2 e C4.2** –; por último, as peças com um comprimento igual ou superior aos 9,6 cm, que correspondem à categoria – **C1.3, C2.3, C3.3 e C4.3**.

Na *morfologia* (além da silhueta frontal, longitudinal e transversal) do suporte, acrescentámos a forma relativa ao gume. Na *silhueta do gume* – **Shg** –, registamos se era *rectilínea* – **r** –, *convexa* – **c** –, ou *plano-convexa* – **pc** –; na *secção do gume* (ou perfil) – **Sçg** –, apuramos se surgia em *cunha* – **c** –, *duplo-convexo* (quando as duas faces do gume apresentam um perfil convexo) – **dx** –, ou *duplo-plano* (quando as duas faces do gume se apresentam planas) – **dp** –; adentro destes 2 últimos descritores acrescentamos, separado por uma vírgula, se o gume aparecia *simétrico* – **s** –, ou *assimétrico* – **a** –, em relação ao eixo da peça. A presença da sigla – **?** – refere a impossibilidade de caracterizarmos o gume ao nível morfológico.

No âmbito técnico, o primeiro descritor que importa salientar dará conta do “desenho” do fio do gume, ou seja, do *plano do gume* – **Pg**. Pode aparecer *rectilíneo* – **r** –, em curva semelhante ao U, como se vê em determinadas *goivas* – **g** –, ou *sinuoso* – **s**. Relativamente ao *estado gume* – **Eg** –, descritor que refere as condições físicas, ou transformações ocorridas no fio do gume, pode aparecer, *lascado* (resultado do choque do fio do gume com outra superfície dura que origina o levantamento de lascas acidentais) – **l** –, *picotado* (o fio do gume pode surgir afilado ou boleado, mas com algumas marcas de percussão que relativamente ao item seguinte são pouco pronunciadas) – **p** –, *martelado* (apresenta marcas de percussão de forma expressiva e extensiva no fio do gume) – **t** –, ou *achatado* (o fio do gume foi transformado noutra função sobretudo relacionado com o polimento) – **ac** –; pelo contrário, este fio pode não apresentar efeitos secundários da sua acção, e o gume surgir simplesmente *afilado* – **a** –, ou então *boleado* – **b** –, resultado do uso. Quando surge mais do que uma evidência associada ao mesmo gume estas são registadas, separadas entre si, por um traço vertical.

Da análise morfológica do *talão* – **T** –, retemos que este podia surgir, *truncado* (ou de forma rectangular) – **t** –, *truncado* com um acabamento em *cunha* – **tc** –, *circular* (ou de aspecto convexo) – **ci** –, *pontiagudo* (as arestas convergem para um ponto central em forma de ponta) – **p** –, ou impossível de determinar – **?**.

Quanto passamos à averiguação do polimento através do descritor, *extensão do polimento* – **Ep** –, pretendemos saber a área do suporte onde este mais predomina. Pode encontrar-se preferencialmente ou unicamente *circunscrito* ao gume – **c** –; ocupar *parcialmente* o utensílio (além do gume, o polimento pode estender-se de uma forma dispersa a outras partes do suporte) – **p** –; ou então, abarcar a *totalidade* do utensílio – **t**.

Relativamente ao *tipo de estrias de uso no gume* – **Teg** –, em relação à posição do gume, podem ser, *paralelas* – **p** –, *transversais* – **t** –, *diagonais* – **d** –, ou *pluridireccionais* – **pd**. As *estrias do gume* podem aparecer numa só das duas faces – **u** –, ou em ambas – **b** –, separadas por uma virgula.

O descritor que se segue, *caracterização do levantamento das lascas* – **Lv** – vai procurar avaliar a origem das extracções existentes no suporte, sobretudo daquelas localizadas na área do gume. Para isso apurou-se se terá havido intencionalidade na obtenção das lascas – **a** –; se os levantamentos existentes são resultado de um reavivamento funcional da peça (isto é particularmente observado para o caso do gume) – **b** –; ou se a sua proveniência é puramente acidental (no decurso do uso, por exemplo) – **c**.

Os descritores seguintes que iremos referir sumariamente, dizem respeito ao carácter multifuncional verificado na utilização de determinados machados e enxós presentes em Crasto de Palheiros, e que englobamos no grupo dos *instrumentos múltiplos*. O primeiro inclui aquelas peças que possuem no seu suporte marcas de percussão resultantes do acto de martelamento (e portanto do seu uso como martelo), e que denominamos por *machado/percutor* – **M/P**. Neste sentido, registámos se aquelas surgiam no *talão* – **t** –, ou no *gume* – **g** –; quanto à sua presença registámos ainda se eram *expressivas ou abrangentes* – **a** –, ou *ténues ou reduzidas* – **r**.

A segunda bifuncionalidade refere-se ao aproveitamento destes utensílios (machado, enxó e goiva) num uso próprio do alisador/polidor, designando-os assim de *machado/alisador* – **M/A**. Para isso apuramos se aquelas marcas se localizam na zona do *gume* – **G** –, no *talão* – **T** –, ou no *bordo lateral* – **B**. Quanto às estrias de uso presentes na área activa do instrumento com a função alisador/polidor, registamos se eram *paralelas* – **p** –, *transversais* – **t** –,

diagonais – **d** –, ou *pluridireccionais* – **pd**. No caso destas disposições se encontrarem na zona do *gume* ou do *talão*, o seu registo é feito segundo um plano perpendicular ao eixo morfológico, ou eixo da largura; no caso de se situar no *bordo lateral* serão registados no sentido longitudinal ao eixo morfológico da peça. A localização será separada da disposição das estrias por uma vírgula.

Sempre que surgir o símbolo – ? –, significa que o descritor da peça em questão não foi possível de identificar por se encontrar imperceptível, ou então, inexistente.

2.1.4. Utensílios

Utensílios refere-se a um conjunto diversificado de peças talhadas, cuja elaboração obedece a procedimentos técnicos algo distintos entre si, mas onde o produto final – a peça – parece responder funcionalmente a objectivos similares. No mundo Francófono – *outil* – diz respeito a uma definição alargada de peças, isto é, retracta um impasse em definir se se trata de um instrumento, ou de uma arma, devido à falta de traços morfológicos que se possam considerar inerentes à sua utilização peculiar (TIXIER *et alli*, 1980: 93), por isso acaba por abarcar um conjunto de peças com características técnicas próprias. Neste sentido, há muito que a tipologia utiliza o termo «utensílios» como uma categoria sobretudo morfológica, em que são incluídos suportes transformados por retoque (ZILHÃO, 1997: II, 30). Perante estas indefinições, incluímos no grupo dos utensílios as peças que apresentam traços de terem sido usados como raspador, raspadeira, perfurador ou mesmo UAD. Tal agrupamento decorre não somente do facto de haver entre eles alguma proximidade funcional (e mesmo cumulativamente funcional), mas também porque se tornou operativa no entendimento da estação que é objecto deste trabalho.

A nível arqueológico, os raspadores são definidos como, “um objecto feito sobre lasca ou lâmina, levallois ou não, por retoque contínuo, plano ou abrupto, escamoso ou não, num ou mais bordos, de maneira a gerar um gume semi-cortante, rectilíneo, convexo ou côncavo, sem encoche nem denticulados voluntários” (BORDES, 1988: 41). As raspadeiras são igualmente utensílios de pedra talhada onde a parte activa é constituída por uma frente (situada na extremidade do eixo maior) mais ou menos arredondada, obtida através de retoques oblíquos, surgindo então um bordo cortante. A variedade existente resulta do tipo de suporte (como são, as lâminas inteiras ou partidas, e as lascas finas ou espessas), mas também da morfologia da extremidade funcional. Esta apresenta igualmente uma variedade quanto ao contorno do gume e a forma da curvatura (LEROI-GOURHAN, 1988). Quanto aos perfuradores são denominados por, “instrumentos de pedra talhados, feitos sobre lasca ou lâmina, evidenciando uma ou mais pontas finas e aguçadas, elaboradas através do retoque” (PIEL-DESRUISSEAU, 1984: 82). Os utensílios de aresta diédrica – UAD –, referem-se a pequenos hexágonos prismáticos de quartzo cristalino ou, embora em menor número, de pequenos seixos, que apresentem uma aresta cortante em uma das extremidades, permanecendo o resto da peça em estado natural, isto é, sem transformação (FABIÁN, 1984-85: 116).

Comparativamente com as restantes peças já estudadas até ao momento, o pluralismo de funcionalidades é o elemento mais evidente entre estes utensílios. São peças cuja função pode destinar-se às mais variedades finalidades, no âmbito do corte, mas não se pode dizer que tiveram uma função direccionada somente a um acto. O raspador e a raspadeira não serviram unicamente para raspar, como o perfurador para furar; esta multifuncionalidade inerente a estas peças obriga a um estudo funcional, no caso da Pré-história Recente, no âmbito do seu contexto que neste caso é a estação do Crasto de Palheiros.

Na análise deste utensílio optou-se por uma convergência de métodos, particularmente nos raspadores, raspadeiras e furadores, sendo o estudo dos UAD realizado separadamente do resto do conjunto, devido às suas particularidades técnicas. Nos UAD fundamentamo-nos na metodologia de J. F. Fabián (1984-85); nos restantes utensílios partiu-se da metodologia realizada por A. Leroi-Gourhan (1978), acrescentando elementos de outros autores, como sejam, Sonnevile-Bordes e Perrot (MERINO, 1969), J. Tixier, M. L. Inizan e H. Roche (1980), F. Bordes (1988), M. J. Sanches (1997) J. Zilhão (1997), e A. C. Valera (1997). Dos elementos aqui recolhidos, a construção da ficha descritiva partiu dos critérios comuns a todos os materiais do Crasto de Palheiros, às quais se acrescentou, no âmbito dos parâmetros já definidos, o *estado físico, o suporte, o comprimento, a largura, a espessura e o peso*. No *Suporte – Sp –*, referente ao tipo de “rocha” utilizada para a elaboração dos utensílios, definimos se era sobre *lasca – 1 –*, sobre *lâmina – 2 –*, ou sobre *crystal de rocha – 3*. Os *Valores Tipométricos* foram medidas tendo em conta o eixo maior da simetria. Quanto ao contorno morfológico – *Silhueta e Secção Transversal –*, de igual forma partimos dos parâmetros definidos nos materiais anteriormente analisados. No caso das formas da *silhueta – Silh –* acrescentámos a estas, separadas por uma vírgula, o contorno lateral do bordo. A integração deste elemento destina-se particularmente à percepção da morfologia dos raspadores. Neste sentido, analisamos se eram *convexas – cx –*, *côncavas – c –*, *paralelas – p –*, *paralelo-convexo* (quando a peça em questão apresentar um bordo paralelo e o oposto convexo) – *pcx –* e *côncavo-convexo* (quando um dos bordos apresenta-se côncavo e outro oposto convexo) – *ccx*.

No âmbito técnico propriamente dito, o primeiro elemento de análise assentou na *posição do gume funcional – Pf –* relativamente ao eixo da simetria. Estas podem localizar na *zona frontal – f –*, *lateral – l –*, no *talão – t –*, *duplo-lateral* (quando o gume funcional encontra-se nos dois bordos laterais) – *dl –*, *frontal-talão* (quando o gume funcional posiciona-se nas duas extremidades maiores da peça) – *ft –*, e *circundante – c*. De seguida importou analisar o aspecto do gume, ou seja, o *plano do gume funcional – Fp*. Este pode ser *convexo – cx –*, *rectilíneo – r –*, *côncavo – c –*, *plano-convexo – pcx –*, ou em *ogiva – og*. No caso de surgirem dois gumes cada, um será registado, separado entre si, por um traço diagonal (/).

Relativamente ao retoque, registámos primeiramente qual o grau de inclinação do gume funcional, ao qual designámos por *retoque do fio – Rf*. Este quando apresenta uma variação entre 1.º e 20.º é *rasante – 1 –*; entre 21.º e 40.º, é *semi-obliquo – 2 –*; entre 41.º e 60.º, é *obliquo – 3 –*; entre 61.º e 79.º, é *abrupto – 4 –*, e entre 80.º e 90.º, é *vertical – 5*. Acrescentou-se, separado por uma vírgula, se o retoque era feito numa *só face do gume – u –*, ou nas *duas faces do gume – b*. Nos casos de uma peça possuir mais do que um gume funcional acrescentaram-se, separados por um traço diagonal (/), as respectivas inclinações; mas se um mesmo gume possui inclinações divergentes entre si, introduzir-se-á o traço vertical (|) entre cada referência. Quando passamos à *repartição do retoque – Rr –*, anotamos se este se apresenta de uma forma contínua sobre o gume, ou *total – t –*; se, pelo contrário, a sua presença mostra uma *descontinuidade – d –*; ou se surge de uma forma *parcial* no gume – *p*. Quando é *denticulado – dt –*, nos raspadores, será registado posteriormente aos 3 itens anteriores, separado por uma vírgula.

Já no *tipo de retoque – Tr –*, relativo à abrangência deste sobre o suporte, apurámos se era *marginal* (circunscrito unicamente à zona do fio do gume) – *m –*, *invasor* (o retoque expande-se para além do gume e ocupa ligeiramente o interior da face(s) do suporte) – *i –*, e

cobridor (aqui o retoque estende-se de forma significativa sobre a face(s) do suporte) – **c**. No caso das raspadeiras, as extracções poderão ser *curtas ou tipo lasca* – **1** –, *laminares* – **2** –, ou *denticulares* – **3**.

No *tipo de estrias de uso* – **Teu** –, descritor este que procura identificar traços relativos à utilização, registámos primeiramente se estavam *ausentes* – **a** –, ou *presentes* – **p**. Adentro deste segundo elemento (presentes) procurámos identificar se as estrias surgiam relativamente ao gume, *paralelas* – **p** – *transversais* – **t** –, *diagonais* – **d** –, ou *picotadas* – **pi**.

Os dois descritores que se seguem direccionam-se para o apuramento de elementos específicos relativos aos perfuradores. O primeiro refere-se ao *estado da ponta* – **Ep** –, ou seja, identifica a sua posição relativamente ao eixo maior da peça. Neste sentido, apurámos se estavam na direcção do *eixo* – **e** –, se estavam dispostas de forma *obliqua* – **o** –, se se apresentavam colocadas de forma *angular* – **a** –, ou então, se posicionavam de forma *lateral* – **l** –, isto é, perpendicular ao eixo maior. Acrescentámos ainda a estes itens dois outros a saber, se surgiam *numa ponta* – **u** –, ou em *duas pontas*, estas opostas entre si – **b**. O segundo elemento assenta na *secção da ponta* – **Sçp** –, a qual definimos se era *triangular* – **tr** –, *quadrangular* – **qd** –, *losângica* – **lo** –, e *trapezoidal* – **tp**.

Para caracterizar a tipologia das peças introduzimos o descritor denominado, *tipologia* – **Tipl** –, que se refere ao número dos grupos usados na descrição aquando da análise morfotécnica. Para os raspadores aproveitámos elementos da metodologia de F. Bordes(1988); para as raspadeiras de Sonnevilles-Bordes e Perrot (MERINO, 1969); para as UAD de J. F. Fabián (1984-85). Sendo assim, **1** – corresponde ao *Raspador Lateral Simples* (**1a** – com gume *convexo*, **1b** – com gume *paralelo*); **2** – ao *Raspador Convergente* (**2a** – com gume *paralelo*, **2b** – com gume *convexo*); **3** – ao *Raspador Duplo-Lateral* (**3a** – com gume *paralelo*, **3b** – com gume *convexo*); **4** – ao *Raspador Transversal* (**4a** – com gume *convexo*, **4b** – com gume *paralelo*); **5** – ao *Raspador de Retoque Abrupto*; **6** – à *Raspadeira Carenada*; **7** – à *Raspadeira sobre Lasca*; **8** – à *Raspadeira Simples*; **9** – à *Raspadeira Simples Dupla*; **10** – ao *Perfurador de Ponta em relação ao Eixo*; **10a** – ao *Perfurador de Ponta em relação ao Eixo mas Dupla Ponta Oposta*; **11** – ao *Perfurador de Ponta Angular*; **12** – ao *Perfurador de Ponta Lateral*; **13** – ao *Perfurador de Ponta em Diagonal*.

Para as peças UAD além dos descritores comuns, acrescentámos o *estado físico*, os *valores tipométricos*, incluindo o *peso*, e a *morfologia* (silhueta e secção transversal). No âmbito técnico introduzimos a tipologia – **tip** – baseada nos 5 critérios definidos por J. Francisco Fabián (1984-85): **T1** – *1x0 ou 2x0 levantamentos*; **T2** – *1x1*; **T3** – *1x2 ou 3 levantamentos*; **T4** – *1x múltiplos*; **T5** – *múltiplos x múltiplos levantamentos*. Acrescentamos ainda a estes tipos o *tipo 0* – **T0** –, relativo aos UAD que foram usados mas não apresentam quaisquer indícios de levantamentos.

2.1.5. Diversos

Nesta alínea iremos abordar um conjunto de peças (tecnicamente e morfologicamente diferentes) que devido ao seu reduzido ou insuficiente número de exemplares, não permite que se faça, no mínimo, uma rigorosa análise. Neste sentido, optámos por não criar uma tabela de critérios, deixando a construção das mesmas para um período futuro quando do Crasto de Palheiros se exumar um número maior de exemplares. Assim, adentro do Crasto II, Crasto III e do Contexto das peças Indeterminadas faremos uma breve explicação técnica dos dados que a(s) mesma(s) apresentarem.

2.2. Opções na apresentação dos resultados

O ordenamento na exposição dos resultados efectuou-se tendo em conta critérios já estabelecidos a nível dos trabalhos de campo. Partiu-se primeiramente na distinção entre o material da Unidade Interna e o da Unidade Externa. Aqui teve-se em atenção o faseamento presente em cada uma destas “Unidades” no Crasto de Palheiros.

Na apresentação dos resultados conjugámos o critério cronológico/cultural com o critério espacial. Assim, os quadros expõem em primeiro lugar os materiais relativos à fase Calcólítica – Fase II – e, adentro desta, surgem em primeiro lugar os da Unidade Interna e em segundo lugar os da Unidade Externa. Na Unidade Interna ou plataforma superior, procurámos distinguir aqueles do Talude Interno – TI – dos restantes.

Na Unidade Externa, o espólio lítico da Fase II surge também discriminado por grandes contextos de utilização, a saber: materiais de utilização dita doméstica e de utilização monumental/protecção. Nestes últimos distinguimos aqueles do Talude Sul, do Talude Exterior e do Empedrado.

Na Fase III só foi possível distinguir aqueles do momento mais antigo numa área restrita – III(-1) –, dos restantes que passam a constar da Fase III (geral), apesar adentro desta por vezes referirmos a sua fase terminal – III(-2). Isto porque é prematuro actualmente proceder a outros faseamentos mais finos.

Por último, são apresentados os materiais de contexto duvidoso, ou sem contexto.

3. CARACTERIZAÇÃO DO ESPÓLIO

A caracterização que passaremos a apresentar vem no seguimento de uma primeira parte já elaborada anteriormente. Dada a extensão do trabalho, sintetizaremos aqui os aspectos mais marcantes, relegando para um trabalho futuro então a totalidade do espólio lítico do Crasto de Palheiros.

3.1. Crasto II – Fase calcólítica

A fase que passaremos a estudar inclui o espólio desta fase presente nas duas Unidades ou plataformas, isto é, são os materiais provenientes da Unidade Interna ou plataforma superior, e os materiais da Unidade Externa ou plataforma inferior. Na Unidade Interna não foi possível fazer uma distinção entre aqueles que poderiam ter estado ligado a funções tidas como “domésticas”, e/ou a outras onde se incluía a construção de estruturas pétreas; já na Unidade Externa essa separação foi mais bem conseguida devido a uma melhor conservação estratigráfica (SANCHES, 2001)⁵.

3.1.1. Dormentes

3.1.1.1. Análise Morfotécnica

O número de dormentes inseridos na Fase II é de 48 exemplares, dos quais 8 exemplares (16,7%) provêm da Unidade Interna e 40 exemplares (83,3%) da Unidade Externa, o que corresponde a 7% do total dos materiais líticos encontrados nesta Fase.

Para a caracterização morfotécnica dos dormentes exumados em Crasto de Palheiros,

⁵ Texto inserto no n.º 21-22 desta revista intitulado, *Crasto de Palheiros (Murça): Do Calcólítico à Idade do Ferro*.

optámos por proceder antes de mais a uma distinção morfológica assente em categorias de profundidade. Através destas poder-se-á compreender o patamar da acção empregue na área activa, tendo em conta o tamanho do suporte. Neste sentido decidimos, num primeiro momento, e no intuito de evitar distorções, contabilizar unicamente dormentes completos. Mas como, infelizmente, a grande parte dos dormentes em estudo são fragmentos, optámos posteriormente por criar um segundo quadro com os dormentes parcialmente fragmentados, podendo, apesar da ligeira distorção que possa criar, fornecer um outro tipo de informação.

Igualmente denotamos que dos dados bibliográficos consultados⁶ referentes a estações da Pré-história recente, sobretudo de contextos domésticos, mas também de contextos funerários (mamoas) ou outros de classificação mais difícil realizados nesta região, apresentam grande parte dos seus dormentes parcialmente destruídos. Isto pode resultar, por um lado, da existência de um aproveitamento massivo dos dormentes até à sua exaustão funcional e física, mas por outro, a característica volumétrica típica destas peças pode ter levado, no decurso da reformulação do espaço ocupacional, ao aproveitamento somente das melhores, relegando as restantes para as áreas pétreas.

No Crasto de Palheiros, dos 48 dormentes aqui em estudo, só 4 (8,3%) estão completos, sendo 1 proveniente da Unidade Interna e 3 da Unidade Externa. O da Unidade Interna insere-se na *categoria A1.1⁷ – côncavas –*, e foi recolhido na área de ocupação “doméstica”. Dos 3 da Unidade Externa, 2 provêm do nível de Ocupação Doméstico, ou fase II (-1). 1, da *categoria A2.3 – côncavas –* inserido na ocupação doméstica; o outro, da *categoria A5.3 – côncavas –* provêm do Talude Exterior 1 – TE1 – que se articula com aquela ocupação. Relativamente ao terceiro dormente da *categoria C2.3 – convexas –*, foi recolhido no nível de Monumentalização/ Protecção, ou fase II(-2), no Empedrado – E.

Relativamente aos dormentes em estado fragmentado registram-se unicamente 12 peças (25%). São 3 dormentes da Unidade Interna e 9 da Unidade Externa. Da Unidade Interna, 1 dormente é da *categoria A4.1 – côncavas –*, outro da *categoria C2.2 – convexas –*, por último, 1 da *categoria B3 – planas*. Na Unidade Externa dos 9 dormentes analisados, 6 são do nível de Ocupação Doméstica (camada 2b ou fase II(-1)) e 3 do nível de Monumentalização/ Protecção (camada 2a ou fase II(-2)). Na fase II(-1), os 2 dormentes recolhidos na área de ocupação doméstica, 1 é da *categoria A1.1 – côncavas –*, o segundo da *categoria C2.2 – convexas*. Os restantes 4 dormentes inseridos no Talude Exterior 1 – TE1 –, 3 são da *categoria A – côncavas –*, divididos cada um pela *subcategoria 1.1, 1.2 e 7.3*; o quarto é da *categoria B2 – planas*. Da fase II(-2) 2 dormentes, 1 da *categoria A1.2 – côncavas –* e 1 da *categoria B2 – planas –*, provêm do Empedrado – E. Do Talude Sul/ Empedrado – TE/S –, registámos 1 dormente da *categoria A1.2 – côncavas* (ver quadro seguinte).

Verificamos no quadro seguinte que entre as 3 categorias (côncavas, planas e convexas)

⁶ Susana O. Jorge (1986) sublinha que dos povoados da região de Chaves estudados por si, um grande número de dormentes (a maioria) surgia em estado fragmentado, sendo este número proveniente de contextos “domésticos”. Refere ainda serem peças utilizadas como reaproveitamento. Victor Gonçalves (1988) exprime que no geral os dormentes por si estudados apresentavam-se num estado de conservação lamentável, ou seja, fragmentos. Além disso este estado não parece estar relacionado com revolvimentos posteriores efectuados pelo arado, mas resultado de um uso intensivo por parte destas peças. Outro aspecto é que a maior parte dos dormentes surgiam integrados em muros, tanto Calcolíticos como Modernos. Raquel Vilaça (1995) sublinha também tratar-se de peças onde o uso funcional deverá ter-se prolongado até à exaustão do dormente. Neste sentido refere igualmente que este uso pode ter levado muitos dos dormentes à sua fragmentação, não descartando a possibilidade dos revolvimentos ocorridos posteriormente serem também responsáveis por este estado. A sua presença em estruturas é igualmente evidente nos povoados aqui estudados. Maria de Jesus Sanches (1997) salienta que um número considerável de moinhos exumados durante os trabalhos inseriam-se em plenos contextos domésticos, estando a larga maioria num estado lamentável. Igualmente os dados recolhidos por António Carlos Valera (1997) encaixam-se na mesma linha dos anteriores; dormentes em estado muito fragmentado na maioria dos casos, resultante do uso exercido; de igual forma o seu aparecimento surge entre as estruturas de fortificação pré-histórica.

⁷ Este descritor refere-se, evidentemente, ao declive da zona activa.

Quadro I – Distribuição das Categorias de Profundidade dos Dormentes Completos e Fragmentados da Fase II na Unidade Interna e Unidade Externa

FASE II																				
Categorias - CgPf			Unidade Interna					Unidade Externa											Total	
								Fase II (-1)			Fase II (-1)									Total
Mf	Pf	Cm	OD	TI	E	A	Total	OD	TE1	Total	TE1	TS	TS/E	E	IF	Total	Total			
COMPLETOS	A	1	1		1			1											1	
		2	3						1		1							1	1	
		5	3							1		1						1	1	
	B																			
	C	2	3												1		1	1	1	
TOTAL					1			1	1	1	2					1	1	3	4	
FRAGMENTADOS	A	1	1					1	1	2								2	2	
			2							1	1			1	1	2	3	3		
	4	1	1					1									2	3	25%	
		3	33,3%					33,3%											1	8,3%
	B	2								1	1						1	2	2	
		3	1					1									33,3%	22,2%	1	8,3%
	C	2	2	1				1	1	1	16,6%							1	2	
TOTAL		3					3	2	4	6		1	2		3	9	12			

Legenda: OD – Ocupação Doméstica; TI – Talude Interno; E – Empedrado; A – Aterro; TE1 – Talude Exterior 1; TS – Talude Sul; TS/E – Talude Sul/ Empedrado; IF – Dormentes provenientes de contextos não relacionados com as Estruturas Pétreas, mas inseridos no Nível de Monumentalização/ Protecção, ou, interface do nível de Ocupação Doméstica com o nível de Monumentalização/ Protecção. Descritores relativos à Categoria de Profundidade – CgPf: Mf – Morfologia; Pf – Profundidade; Cm – Comprimento; A – Côncavas; B – Planas; C – Convexas. Para a compreensão dos restantes descritores ver a parte descritiva no ponto 2.1.1.1. relativo aos dormentes.

o predomínio é claro relativamente aos dormentes da *categoria A* (10-62,5%), de morfologia *côncava*. As restantes *categorias B* e *C*, *planas* e *convexas*, respectivamente, surgem em igual número (3-18,7%), estando ausente a *categoria B – planas* (entre as peças completas).

Adentro da *categoria A – côncavas* – os índices de profundidade (Sa-Pf) indicam medidas que não ultrapassam os 10,2 cm (*categoria A7*), mas no geral os valores fixam-se em torno dos 0,1 a 0,5 cm, isto é, na *categoria A1* (6-37,5%). Outros dormentes da *categoria A* surgem com índices de profundidade maiores, como é o caso de um dormente da *categoria A4* (entre 2,1 e 3,5 cm de profundidade), com 2,6 cm; e um outro da *categoria A7* (de 8,1 cm ou mais profundidade) com 10,2 cm de comprimento (1-6,2%). Na *categoria C – convexas* –, verificamos que são dormentes que se situam na casa da *categoria C2* (entre 0,9 e 2 cm).

Quando relacionamos os dormentes incluídos na mesma classe de profundidades com a classe de tamanhos conseguimos uma imagem mais clara. Na *categoria A1*, com um número maior de peças o comprimento não ultrapassa os 20 cm – *categorias A1.1* e *A1.2*. Encontramos unicamente 2 dormentes, 1 na *categoria A2.3* e o outro na *categoria A5.3* entre os dormentes com dimensões superiores a 20 cm de comprimento máximo. No geral de todas as *categorias (A, B e C)* os dormentes registados situam-se metricamente abaixo dos 28 cm, havendo somente 2 peças que a ultrapassam: 1 da *categoria B* e 1 da *categoria C*.

Se compararmos estes valores tipométricos com os dormentes recolhidos no “Buraco da Pala” e também atribuídos ao III milénio (SANCHES, 1997), verificamos que no comprimento as

medidas estão entre os 20 e os 23 cm; quanto à espessura a profundidade média da superfície activa fixa-se em torno dos 5 cm. Nas duas estações, Buraco da Pala e Crasto II, os dormentes são ligeiramente similares do ponto de vista métrico.

Na morfologia da superfície activa, as medidas tipométricas realçam profundidades diferentes de rocha para rocha, ou seja, nos granitos a espessura tende a ser maior relativamente aos quartzites. Isto, na nossa opinião, resulta da composição física de cada rocha (granito e quartzite). Por outro lado, os dormentes de pequeno tamanho em quartzite parecem propícios não ao esmagamento de produtos, mas a outras actividades que ainda não conseguimos identificar. De igual modo os dormentes de superfície activa côncava sugerem-nos actividades completamente distintas das dos restantes.

Nos dormentes com a superfície activa convexa (C) o número de peças em Crasto II é no total 5 (10,4%). 1 insere-se na área de Ocupação “Doméstica” da Unidade Interna; na Unidade Externa, 2 estavam inseridos na área de Ocupação Doméstica da fase II(-1), enquanto da fase II(-2), 1 localizava-se no Empedrado e 1 outro no interface da Fase II(-1) com a Fase II(-2). Nos valores tipométricos, das 2 peças completas ambas da Unidade Externa, a maior (n.º 956) atinge o comprimento máximo de 25,5 cm, sendo a que possui igualmente a maior profundidade da superfície activa (1,4 cm). As restantes peças fragmentadas situam-se em valores abaixo deste. Certamente, aquando da elaboração da superfície activa esta seria plana, mas o seu uso em actividades onde se recorria à periferia do dormente (e que cremos não eram moageiras), associado à própria composição física da rocha, acabou por criar esta configuração convexa. Um exemplo desta situação é a peça n.º 956 onde se verifica num dos extremos do dormente que a ligeira convexidade tende de imediato a agudizar-se em direcção à periferia. Por outro lado, a presença do polimento circunscrito a esta área parece corroborar esta nossa interpretação. Se colocássemos a hipótese de se tratar de um movente, então teria de haver um polimento igualmente distribuído por toda a sua superfície potencialmente activa, e que teria resultados dos movimentos de vai e vem sobre o dormente. Por sinal nos povoados pré-históricos da região de Chaves foram também identificados dormentes com estas características – contornos planos a plano-convexos (JORGE, 1986). Este tipo de morfologia surge no Crasto II em rochas cuja a composição física é mais fina e mais dura ao desgaste (como o quartzite), o que sugere uma orientação funcional para tarefas específicas, como poderia ser o de raspar.

Outro tipo de dormente presente em Crasto de Palheiros é o bifacial de morfologia côncava, ou bidormente, segundo a terminologia R. Vilaça (1995). No Crasto II são ao todo 4 dormentes (8,3%) distribuídos, 1 pela Unidade Interna e 3 pela Unidade Externa. Na Unidade Interna o único exemplar encontra-se no Talude Interno – TI. Na Unidade Externa, 2 provêm da fase II(-1), sendo 1 dormente da área doméstica, e 1 outro da área do Talude Exterior 1 – TE1. Da fase II(-2) o único exemplar recolhido proveio do Empedrado – E. A nível tipométrico o único dormente completo (n.º 688 da Unidade Interna) possui o comprimento máximo de 12 cm e a profundidade máxima da superfície activa de 0,2 cm. Já nos fragmentados, o maior (n.º 1014) possui um comprimento máximo de 21 cm e é proveniente do Talude Exterior 1 – TE1 – da fase II(-1). Na profundidade da área activa a medida máxima atingida é de 0,3 cm num dormente fragmentado (n.º 201) do Empedrado – E – da Fase II(-2). Apesar do estado lamentável em que se encontram, os valores parecem indicar peças de dimensão mediana.

No contorno morfológico geral (ou forma) dominam os dormentes que apresentam uma tendência alongada. Nas silhuetas, a forma rectangular surge em 27 dormentes (56,2%), seguida da triangular, em 14 dormentes (29,1%). As restantes formas, de tendência circular,

surtem em baixo número. Temos assim as silhuetas ovalares em 3 dormentes (6,2%), as semicirculares e as elípticas em 2 peças cada (4,1%).

No *estado do bordo* – Eb – das 47 peças onde é ainda possível identificar pelo menos parte daquele, verificamos que 18 mostram uma morfologia angulosa ou natural – a – sem vestígios de qualquer afeição; outras 15 apresentam um boleamento – b – resultante da erosão que acabou por apagar as marcas de afeição; em 10 é possível identificar sobre o bordo as marcas de preparação – f –; por último, em 4 dormentes verifica-se ainda a existência de marcas de preparação no bordo, mas estas são ténues devido à erosão posterior – b,f. Relativamente à *característica da Base* – Cb – a morfologia dominante não foge das formas convencionizadas. Em 12 dormentes a base é aplanada – a –, em 9 dormentes é convexa – cx –, 4 são bidormentes, ou seja, a base é sempre aquela que não está em utilização – e –; e num dormente a base surge em cone – co. Nas restantes 22 peças as bases encontram-se fragmentadas ou ausentes – ? –, impossibilitando a sua caracterização.

A grande maioria destes dormentes provém das ocupações domésticas, embora tenham sido recolhidas na estrutura pétreia que as sustêm – por ex., o Talude Exterior 1. Isto sugere que estas peças já sem utilidade para que foram criadas eram utilizadas como bom material de construção.

Quadro II – Distribuição do Estado da Superfície Activa dos Dormentes da Fase II na Unidade Interna e na Unidade Externa

Estado da Superfície Activa – Esa		FASE II																
		Unidade Interna					Unidade Externa										Total	Total
		OD	TI	E	A	Total	Fase II (-1)			Fase II (1-2) e II (-2)						Total		
OD	TE1						Total	TE1	TS	TS/E	E	IF	Total					
Polido	p	3 50%	1			4 57,1%	7 77,7%	15 75%	22 75,8%		1	1 33,3%	1 25%	1 33,3%	4 36,3%	26 65%	30 63,8%	
	pr	2 33,3%				2 28,5%		2 10%	2 6,8%			2 66,6%	2 50%	2 66,6%	6 54,5%	8 20%	10 21,2%	
Rugoso	rp	1 16,6%				1 14,2%	2 22,2%	2 10%	4 13,7%				1 25%		1 9%	5 12,5%	6 12,7%	
	r							1 50%	1 3,4%							1 2,5%	1 2,1%	
TOTAL		6	1			7	8	20	29		1	3	4	3	11	40	47	

Legenda: OD – Ocupação Doméstica; TI – Talude Interno; E – Empedrado; A – Aterro; TE1 – Talude Exterior 1; TS – Talude Sul; TS/E – Talude Sul/ Empedrado; IF – Dormentes provenientes de contextos não relacionados com as Estruturas Pétreas, mas inseridos no Nível de Monumentalização/ Protecção, ou, interface do nível de Ocupação Doméstica com o nível de Monumentalização/ Protecção; p – superfície activa polida; pr – superfície activa polida mas já se denota uma certa rugosidade; r – superfície activa encontra-se maioritariamente rugosa; rp – a rugosidade da superfície activa evidencia um certo polimento.

No quadro anterior, relativo ao descritor *estado da superfície activa* – Esa –, reparamos que as peças com polimento cuidado da superfície activa se estendem por todas as áreas e fases arqueológicas, particularmente com os níveis relacionados com a ocupação doméstica (em ambas as Unidades). Já nos dormentes provenientes das estruturas pétreas o polimento denota uma certa rugosidade. Percentualmente 63,8% (30) dos dormentes possuem uma área activa ainda polida; já 21,2% (10) evidenciam transformações em que esse polimento apresenta uma certa rugosidade. Nos restantes 14,8% (7) a rugosidade é mais evidente que o polimento. O facto de as superfícies activas nitidamente polidas ser extensível à maioria dos dormentes em estudo, mostra que as actividades exercidas resultaram de um sucessivo contacto abrasivo. Relativamente às superfícies rugosas cremos que estas resultam de 2 factores. Em primeiro lugar das sucessivas regularizações feitas por meio da picotagem sobre a face activa com o intuito de a tornar funcionalmente ágil. Em segundo, da acção dos agentes

erosivos sobre superfícies geológicas não homogéneas onde os veios, ou partes mais duras, resistem mais à erosão.

As *estrias de uso* – Teu –, resultantes da área activa só se verificaram em dois casos. Na peça n.º 506, inserida no Talude Exterior 1 da Fase II(-1) existem vestígios de riscos transversais em relação ao seu eixo morfológico. A peça n.º 201, proveniente do Empedrado da Fase II(-2), possui vestígios em ambas as faces estrias dispostas em múltiplas direcções. Dois únicos casos não nos permitem tirar conclusões de momento.

No que respeita aos indicadores de multifuncionalidades verificamos que só num dormente, n.º 949, do Talude Exterior 1 da Fase II(-2), apresenta vestígios ténues do uso como bigorna. Estes indícios poderão resultar de um acidente de uso pontual, não devendo ser entendidos como uma característica inerente a peças criadas para serem multifuncionais desde da sua origem.

Em síntese, a morfologia dos dormentes de Crasto II evidencia na sua maioria peças de dimensões médias e grandes, associadas a superfícies activas côncavas. Em menor número surgem alguns dormentes de dimensão pequena que parece relacionar-se predominantemente com actividades específicas e rotineiras, e menos com as actividades comuns moageiras. Deste grupo fazem parte os dormentes com morfologia da superfície activa plana (B) e convexa (C), sobretudo os de superfície convexa. Estas superfícies apontariam para uma grande diversidade de tarefas. A presença expressiva de dormentes nas Estruturas Pétreas resulta, ao nosso ver, do seu abandono funcional, quando este já não era operativo como peça do mecanismo. cremos também que a diversa morfologia geológica que o quartzite local apresenta como fonte de matéria-prima, terá orientado a utilização dos dormentes para determinadas actividades, dispensando aquisição do granito em áreas exteriores ao povoado. Neste caso terá prevalecido a lei do esforço mínimo.

Da analítica realizada aos dormentes de Crasto II podemos criar 3 modelos funcionais genéricos. **Dormentes agrícolas** – trata-se de todas as peças inseridas na categoria A e B mas de dimensão média e grande, ou seja, com um comprimento a partir de 15 cm e uma profundidade da superfície activa superior a 2,1 cm; **pequenos dormentes** – peças da categoria A e B em que a dimensão e profundidade da face activa é inferior ao modelo anterior. São peças tanto podem ter tido utilizadas em actividades agrícolas como noutras; **dormentes particulares** – isto é aquelas que tem menos de 15 cm de comprimento, e em que o seu uso não aponta actividades moageiras de produtos agrícolas correntes (cereais).

3.1.1.2. Distribuição Espacial

Sendo 48 exemplares o número de peças exumadas em Crasto II, 8 exemplares (16,7%) estavam inseridos na Unidade Interna e 40 exemplares (83,3%) na Unidade Externa. Adentro da Unidade Interna na área escavada, relativa à ocupação “doméstica”, recolheram-se 7 dormentes (87,5 %); já nas zonas com arquitecturas pétreas o número de dormentes reduz-se a 1 único exemplar (12,5%), recolhido no Talude Interno – TI.

Na Unidade Externa o número de dormentes é superior ao da Unidade Interna, mas também aí a área escavada é muito superior. Foram recolhidos nesta Unidade 40 exemplares, repartidos por dois grandes momentos de ocupação – a fase II(-1) e a fase II(-2). A primeira e a mais antiga – II(-1) –, abrange a camada 2b relativa a uma ocupação com características domésticas onde as Estruturas Pétreas – Talude Exterior 1 e Talude Sul –, já tinham sido erigidos aquando da ocupação “doméstica” nesta fase. A fase II(-2) ou camada 2a –, engloba

uma camada arquitectónica pétreia muito complexa onde as reformulações de espaço deveram ter ocorrido de forma sucessiva, por isso difícil de caracterizar de modo simples (SANCHES, 2001). Quantitativamente, na Fase II(-1) ou camada 2b, registaram-se 29 dormentes, o que corresponde a 72,5% dos dormentes nesta Unidade. Destes, 9 dormentes (31,1%) estavam na Ocupação Doméstica, e 20 (68,9%) inseridos no Talude Externo 1 – TE1.

Na fase II(-2) ou camada 2a, que abarca o conjunto das Estruturas Pétreas, registou-se 11 exemplares, o equivalente a 27,5% do total dos dormentes nesta Unidade. Do Talude Sul recolheu-se 1 dormente (9%), do Talude Sul/ Empedrado, 3 dormentes (27,3%), do Empedrado, 4 dormentes (36,4%), por último, do Interface da Fase II(-1) com a Fase II(-2), 3 dormentes (27,3%).

Os dados acima sugerem uma clara proveniência de dormentes em contextos Domésticos. No entanto enquanto na Unidade Interna os dormentes aparentam ter sido usados quase exclusivamente na área dita “doméstica” com pouco reaproveitamento no respectivo Talude Interno, na Unidade Externa surgem em maior número no Talude Exterior 1, que afinal sustém a camada Doméstica desta área. Qualquer que seja a conclusão posterior, quando apoiada em outras áreas da estação, aquilo que parece pertinente referir é que a moagem/trituração, ou outras actividades afins que usem dormentes, têm um peso muito grande no seio das actividades deste sítio. Parece-nos claramente que os dormentes só eram colocados nos Taludes quando já tinham perdido a sua funcionalidade.

O reduzido número de dormentes na Fase II(-2) sugere áreas domésticas muito mais reduzidas que na fase anterior, logo com menor aproveitamento deste tipo de material.

3.1.1.3. Matérias-Primas

Nas matérias-primas utilizadas para o fabrico dos dormentes é notório que o quartzite lidera no Crasto II. No entanto, este aspecto é mais marcante na Unidade Externa onde o quartzite está presente 62,5% (25 dormentes), o granito em 27,5% (11 dormentes), o gnaiss em 7,5% (3 dormentes) e o filito em 2,5% (1 dormente). Contudo, na Unidade Interna, o granito está presente em 3 dormentes (37,5%), o quartzite e o metavulcanito em 2 dormentes cada (25%), e o gnaiss num só dormente (12,5%).

Apesar disto nos contextos domésticos há preferência pelo granito, o que sugere que este era menos facilmente descartável do que o quartzite. A este facto não deve ser alheio o substracto

Quadro III – Distribuição das Matérias-Primas nos Dormentes da Fase II na Unidade Interna e na Unidade Externa

Matéria-Prima	FASE II																
	Unidade Interna					Unidade Externa											Total
	OD	TI	E	A	Total	Fase II (-1)			Fase II (1-2) e II (-2)					Total			
OD						TE1	Total	TE1	TS	TS/E	E	IF	Total				
Filito							1	1								1	1
							5%	3,4%								2,5%	2%
Gnaiss					1	2	1	3								3	4
					12,5%	22,2%	5%	10,3%								7,5%	8,3%
Granito	3				3	4	4	8				1	2	3		11	14
	42,8%				37,5%	44,4%	20%	27,5%				33,3%	66,7%	27,2%	27,5%	27,5%	29,1%
Metavulcanito	2				2												2
	28,5%				25%												4,1%
Quartzite	2				2	3	14	17		1	2	4	1	8		25	27
	28,5%				25%	33,3%	70%	58,6%			66,7%		33,3	72,7%	62,5%	62,5%	56,2%
TOTAL	6	1			7	8	20	29		1	3	4	3	11		40	47

Legenda: OD – Ocupação Doméstica; TI – Talude Interno; E – Empedrado; A – Aterro; TE1 – Talude Exterior 1; TS – Talude Sul; TS/E – Talude Sul / Empedrado; IF – Dormentes provenientes de contextos não relacionados com as Estruturas Pétreas, mas inseridos no Nível de Monumentalização / Protecção, ou, interface do nível de Ocupação Doméstica com o nível de Monumentalização / Protecção.

geológico do Crasto de Palheiros em quartzite, como fonte permanente de novas peças⁸. Desconhecemos as motivações específicas do recurso ao granito, que se situa acerca de 5 Km de distância desta estação. Por um lado, o granito apresenta uma composição granular de variadas dimensões que nos parece um elemento essencial para a sua escolha. Como apresenta uma superfície rugosa, quando entra em contacto com o “grão” através do movente, o agente abrasivo torna-se mais acentuado. Neste aspecto difere do quartzite, que apresenta uma morfologia física muito mais fina. Assim sendo, um quartzite para ser mais eficaz, exigia certamente uma maior insistência no avivamento por picotagem da área activa do que granito; neste, pelo contrário, o avivamento seria mais rápido e eficaz. Isto pode explicar que seja entre os quartzites se situam os dormentes com morfologias planas e convexas (sobretudo estas últimas). Esta qualidade favorecia o uso em outro tipo de tarefas. Esta última conclusão pode ser extensível ao uso nas restantes rochas: gnaiss, metavulcanito e filito. Por outro lado, desconhecemos as motivações de carácter não imediatamente funcional responsáveis pela presença de granitos em Crasto de Palheiros, dado que alguns povoados próximos (Estirada, Salto e Castelo dos Mouros, tudo em Murça), tem como substracto geológico o granito.

3.1.2. *Moventes*

3.1.2.1. *Análise Morfotécnica*

O número de Moventes em Crasto II corresponde a 80 exemplares, sendo 36 (45%) da Unidade Interna e 44 (55%) da Unidade Externa, o que equivale a 12% dos materiais exumados nesta Fase. Na caracterização morfotécnica dos moventes optámos por criar um quadro de categorias que assentou nos valores do peso. Para esta categorização, expressa na alínea 2.1.1.2., recorreremos preferencialmente a moventes que se apresentassem em estado completo.

Na Unidade Interna, as *categorias 3 – médios –* e a *4 – grandes –*, representam 37,5% com 3 peças cada, e a *categoria 5 – muito grandes –*, representa 25% com 2 peças. Nas restantes categorias as peças presentes não se encontravam completas. Na Unidade Externa, na Fase II(-1) ou camada 2b, a *categoria 3 – médios –*, surge em 3 peças (50%), enquanto nas *categorias 1 – muito pequenos –*, *4 – grandes –*, e *6 – enormes* surge 1 movente em cada (16,7%). Já na Fase II(-2) ou camada 2a, a *categoria 3 – médios –*, conta com 2 peças (66,7%) e a *categoria 6 – enormes –*, com 1 só peça (33,3%).

Se contarmos somente os moventes em estado fragmentado e apesar desta opção criar uma certa distorção, verificamos que na Unidade Interna a *categoria 2 – pequenos –*, domina com 7 peças (50%), seguida da *categoria 3 – médios –*, com 5 peças (35,7%). Nas *categorias 4 – grandes –*, e *5 – muito grandes –*, surge 1 só peça em cada (7,1%). As restantes categorias não tem expressividade. Na Unidade Externa, na Fase II(-1) ou camada 2b, a *categoria 2 – pequenos –*, tem 7 peças (50%), a *categoria 3 – médios –*, 5 peças (35,7%) e a *categoria 4 – grandes –*, 2 peças (14,3%). Na Fase II(-2) ou camada 2a, a *categoria 3 – médios –*, tem 4 peças (44,4%), a *categoria 2 – pequenos –*, 2 peças (22,2%), a *categoria 4 – grandes –*, igualmente 2 peças (22,2%), e a *categoria 5 – muito grandes –*, 1 só peça (11%).

⁸ No Buraco da Pala em Mirandela (vizinha do Crasto de Palheiros) as rochas utilizadas como suporte para a elaboração dos dormentes é rocha local, o quartzite (SANCHES, 1997). Em povoados já do Centro de Portugal, como é o caso do Crasto de Santiago, situado em Fornos de Algodres, Distrito da Guarda, as matérias-primas utilizadas nos dormentes são igualmente rochas locais (VALERA, 1997: 124).

Quadro IV – Distribuição das Matérias-Primas nos Dormentes da Fase II na Unidade Interna e na Unidade Externa

Categoria S – Cg	FASE II															Total
	Unidade Interna					Unidade Externa										
	OD	TI	E	A	Total	Fase II (-1)			Fase II (1-2) e II (-2)							
OD						TE1	Total	TE1	TS	TS/E	E	IF	Total			
Muito pequenos – 1 (>1<100g)						1 25%		1 16,7%							1 11,1%	1 5,9%
Pequenos – 2 (>101<300g)																
Médios – 3 (>301<600g)	3 37,5%				3 37,5%	1 25%	2 50%	3 16,7%		1 33,3%		1 50%		2 66,7%	5 55,6%	8 47,1%
Grandes – 4 (>601<900g)	3 37,5%				3 37,5%	1 25%	1 16,7%								1 11,1%	4 23,5%
Muito grandes – 5 (>901<1600g)	2 25%				2 25%											2 56,2%
Enormes – 6 (>1601)						1 25%	1 16,7%					1 50%		1 33,3%	2 22,2%	3 22,2%
Total	8				8	4	2	6		1		2		3	9	17
Muito pequenos – 1 (>1<100g)																
Pequenos – 2 (>101<300g)	5 41,7%		2		7 50%	7 70%	7 50%					2 40%		2 22,2%	9 39,1%	16 43,2%
Médios – 3 (>301<600g)	5 41,7%				5 35,7%	2 20%	3 75%	5 35,7%	2 66,6%	1 33,3%	1 20%		4 44,4%	4 17,4%	5 13,6%	
Grandes – 4 (>601<900g)	1 8,3%				1 7,1%	1 10%	1 25%	2 14,3%	1 33,3%		1 20%		2 22,2%	1 4,3%	2 5,4%	
Muito grandes – 5 (>901<1600g)	1 8,3%				1 7,1%											
Enormes – 6 (>1601)																
Total	12		2		14	10	4	14		3	1	5		9	23	37

Legenda: OD – Ocupação Doméstica; TI – Talude Interno; E – Empedrado; A – Aterro; TE1 – Talude Exterior 1; TS – Talude Sul; TS/E – Talude Sul / Empedrado; IF – Dormentes provenientes de contextos não relacionados com as Estruturas Pétreas, mas inseridos no Nível de Monumentalização / Protecção, ou, interface do nível de Ocupação Doméstica com o nível de Monumentalização / Protecção.

Partindo do quadro anterior, vejamos primeiramente os moventes completos. Notamos que neste estado a *categoria 3*, relativo a moventes de tamanho médio, domina em ambas as Unidades representando 47% do total. A *categoria 4* – moventes de tamanho grande –, assume o segundo lugar com 23%. As categorias relativas a moventes de tamanho muito grande – *categorias 5* – *muito grandes* – e *6* – *enormes* –, tem expressão reduzida.

Os dados sugerem uma clara preferência por moventes de tamanho mediano, ou seja, com um peso entre 301 e 600 gramas, independentemente dos contextos de ocupação. A segunda expressão preferencial incide em moventes de dimensão grande e muito grande, pertencentes às *categorias 4, 5 e 6*, o que imprime algum valor ao carácter peso. Pelo contrário, nos moventes de dimensão pequena – *categoria 1 e 2* –, o único exemplar aqui presente denota, aparentemente, que as peças com esta volumetria não seriam de uso sistemático, mas talvez pontual. Se compararmos os anteriores com os moventes em estado fragmentado, a *categoria 2* – *pequenos* –, é bastante expressiva. Supomos se estes moventes estivessem completos a sua maioria inserir-se-ia na *categoria 3* – *médios*.

No campo tipométrico dos moventes completos, reparamos que na *categoria 1* – *muito pequenos* –, a única peça possui de comprimento 7,5 cm, de largura 4,7 cm e de espessura 1,8 cm. Na *categoria 3* – *médios* –, os moventes têm de comprimento entre 7 e 15 cm; na largura, entre 5 e 7 cm, e na espessura entre 2 e 5 cm. Na *categoria 4* – *grandes* –, notamos que o comprimento varia entre os 8 e os 14 cm; na largura, entre os 6 e os 8 cm, e na

espessura, entre os 3 e os 6 cm. Na *categoria 5 – muito grandes* –, o comprimento posiciona-se entre os 12 e os 17 cm; na largura, entre os 6 e os 8 cm, e na espessura, na casa dos 4 cm. Por fim, na *categoria 6 – enormes* –, os moventes possuem de comprimento entre os 22 e os 27 cm; na largura, entre os 12 e os 17 cm, e na espessura, entre os 6 e os 7 cm. A única categoria não analisada no âmbito deste contexto foi a *categoria 2 – pequenos* –, por falta de peças em estado completo. Quanto aos moventes fragmentados, na *categoria 2 – pequenos* –, a maioria situa-se no comprimento entre os 6 e os 9 cm; na largura, entre os 4 e os 6 cm, e na espessura, entre os 2 e os 4 cm. Na *categoria 3 – médios* –, o comprimento varia entre os 8 e os 11 cm; na largura, entre os 5 e os 8 cm, e na espessura, entre os 2 e os 4 cm. Na *categoria 4 – grandes* –, o comprimento oscila entre 9 e 15 cm; na largura, entre 7 e 9 cm, e na espessura, entre 3 e 6 cm. Por último, na *categoria 5 – muito grandes* –, o comprimento situa-se entre os 11 e os 16 cm; na largura, entre os 9 e os 13 cm, e na espessura, entre os 3 e os 5 cm.

Se compararmos com os moventes do Buraco da Pala (SANCHES, 1997), verificamos no comprimento as medidas situam-se entre 8 e 15 cm, na largura, entre 5 e 10 cm, e na espessura, entre 4 e 6 cm. Isto no cômputo geral evidencia uma similitude morfológica na conceptualização de moventes entre locais vizinhos.

Relativamente aos contornos nos moventes completos, as silhueta (ou formas) são dominadas pelas formas de morfologia alongada de tendência rectangular (dominante), elíptica e triangular. As formas de tendência circular não tem neste estado expressividade. Já nos moventes fragmentados, de igual forma verificamos um predomínio das formas de morfologia alongada, onde sobressaem as de tendência rectangular (em número superior às restantes), triangular, elíptica e quadrangular. Na tendência circular o seu número é reduzido e surge como resultado da fragmentação do suporte.

Extraímos dos aspectos morfológicos agora vistos que o recurso a moventes de tamanho médio exprime uma conceptualização que valoriza o ajuste funcional às tarefas pretendidas, pois podem-se aplicar a actividades ditas ligeiras, bem como àquelas onde o esforço é mais acentuado. Nestas últimas entram os moventes de tamanho grande e muito grande, porque certamente para determinados produtos mais resistentes seriam mais eficazes na acção transformadora (devido à sua massa) do que os de dimensão média. Os de dimensão pequena possivelmente ligavam-se a actividades leves e rotineiras. No âmbito da distribuição espacial é notória a concentração de moventes nas áreas domésticas, o que exprime a importância dada a este tipo de instrumento. Verifica-se igualmente que estas peças seriam usadas, tal como nas sua congéneres dormentes, até à sua exaustão funcional. Crê-se que em casos de moventes já abandonados havia uma nova tentativa funcional de os reabilitar. Os casos localizados nas Estruturas Pétreas evidenciam ser resultado de um abandono da peça, pois verifica-se que são estas as áreas onde estão em maior número as peças fragmentadas.

Um elemento morfológico que igualmente notamos na análise destes moventes, é a associação dos elementos do contorno com a tipometria. Daqui percebemos que a construção do movente teve que ter medidas que favorecessem a ajustabilidade (preensão) da peça à mão. Além disso, essa ajustabilidade deveria assentar (em grande parte) no apoio das duas mãos, porque caso contrário as peças não evidenciariam uma morfologia tão alongada.

No *Perfil das Superfícies Activas – Psa* – (ver descrição na alínea 2.1.1.2.) a nossa análise assentou em 6 características. Aqui já serão contabilizados todos os moventes, porque

Quadro V – Distribuição do Perfil da Superfície Activa dos Moventes da Fase II na Unidade Interna e Unidade Externa

Perfil das superfícies activas – Psa	FASE II															
	Unidade Interna					Unidade Externa										
	OD	TI	E	A	Total	Fase II (-1)			Fase II (1-2) e II (-2)						Total	Total
OD						TE1	Total	TE1	TS	TS/E	E	IF	Total			
S1	14 43,8		4		18 50%	11 61,1%	5 71,4	16 64%		5 83,3%	1 50%	6 60%		12 63,2%	28 63,6%	46 57,5%
S2						2 11,1%		2 8%							2 4,5%	2 2,5%
S3	3 9,4%				3 8,3%	1 5,6%	1 14,3%	2 8%		1 16,7	1 50%	1 10%		3 15,8%	5 11,4%	8 10%
S4	11 34,4%				11 30,6%	3 16,7%		3 12%	1			3 30%		4 21,1%	7 15,9%	18 10%
S5																
S6	1 3,1%				1 2,8%	1 5,6%		1 4%							1 2,3%	2 2,5%
S7	3 9,4				3 8,3		1 14,3	1 4%							1 2,3%	4 5%
Total	32		4		36	18	7	25	1	6	2	10		19	44	80

Legenda: OD – Ocupação Doméstica; TI – Talude Interno; E – Empedrado; A – Aterro; TE1 – Talude Exterior 1; TS – Talude Sul; TS/E – Talude Sul / Empedrado; IF – Dormentes provenientes de contextos não relacionados com as Estruturas Pétreas, mas inseridos no Nível de Monumentalização / Protecção, ou, interface do nível de Ocupação Doméstica com o nível de Monumentalização / Protecção.

cremos que a distorção, se a houver, é mínima. Dos 80 moventes aqui exumados, 46 possuem um perfil S1 (18 na Unidade Interna e 28 na Unidade Externa); 18 outros apresentam um perfil S4 (11 na Unidade Interna e 7 na Unidade Externa); 8 moventes notamos um perfil S3 (3 na Unidade Interna e 5 na Unidade Externa); 4 moventes evidenciam um perfil S7 (3 na Unidade Interna e 1 na Unidade Externa); em 2 moventes possuem um perfil S2 (na Unidade Externa), em outros 2 moventes apresentam um perfil S6 (uma por cada Unidade). O perfil S5 não foi registado no Crasto II.

É notório nos dados expressos o recurso à utilização de moventes unifaciais de face plana (S1-57,5%), e de moventes bifaciais (S4-22,5%). Para os primeiros (S1), a utilização de uma face está assente, aparentemente, numa característica morfológica. Trata-se da face oposta à face activa em que esta apresenta um contorno (transversal) convexo ou abaulado, que favorece o ajustamento da palma da mão ao movente. Por outro lado, esta morfologia sugere que esta peça no seu contorno convexo também poderia ter tido uma acção semelhante à do rebolo, transformando-a pontualmente numa peça bifacial. Os segundos, moventes bifaciais (S4) aparentemente exprimem uma acção exploratória do movente de modo mais intenso. Isto resulta do modo como exploram ambas as 2 faces, porque ambas evidenciam um uso acentuado. Crê-se que seriam peças usadas em movimentos paralelos ao eixo maior, ao contrário das anteriores, que seriam movimentadas transversalmente. Os restantes perfis (S2, S3, S6 e S7) sugerem um uso das superfícies activas o mais diversificado possível, sendo utilizadas em actividades e posições que mais favorecessem o utilizador ou a actividade. Por exemplo, o movente n.º 695 apresenta 4 faces funcionais, distribuídas por toda a peça, o que exprime uma importância no aproveitamento de todas as áreas possíveis no suporte. Estes tipos de usos sugerem uma acção em actividades que não só as moageiras.

No povoado pré-histórico de Castelo de Aguiar-Vª Pª de Aguiar (JORGE, 1986) e no abrigo Buraco da Pala-Mirandela (SANCHES, 1997), verifica-se igualmente a presença de moventes morfológicamente similares aos do Crasto II, sendo os de superfície activa, unifacial e bifacial, os mais comuns.

No *estado da superfície activa* – Esa – reparamos que independentemente das zonas da estação, 90% das superfícies activas presentes no Crasto II evidenciam um polimento acentuado, porquanto em 10% destes moventes a superfície é rugosa. Trata-se de uma superfície polida cobridora de toda a área activa, sendo, por vezes, intensa, como acontece na peça n.º 52. Percentualmente o estado rugoso está mais presente nas peças provenientes das Estruturas Pétreas, do que naquelas inseridas nas áreas Domésticas, talvez porque nestas últimas áreas os moventes ainda se encontram em acção.

A presença de *estrias de uso* – Teu – na superfície activa é importante para perceber a direcção usual do movente, como também identificar a qualidade da superfície sobre a qual trabalhava o movente. Registámos estas marcas em 34 moventes (16 na Unidade Interna e 18 na Unidade Externa). Destes, em 29 peças (85,3%) surgem numa só face (14 na Unidade Interna e 15 na Unidade Externa) e em 5 peças (14,7%) aquelas marcas surgem em duas ou mais faces activas (2 na Unidade Interna e 3 na Unidade Externa). Quanto à disposição das marcas em relação ao eixo maior, em 24 moventes (70,6%) surgem em posição transversal (12 na Unidade Interna e 12 na Unidade Externa); em 4 moventes (11,8%) na diagonal (2 peças por cada Unidade); em outros 4 moventes (11,8%) de forma paralela ao eixo maior (2 por cada Unidade), e em 2 moventes (5,9%) dispostas “pluridireccionalmente” (estas unicamente na Unidade Externa). Muitas destas marcas, particularmente aquelas muito grossas, evidenciam terem provindo de dormentes com uma superfície muito rugosa, como são os granitos. Mas a ausência de estrias e uma superfície polida, é indício do grau acentuado de desgaste em que se encontram as superfícies activas do movente. Quanto à disposição das estrias na face activa verificamos que nas peças com perfil S1 surgem de forma transversal; nos moventes com perfil S4 são paralelas ao eixo maior. Neste sentido, temos como exemplo, a peça n.º 582, onde a disposição de forma paralela está bem patente.

Passando aos aspectos multifuncionais presentes nos moventes, nos *moventes/percutores* – M/P – identificamos ao todo 24 moventes com marcas de percussão, dos quais 12 (50%) provêm da Unidade Interna (da área dita “doméstica”) e igualmente 12 (50%) da Unidade Externa (8 (66,7%) da fase II(-1) e 4 (33,3%) da fase II(-2)). Morfologicamente distribuem-se na área periférica em torno do movente em 15 casos (62,5%) (4 na Unidade Interna e 11 na Unidade Externa); em 9 peças (37,5%) (8 na Unidade Interna e 1 na Unidade Externa) essas marcas posicionam-se na extremidade do eixo maior. Quanto à distribuição, em 14 peças (58,3%) (9 na Unidade Interna e 5 na Unidade Externa) é polar; em 7 peças (29,2%) (2 na Unidade Interna e 5 na Unidade Externa) é lateral; em 2 peças (8,3%) (uma por cada Unidade) é abrangente, e numa só peça (4,2%), inserida na Unidade Externa, as marcas surgem dispersas de modo aleatório. Nos *moventes/bigorna* – M/B – registámos ao todo 12 peças com uso de bigorna, sendo 7 (58,3%) provenientes da Unidade Interna (da área dita “doméstica”) e 5 (41,7%) da Unidade Externa (3 (60%) da fase II(-1) e 2 (40%) da fase II(-2)). A nível morfológico, em 6 peças (50%) (2 na Unidade Interna e 4 na Unidade Externa) está presente numa face activa; em 5 peças (41,7%) (4 na Unidade Interna e 1 na Unidade Externa) regista-se nas duas faces activas, e numa peça (8,3%), inserida na Unidade Interna, reparte-se mesmo pelas 3 faces activas. Quanto à dimensão da bigorna, em 7 peças (58,3%) (3 na Unidade Interna e 4 na Unidade Externa) restringe-se a uma pequena área; em 5 peças (41,7%) (4 na Unidade Interna e 1 na Unidade Externa) pelo contrário, a área activa é abrangente.

A presença de percussões e bigornas nos moventes associa-se a tarefas preconizadas por ambas, e seria o de quebrar produtos rijos para serem triturados posteriormente em movimentos

horizontais. Mas certamente acontecia que este mesmo movente podia também ser utilizado somente em tarefas com o uso de movimentos verticais, tipo pilão. Victor Gonçalves (1988) sugere a possibilidade deste tipo de movimentos nos moventes ser o do uso da percussão oblíqua apoiada. Relativamente aos moventes/bigornas a possibilidades funcionais são aparentemente mais abrangentes. O seu uso em contextos domésticos só pode relacionar-se com o quebrar de produtos mais resistentes. Em algumas estações, como no Castro de Santiago, Forno de Algodres (VALERA, 1997: 106-107), e noutras da Serra D'Aires e Candeeiros (CARVALHO, 1998: 82), o seu uso é referido também em actividades relacionadas com o talhe bipolar para extracção de lascas ou lâminas. O uso da peça como bigorna não impede a sua utilização alternada como instrumento de moagem, como acontece na peça n.º 864. É de ressaltar na peça n.º 695 o recurso a todas as faces activas (3) para uso como bigorna.

Verifica-se que esta multifuncionalidade (percussão e bigorna) é mais evidente nos moventes bifaciais que nos unifaciais, constatação esta que levanta certas questões relativas ao tipo de uso de se fazia de cada face.

Estes dados permitem dizer que esta diversidade de moventes com características e técnicas muito próprias, sugere estarmos perante moventes cuja utilização nos contextos domésticos abrangia uma multiplicidade de tarefas, para além das moageiras.

Neste sentido optámos por criar 4 modelos funcionais que sintetizam as características dos diferentes moventes desta Fase. Tal como nos dormentes este ensaio terá em conta os moventes do Crasto II e III. Tal deve-se às semelhanças das sua peças, mas as diferenças serão sempre ressaltadas sempre que o julgarmos necessário.

Assim, temos: **Moventes Enormes** – todas as peças inseridas na categoria 6, e que pela sua morfologia deveriam destinar-se a actividades transformadoras intensas. **Moventes Grandes** – todas as peças pertencentes às categorias 4 e 5, as quais se destinariam tanto a actividades que exigissem um poder de transformação brusco/intenso, como a actividades de cariz mais leve, não tão intenso, mas que exigissem um movimento intenso. **Moventes Medianos** – peças inseridas na categoria 2 e 3 e com um perfil S1, S2 e S3. Seriam certamente as mais usuais na realização das actividades exigidas. O próprio peso favoreceria sem grande esforço a trituração, assente em movimentos rápidos, de um número considerável de produtos. **Moventes Particulares** – engloba peças das categoria 1, 2 e 3 mas com perfis S5, S6 e S7. Trata-se de peças com um baixo peso o que permitiria a utilização em tarefas mais específicas que não sejam as de transformação de produtos.

3.1.2.2. Distribuição Espacial

A seguir aos percutores os moventes representam a segunda maior fatia numérica entre os materiais líticos recolhidos na ocupação Calcolítica. Dividem-se pela Unidade Interna, com 36 peças (45%) e pela Unidade Externa, com 44 peças (55%).

Na Unidade Interna, do nível de ocupação “doméstica” foram recolhidos 32 moventes (88,9%), enquanto 4 moventes (11,1%) provieram unicamente da Estrutura Pétreo do Empedrado – E.

Na Unidade Externa, adentro da Fase II(-1) ou camada 2b, de cariz doméstico, foram exumados 25 peças, representando 56,8% dos moventes nesta Unidade. Destes, 18 (72%) são da área doméstica e 7 moventes (28%) do Talude Exterior 1 – TE1. Da Fase II(-2) ou camada 2a, de cariz monumental, recolheram-se 19 moventes, o equivalente a 43,2% dos moventes nesta Unidade. Adentro desta, 1 movente (5,3%) insere-se no Talude Exterior 1; 6

moventes (31,6%) no Talude Sul; 2 moventes (10,5%) no Talude Sul/ Empedrado, e 10 moventes (52,6%) no Empedrado. Da zona do Interface da Fase II(-1) com a Fase II(-2), não foi exumado qualquer movente.

Relativamente a estes dados podemos frisar dois aspectos. Em primeiro lugar, uma presença expressiva de moventes em contexto doméstico, tanto na Unidade Interna como na Unidade Externa. Em segundo, seria de esperar uma presença mais expressiva na Unidade Externa, onde foi escavada uma maior área, mas tal não acontece. A maior quantia surge na Unidade Interna denotando que a actividade da moagem/trituração era mais insistente nesta área.

Os dados provenientes das Estruturas Pétreas são pelo contrário menores, indiciando, tal como nos dormentes, serem fruto de um abandono funcional.

3.1.2.3. Matérias-Primas

Notamos, tal como nos dormentes, que a rocha preferida para a elaboração dos moventes é o quartzite. Na Unidade Interna, o quartzite surge em 16 moventes (44,4%), o granito em 12 (33,3%), o metavulcanito em 4 (11,1%), o grauvaque em 2 (5,6%), e 1 movente em filito (2,8%) e 1 outro em quartzo (2,8%). Já na Unidade Externa, o quartzite aparece em 24 moventes (54,5%), o granito em 11 (25%), o grauvaque em 6 (13,6%), o filito em 2 (4,5%) e 1 só exemplar em anfibolite (2,3%).

Quadro VI – Distribuição das Matérias-Primas nos Moventes da Fase II na Unidade Interna e na Unidade Externa

Matéria-Prima	FASE II															Total	
	Unidade Interna					Unidade Externa											
	OD	TI	E	A	Total	Fase II (-1)			Fase II (1-2) e II (-2)								
OD						TE1	Total	TE1	TS	TS/E	E	IF	Total				
Anfibolite					1 5,6%		1 4%								1 2,3%	1 1,3%	
Filito	1 31,2%				1 2,8%							2 20%			2 10,5%	2 4,5%	3 3,8%
Granito	9 28,2%		3 75%		12 33,3%	4 16,7%	2 28,6%	5 20%		2 33,3%	2 20%				6 31,6%	11 25%	23 28,8%
Grauvaque	2 6,3%				2 5,6%	4 22,2%	1 14,3%	5 20%					1 10%		1 5,2%	6 13,6%	8 10%
Metavulcanito	4 12,5%				4 11,1%												4 5%
Quartzite	15 46,9%		1 25%		16 44,4%	10 55,6%	4 57,1%	14 56%	1 66,7%	4 66,7%		5 50%			10 52,6%	24 54,5%	40 50%
Quartzo	1 31,2%				1 2,8%												1 1,3%
TOTAL	32		4		36	18	7	25	51	6	2	10			19	44	80

Legenda: OD – Ocupação Doméstica; TI – Talude Interno; E – Empedrado; A – Aterro; TE1 – Talude Exterior 1; TS – Talude Sul; TS/E – Talude Sul/ Empedrado; IF – Dormentes provenientes de contextos não relacionados com as Estruturas Pétreas, mas inseridos no Nível de Monumentalização/ Protecção, ou, interface do nível de Ocupação Doméstica com o nível de Monumentalização/ Protecção.

Na Unidade Interna, e ao contrário do que acontecia com os dormentes que eram maioritariamente em granito, são predominantemente em quartzite. No acto da moagem/trituração um movente é uma peça que se gasta mais, a não ser que seja mais dura que o dormente. Talvez por isso a maioria dos moventes sejam em quartzite, cuja a matéria-prima, o quartzite, se obtinha na própria estação.

Porém, o granito é a segunda matéria-prima mais preferida entre os moventes. Há a ressaltar, contudo, que estes moventes tem macroscopicamente uma granulometria muito mais fina e compacta do que aquela verificada no granito dos dormentes.

Conclui-se então que os moventes procuram rochas mais duras, seja adentro dos diferentes tipos de granito, sejam nos quartzites.

3.1.3. Alisadores/Polidores

3.1.3.1. Análise Morfológica

O número de alisadores/polidores recolhidos em Crasto II é de 24 exemplares, correspondendo a 4% do total dos materiais exumados nesta Fase. Destas, 9 peças (37,5%) são provenientes da Unidade Interna e 15 peças (62,5%) da Unidade Externa.

Iniciando com os aspectos morfológicos, vejamos em primeiro lugar os valores tipométricos dos alisadores/polidores. Ao nível do comprimento, grande parte dos alisadores/polidores situam-se entre a casa dos 4 e 9 centímetros. Outras há (em reduzido número) que chegam a atingir um comprimento máximo que ronda a casa dos 13 cm. Na largura, os valores mais significativos encaixam-se entre a casa dos 2 e 6 cm, não ultrapassando, no máximo, a casa dos 8 cm. Por último, na espessura os valores indicam números que rondam a casa dos 1 e 3 centímetros, não atingindo, no máximo, mais do que 5 cm. No peso os valores são interessantes e evidenciam a particularidade na escolha destes suportes. 46% dos alisadores/polidores estão entre 1 a 100 gramas; 25% entre 101 e 200 gramas; 13% entre 201 e 250 gramas. Já as restantes peças, com um valor percentual inferior às anteriores, possuem um peso superior a 301 gramas, mas que nunca chegam a ultrapassar os 428 gramas. Se categorizássemos notávamos que a quase totalidade destas peças são de dimensão pequena, isto é, com um peso até 300 gramas. Mas o grande forte está abaixo das 100 gramas, exprimindo afinal serem sobretudo peças de dimensão muito pequena.

Quanto ao contorno, ou forma, verificamos que na silhueta 67% das peças possuem um contorno de tendência rectangular e 21% de tendência elíptica. Já os restantes 12 % distribuem-se pelos contornos triangular e elíptico. Se visualizarmos os valores da secção longitudinal, notamos que o contorno rectangular assume, como acima, 67% do total, seguido do contorno elíptico, com 29%. A restante percentagem cabe às peças de contorno triangular.

Ainda relacionado com os aspectos morfológicos, verifica-se que só 16% dos alisadores/polidores apresentam um estado de conservação fragmentado (2) ou em fragmento (1), o que é sintomático da durabilidade funcional que estas peças tinham face às acções propostas, pois estas seriam certamente ligeiras.

No campo técnico, vejamos em primeiro lugar como se processa a distribuição das áreas activas no suporte do alisador/polidor. Na Unidade Interna, em 3 peças a área funcional distribui-se de forma bifacial e polar, em 2 peças (22,2%) aparece na região periférica ou lateral (sendo uma das peças proveniente do Talude Interno), e numa peça (11,1%) a área activa está numa só face (unifacial). Na Unidade Externa, em 6 peças (40%) a área funcional distribui-se por múltiplas faces (todas provenientes da fase II(-2)); em 4 peças (26,7%) surgem de forma unifacial, e em outras 4 (26,7%) estão na zona periférica/lateral. As 4 peças com marcas periféricas/laterais e 1 peça unifacial provém da Fase II(-1). As restantes unifaciais provém da Fase II(-2). Por último, 1 peça com a área funcional bifacial, provém da Fase II(-2).

Mas para perceber esta dinâmica na distribuição das áreas activas, vejamos agora como ela se processa adentro da área funcional.

Nas peças em que área funcional se dispõe de forma *unifacial* e *bifacial*, os movimentos realizados seriam semelhantes àqueles realizados nos moventes, onde a mão se ajustaria ao

suporte no sentido de o direccionar. Mas os alisadores/polidores com esta característica não podem ser encarados como peças estáticos nas acções desencadeadas; eles teriam que se adaptar a uma multiplicidade de tarefas sobre superfícies de curvatura diversa, sendo preferidas aquelas que se apresentassem mais planas.

Para os alisadores/polidores com disposição *periférica/lateral* a zona funcional encontra-se ao longo do bordo lateral do utensílio, evidenciando movimentos mais forçosos, particularmente na forma como se procede a preensão da peça à mão. A área funcional aqui é mais restrita e mais aguçada, porque atinge o vértice entre as duas faces do suporte. Neste sentido, verificamos que os gestos exprimem um menor apuramento na realização das tarefas, mas um maior controlo da acção porque a preensão é mais eficaz.

Nos alisadores/polidores com disposição *polar*, os parâmetros funcionais assemelham-se aos da situação anterior na capacidade de preensão e ajustamento da peça à mão. A distinção está na localização da área activa, pois esta destina-se, aparentemente, a tarefas mais forçosas. Na prática, verificaríamos que com este tipo de peça a facilidade de preensão seria maior, e permitiria um maior controlo de movimentos. A utilização da função na região polar (extremidade do eixo maior) exprime a concepção de um utensílio cuja acção não se destina tanto a áreas aplanadas, mas a zonas de mais difícil acesso (mais apertadas ou côncavas). Por vezes nota-se que estas áreas activas apresentam marcas de percussão resultantes de esforços mais acentuados.

Quanto aos alisadores/polidores com a disposição da área activa em *múltiplas* faces, deparamos que as acções desenvolvidas se espalham tanto pelas faces mais planas (uni e bifacial), como pelas da periferia, como ainda aquelas situadas na extremidade do eixo maior (polar). Sendo peças dinamicamente multifuncionais quanto ao número de faces activas, cremos que facilmente se ajustariam às tarefas exigidas.

Outro dos aspectos importantes para o entendimento das peças a que atribuímos a função de alisador/polidor, é o da distinção entre a patine resultante da acção desenvolvida, daquele decorrente de processos pós-deposicionais (eolização, por ex.). Em 96% dos casos aqui presentes temos uma patine bastante polida sobre a área activa; nos restantes casos essa patine polida está presente, mas mostra um carácter ténue. A análise deste aspecto foi importante no caso dos seixos rolados, e teve que se distinguir o polimento natural, e o polimento de origem antrópica.

A existência de estrias de uso na área activa foi o elemento usado na comprovação do utensílio como alisador/polidor. Esta prova antrópica estava patente em 14 alisadores/polidores (58,3%). Destes, 4 provém na Unidade Interna e 10 da Unidade Externa (sendo 4 da fase II(-1) e 6 da fase II(-2)). Verificamos que em 11 peças (78,6%) as estrias surgem de forma ténue, porquanto nas restantes 3 peças (21,4%) são expressivas. Quanto à disposição das estrias de uso relativamente ao eixo maior da simetria, notamos que em 9 peças (64,3%) aquelas surgem de forma transversal (4 na Unidade Interna e 5 na Unidade Externa); em 3 peças (21,4%) essas estrias dispõem-se em “pluridirecções” (todas na Unidade Externa), e em 2 peças (14,3%) tem disposição longitudinal (igualmente todas na Unidade Externa). Mas quando comparamos as estrias com o número de superfícies activas em que estas aparecem, reparamos que em 9 peças (64,3%) surgem numa só superfície activa (unifacial) (3 na Unidade Interna e 6 na Unidade Externa), cabendo a 5 peças (35,7%) a distribuição por duas superfícies activas (bifacial) (1 na Unidade Interna e 4 na Unidade Externa). Verificamos pelo rol de disposições e das faces activas em que as estrias de uso surgem, que são peças direccionadas a múltiplas

superfícies com os mais diversos ângulos, o que se compreende pois é o destino para que foram criadas. Além disso, as superfícies em que estão presentes não são as mais largas, mas sim aquelas que funcionalmente permitem uma adaptação à tarefa pretendida. É, por ex., o caso da peça n.º 208, onde o bordo lateral de reduzida espessura serve como área activa a movimentos longitudinais.

O elemento que se segue – lascagens – serviu para perceber até que ponto a presença de levantamentos de lascas resultou ou não das tarefas realizadas. Quantitativamente, em 6 peças (54,5%) os levantamentos surgem como resultado de uma acção accidental (5 na Unidade Interna e 1 na Unidade Externa); já em 5 peças (45,5%) esse levantamento parece decorrer de um afeiçoamento intencional (2 na Unidade Interna e 3 na Unidade Externa). Um grande número de peças com levantamentos accidentais sugere que nos actos funcionais, se chegou, por vezes, à aplicação de uma força mais excessiva, o que acabou por se traduzir no destacamento de lascas. Isto ocorre quando se utiliza paralelamente o instrumento como percutor. A presença de levantamentos associado ao afeiçoamento morfológico da peça dá a entender que esta situação foi algo pontual. Um exemplo, é a peça n.º 786, em que o afeiçoamento realizado teve como objectivo tornar a peça mais pequena e ajustável à função de alisador/polidor. Para isso, extraiu-se-lhe um plano lateral, que originou uma melhor capacidade de apreensão à mão, bem como uma superfície activa mais pequena, a qual se tornou, deste modo, mais adaptável às tarefas exigidas.

Relativamente à presença da ambivalência funcional, ou multifuncionalismo, nas tarefas realizadas, as marcas de percussão são as mais expressivas. No descritor *alisador/percutor – A/P* – relativo às marcas de percussão presentes no suporte alisador/polidor, verificamos que aquelas surgem em 12 peças (50%). Destas, 6 são da Unidade Interna e 6 da Unidade Externa. A nível técnico, são marcas de percussão que se distribuem pela extremidade (região polar), como acontece em 8 peças (66,7%), ou pela periferia (ou bordo lateral), como ocorre em 3 peças (25%); já uma única peça (8,3%) apresenta as marcas de percussão localizadas tanto na extremidade como na periferia. Quanto à distribuição das marcas de percussão na área activa, em 8 peças (66,7%) aparece circunscrita à da zona polar, enquanto estes vestígios encontram-se dispersos nas restantes 4 peças (33,3%). Tal como verificamos nos levantamentos de lascas relativos ao afeiçoamento ou adaptação do suporte, a presença de marcas de percussão na extremidade é sinónimo que nas actividades desenvolvidas por estas peças também se exigia aquele afeiçoamento. Por vezes, essas percussões chegavam a ser forçosas nos actos aplicados, como sugerem algumas peças. É o caso, por ex., da peça n.º 857, que apresenta as marcas de percussão situadas na região polar de forma intensa, notando-se que daí resultou o ressalto de lascas accidentais.

Quanto à presença do multifuncionalismo *alisador/bigorna – A/B* – verificamos que aqui a sua presença é um elemento pontual, aparentemente não associado de modo regular a este tipo de peças. A única identificada é a peça n.º 786 onde a bigorna surge posicionada só numa face e, mesmo aí de forma ténue na sua abrangência.

Estamos perante alisadores/polidores de dimensão pequena e muito pequena, onde o elemento ajustamento/preensão à mão não parece ter sido fulcral. Importa sim que sejam peças que se adaptem ao tipo de acções pretendidas. Destinam-se a movimentos rotineiros e ligeiros, também indicados pela distribuição e posição das áreas activas no suporte, como temos vindo a referir. Esta localização sugere uma adaptação aos mais diversos tipos de ângulos, indicando que a articulação da peça com a superfície onde actua é que será o

elemento chave. A presença de estrias ajuda igualmente a entender a forma como se utilizava o alisador/polidor. Verifica-se que a posição das estrias na peça e a sua disposição na face activa, permite sublinhar que as superfícies usadas eram extremamente diversas. Igualmente importantes são as marcas de percussão, pois indicam até que ponto um alisador/polidor era multifuncional.

Propomos como modelo ensaístico 3 tipos de alisadores/polidores, pois estes aglutinam de uma forma geral todos os aspectos identificados nestas peças em Crasto II. Estes modelos serão igualmente usados na Fase III, com as devidas adaptações. Temos em primeiro lugar, os **alisadores/polidores de tipo movente**, onde são englobadas as peças em que a superfície activa se distribuí pelas faces planas do suporte. Em segundo, os **alisadores/polidores periféricos**, definidos pela disposição da área activa na periferia lateral e/ou polar da peça. Em terceiro e último, os **alisadores/polidores múltiplos**, grupo que abarca as peças que possuem mais do que uma das características já expostas.

3.1.3.2. Distribuição Espacial

A presença de alisadores/polidores na Fase II é de 24 exemplares, dos quais 9 exemplares (37,5%) provém da Unidade Interna e 15 exemplares (62,5%) da Unidade Externa.

Na Unidade Interna, 8 peças (88,9%) provêm da área dita “doméstica” e 1 peça (11,1%) provinha do Talude Interno – TI.

Na Unidade Externa registaram-se 15 peças. Destas, 5 exemplares (33,3%) foram recolhidos unicamente na área doméstica da Fase II(-1) ou camada 2b. Na Fase II(-2) ou camada 2a, exumaram-se 10 peças (66,7%), das quais 3 (30%) estavam no Talude Sul/Empedrado, 5 (50%) no Empedrado, e 2 (20%) no Interface da Fase II(-1) com a Fase II(-2).

Nota-se desde logo a baixa percentagem de alisadores/polidores nesta Fase. Mais ainda, nas áreas domésticas esta percentagem é pouco expressiva. Contrariamente, nas zonas pétreas da Fase II(-2) a sua expressão é baixa, mas no cômputo geral pode-se considerar significativa. Dada a sua presença quantitativa pouco significativa, cremos que a sua utilidade não tinha grande peso no contexto dos outros instrumentos já referidos.

A sua utilidade podia cingir-se a tarefas particulares, pouco insistentes, do que resultariam poucos exemplares. Sendo o suporte em seixo rolado, rocha que se encontra em zonas baixa de vale, que rodeiam o Crasto, não cremos que este factor tenha dificultado a sua aquisição. Cremos sim tenha havido uma permanente reutilização dos alisadores/polidores já existentes.

3.1.3.3. Matérias-Primas

De igual forma para o fabrico dos alisadores/polidores recorreu-se preferencialmente ao quartzite como rocha base. Na Unidade Interna o quartzite surge em 3 peças (33,3%), o gabro em 2 peças (22,2%), sendo 1 peça (11,1%) em filito, outra em grauvaque, outra em lidito e outra em metavulcanito. Na Unidade Externa, o quartzite surge à frente acompanhado do grauvaque com 5 peças cada (33,3%), seguido do filito, com 4 peças (26,7%), e do anfíbolite com 1 peça (6,7%) (ver quadro seguinte).

Apesar do quartzite ser a rocha dominante esta não era obtida no afloramento do Crasto. A grande maioria dos quartzites, assim como das restantes rochas, são suportes em seixo rolado, os quais estão, e se obtêm, sobretudo ao longo dos vales, mais propriamente em zonas de terraços fluviais, ou de aluviões à beira rio.

Quadro VII – Distribuição das Matérias-Primas dos Alisadores/Polidores da Fase II na Unidade Interna e Unidade Externa

Matéria-Prima	FASE II															Total							
	Unidade Interna					Unidade Externa																	
	OD	TI	E	A	Total	Fase II (-1)			Fase II (1-2) e II (-2)								Total						
OD						TE1	Total	TE1	TS	TS/E	E	IF	Total										
Anfibolite					1	20%		1							1	6,7%	1	4,2%					
Filito	1				1	12,5%	1	20%	1				2	40%	1	50%	3	30%	4	26,7%	5	20,8%	
Gabro	2				2	25%																2	8,3%
Grauvaque	1				1	12,5%	1	20%	1			2	66,7%	1	20%	1	50%	4	40%	5	33,3%	6	25%
Lidito	1				1	12,5%																1	4,2%
Metavulcanito	1				1	12,5%																	
Quartzite	1				3	25%	2	40%	2			1	33,3%	2	40%			3	30%	5	33,3%	8	33,3%
TOTAL	8	1			9		5		5			3		5		2		10		15		24	

Legenda: OD – Ocupação Doméstica; TI – Talude Interno; E – Empedrado; A – Aterro; TE1 – Talude Exterior 1; TS – Talude Sul; TS/E – Talude Sul / Empedrado; IF – Dormentes provenientes de contextos não relacionados com as Estruturas Pétreas, mas inseridos no Nível de Monumentalização / Protecção, ou, interface do nível de Ocupação Doméstica com o nível de Monumentalização / Protecção.

3.1.4. Machados, Enxós e Goivas

3.1.4.1. Análise Morfotécnica

O número destas peças presentes no Crasto II é de 20 exemplares, correspondendo no total 3% dos materiais exumados nesta Fase. Destes, 18 são machados, 1 é uma enxó e 1 é uma goiva, divididos equitativamente em 10 por cada Unidade. Para o estudo dos aspectos morfológicos dos machados, enxós e goivas, há em primeiro lugar, que compreender a estrutura física destas peças para podermos perceber os restantes aspectos morfológicos e técnicos que iremos focar. Esta primeira análise está patente no estado de conservação (EC), onde verificamos que no aproveitamento dos suportes a feitura dos machados difere do das enxós e dos das goivas. Trata-se de uma diferença que assenta na disposição da xistosidade da rocha. No machado esta xistosidade surge perpendicular ao gume; na enxó e goiva, pelo contrário, surge paralela ao gume. A nível estrutural permite, no caso dos machados, a implementação de uma força acentuada sem que o gume se deteriore (permanecendo mais tempo cortante), mas aumenta a possibilidade da peça se partir longitudinalmente, como acontece em 9 exemplares (45%) (5 na Unidade Interna e 4 na Unidade Externa). Nas enxós e goivas verifica-se que o risco de deterioração é nítido no gume pelo ressalto de esquirolas, mas a possibilidade de fragmentação é menor. Nota-se que são peças destinadas a impactos mais ligeiros do que os machados, sendo, no caso das goivas, peças usadas não para impactos mas para um uso em pressão.

Para sistematizar os dados optámos por criar um quadro de categorias que assentasse no comprimento e no peso (ver alínea 2.1.3). Para isso, contabilizamos todas as peças, excepto aquelas em que não se possa, em parte, ter a percepção de toda a secção longitudinal, separando as completas das fragmentadas. Das 20 peças existentes, 8 (40%) estão completas (4 na Unidade Interna e 4 na Unidade Externa), sendo 7 machados e uma goiva; 9 (45%) estão fragmentadas (5 na Unidade Interna e 4 na Unidade Externa), sendo 8 machados e uma enxó.

ESTUDO DO MATERIAL LÍTICO DO CRASTO DE PALHEIROS – MURÇA

Começando pelas peças em estado completo, na Unidade Interna, ambas as 4 peças se inserem na categoria C2 – *pequenas* –, das quais, 3 estão na subcategoria C2.1, e 1 na C2.2, todas provenientes da área “doméstica”. Na Unidade Externa, 4 peças provêm do nível de Ocupação Doméstica, ou Fase II(-1), das quais 3 são da área doméstica, que inclui 1 peça da categoria C2.2 – *pequenas* –, 1 da categoria C3.2 – *médios* –, e a última da categoria C4.3 – *grandes*. O quarto e último exemplar presente nesta Fase (uma goiva) é da categoria C2.3 – *pequenas* –, proveniente do Empedrado da Fase II(-2). Quanto às peças em estado fragmentado, da Unidade Interna, 3 inserem-se na categoria C2.2 – *pequenas* –, 1 (enxó) na categoria C2.3 – *pequenas* –, e 1 última peça na categoria C2.1, todas pertencentes à área “doméstica”. Na Unidade Externa, 3 exemplares provêm da Fase II(-1), dos quais 2 estavam inseridas na área doméstica e 1 no Talude Exterior 1 – TE1 –, todas pertencentes à categoria C2.2 – *pequenas*. A última peça da Fase II(-2) insere-se na categoria C3.3 – *médios* – proveniente do Interface da Fase II(-1) com a Fase II(-2).

Quadro VIII – Distribuição dos Machados, Enxós e Goiva, Completas ou Fragmentadas, da Fase II na Unidade Interna e Unidade Externa

		FASE II																
Categoria S – Cg		Unidade Interna							Unidade Externa								Total	
									Fase II (-1)			Fase II (1-2) e II (-2)						
	P	Cm	OD	TI	E	A	Total	OD	TE1	Total	TE1	TS	TS/E	E	IF	Total	Total	
																		Completas
			75%				75%											37,5%
			2	1			1	1	1								1	2
			25%				25%	33,3%	33,3%								25%	25%
			C3	2				1	1								1	1
								33,3%	33,3%								25%	12,5%
			C4	3				1	1								1	1
								33,3%	33,3%								25%	12,5%
			Goivas	C2	2									1		1	1	1
																25%	12,5%	
			Total		4			4	3	3				1		1	4	8
Fragmentadas	Machados	C2	1	1			1											1
			20%				20%											11,1
	2	3			3	2	1	3								3	6	
	60%				60%											75%	66,7%	
	C3	3												1	1	1	1	
																25%	11,1%	
	Enxó	C2	3	1			1											1
				20%			20%											11,1%
			Total															

Legenda: OD – Ocupação Doméstica; TI – Talude Interno; E – Empedrado; A – Aterro; TE1 – Talude Exterior 1; TS – Talude Sul; TS/E – Talude Sul / Empedrado; IF – Dormentes provenientes de contextos não relacionados com as Estruturas Pétreas, mas inseridos no Nível de Monumentalização/ Protecção, ou, interface do nível de Ocupação Doméstica com o nível de Monumentalização / Protecção. Categorias – Cg: P – Peso; Cm – Comprimento. Para a compreensão dos restantes descritores recomendo a leitura da parte descritiva no ponto 2.1.3. relativo aos Machados, Enxós e Goiva.

Apesar das 4 categorias propostas, só encontramos as três primeiras no Crasto. Excluem-se as categoria C1 – *muito pequenas*. Neste conjunto o predomínio claro na categoria C2 – *pequenas* – (14 (70%) – 6 (42,8%) completas e 8 (57,1%) fragmentadas), a qual lidera em ambas as Unidades. Em segundo lugar temos a categoria C3 – *médias* – (com 2 completas (10%) e 1 fragmentada (50%)). Segue-se-lhe a categoria C4 – *grandes* –, com 1 único exemplar (5%) completo inserido na Unidade Externa.

Sendo quantitativamente dominante a categoria C2 – *pequenas* –, mostra que a preferência morfológica assenta em valores que se fixam entre os 101 e os 300 gramas, sendo este o

patamar ideal para o bom desempenho destas peças. Quando avaliamos o comprimento, reparamos que adentro da mesma categoria *C2 – pequenas –*, a *C2.2*, assume a dianteira com peças que se situam entre os 7,1 cm e os 9,5 cm, cabendo às peças com um comprimento inferior a 7 cm o segundo lugar. Pelo contrário, na categoria *C3 – médios –*, os valores variam entre 7,1 e 9,5 cm; na *C4 – grandes –*, ultrapassam os 9,5 cm. Verificamos que o peso aumenta numa proporção directa, o que traduz uma regularização morfotécnica da peça à funcionalidade. Como exemplo, a peça n.º 821, possui 6,2 cm de comprimento e um peso de 118 gramas; a peça n.º 231, tem 11,3 cm de comprimento e um peso de 593 gramas.

Nos restantes valores tipométricos, na largura (contando somente as peças completas), a categoria *C2 – pequenas –*, possui valores entre 4,1 e 5,2 cm; na categoria *C3 – médios –*, o único valor é de 6,2 cm; por último, na categoria *C4 – grandes –*, a única peça existente possui 7,2 cm. Na espessura, para a categoria *C2 – pequenos –*, os dados fixam-se entre 2 e 3,7 cm; na categoria *C3 – médios –*, as medidas são entre 3,9 e 4,1 cm; por último, na categoria *C4 – grandes –*, a única peça possui 3,3 cm. Verificamos nestas medidas a mesma relação já expressa no parágrafo anterior.

Infelizmente a nossa caracterização morfológica comparativa não pode ir além dos machados, porque só existe unicamente uma enxó e uma goiva nesta Fase II.

No Buraco da Pala (SANCHES, 1997) nota-se que os valores tipométricos são similares a estes, sublinhando a existência de uma standartização morfológica regional na construção dos machados. Relativamente às enxós, a única peça existente em Crasto II é semelhante nas medidas tipométricas às do Buraco da Pala.

No contorno incidimos unicamente na análise das peças em estado completo. Na silhueta, o contorno mais usual é o trapezoidal (5-62,5%), seguido do rectangular (3 – 37,5% –, sendo que 1 é uma goiva). Na secção transversal os valores mostram formas dominantes de tendência rectangular (6 – 75% –, sendo que 1 é uma goiva), cabendo ao contorno elíptico uma presença residual no conjunto (2-25%). Esta preferência trapezoidal assenta, na nossa opinião, num factor técnico relacionado com o fortalecimento do gume, o que não quer dizer que os contornos rectangulares não sejam igualmente eficientes. No âmbito regional verifica-se que as escolhas morfológicas identificadas em Crasto II, estendem-se aos povoados da Pré-história recente da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (JORGE, 1986) – e ao Buraco da Pala – Mirandela (SANCHES, 1997). Se visualizarmos, como comparação, com os povoados algarvios, como é por ex. o da Santa Justa (GONÇALVES, 1988), deparamos igualmente com o domínio dos contornos trapezoidais e rectangulares, a par de outros, menos significativos. Isto pode indicar uma certa standartização a nível interregional na construção destas peças.

Ainda no âmbito morfológico vejamos os aspectos relativos ao gume. Na *silhueta do gume – Shg –*, registamos que em 15 machados (75%) (8 na Unidade Interna e 7 na Unidade Externa, sendo 5 na Fase II(-1) e 2 na Fase II(-2)), e 1 goiva (5%) (Unidade Externa na Fase II(-2)), possuíam contorno *convexo – c –*; 2 peças (10%) (1 machado na Unidade Externa e 1 enxó na Unidade Interna) um contorno impossível de determinar – ? –; e 2 machados (10%) (1 da Unidade Interna e 1 da Unidade Externa), sendo que um apresenta contorno *plano-convexo – pc –*, e outro *rectilíneo – r*. Verifica-se, por vezes, que partes da silhueta do gume evidenciam um desgaste funcional mais acentuado dum lado do que do outro. É o caso da peça n.º 566, em que uma metade do gume tem um declive mais acentuado do que a outra, em resultado de grande parte das acções terem sido efectuadas por essa parte. Tal enfatiza a ideia que a forma da silhueta do gume é fruto da adaptação morfológica da peça a uma função específica. Na goiva este tipo de

silhueta é sinónimo obrigatório de um bom desempenho funcional. Relativamente à *secção do gume* – Sçg –, apuramos que 16 machados (80%) (8 na Unidade Interna e 8 na Unidade Externa, sendo 7 da Fase II(-1) e 1 da Fase II(-2)), evidenciam um perfil *duplo-convexo simétrico* – dx,s –; 2 machados (10%) (1 em cada Unidade) apresentam um perfil *duplo-convexo assimétrico* – dx,a –; 1 peça (goiva: Unidade Externa na Fase II(-2)) possui um perfil em *cunha* – c –; igualmente 1 peça (5%) (enxó: da Unidade Interna) apresenta um perfil impossível de determinar – ?. É este descritor que permite em muitos casos distinguir os machados das enxós, sobretudo se estas últimas evidenciam um ligeiro arqueamento sobre a zona dorsal⁹. Quanto ao *plano do gume* – Pg – registamos que todos os machados (90%) (9 na Unidade Interna e 9 na Unidade Externa, sendo 7 na Fase II(-1) e 2 na Fase II(-2)) possuem um plano *rectilíneo* – r –; da enxó (5%) não foi possível determinar – ? –; já a goiva (5%) apresenta um plano em U – g. A manutenção de gumes rectilíneos, é na nossa opinião, indício de uma intencionalidade funcional, pois só assim se conseguiria retirar o melhor proveito da peça. Se existissem gumes sinuosos tal poderia ser uma prova de um afiamento sucessivo e circunscrito às zonas mais inutilizadas. Este indício de gumes sinuosos está presente na Vinha da Soutilha – Chaves (JORGE, 1986). Já o fio em U da goiva reflecte o tipo de actividade a que se destinaria funcionalmente esta peça.

No que respeita ao *estado do gume* – Eg –, descritor relativo ao aspecto morfológico do fio do gume, verificamos que 6 machados (4 na Unidade Interna e 2 na Unidade Externa da Fase II(-1)) e uma goiva (Unidade Externa da Fase II(-2)), apresentavam um gume em estado *lascado* – l –; 5 machados (3 na Unidade Interna e 2 na Unidade Externa, sendo 1 na Fase II(-1) e 1 na Fase II(-2)) possuíam um gume *boleado* – b –; igualmente 5 machados (2 na Unidade Interna e 3 na Unidade Externa da Fase II(-1)) mostravam um gume *martelado* – a –; 4 machados (1 na Unidade Interna e 3 na Unidade Externa, sendo 2 da Fase II(-1) e 1 da Fase II(-2)) evidenciavam um gume *picotado* – p –; outros 4 machados (3 na Unidade Interna e 1 na Unidade Externa da Fase II(-2)), mostravam um gume *avivado* – v –; em 3 machados (da Unidade Externa na Fase II(-1)), possuem um gume *achatado* – ac –; por último, da enxó existente não foi possível determinar o seu *estado* por ausência do respectivo fio – ?. É visível que 45% destas peças (9 machados) possuem duas ou mais características decorrentes do uso. Se visualizarmos como se processa essa conjugação de características de uso, registamos que na Unidade Interna em 2 machados o gume surge avivado|lascado; noutros 2 os gumes encontram-se no estado picotado|lascado e nos restantes 2 no de boleado|lascado. Já na Unidade Externa, 2 machados possuem um gume boleado/picotado, um outro tem gume martelado/lascado, e o último tem-no achatado/picotado. Os indícios de uso expressão utilizações intensas, não só devido ao desgaste boleado no gume, mas sobretudo aos vestígios dos impactos violentos, o que evidencia uma certa versatilidade de funções. Outra das características importante é do achatamento intencional do fio, tornando-o inoperacional para cortar, mas óptimo para a função de alisador.

No talão averiguámos que 8 machados (40%) (4 na Unidade Interna e 4 na Unidade Externa, sendo 3 da Fase II(-1) e 1 da Fase II(-2)) possuíam o talão *truncado* – t –; 6 peças (30%) (5 machados (2 na Unidade Interna e 3 na Unidade Externa, sendo 2 da Fase II(-1) e 1 da Fase II(-2)) e uma enxó (Unidade Interna)), não foi possível determinar a sua geometria – ? –;

⁹ Esta característica é notória em algumas enxós exumadas na região transmontana, mas no Crasto II tal não é evidente por falta de peças comparativas. Já o mesmo não acontece no Crasto III onde esta característica está presente nas enxós. Neste sentido, relativamente ao espólio a exumar em futuras campanhas será necessário que se detecte se esta característica é igualmente extensiva às peças do Crasto II.

3 machados (15%) (1 da Unidade Interna e 2 da Unidade Externa na Fase II(-1)) apresentam um gume *circular* – ci –; já a goiva (5%) (da Unidade Externa na Fase II(-2)) evidenciava um talão *truncado mas com acabamento em cunha* – tc. Merece reparo a característica do talão da goiva, pois ao acabar em cunha é sublinhada a finalidade complementar da extremidade. Crê-se igualmente que, por vezes, nos machados o talão servisse como percutor.

O aspecto que importa analisar de seguida é o de saber até que ponto havia uma necessidade de polir estas peças. No descritor *estado do polimento* – Ep –, verificamos que 13 machados (70%) (7 na Unidade Interna e 6 na Unidade Externa, sendo 5 da fase II(-1) e 1 da fase II(-2)) e 1 goiva (Unidade Externa – Fase II(-2)) possuem um polimento que reveste *parcialmente* o suporte – p –; 4 machados (20%) (2 na Unidade Interna e 2 na Unidade Externa, sendo 1 da Fase II(-1) e 1 da Fase II(-2)) apresentam o polimento *extensível a todo o* suporte – t –; por último, 2 peças (10%) (1 machado da Fase II(-1) na Unidade Externa e 1 enxó da Unidade Interna), evidenciam um polimento unicamente *circunscrito* à zona do gume – c. Esta preocupação de polir estas peças em grande parte do seu suporte, e não só unicamente na zona do gume, reflecte uma preocupação morfotécnica de excluir ou atenuar as zonas rugosas, pois estas deveriam influir negativamente no desempenho destas peças. Além disso, este tratamento pode relacionar-se com a adequação do cabo e seu ajustamento ao utensílio. Já no *estado físico* – EF – verificamos que acção presente sobre a superfície, na maioria das peças, não é natural mas antrópica. Por exemplo, S. A. Semenov (1981), refere que a área mais importante que merece polimento é a zona do gume, pois assim se diminui a resistência, por atrito, aquando da utilização. Mas a sua extensão a toda a peça sugere uma optimização maior, porque o que importaria seria incurrir as resistências. Em alguns machados este polimento é notório numa intenção de regularizar a superfície. Nos povoados pré-históricos da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar – a maioria das peças encontra-se polida na sua totalidade (JORGE, 1986); pelo contrário, no Buraco da Pala – Mirandela – os poucos exemplares presentes mostram um polimento circunscrito sobretudo ao gume (SANCHES, 1997).

Nas estrias de uso associadas ao gume registámos 6 peças. Na Unidade Interna, temos 6 exemplares (66,7%), dos quais uma é 1 enxó. Destas, em 2 existiam estrias de forma *transversal bifacial* – t,b –; noutras 2, *transversal unifacial* (1 é enxó) – t,u –; por último, 1 tem-nas de forma *paralela bifacial* – p,b –, e outra *pluridireccional unifacial* – pd,u. Na Unidade Externa, das 3 peças inseridas na Fase II(-1) (33,3%), 1 machado apresenta as estrias de forma *transversal unifacial* – t,u –, outra de forma *paralela unifacial* – p,u –, e outro de forma *pluridireccional unifacial* – pd,u. Verifica-se, em primeiro lugar, uma reduzida presença de indícios relacionados com o uso; em segundo lugar, só em 3 peças estas estrias surgem de forma bifacial, sendo nos restantes unifacial. Esta constatação pode levar a referir-se uma utilização baixa; mas cremos que este aspecto residual pode resultar dos agentes erosivos, como também estas estrias se misturarem com as linhas da xistosidade. Não rejeitamos a possibilidade da penetração do fio ser simplesmente marginal, o que inviabiliza a presença de estrias na restante parte do gume.

Relativamente aos levantamentos intencionais, patentes somente em 5 peças (25%), resultam todos de acidente de uso – c –, e concentram-se na zona do gume. No caso da enxó, apesar do primeiro levantamento resultar de um acidente (c), os posteriores manifestam uma tentativa de regularizar e avivar (b) o gume.

No carácter multifuncional vemos em primeiro lugar o descritor referente ao *machado/percutor* – M/P. Na Unidade Interna, das 3 peças (42,9%) com esta característica, numa surge no *gume* de forma *abrangente* – g,a –; noutra no *talão* de igual forma *abrangente* –

t,a –, e, na última, surge tanto no *talão* como no *gume*, igualmente de forma *abrangente* – g/t,a. Na Unidade Externa na Fase II(-1), 2 machados (28,6%) evidenciam as marcas na zona do *gume*, mas num são de forma *abrangente* – g,a –, e no outro aparece de forma *restrita* – r –; 1 machado (14,3%) apresenta tanto as suas marcas na zona do *gume*, como no *talão*, todas elas *abrangentes* – g/t,a –; por último, 1 machado (14,3%) possui as marcas no *talão* de forma *abrangente* – t,a. Estamos perante um uso cuja a função não é fruto de uma acção pontual, mas de uma utilização intensa, pelo em determinados casos. A viabilização do gume machado em percutor, como aconteceu com a peça n.º 427, em que o gume se encontra extremamente macerado em toda a sua extensão, sugere uma utilização noutras actividades específicas executadas no âmbito doméstico.

No descritor *machado/alizador* – M/A – verifica-se igualmente um outro tipo de uso direccionado para uma actividade muito específica – o de alizador/polidor. Trata-se de 4 peças (20%), das quais 1 está na Unidade Interna (trata-se de uma goiva) e 3 na Fase II(-1) da Unidade Externa. Todas elas possuem a área de alisamento colocada na zona do *gume* – G. Quanto à presença de estrias de uso, na goiva estas encontram-se *transversais* ao eixo da largura – G,t –, e num machado *paralelas* relativamente ao mesmo eixo – G,p –; nas restantes 2 peças não foram identificadas quaisquer estrias. Estamos novamente aqui perante peças com uma funcionalidade muito específica, pois o seu significativo número traduz desde de logo o primeiro indício. Mesmo adentro desta característica de alisar, havia casos em que o seu uso se dirigia a superfícies onde se exigia um acentuado esforço. É o caso da peça n.º 231 em que a área do gume foi transformada numa superfície totalmente plana com uma largura de 1,4 cm. cremos que o uso em actividades com algum esforço está na relação entre a forma de preensão da mão e a área activa da peça.

O elemento que não nos foi possível determinar com segurança é o de vestígios que se relacionem inequivocamente com o encabamento. A morfologia e a configuração técnica de determinados suportes sugerem a presença de um cabo; mas infelizmente não encontramos outros indícios.

Em síntese, estamos perante peças de tamanho pequeno, por vezes muito pequeno (isto é, entre 1 e 300 gramas), exumadas sobretudo nos contextos domésticos de ambas as Unidades. Contudo, a diversidade de vestígios referidos atrás sugere acções não só ligadas ao corte de madeira, mas também a outras como é o caso da percussão e do alisamento/polimento.

Neste sentido, optámos por criar um conjunto de modelos ensaísticos, ainda de um modo muito impressivo, que dão uma ideia aproximada do resultado da nossa análise. Tal como nos outros utensílios já nomeados serão neste modelo incluídos os materiais de Crasto III. Temos: **Machados de gume** – abarca todos aqueles que evidenciem um gume, e cumulativamente que este não manifeste *de forma excessiva* elementos morfológicos ou técnicos relacionados com outras actividades; **machados martelos** – engloba as peças que apresentem no gume, talão ou bordo, marcas evidentes de percussão; **machados polidores** – insere as peças que evidenciem de forma preferencial a presença de uma área relacionada com a actividade de polir. Para as enxós e goivas o número de peças presente nesta fase II não ainda permite criar modelos.

3.1.4.2. Distribuição Espacial

São 20 os exemplares de Machados, Enxós e Goivas presentes no Crasto II, tendo sido exumados 10 em cada uma das Unidades (Interna e Externa). Se dividirmos as peças por tipo

de utensílio, vemos que 18 peças (10 da Unidade Interna e 8 da Unidade Externa) são machados, que 1 é uma enxó (Unidade Interna) e 1 outra peça é uma goiva (Unidade Externa).

Na Unidade Interna, recolheram-se 10 machados e 1 enxó, todos inseridos na área dita “doméstica”. Da Unidade Externa, o número é igualmente de 10 exemplares. Na mais antiga, Fase II(-1) ou camada 2b, exumaram-se 7 machados (70%), sendo 6 (85,7%) provenientes da área doméstica, e 1 machado (14,3%) do Talude Exterior 1 – TE1. Na Fase II(-2) ou camada 2a, estavam 3 exemplares, dos quais 2 eram machados e 1, uma goiva. Destes, 2 vieram do Empedrado (1 machado e 1 goiva) (66,7%) e 1 machado (33,3%) do Interface da Fase II(-1) com a Fase II(-2).

Apesar do reduzido quantitativo presente em cada contexto, por ora é prematuro avaliar a importância específica destes utensílios no Crasto II. Essa avaliação é ainda dificultada pelo facto destes instrumentos exigirem matérias-primas com características próprias, o que teria levado à reciclagem de peças e ao uso até à exaustão das peças disponíveis.

A reduzida presença em contextos pétreos poderá dever-se, segundo cremos, a dois motivos: a uma deposição intencional, ou alguma acção pontual relacionada com a reformulação dos taludes. De qualquer modo, somos da opinião que estes utensílios implicavam um grande esforço na sua obtenção para serem facilmente descartáveis. Verificamos ainda que em contextos regionais próximos a Crasto Palheiros, como é o caso do abrigo do Buraco da Pala e do povoado pré-histórico de Cemitério dos Mouros, ambos em Mirandela (SANCHES, 1997 e 1998-1999), existe um número reduzido de peças devido, provavelmente, a motivos semelhantes.

3.1.4.3. Matérias-Primas

No âmbito das matérias-primas os valores sublinham que a rocha preferida como suporte é o anfíbolite. Na Unidade Interna, 9 machados (90%) foram elaborados sobre anfíbolite, e 1 enxó em filito (10%). Na Unidade Externa, de igual forma o anfíbolite está presente em 9 machados (90%) e o filito (10%) numa goiva.

Quadro IX – Distribuição das Matérias-Primas dos Machados, Enxós e Goiva da Fase II na Unidade Interna e Unidade Externa

Matéria-Prima		FASE II															Total		
		Unidade Interna					Unidade Externa												
		OD	TI	E	A	Total	Fase II (-1)			Fase II (1-2) e II (-2)								Total	
OD	TE1						Total	TE1	TS	TS/E	E	IF	Total						
Machados	Anfíbolite	9 90%				9 90%	6	1	7						1 50%	1	2 66,7%	9 90%	18 90%
Enxó	Filito	1 10%				1 10%													1 5%
Enxó	Filito														1 50%		1 33,3%	1 10%	1 5%
TOTAL		10				10	6	1	7						2	1	3	10	20

Legenda: OD – Ocupação Doméstica; TI – Talude Interno; E – Empedrado; A – Aterro; TE1 – Talude Exterior 1; TS – Talude Sul; TS/E – Talude Sul / Empedrado; IF – Dormentes provenientes de contextos não relacionados com as Estruturas Pétreas, mas inseridos no Nível de Monumentalização / Protecção, ou, interface do nível de Ocupação Doméstica com o nível de Monumentalização / Protecção.

Creemos que a aquisição das matérias-primas assentava em duas possíveis estratégias distintas. Numa primeira, o fabrico pode ter partido de uma deslocação ao local de origem, sendo o instrumento fabricado posteriormente. Numa segunda, a aquisição já não visaria a deslocação ao local, sendo os utensílios adquiridos por intercâmbio regional. Esta última hipótese tem grande cabimento porque a fonte mais próxima é o relativamente distante Maciço de Morais, ou os vales dos rios que escoam a partir dessa área, o que obrigaria a um grande esforço na obtenção directa. Por outro lado, as formas “semi-padronizadas” presentes nas diferentes estações transmontanas apelam mais a uma interpretação baseada na obtenção, por intercâmbio, do utensílio já acabado. Acresce o facto de todos os machados serem em anfíbolite, revelando uma preferência clara não só por um tipo de utensílio, mas pela matéria-prima de que é feito. A favor desta hipótese está ainda o facto tanto a goiva como a enxó serem de filito, mais fácil de obter na periferia do Crasto.

Outro aspecto que parece ter sido significativo na obtenção de machados de anfíbolite assenta na sua qualidade física. Percebemos que o anfíbolite possui uma estrutura física muito compactada que transmite uma maior resistência aos impactes do que outras rochas. Além disso, permite criar uma patine mais fina e “escorregadia” propícia ao corte. Um outro elemento está no aproveitamento da xistosidade da rocha, isto é, do elemento estrutural. Nos machados notamos que a xistosidade surge perpendicular ao gume da peça; na enxó e goiva apresenta-se paralela ao gume. Isto a nível mecânico favorece, nos machados, o evitar de lascamentos, mas com um índice acentuado de probabilidade de fragmentação. Pelo contrário, nas enxós e goivas o impacto cria um número expressivo de ressaltos de esquirolas, mas já o risco de fragmentação é muito menor. O aproveitamento da xistosidade reflecte, para os machados, um uso em impactos violentos, enquanto nas enxós e goivas, de filito, o será em actos mais ligeiros.

Esta preferência pelo anfíbolite e rochas com estrutura semelhante, é visível a nível inter-regional¹⁰.

3.1.5. Utensílios

3.1.5.1. Análise Morfotécnica

O número de utensílios exumados na Fase II é de 24 peças, sendo 5 provenientes da Unidade Interna (20,8%) (4 raspadores e 1 raspadeira) e 19 da Unidade Externa (79,2%) (9 raspadores, 3 raspadeiras, 5 perfuradores e 2 UAD), o que corresponde 4% do número de materiais exumados na Fase Calcólítica. A análise morfotécnica destes *utensílios* de Crasto II mostra peças com carácter atípico (se atendermos à metodologia convencionalizada para descrever este tipo de peças), que resulta, a nosso ver, da estrutura da matéria-prima usada. Neste sentido, toda a construção dos critérios morfotécnicos teve que sofrer ajustamentos relativamente às metodologias-tipo já existentes.

No âmbito morfológico, vejamos primeiramente as medidas tipométricas. Nos raspadores, o comprimento situa-se no geral entre a casa dos 3 e 10 cm, sendo a peça maior com 19,8 cm;

¹⁰ S. JORGE (1986), R. VILAÇA (1995), M. J. SANCHES (1997 e 1998-1999), e A. VALERA (1998), são arqueólogos que trabalham na região Centro e Norte e que referem, de uma forma mais ou menos nítida, que a matéria-prima mais usual nos machados e enxós por si recolhidos são na grande maioria anfíbolites. No caso das estações intervencionadas na região Norte, sobretudo por Susana O. Jorge e Maria de Jesus Sanches, notamos que existe um leque diversificado de matérias-primas para o uso como machado e enxó, o que mostra que havia outras alternativas como suporte.

nas raspadeiras, os valores situam-se no geral entre a casa dos 3 e 4 cm, sendo a peça maior com 9,8 cm; nos perfuradores, os dados fixam-se na casa dos 3 cm. Na largura, os dados nos raspadores situam-se entre a casa dos 2 e os 6 cm, sendo a medida maior de 9,3 cm; nas raspadeiras, os valores fixam-se entre a casa dos 2 e os 5 cm, sendo a maior com 5,4 cm; nos perfuradores, os números estão maioritariamente na casa dos 2 cm. Na espessura, os valores dos raspadores estabelecem-se entre a casa do 1 e os 2 cm; nas raspadeiras, os dados situam-se especialmente na casa dos 2 cm; nos perfuradores, os dados estão na casa de 1 cm ou inferior. Quanto aos UAD, os valores no comprimento fixam-se entre 2,8 e 3,6 cm; na largura, entre 0,7 e 1,2 cm; na espessura, entre 0,6 e 0,8 cm. Quanto ao peso, os valores no cômputo geral fixam, entre raspadores, raspadeiras e perfuradores, abaixo das 60 gramas, estando o grosso entre os 5 e os 20 gramas. Um segundo patamar de peças (no total 5) situa-se entre as 100 e as 180 gramas. Uma única peça atinge o peso de 236 gramas.

Verificamos que existe uma similitude a nível tipométrico entre estes utensílios e os do Buraco da Pala e os do Abrigo “A” no Regato das Bouças em Mirandela (SANCHES, 1997).

Quadro X – Distribuição da Lista de Classificações-Tipo dos Utensílios da Fase II na Unidade Interna e Unidade Externa

FASE II																		
Lista de Classificações tipo	Unidade Interna						Unidade Externa									Total		
	Tipol	OD	TI	E	A	Total	Fase II (-1)			Fase II (1-2) e II (-2)								
							OD	TE1	Total	TE1	TS	TS/E	E	IF	Total			
Raspadores	1a	2 40%				2 40%	2 13,3%		2 13,3%							2 10,5%	4 16,7%	
	1b	1 20%				1 20%	1 6,7%		1 6,7%							1 5,3%	2 8,3%	
	2a	1 20%				1 20%											1 4,2%	
	2b						1 6,7%		1 6,7%							1 5,3%	1 4,2%	
	3a						1 6,7%		1 6,7%							1 5,3%	1 4,2%	
	3b						1 6,7%		1 6,7%							1 5,3%	1 4,2%	
	4a						2 13,3%		2 13,3%							2 10,5%	2 8,3%	
	4b													1 33,3%	1 25%	1 5,3%	1 4,2%	
Raspadeiras	6						1 6,7%		1 6,7%							1 5,3%	1 4,2%	
	7	1 20%				1 20%											1 4,2%	
	8						1 6,7%		1 6,7%							1 5,3%	1 4,2%	
	9												1 33,3%	1 25%	1 5,3%	1 4,2%		
Perfuradores	10												1 33,3%	1 25%	1 5,3%	1 5,3%	2 8,3%	
	10a						2 13,3%		2 13,3%							2 10,5%	2 8,3%	
	11						2 13,3%		2 13,3%							2 10,5%	2 8,3%	
UAD	T1					1 6,7%		1 6,7%						1	1 25%	2 10,5%	2 8,3%	
TOTAL		5					5			5				3	1	4	19	24

Legenda: OD – Ocupação Doméstica; TI – Talude Interno; E – Empedrado; A – Aterro; TE1 – Talude Exterior 1; TS – Talude Sul; TS/E – Talude Sul/ Empedrado; IF – Dormentes provenientes de contextos não relacionados com as Estruturas Pétreas, mas inseridos no Nível de Monumentalização/ Protecção, ou, interface do nível de Ocupação Doméstica com o nível de Monumentalização/ Protecção; Tipologia – Tipol (descrição expressa na alínea 2.1.4.)

No intuito de distinguir vários processos operatórios óptimos, no campo técnico, por criar um quadro que agrupasse as diversas metodologias a que recorreremos (quadro X). Nesse sentido dividimos em 5 grupos os raspadores, em 5 grupos os perfuradores e em 4 as raspadeiras. Para o caso dos UAD usamos a metodologia proposta por J. F. Fabián (1984-85).

Os raspadores representam um total de 13 exemplares (54,2%). O primeiro grupo (1) – *raspadores laterais simples* –, refere-se a utensílios sobre lasca nos quais o bordo funcional está disposto de forma mais ou menos paralela relativamente ao eixo de lascamento; pode possuir retoques uni ou bifaciais variáveis sobre o suporte. Subdividimo-los em 2 grupos: raspadores com gumes convexos – 1a –, e raspadores com gumes paralelos – 1b. São 6 peças (25%), todas sobre lasca em quartzo, repartidas pela Unidade Interna – 3 exemplares – (2 do grupo 1a e 1 do grupo 1b), e pela Unidade Externa – 3 exemplares – (2 no grupo 1a e 1 no grupo 1b).

Na Unidade Interna são peças de tamanho pequeno, isto é, possuem um comprimento entre 3,6 e 6,1 cm, uma largura entre 1,9 e 3,3 cm, e uma espessura entre 0,4 e 2,6 cm. Adentro do âmbito técnico das 2 peças com gume convexo – 1a –, uma (n.º 840), tem o retoque invasor total ao longo do bordo, estando numa das faces esse retoque disposto de uma forma escalonada ou escalariforme. A sua inclinação dá conta de retoques planos escalonados e oblíquos na face oposta. Na segunda peça (n.º 839) o retoque é marginal mas extensível a todo o bordo, mostrando uma inclinação oblíqua em ambas as faces. A presença de vestígios de uso está patente numa só peça, a n.º 840, a qual possui, de forma descontínua, um ligeiro picotado no gume. Quanto à peça com gume paralelo – 1b –, nota-se que possui um gume retocado de forma invasora total ao longo da sua extensão, e um escalonamento nos retoques numa face. Esta face apresenta uma inclinação abrupta, enquanto a oposta é semi-oblíqua. A presença de vestígios de uso surge de forma descontínua e leve em determinados pontos do gume. O aspecto interessante nesta peça é o arqueamento evidenciado no gume funcional.

Na Unidade Externa a morfologia das peças sugere um tamanho mediano, ou seja, possuem um comprimento entre 4,5 e 10,5 cm, uma largura entre 2,2 e 6 cm, e uma espessura entre 1,2 e 3,2 cm. No campo técnico 2 utensílios apresentam o gume convexo – 1a. O primeiro (n.º 408A, B), o gume abarca de forma parcial uma parte do bordo, do qual resultou um levantamento unifacial retocado posteriormente de forma invasora na face oposta à do lascamento. A inclinação é semi-oblíqua e oblíqua na face de lascamento. A segunda peça (n.º 380), apresenta um gume retocado de forma parcial e fragmentado em determinados pontos; apresenta um retoque marginal em ambas as faces. A inclinação é semi-oblíqua em ambas as faces. O abandono do retoque nesta peça resulta das fracturas que este provocava devida à má qualidade da matéria-prima. Relativamente à peça (n.º 482) com gume paralelo – 1b –, o retoque surge de forma marginal, mas extensível a todo o gume, podendo-se ver aí, em parte, a própria sequência de construção do gume; alguns destes retoques (3) evidenciam uma aplicação alternada. A inclinação nas duas faces é semi-oblíqua. Verifica-se neste raspador uma sucessiva tentativa de criar um gume funcional. Não foram registados vestígios de uso.

O segundo grupo (2) – *raspadores convergentes* –, abarca utensílios que possuem um duplo gume funcional (paralelo ao eixo de lascamento da lasca), retocados uni ou bifacialmente, e onde os gumes convergem para um ponto situado na extremidade do utensílio. Subdividimos os raspadores convergentes em peças com gumes paralelos – 2a –, e em peças com gumes convexos – 2b. São somente 2 exemplares (8,3%), 1 da Unidade Interna (grupo 2a) e 1 da Unidade Externa (grupo 2b), ambos elaborados sobre lasca de quartzo. Na peça exumada na Unidade Interna (n.º 700) o retoque distribui-se de uma forma total e invasora ao longo do gume, estando

numa face do gume com uma inclinação oblíqua. O tipo de retoque evidencia pouca insistência, ou seja, aparentemente parece que só se realizou um primeiro levantamento; daí o arcaísmo e irregularidade evidenciada. Na zona distal existem marcas de percussão, o que pode ser indício de uma multiplicidade funcional por parte desta peça, particularmente no aproveitamento desta área mais aguçada. Na pequena peça exumada da Unidade Externa (n.º 593) o retoque é cobridor, de inclinação semi-oblíqua bifacial em ambos os gumes convexos e estende-se à quase totalidade dos bordos. Numa parte de um dos gumes verifica-se que o retoque se encontra escalonado. Apesar da má qualidade estrutural do quartzo verifica-se neste caso algum sucesso no método de debitagem. Nenhuma das peças deste grupo possuía estrias de uso.

O terceiro grupo (3) – *raspadores duplo-laterais* –, define aqueles raspadores que possuem os gumes funcionais ao longo dos dois bordos laterais, mais ou menos dispostos paralelamente ao eixo de lascamento, sendo o retoque uni ou bifacial. Entre estas peças distinguimos aquelas com gumes paralelos – 3a –, e aquelas com gumes convexos – 3b. No total foram identificados 2 exemplares (8,3%) provenientes da Unidade Externa (1 do grupo 3a e 1 do grupo 3b), ambos elaborados sobre lascas de quartzite (1 ex.) e de quartzo (1 ex.). A peça em quartzite (n.º 357) é excepcional. Trata-se de um grande raspador com retoque marginal e descontínuo ao longo dos gumes, sendo que num desses bordos o retoque se dispõe de forma unifacial e no outro de forma bifacial. No gume de retoque unifacial verifica-se que uma pequena parte evidencia um ligeiro denticulado. Quando definimos a tipologia desta peça várias interrogações se nos levantaram. Em primeiro lugar o seu grande tamanho e volumetria; em segundo lugar, a possibilidade de se poder caracterizar também como denticulado, ou então, como raspador sobre cara plana, devido à morfologia plana do suporte. Funcionalmente apresenta limitações assentes, sobretudo, no tamanho, que não permite a agilidade que é exigida a este tipo de utensílios. Já a pequena peça em quartzo (n.º 435) tem retoque descontínuo e marginal mas quase incipiente porque aproveita os levantamentos anteriores para definir o gume funcional. Neste sentido, a presença de retoques é irrisória, mas surgem, mesmo assim, alguns num dos gumes. A inclinação é oblíqua bifacial. Não identificamos a presença de vestígios de uso neste grupo.

O quarto e último grupo (4) de Crasto II – *raspadores transversais* –, refere-se a peças cujo bordo funcional se encontra no bordo oposto ao talão. Adentro deste tipo definimos aqueles com gumes convexos – 4a –, e aqueles com gumes paralelos – 4b. São ao todo 3 exemplares (12,5%) provenientes ambos da Unidade Externa (2 peças inseridas no grupo 4a e 1 no grupo 4b), sendo 1 peça em quartzite e 2 em quartzo. As 2 peças com gume convexo – 4a –, são ambas de tamanho pequeno, possuindo retoque em toda a extensão do gume. Numa (n.º 598) o retoque é invasor, enquanto a outra (n.º 610) apresenta um retoque cobridor na quase totalidade das duas faces. A inclinação do retoque é semi-oblíqua e bifacial em ambas as peças. Nota-se que, por exemplo, a peça n.º 610, apresenta um gume mais retocado (talvez resultante de um sucessivo retoque), aspecto que cremos ser resultante da proximidade entre o talão e o gume (de 1,4 cm) que é 2 vezes menor relativamente à medida perpendicular. Isto sugere, por um lado, uma exaustão funcional do raspador, ou então, um tipo de raspador específico. Relativamente à peça com gumes paralelos – 4b –, e em quartzite, podemos encaixá-la no tamanho mediano. Trata-se de uma lasca cortical onde foi aproveitado o gume resultante do lascamento para ser retocado, de forma total mas marginal, na sua face oposta. A inclinação é semi-oblíqua na face retocada. Não foram detectados quaisquer vestígios de uso evidentes, apesar de nesta última peça certas partes do gume evidenciarem um arredon-

damento, aspecto que levanta dúvidas relativamente ao facto de serem de origem antrópica ou decorrerem de processos pós-deposicionais (arrastamento, por ex.).

Foram identificadas 4 raspadeiras (16,7%), sendo 1 da Unidade Interna e 3 da Unidade Externa. O sexto grupo (6) – *raspadeiras carenadas* –, abarca aquelas peças sobre lasca espessa que formam um perfil em carena e onde a frente se compõe por levantamentos lamelares. É somente 1 peça curta em quartzo (n.º 657) proveniente da Unidade Externa; o gume da carena possui contorno plano, sendo a partir deste que se identifica uma sucessão de levantamentos curtos mas invasores, de inclinação abrupta unifacial, e decorrendo da própria qualidade da matéria-prima o escasso comprimento nos produtos aí obtidos. O sétimo grupo (7) – *raspadeiras sobre lasca* –, diz respeito a suportes em lasca em que a frente destas se estende, às vezes, a todo o perímetro, exceptuando ao talão, que aparece conservado. É somente 1 peça em quartzo (n.º 922) proveniente da Unidade Interna, mas que exhibe a zona conchoidal relativa ao positivo da debitage. Na zona distal, oposta ao talão, encontra-se então o gume funcional, de contornos convexos e retoque invasor escalonado e com uma inclinação oblíqua unifacial. Num dos bordos laterais foi construído de forma parcial um gume onde são notórios retoques à base de truncaturas. O oitavo grupo (8) – *raspadeiras simples* –, retrata peças sobre lasca, ou lâmina, que apresentam em uma das suas extremidades um retoque não abrupto (presente depois de avivado), que delimita uma frente de contornos convexos, e, raras vezes, rectilíneo ou oblíquo. Trata-se de 1 exemplar curto em quartzo (n.º 390) proveniente da Unidade Externa. O gume apresenta um contorno convexo bem definido, podendo-se identificar, a partir dessa aresta (mas de forma unifacial) uma sucessão de pequenos retoques finais de avivamento, associados a anteriores negativos de levantamentos de preparação desse mesmo gume; estes acabaram por ser invasores à face do suporte. A inclinação dos levantamentos é oblíqua. Apesar da irregularidade evidenciada pela morfologia da matéria-prima, nota-se um certo cuidado na boa preparação do gume desta raspadeira, que, afinal, acabou por não ser concluída como instrumento.

A última das raspadeiras proveniente de Crasto II e respeitante ao nono grupo (9) – *raspadeiras simples duplas* –, é similar ao grupo anterior mas possui duplo gume, um em cada lado oposto da peça. Registou-se um único exemplar (n.º 47) em filito sobre lasca cortical proveniente da Unidade Externa. Trata-se de uma raspadeira alongada, com gumes de contornos convexos sobre os quais os retoques foram realizados, de forma marginal na face de estalamento. Nos gumes verificam-se algumas tentativas de avivamento, imediatamente abandonadas, conferindo-lhe um aspecto muito irregular. Esta irregularidade está assente na clivagem da matéria-prima pois, ao retocar, as esquirolas daí resultantes ou eram paralelas ou ultrapassadas, inviabilizando assim a criação de gume optimamente funcional. Quanto à inclinação é plana num dos gumes e semi-oblíqua no outro. Não foi aí identificado qualquer vestígios de uso.

Relativamente aos *perfuradores*, identificaram-se no total 5 exemplares (20,8%) todos provenientes da Unidade Externa. O décimo grupo (10) – *perfuradores de ponta em relação ao eixo* –, abarca aqueles cuja ponta está no topo do eixo da simetria. Trata-se de um único exemplar, um pequeno perfurador em quartzo (n.º 607), cuja elaboração da ponta foi feita a partir duma sucessão de levantamentos pré-determinados, semelhantes ao método *Levallois*, o que criou uma secção em triângulo perfeito. Na extremidade oposta verifica-se a presença de retoques bifaciais marginais, cujo o objectivo seria certamente para encabar.

Ainda adentro do décimo grupo (10a) – *perfuradores de ponta dupla em relação ao eixo* –,

temos peças que evidenciam uma ponta em cada uma das 2 extremidades opostas. Foram registados 2 pequenos perfuradores em quartzo, de ponta triangular (n.º 618 e 938). A elaboração da ponta foi feita na peça n.º 938 por retoques abruptos e, na extremidade de uma das pontas, por retoques truncados. Na peça n.º 618, ambas as pontas foram elaboradas a partir de truncaturas de retoque vertical, o que permitiu a criação de uma ponta afiada. O talão desta peça encontra-se no bordo perpendicular ao eixo da simetria, evidenciando assim, a nível técnico, uma preparação exaustiva que respeitasse a concepção ideal deste perfurador. Dada a morfologia e a concepção técnica, somos tentados a interpretar funcionalmente estes perfuradores como ponta de seta ou de arremesso. Os últimos perfuradores relativos ao grupo décimo primeiro grupo (11) – *perfuradores de ponta angular* –, são peças em que a ponta, de secção triangular, foi realizada num canto, ou ângulo, relativamente ao eixo da simetria, sendo aproveitado para tal um dos gumes da lasca, enquanto no outro bordo se procedeu a um levantamento diagonal ao eixo, ou a uma truncatura. São no total 2 exemplares de tamanho pequeno, em quartzo (n.º 617 e 614). A ponta foi feita na peça n.º 617 por extracção de uma lasca; pelo contrário, na peça n.º 614 foi efectuada por truncatura. A peça n.º 617 mostra ainda na área do talão um gume rectilíneo com retoque marginal plano. De momento não identificámos vestígios de uso.

Por último, no grupo dos UAD temos somente 2 exemplares provenientes da Unidade Externa. São pequenas peças, de concepção arcaica, inseríveis tipologicamente em T1, e onde foi efectuado um só levantamento sobre aresta distal.

Podemos adiantar que ao nível técnico estes utensílios de Crasto II não apresentam grande apuramento, se comparadas com peças similares publicadas noutras estações coevas, mesmo naquelas das proximidades do Crasto. O seu uso evidencia sim uma actividade pouco intensa no tipo de actividades exercidas. Seria de uso pontual pois os gumes, quer dos raspadores, quer das raspadeiras, evidenciam uma elaboração pouco cuidada. Mesmo que se note em certas peças a tentativa de regularizar o gume através de um retoque ordenado (como é o caso das peças com retoque escalonado), ou a introdução dum retoque alternado para melhor conseguir um gume cortante e rectilíneo, ou mesmo a criação de levantamentos que conferem ao gume um aspecto denticulado, tal atitude não nos parece suficientemente rotineira em termos técnicos para considerarmos estas peças como sendo de uso sistemático. Em parte esta atitude também pode ter mais a ver com a má qualidade da matéria-prima do que com uma certa “incapacidade” técnica para criar peças funcionalmente e morfologicamente similares àquelas de estações arqueológicas similares. No fundo, não nos parece ter havido um cuidado adequado, quer na escolha da matéria-prima, quer no acabamento técnico. As peças eram usadas e rapidamente descartadas.

3.1.5.2. Distribuição Espacial

O número de utensílios presente nesta Fase é de 24 exemplares, dos quais 5 peças (20,8%) provêm da Unidade Interna e 19 peças (79,2%) da Unidade Externa. Na Unidade Interna das 5 peças exumadas, 4 são raspadores e 1 é uma raspadeira, todos exumados na área dita “doméstica”.

Na Unidade Externa dos 19 exemplares existentes, 15 foram exumados na Fase II(-1) ou camada 2b. Destes, 8 são raspadores, 2 são raspadeiras, 4 são perfuradores e 1 é UAD, todos eles provenientes da zona de Ocupação Doméstica. De igual forma, como na Plataforma Superior, não foram detectados utensílios entre as Estruturas Pétreas. Da Fase II(-2) ou camada

2a, provieram 4 exemplares (21,6%), sendo 3 peças da zona do Empedrado – E – (1 raspador, 1 raspadeira e 1 perfurador) e 1 UAD da zona do Interface da Fase II(-1) com a Fase II(-2).

Esta distribuição espacial indica que a larga maioria dos *utensílios* presentes nesta Fase se exumaram nas áreas relacionadas com os contextos domésticos. Refira-se, contudo, que o número de peças é exíguo, sobretudo se atendermos a cada tipo de peça. O mesmo já se relativamente aos *produtos de talhe* exumados no Crasto II (GOMES, 2001). Esta reduzida metodologia exploratória de *produtos de talhe*, e, conseqüentemente, de *utensílios*, evidencia uma necessidade funcional no âmbito doméstico de pouca importância, o que levanta certas interrogações relativas ao real uso deste tipo de peças na fase calcolítica do Crasto de Palheiros. Afinal, tal não se verifica nos povoados pré-históricos da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (JORGE, 1986) –, mas antes no vizinho abrigo do Buraco da Pala – Mirandela (SANCHES, 1997) –, cuja utilização muito peculiar pode talvez vir de futuro a ser equacionada aquela do Crasto II.

3.1.5.3. Matérias-Primas

As rochas utilizadas como suporte no fabrico dos utensílios é de forma esmagadora liderada pelo quartzo. Na Unidade Interna o quartzo está patente nas 5 peças existentes, sendo 4 raspadores e 1 raspadeira. Na Unidade Externa, o quartzo surge novamente em 14 peças (73,6%) (7 raspadores, 2 raspadeiras e 5 perfuradores), seguido pelo quartzite em 2 raspadores (10,5%), 2 UAD em cristal de rocha (10,5%) e 1 raspadeira em filito (5,3%).

Quadro XI – Distribuição das Matérias-Primas nos Utensílios da Fase II na Unidade Interna e Unidade Externa

Matéria-Prima		FASE II															
		Unidade Interna					Unidade Externa										Total
		OD	TI	E	A	Total	Fase II (-1)			Fase II (1-2) e II (-2)							
OD	TE1						Total	TE1	TS	TS/E	E	IF	Total				
Raspador	Quartzite					1 6,7%		1 6,7%				1 33,3%		1 25%	2 10,5%	2 8,3%	
	Quartzo	4 80%				4 80%	7 46,7%	7 46,7%							7 36,8%	11 45,8%	
Raspadeira	Filito											1 33,3%		1 25%	1 5,3%	1 4,2%	
	Quartzo	1 20%				1 20%	2 13,3%	1 13,3%							2 10,5%	3 12,5%	
Perfurador	Quartzo						4 26,7	4 26,7				1 33,3%		1 25%	5 26,3%	5 20,8%	
UAD	Cristal de Rocha						1 6,7%	1 6,7%					1	1 25%	2 10,5%	2 8,3%	
TOTAL		5				5	15	15				3	1	4	19	24	

Legenda: OD – Ocupação Doméstica; TI – Talude Interno; E – Empedrado; A – Aterro; TE1 – Talude Exterior 1; TS – Talude Sul; TS/E – Talude Sul / Empedrado; IF – Dormentes provenientes de contextos não relacionados com as Estruturas Pétreas, mas inseridos no Nível de Monumentalização / Protecção, ou, interface do nível de Ocupação Doméstica com o nível de Monumentalização / Protecção.

Verifica-se que apesar do quartzo ser a rocha dominante, a sua qualidade física mostra algumas lacunas na produção de utensílios, facto largamente evidenciado pelas descrições anteriores. Contudo, o (reduzido) recurso a outras matérias-primas não se traduz, afinal, numa verdadeira alternativa porque a qualidade física (dos quartzites e filitos), não permite, de igual modo, a produção de utensílios tecnicamente melhores. Tratar-se-á certamente um recurso de forma pontual.

3.1.6. Líticos Diversos

Incluimos aqui uma panóplia de peças que pelo seu reduzido número em cada categoria, ou simplesmente por serem peças únicas, não permitiram a criação de um quadro único que desse conta das suas características. São 70 exemplares o que corresponde a 11% dos materiais exumados nesta Fase II.

Como peças únicas temos em primeiro lugar *uma ponta de seta*. Trata-se de 1 peça em sílex (n.º 853) fragmentada na parte distal proveniente da Unidade Interna e inseridas no nível de ocupação dita “Doméstica”. Possui de comprimento 1,9 cm, de largura (na região mesial) 1,5 cm, e de espessura 0,4 cm. Apresenta uma forma ou contorno triangular de base plana, e uma secção transversal elíptica. O retoque é cobridor a toda a peça e escalariforme, sendo intenso o retoque sobretudo na zona marginal do gume. A área fragmentada foi posteriormente retocada certamente com o intuito de a aguçar novamente ou de criar uma ponta. Outra das peças únicas é *uma lâmina de sílex* fragmentada na zona distal (n.º 1015). Provém da Unidade Externa, da Fase II(-1). Possui 3,8 cm de comprimento, 1,8 cm de largura e 0,6 cm de espessura. É rectangular, com bordos divergentes a partir do talão e tem secção transversal triangular. O talão apresenta uma base diédrica e um bolbo expressivo onde se nota o ressalto de uma esquirola. Sobre a face superior, além da crista longitudinal, junto ao talão detecta-se que anteriormente foi levantado uma pequenina lasca de forma triangular. O retoque é evidente no gume, mas descontínuo quanto à sua incidência. Num dos gumes este retoque aparece marginal e suave; no bordo contrário, é igualmente marginal mas transparece em alguns pontos um denticulado decorrente de um retoque mais marcado. O aspecto deste bordo parece provir também do seu uso, apesar de não termos identificado estrias.

Um outro tipo de peças presentes nesta Fase refere-se aos *Pesos de Tear*. São ao todo 3 exemplares em quartzite provenientes da Unidade Externa, dos quais 1 (n.º 58) é da Fase II(-1) e 2 (n.º 830 e 523) da Fase II(-2). Têm contorno triangular (2 peças) e ovalar (1 peça), e secção transversal rectangular (2 peças) e elíptica (1 peça). Medem de comprimento entre 9,8 e 14,4 cm, de largura entre 8,2 e 9,8 cm e de espessura entre 2,1 e 3,5 cm. No âmbito funcional verifica-se que todas elas apresentam nos bordos laterais uma concavidade de origem antrópica. Num caso (n.º 830) esta concavidade traduz-se numa trancatura de inclinação vertical. Nota-se, em todas elas, de uma forma mais ou menos evidente, que estas concavidades apresentam um ligeiro polimento, decorrente, na nossa opinião, da passagem do fio de preensão.

Nas peças de difícil caracterização temos 3 “instrumentos” que denominamos de *relhas ou “paus” de cavar*. Uma, em grauaque, provém da Unidade Interna (n.º 827), e duas da Unidade Externa. Das duas restantes, uma (n.º 230), de filito, é da Fase II(-1) e a outra (n.º 38), em metavulcanito, da Fase II(-2). São peças alongadas de contornos rectangulares e secção transversal que varia entre a rectangular e a elíptica. O comprimento varia entre 5,1 e 14,5 cm, a largura entre 2,9 e 5,2 cm, e a espessura entre 1,4 e 2,7 cm. Na zona da extremidade funcional verifica-se, em duas peças, que um dos bordos laterais começa convergir de forma acentuada em direcção à área funcional, como se com tal forma se pretendesse criar uma “ponta” estreita para melhor penetrar na terra. Já numa outra (n.º 827) os dois bordos convergem em simultâneo para a área funcional.

Mesmo assim, temos algumas reticências quanto à sua exacta funcionalidade. Apesar de numa das extremidades maiores da peça se detectarem marcas ténues de uso suaves resultante do impacte, estas não aparecem tão claras como num percutor. Mantemos assim da hipótese de uso como elemento a ser encabado para cavar.

Por último temos um grupo de suportes em que não foi encontrado qualquer vestígio de acção antrópica, mas podem ter sido trazidas para a estação com uma intenção de uso posterior. São ao todo 62 exemplares. Na Unidade Interna temos 25 suportes, dos quais 5 quartzites, 4 quartzos e 2 filitos são seixos rolados; os restantes: 4 grauvaques, 4 filitos, 4 quartzites e 2 metavulcanitos, são blocos angulosos. Na Unidade Externa, temos, como seixos seixos rolados, 8 quartzos, 3 filitos, 3 quartzites e 1 lidito são da Fase II(-1), e 4 filitos, 3 quartzos e 2 quartzites da Fase II(-2) . Como bloco angulosos, da Fase II(-1), temos 3 quartzites, 2 grauvaques, 1 filito e 1 metavulcanito; da Fase II(-2), temos 2 filitos, 2 quartzites, 1 grauvaque e 1 cristal de quartzo.

3.2. Crasto III

O material lítico que aqui estudaremos da Unidade Interna e da Unidade Externa, refere-se à ocupação da Idade do Ferro. Todo este material será tratado como um todo, embora esta ocupação se estenda diacronicamente por cerca de meio século. Fez-se também, naturalmente, a separação dos instrumentos líticos entre ambas as Unidades, apesar de aqueles da Unidade Interna provirem praticamente todos de contextos de interface entre a Fase II e III, pois referem-se a peças do Talude Interno. É esta a razão pela qual, de seguida só analisaremos basicamente os líticos da Unidade Externa, reservando uma parte, em separado (noutra alínea), para aqueles de contexto indeterminado ou de interface. Na Unidade Externa estaremos perante utensílios líticos ligados a tarefas domésticas, ou ao ciclo agrícola/ /industrial, e ainda mesmo à construção das muralhas no momento terminal desta ocupação.

Após um período de interregno alargado (cerca de 15 a 16 séculos), as populações da Idade do Ferro vieram estabelecer-se sobre as ruínas do Crasto II. Na Unidade Externa esta ocupação caracteriza-se por uma sequência de níveis domésticos cronologicamente datados entre o séc. IV AC. e II DC., os quais chegam a alargar-se até à plataforma Superior ou Unidade Interna; já na fase final procedeu-se à construção de duas muralhas sobre os Taludes Calcolíticos de ambas as Unidades (SANCHES, 2001).

3.2.1. Dormentes

3.2.1.1. Análise Morfotécnica

São em número de 8 os dormentes provenientes no Crasto III, todos eles da Unidade Externa, o que equivale a 5% dos materiais exumados nesta Fase. Adentro destes 8 dormentes, 2 (25%) ainda se encontravam completos e 1 (12,5%) em estado fragmentado. Já os restantes 5 (62,5%) incluem-se no estado de fragmentos de dormentes. Dos completos, um insere-se na *categoria A2.2¹¹ – côncavas* – e o outro na *categoria B3 – planas*. A única peça fragmentada insere-se na *categoria A1.2 – côncavas*.

Continuamos a verificar que nesta fase III a categoria A relativa às áreas activas de morfologia côncava ocupa a cimeira quantitativa dos dormentes. Quando reparamos nos índices de profundidade (Sa-Pf) notamos que os valores não ultrapassam a casa dos 3 cm, ou seja, inserem-se na *categoria A4*. No geral verificamos que a média de profundidades se situa entre 0,6 e 1 cm. A *categoria C – convexas* – não tem expressividade nesta fase III. Compa-

¹¹ Este descritor refere-se, evidentemente, ao declive da zona activa.

rando o comprimento máximo, as peças completas (das categorias A e B), possuem um valor superior a 20 cm, enquanto aquela fragmentada não ultrapassa os 16,4 cm. No âmbito dimensional são dormentes de dimensão média/grande.

O grupo dos dormentes bifaciais ou bidormentes só conta aqui com 1 exemplar, cumulativamente em mau estado de conservação (n.º 234). Reparámos que uma das faces se apresentava plana, porquanto a oposta possui uma concavidade expressiva de 3,3 cm. Supomos que após a face côncava ter sido levada à sua exaustão funcional, se terá passado a utilizar a face oposta, mas esta apresentou uma superfície activa plana até ao seu abandono definitivo. Estamos perante um pormenor funcional que sublinha a ideia que temos de que estas peças eram aproveitadas ao máximo, evidenciando a existência de uma grande economia de suportes.

Nos contornos nota-se que a tendência alongada é numericamente esmagadora, estando as silhuetas de forma rectangular presentes em 6 dormentes (75%) e as de forma triangular em 2 dormentes (25%). No *estado do bordo* – Eb –, das 8 peças presentes, 4 apresentam um bordo anguloso ou natural – a –, sem vestígios de qualquer afeiçãoamento; 3 já evidenciam um boleamento – b –, resultante da erosão, o que tornou as marcas ténues; numa peça o bordo foi nitidamente afeiçãoado – f. Quanto à *característica da base* – Cb –, 2 dos dormentes apresentam uma base convexa – cx –; numa peça esta base surge aplanada – a –; nos restantes 5 dormentes a base encontra-se ausente ou fragmentada, isto é, impossível de caracterizar. Se passarmos à análise do *estado da superfície activa* – Esa –, relativo ao grau da patine da área activa, ou seja, ao nível de desgaste ocorrido na superfície activa, notamos que em 4 (57,1%) dos dormentes esta patine surge com um bom polimento; em 3 (42,9%) dos dormentes esta mesma patine polida já se encontra em grande parte rugosa. Verifica-se que apesar da maioria das superfícies activas estarem ainda polidas, um número considerável já apresenta uma acentuada rugosidade resultante do abandono a que estiveram sujeitos. Relativamente às *estrias de uso* – Teu – só uma única peça evidencia presença destas marcas. Trata-se da peça n.º 234 onde numa das suas faces activas encontramos indícios de estrias de uso dispostos de forma transversal ao eixo morfológico da peça. Já a presença do carácter relativo à múltipla funcionalidade nos dormentes do Crasto III, não foi detectado nenhum vestígio.

O reduzido número de peças de Crasto III impede uma caracterização genérica mas é de fazer notar que nestas não se verificam vestígios de uso multifuncional. cremos, mesmo assim, estar perante dormentes cujo uso se direccionava mais para actividades moageiras. A fraca presença de peças nesta fase parece-nos poder ser explicada por dois motivos: a) o elevado índice de fragmentação aqui presente, com o conseqüente aproveitamento como matéria-prima; b) a alteração contextual das peças decorrente do uso agrícola do solo posterior ao abandono do povoado, o que faz com que a maioria apareça à superfície.

Se enquadrarmos estas peças nos modelos ensaísticos referidos na Fase II, notamos que são os **dormentes agrícolas** aqueles que continuam a apresentar-se de forma expressiva no Crasto III, enquanto os restantes – **pequenos dormentes** e **dormentes particulares** –, têm uma expressão diminuta.

3.2.1.2. Distribuição Espacial

Fazemos notar de novo que o reduzido número de peças (8 ex.) nos parece muito baixo num povoado da Idade do Ferro onde, certamente, a actividade moageira seria importante. Por outro lado, ao verificarmos que a maioria dos dormentes provém de contextos indeterminados (ver ponto seguinte), cremos que tal se deve às diferentes alterações estratigráficas e cons-

trutivas ocorridas na transformação de várias estruturas habitacionais (SANCHES, 2001), por um lado, e, repetimos, por outro, à desordem criada pelos labores agrícolas (que implicaram a limpeza de pedras e a realização de socalcos) a que a estação esteve sujeita até aos anos 50 do séc. XX.

Sendo ainda prematuro dividir estratigraficamente os materiais por subfases, seria incorrecto entrar em suposições interpretativas. Mesmo assim, optámos, a nível meramente indicativo, por referir a sua distribuição. No momento da instalação do povoado, isto é, na fase III(-1), foram recolhidos 3 peças; outras 2 já pertencem à fase terminal, fase III(-2). As restantes 3 peças inserem-se num contexto indeterminado.

3.2.1.3. Matérias-Primas

Comparativamente ao Crasto II, lidera aqui o granito em 4 dormentes (50%), seguido pelo quartzite, em 3 dormentes (37,5%) e 1 só peça em gnaisse (12,5%). O registo maioritário de uma rocha exógena ao povoado é na nossa opinião plausível, porque neste período existia certamente uma maior capacidade de transporte a uma maior distância (surgem, por ex. elementos em bronze que vêm a ser interpretados como possíveis arreios de cavalo, seg. a informação pessoal de Dulcineia Pinto). Além disso, o conhecimento que se tinha das qualidades físicas do granito para actividades de moagem terá propiciado a sua “importação”, ou a sua busca a maiores distâncias.

Quadro XII – Distribuição das Matérias-Primas nos Dormentes da Fase III em Crasto de Palheiros na Unidade Externa

FASE III	
Matéria-Prima	Unidade Externa
Granito	4 50%
Quartzite	3 37,5%
Gnaisse	1 12,5%
Total	8

3.2.2. Moventes

3.2.2.1. Análise Morfotécnica

São 14 os moventes da Unidade Externa, o que equivale a 9% dos materiais recolhidos nesta Fase. Três (21,4%) dos 14 moventes estão completos, 7 (50%) fragmentados e os restantes 4 (28,6%) são simplesmente fragmentos de moventes. Dos completos, 2 encaixam-se na *categoria 3 – médios* –, e 1 na *categoria 4 – grandes*-. Nos fragmentados verificamos que a maioria (4 ex.) se situa na *categoria 2 – pequenos* –, seguido pela *categoria 3 – médios* –, com 2 peças, e, por último, da *categoria 4 – grandes* –, com 1 só peça. Se somarmos as peças completas com as fragmentadas, notamos que a *categoria 3* incluiria a maior parte dos moventes. Estes resultados são similares àqueles obtidos na fase anterior (fase II). A segunda categoria com mais expressividade tende para as peças da *categoria 2 – pequenos* –, surgindo a *categoria 4 – grandes* –, em último lugar. Estamos então perante uma preferência por peças de tamanho mediano.

No campo tipométrico, as peças completas, situam-se, no que respeita ao comprimento entre os 8 e os 13 cm; na largura entre os 6 e os 9 cm, e na espessura entre os 2 e os 5 cm.

Nas peças fragmentadas, os valores do comprimento fixam-se entre os 6 e os 11 cm; na largura entre os 5 e os 8 cm, e na espessura entre os 3 e os 6 cm. Quanto aos contornos, notamos que as formas (nas peças completas) são dominadas pelas morfologias alongadas de tendência rectangular e elíptica. As peças fragmentadas apresentam também uma morfologia alongada de tendência predominantemente rectangular. Até à data, os moventes de morfologia circular não estão presentes nesta fase.

No *perfil das superfícies activas* – Psa –, registamos ao todo 3 tipos de perfis. Dos 14 moventes existentes, 8 (57,1%) possuem perfil S1, 4 (28,6%) perfil S4, e em 2 peças (14,3%) temos o perfil S5. Estamos aqui perante uma selecção assente em moventes unifaciais de superfície plana. Os restantes, como são os bifaciais, surgem em número reduzido. O uso de moventes com superfícies activas unifaciais pode ser o espelho de uma actividade em que este tipo de peça era mais apetecível a nível funcional. A operacionalidade doutras características identificadas na Fase anterior, é aqui certamente substituída pela presença de moventes com perfis S5 (rebolos).

Relativamente ao *estado das superfícies activas* – Esa –, notamos que a larga maioria das peças (12-85,7%) possuem a superfície activa num estado de intenso polimento. As restantes 2 peças (14,3%) apresentam superfícies activas em estado rugoso. A presença de um intenso polimento é a prova da intensa utilização que se fazia sentir nesta Fase. As peças com superfícies rugosas deverão ter resultado de um abandono prematuro.

Só 2 moventes mostram *estrias de uso* – Teu. Trata-se dos moventes n.º 77 e 479, em que as marcas de uso estão dispostas de forma transversal numa face. Cremos que a preservação destas estrias de uso nas superfícies activas resultará das reduzidas alterações que esta mesma superfície sofreu após o seu abandono. Não rejeitamos igualmente a possibilidade de serem estrias provenientes de tarefas em que os produtos fossem mais resistentes do que os agrícolas, como são os minerais. Apesar desta hipótese, a tarefa principal seria sobretudo a da transformação de produtos “agrícolas”, como evidencia o polimento destas superfícies activas.

O carácter multifuncional é pouco expressivo nesta Fase. No descritor *movente/percutor* – M/P –, identificámos unicamente 2 peças. Morfologicamente são moventes em que as marcas de percussão se localizam na periferia do movente, distribuídas de forma dispersa. Percentualmente os dados sublinham a pouca utilidade por parte do movente nesta tarefa, sendo possivelmente agora realizadas por outro tipo de instrumento. O descritor *movente/bigorna* – M/B –, mostra já resultados um pouco mais expressivos. São, ao todo, 4 moventes em que em 2 as bigornas estão situadas numa face, enquanto nos restantes 2 as bigornas surgem nas duas faces activas. Quanto à dimensão espacial da bigorna na área activa, refira-se que em 3 moventes aparece de modo restrito; numa outra é abrangente. O recurso à bigorna sobre o movente continua a evidenciar uma certa utilidade, tal como na fase anterior, na trituração de produtos duros. Mas nesta Fase III tem uma abrangência menor, talvez porque se destinaria preferencialmente a produtos agrícolas e minerais.

Em síntese, continuamos a verificar uma nítida preferência por moventes de tamanho mediano, em que as actividades parecem ter mais expressão em tarefas em que se usariam os movimentos de fricção horizontais. O uso do “pilão”, pelo contrário, deixa praticamente de ser um recurso preferível adstrito aos moventes. O que se destaca nesta Fase são os moventes com perfil S5, de aspecto subcilíndrico, o que traduz, a nosso ver, uma evolução conceptual no sentido do aperfeiçoamento funcional de determinados tipos de moventes. Contudo, tendo em

conta a importância doméstica que cremos ter representado este mecanismo, surge aqui um número reduzido de peças. De igual forma deverá ter ocorrido a introdução de novas “tecnologias” na forma como se moía, como é por exemplo das mós rotativas. Desta evolução tecnológica conhece-se unicamente um exemplar recolhido à superfície.

Ao introduzirmos os modelos ensaísticos criados para a Fase II, verificamos que os **moventes medianos** são os dominantes; seguem-se-lhe os **moventes grandes** e os **moventes particulares**. Não foi identificado qualquer exemplar do grupo **moventes enormes**.

3.2.2.2. Distribuição Espacial

Tratando-se somente de 14 moventes nesta Fase III, um número claramente inferior àqueles exumados na fase anterior, cremos que, à semelhança dos moventes, terão sido as sucessivas alterações do espaço habitacional durante a Idade do Ferro (SANCHES, 2001), por um lado, assim como os posteriores cultivos do local, acompanhados de remoção das terras mais superficiais e da acumulação das pedras em muros de contenção, os factores responsáveis por este baixo número. Deste modo, tais peças integrarão aquelas de proveniência indeterminada.

Na fase mais antiga da Idade do Ferro, fase III(-1), exumaram-se dois exemplares; da fase terminal ou fase III(-2), provêm 6 peças. As restantes 6 peças inserem-se num contexto indeterminado adentro do Crasto III.

3.2.2.3. Matérias-Primas

Tal como nos dormentes, o granito assume nos moventes a dianteira com 7 exemplares (50%); seguem-se-lhe os quartzites em 6 moventes (42,9%), e um movente é em grauvaque (7,1%). Estamos perante dados que indicam uma clara preferência pelo granito, o que traduz ser esta a matéria-prima com melhores qualidades técnicas e funcionais à execução das tarefas pretendidas. De igual forma a sua aquisição está mais facilitada, certamente com melhores formas de transporte, o que relega para segundo plano as rochas do local, como o quartzite.

Quadro XIII – Distribuição das Matérias-Primas nos Moventes da Fase III em Crasto de Palheiros na Unidade Externa

FASE III	
Matéria-Prima	Unidade Externa
Granito	7 50%
Grauvaque	1 7,1%
Gnaisse	6 42,9%
Total	14

3.2.3. Alisadores/Polidores

3.2.3.1. Análise Morfotécnica

O total de Alisadores/Polidores presente em Crasto III é de 12 exemplares, o que corresponde a 8% dos materiais exumados nesta Fase. Na morfologia, verificamos que, a nível tipométrico, a maioria das peças possui valores que se situam, no comprimento, entre a casa dos 5 e a dos 8 cm; na largura entre a casa dos 2 e a dos 5 cm; por último, na espessura, entre a casa de 1 e de 2 cm. Relativamente ao peso verifica-se que a volumetria dos suportes

se encaixa nos valores já dominantes na fase II. 70% das peças recolhidas nesta fase possuem um peso situado entre 1 e 100 gramas. Mas adentro destas, verifica-se que 71% se situam abaixo dos 50 gramas. As restantes peças, que representam 30%, situam-se acima dos 101 gramas. Nestas 20% encaixam-se entre 101 e 150 gramas e 10% acima dos 201 gramas, mas este peso nunca ultrapassa as 208 gramas.

Nos contornos, ou forma, dos alisadores/polidores notamos que 50% das peças possuem silhueta rectangular; 16,7% têm silhueta triangular e, igualmente 16,7%, têm-na elíptica; 8,3% têm-na quadrangular e, novamente, em 8,3% é ovalar. Se atendermos agora à secção longitudinal, verificamos que 75% das peças apresentam uma forma/silhueta rectangular, e as restantes 25% uma forma/silhueta elíptica. Estamos então perante peças cuja morfologia é claramente de tendência alongada, sobretudo, e de forma marcante, na secção longitudinal. Este aspecto resulta do suporte seleccionado que neste caso visou seixos rolados de rio, que se referem a 83% das peças aqui recolhidas. Esta selecção, que conjuga suportes alongados sobre seixo de rio parece ter tido como objectivo principal a adaptação ergonómica à mão e às funções a desempenhar.

No campo técnico, o primeiro elemento de análise é a *localização da área funcional na peça* – Laf. Em 6 peças (50%) surge disposta de forma *unifacial*; numa peça surge de forma multifuncional (8,3%) e na outra de forma bifacial (8,3%). Por último, numa peça (8,3%) a área funcional distribui-se pela *periferia/lateral* e na outra (8,3%) pela zona *polar*. É notória nestas peças a preferência por áreas activas em locais planos do suporte, em detrimento das localizações dispostas nas zonas periféricas, ou seja, no contorno dos alisadores/polidores. Na realidade, na Fase anterior verificava-se que as localizações funcionais estavam situadas tanto nas faces mais planas, como nas periféricas. O uso corrente das faces planas unificiais e bifaciais nos alisadores/polidores do Crasto III indicia que a maioria das actividades desencadeadas implicavam movimentos horizontais. Já o uso das zonas *periféricas/laterais* e *polares* parece não ter sido muito utilizada. É assim de supor que as actividades que incidiam no uso das zonas periféricas/laterais e polares deverão ter diminuído relativamente à fase calcolítica. Devemos falar ainda nos alisadores/polidores com marcas de tipo *multifacial*. A sua disposição funcional aglutina aquelas das peças *unificiais*, *bifaciais*, daquelas com localização *periférica/lateral* e ainda aquelas com localização *polar*. Assim, este tipo de alisador/polidor poderá realizar as funções preconizadas para as peças unificiais e bifaciais, e substituir, em grande parte, tanto as peças com localizações periféricas/laterais como aquelas com localização polar, o que justificaria que estas últimas tivessem uma fraca expressão.

Quanto ao nível de polimento existente na área activa, regista-se que 92% (11) apresentam um polimento acentuado na área activa, enquanto 8% (1) evidenciam uma superfície ligeiramente rugosa. Esta elevada percentagem de superfícies polidas decorrerá também do tipo de suporte, que é o seixo de rio, naturalmente polido. O que se teve então que distinguir foi a patine de origem antrópica, atendendo-se então preferentemente à presença ou ausência de estrias de uso. Tal análise permitiria, cumulativamente, saber da orientação funcional mais usual. Em 8 peças (66,7%) identificámos vestígios de estrias de uso, estando em 7 (87,5%) presentes de forma ténue e numa (12,5%) era visualmente nítida. Quanto à disposição dessas estrias, em 3 peças (37,5%) surgem de modo transversal; em outras 3 (37,5%) pluridireccionalmente; em 2, uma (12,5%) está disposta de forma longitudinal e noutra (12,5%) de forma diagonal. Quanto ao número de faces em que estão localizadas as estrias, em 6 peças (75%) é numa só face – unifacial – e nas restantes 2 peças (25%) é bifacial. É de frisar o facto de estas peças terem sido

usadas em diversas direcções em que eram utilizadas estas peças, o que denota que os movimentos desencadeados não eram “rotineiros”, mas adaptáveis às situações em causa. O seu uso também não era agressivo, sendo a força aplicada de uma forma mais ligeira.

Os vestígios relacionados com a eventual extracção intencional (ou acidental) de lascas, foram detectados unicamente num alisador/polidor. Trata-se da peça n.º 129 em que parece registar-se um afeiçoamento do alisado/polidor à função a exercer. Outros indícios registados na Fase II não tiveram aqui expressão.

Os indícios relativos a marcas de percussão estão presentes em 7 peças. Destas, 6 (85,7%) apresentam as percussões na extremidade do eixo, com uma incidência polar; numa (14,3%) as marcas surgem na periferia lateral de uma forma abrangente. Trata-se de marcas pouco pronunciadas, por isso leves quanto ao seu impacto. Verifica-se ainda que há por vezes um abandono destas peças no seu uso como alisador/polidor em favor de actividades que requerem a sua utilização como percutor. Isto pode ser produto de uma reformulação funcional em que as actividades exercidas obrigam agora a uma maior utilização do martelamento em detrimento dos mesmos aquando da Fase II.

Retemos que são peças de dimensão pequena, menores do que aquelas presentes no Crasto II. Destinar-se-iam a tarefas leves e circunstanciais conforme a superfície aplicar. Neste aspecto é evidente a disposição das estrias na área activa, referidas atrás. Verifica-se igualmente uma preferência por alisadores/polidores com faces planas situadas nas superfícies maiores do suporte (uni e bifaciais), relegando a um certo abandono o uso daquelas que se situavam na periferia e na zona polar do suporte. A nível funcional esta atitude pode significar uma adaptação a novas exigências (novos conceitos produtivos, ou novas actividades mais valorizadas) que não obriguem à posse de alisadores/polidores susceptíveis de fornecerem uma grande diversidade de zonas e de faces para uso. A redução da importância do uso como percutor inscrever-se-ia nesta linha interpretativa.

Dominam aqui na Fase III, e de forma significativa os **alisadores/polidores de tipo movente**, enquanto os restantes modelos, como são os **alisadores/polidores periféricos** e os **alisadores/polidores múltiplos**, têm uma presença reduzida.

3.2.3.2. *Distribuição Espacial*

O número de alisadores/polidores recolhidos nesta Fase é de 12 exemplares, portanto inferior à Fase II, o que parece ser indicativo do decréscimo de acções a realizar com estas peças, ou então, da sua substituição por outras (por ora ainda não identificadas de modo concreto). Apesar das perturbações estratigráficas posteriores à ocupação do sítio, verifica-se que estes instrumentos também são escassos no grupo daqueles de contexto indeterminado, o que parece reforçar a hipótese proposta atrás.

Na fase mais antiga da Idade do Ferro, fase III(-1), foram recolhidas 3 peças; da fase terminal ou fase III(-2), provêm 4 peças. Às restantes 5 peças não foi ainda possível atribuir o contexto exacto, sabendo-se somente que serão da Fase III.

3.2.3.3. *Matérias-Primas*

Contrariamente a Crasto II (onde dominava o quartzite), nesta fase a matéria-prima mais utilizada como suporte é o filito, que está presente em 7 peças (58,3%), seguido pelo quartzite, em 2 peças (16,7%), surgindo ainda 1 peça (8,3%) em granito, outra (8,3%) em lidito e outra (8,3%) em grauvaque.

Contudo, continua-se assim a verificar uma clara preferência por rochas exógenas ao povoado, como é o caso do filito no “fabrico” dos alisadores/polidores. Tal preferência dever-se-á, por um lado, às qualidades físicas do filito – que proporcionaria uma fricção mais suave do que outras rochas aqui presentes –, e, por outro, ao facto de esta rocha poder ser obtida no leito ou bordaduras dos vales próximos.

Quadro XIV – Distribuição das Matérias-Primas nos Alisadores/Polidores da Fase III em Crasto de Palheiros na Unidade Externa

FASE III	
Matéria-Prima	Unidade Externa
Filito	7 58,3%
Granito	1 8,3%
Gravauque	1 8,3%
Lidito	1 8,3%
Quartzite	2 16,7%
Total	12

3.2.3. Machados, Enxós e Goivas

3.2.3.1. Análise Morfotécnica

As goivas estão ausente desta Fase III. O número de machados e de enxós é de 8 exemplares, o que equivale a 5% dos materiais exumados neste Fase. Destes, 4 são machados e 4 são enxós. A análise morfotécnica destas peças exige, em primeiro lugar, a compreensão da estrutura física da matéria-prima; só então se poderão analisar os restantes elementos morfológicos e técnicos. Esta estrutura está patente no estado de conservação (EC), onde se verifica, como na Fase anterior, um aproveitamento físico que assenta na disposição da xistosidade da rocha. Como já referimos, nos machados esta é aproveitada de modo a que fique perpendicular ao gume, enquanto nas enxós é-o de modo a que fique paralela a esse gume. A nível morfotécnico tal característica favorece um maior risco de fragmentação (longitudinal) por impacto, no caso dos machados; nas enxós expõe o gume a uma certa deterioração, patente na presença de lascamentos.

Passando à análise por categorias, segundo os parâmetros já desenvolvidos atrás, e tendo em conta somente as peças que possuam pelo menos parte da secção longitudinal, registamos que dos 8 exemplares identificados, 3 (2 enxós e 1 machado) se encontram completos e outros 3 (2 machados e 1 enxó) estão fragmentados. Nas peças completas, na categoria *C1 – muito pequenas* –, temos 1 enxó inserida na C1.1; na categoria *C2 – pequenas* –, temos 3 peças (2 enxós e 1 machado) que se incluem na C2.2. Relativamente às peças fragmentadas, na categoria *C1 – muito pequenas* –, registaram-se 2 machados inseridos, um, na subcategoria C1.1 e o outro na C1.2; da categoria *C2 – pequenas* –, 1 enxó encaixa-se na C2.2. Analisando este conjunto verifica-se que o domínio se refere às categorias *C1 – muito pequenas* –, em primeiro lugar, e às categoria *C2 – pequenas* –, em segundo, com valores situados entre os 101 e os 300 gramas. Relativamente ao comprimento, na categoria *C1 – muito pequenas* –, os valores situam-se entre 6,3 e 8 cm; na categoria *C2 – pequenas* –, entre 7,2 e 8,8 cm. Estes últimos valores referem-se às medidas das enxós que, no geral, são peças

que não ultrapassam os 9,1 cm. No que respeita aos restantes valores tipométricos, e contabilizando somente as peças completas, na largura, e na categoria *C1 – muito pequenas* –, as medidas situam-se entre 1.9 e 2.2 cm; na categoria *C2 – pequenas* –, estão entre 3,8 e 6,2 cm. Na espessura (que inclui agora tanto as peças completas como aquelas fragmentadas longitudinalmente), na categoria *C1 – muito pequenas* –, os valores fixam-se entre 1,2 e 2,5 cm; na categoria *C2 – pequenas* –, entre 1,5 e 3,3 cm. No que respeita aos volumes, verifica-se que nos machados existe uma proporção aproximadamente constante na relação comprimento/largura; tal não acontece de forma tão clara entre as enxós, isto é, nestas, o aumento do comprimento é mais escassamente acompanhado pelo aumento da largura. Tal decorre a nosso ver das acções a que cada uma das peças se destina. Se um machado é para o corte, exige robustez; numa enxó que é sobretudo para desbravar, o importante é a capacidade de penetração na terra.

Quanto aos contornos, ou às formas, e tendo em conta as peças completas, nota-se que, na silhueta, os contornos mais evidentes são os rectangulares, em 2 peças (25%) (1 machado e 1 enxó), e os trapezoidais, também em 2 enxós (25%). Neste campo estes instrumentos partilham as características da fase anterior (calcolítica), quer dizer, mantêm-se o contorno trapezoidal nos machados, assim como o reforço da zona do gume, o que acaba por “solidificar” a resistência aos impactos. Nas enxós o reforço reside no alongamento do suporte. Em estações do Norte de Portugal, como é o caso do povoado da Bouça do Frade, datado do Bronze Final (JORGE, 1988: 45-46), os machados e enxós apresentam contornos similares, sendo as formas trapezoidais as mais comuns.

Passando ao gume, e ainda a nível morfológico, vejamos em primeiro lugar os aspectos relativos à silhueta (Shg) e à secção do gume (Sçg). No primeiro (Shg), os contornos *convexos* – c –, estão presentes em 6 peças (75%) (4 machados e 2 enxós); uma enxó (12,5%) possui contorno *rectilíneos* – r –, e a outra (12,5%) contorno *plano-convexo* – pc. A presença de machados com um contorno convexo no gume, é para nós sinónimo de uma grande actividade exercida. Ainda a sua posição relativamente ao cabo (paralelo) faz-nos notar que o desgaste é mais notório nas extremidades do gume do que no centro daquele; pelo contrário, na enxó, este desgaste tende a ser mais insistente no centro do gume. Quando se repara que um gume de um machado está mais gasto de um lado do que outro, tal significa para nós ser essa a zona de maior actividade. Este aspecto é ainda enfatizado pelo facto de também ter de ser aí, nas zonas mais gastas, que se procede a um mais insistente afiamento. Na *secção do gume* (Sçg), nota-se que a disposição é *duplo-convexa assimétrica* – dx,a – em 4 peças (50%) (3 enxós e 1 machado); que em 3 machados (37,5%), é *duplo-convexa simétrica* – dx,s –; e que em 1 enxó (12,5%) surge em forma de *cunha* – c. Este descritor é importante para saber se estamos perante um machado ou enxó, embora, no caso de peças diferentes com gumes assimétricos, a definição assente na volumetria e, no caso das enxós, também no arqueamento da face dorsal. Este aspecto relativo ao arqueamento está patente em 3 enxós desta Fase III. No *plano do gume* – Pg –, registamos que em 4 enxós (50%) e 3 machados (37,5%) o fio do gume se orientava em linha *rectilínea* – r –, cabendo a 1 machado (12,5%) a impossibilidade de determinar tal orientação?. Estamos crentes que a manutenção do fio o mais rectilíneo possível é um aspecto importante para um persistente bom desempenho da função do machado e da enxó, particularmente do primeiro. Neste sentido, e certamente de uma forma periódica, ter-se-á procedido ao ajustamento do fio.

No *estado do gume* – Eg –, 5 peças (62,5%) (4 machados e 1 enxó) evidenciam aí

marcas de *picotado* – p –; em 4 enxós (50%) o gume encontra-se *lascado* – l –; em 3 enxós (37,5%) o estado do gume é *boleado* – b –, e em 3 machados (37,5%) *avivado* – v –; numa enxó (12,5%) o gume evidencia *achatamento* – ac. Se visualizarmos estas características agrupadas por peça, verificamos que 3 machados e 3 enxós possuem gumes boleados/picotados e avivados/lascados; num machado (12,5%) o gume é achatado/picotado e numa enxó (12,5%), é picotado/lascado. Nota-se claramente que o elemento força está bem patente pela presença do *picotado* e do *lascado*, apesar deste aspecto ser mais nítido entre os machados do que entre as enxós. Já o *avivado* surge de modo mais evidente nas enxós e o *boleado* nos machados. Isto mostra claramente a diferença existente entre machados e enxós no tipo de tarefas a que se destinavam.

Quanto ao *talão* – T –, dos 8 exemplares presentes em Crasto III, 4 (50%) (3 machados e 1 enxó) evidenciam um talão *truncado* – t –; em 2 (25%) (1 machado e 1 enxó) não foi possível determiná-lo? – e noutras 2 enxós (25%), o talão possui uma forma *circular* – ci. A par destes contornos não foi verificado qualquer outro elemento que suscite análise, sobretudo porque estes estavam demasiado eolizados.

No *estado do polimento* sobre o suporte – Ep –, em 5 peças (62,5%) (3 machados e 2 enxós) o polimento foi efectuado para além do gume de forma *parcial* – p –; em 2 peças (25%) (1 machado e 1 enxó) o polimento considera-se como *total* pois abrange toda a peça – t –; numa enxó está simplesmente *circunscrito* ao gume – c. Esta preocupação no polir das superfícies para além do gume já foi verificada também na Fase II. Este polimento tem como intuito a redução das resistências no suporte, particularmente na zona do gume. Mas quando este se estende a todo o suporte, cremos estar não somente ante um aspecto funcional mas também estético. Tal é o caso, por ex., da peça n.º 578 (enxó), onde polimento além de totalmente cobridor, é particularmente cuidado. Morfologicamente trata-se de uma pequena enxó com 6,3 cm de comprimento, por 2,2 cm de largura, o que sublinha a importância estética inerente. Também notamos outras aplicações no gume, como é o caso do alisador/ /polidor.

As estrias de uso foram identificadas somente em 4 peças (50%) (2 machados e 2 enxós). 1 machado (25%) e uma enxó (25%) possuíam estrias situadas de modo *transversal bifacial* – t,b –; numa outra enxó (12,5%), de modo *diagonal unifacial* – d,u –, e num machado, de modo *pluridireccional unifacial* – pd,u. A presença de estrias de uso, e particularmente da sua direccionalidade, é um outro dos elementos mais significativos para o entendimento das acções que se terão desencadeado, bem como para distinguir um machado duma enxó. Contudo, a ausência de estrias nas faces do gume, não pode ser imediatamente entendida como indicador de falta de utilização, pois neste caso os impactos podem ter afectado maioritariamente a área marginal do gume e não as faces.

Outro elemento técnico é o descritor *caracterização dos levantamentos de lascas* – Lv. Na presença de negativos procura-se ver se estes terão resultado de uma extracção intencional, ou acidental. Com efeito, uma enxó, n.º 285, apresenta levantamentos sucessivos resultantes da preparação do suporte à sua função como “enxó”. Esta sequência operatória é visível na região ventral onde os levantamentos são realizados a partir do bordo lateral como plataforma pré-preparada, num sentido “bipolar” transversal. Porém, a visibilidade do processo construtivo é algo difícil de identificar porque a peça foi posteriormente polida.

Relativamente ao carácter multifuncional, identificámos 4 exemplares (50%) (3 machados e 1 enxó) como *machados/percutores* – M/P. Destes, 3 peças (2 machados e 1 enxó)

possuem as percussões na zona do *gume* com uma expressividade *reduzida* – g,r –; num machado, estas marcas encontram-se na zona do *talão* com uma expressividade marcante ou *abrangente* – t,a. O que parece verificar-se aqui é uma certa substituição duma funcionalidade por outra, decorrente, talvez do exíguo número de peças e da necessidade do seu sucessivo reaproveitamento noutras funções. No grupo dos *machados/alisadores* – M/A –, identificamos somente 1 machado (n.º 567) cuja área activa como alisador substituiu a de machado na zona do gume. Infelizmente, a sua fragmentação pela linha de xistosidade, impossibilitou a visualização da restante parte do gume alisador/polidor (porque ausente).

Se compararmos os machados e as enxós da Fase II com os da Fase III não visualizamos grandes alterações morfotécnicas, o que quer dizer que nesta fase III se segue aparentemente a standardização estabelecida na fase anterior. A ligeira diferença que notamos refere-se agora a um maior número de peças com contorno trapezoidal, o que, na nossa opinião, é um indicador da necessidade de reforçar o gume. A verdadeira diferença é quantitativa e refere-se a um maior número de enxós, o que denotará um maior peso das actividades agrícolas ou a necessidade de arrotear solos mais profundos (onde se torne inoperacional o pau de cavar em madeira). O reforço do gume pode concorrer para sustentar melhor esta última interpretação.

Seguindo a categorização da Fase II, verificamos que dominam nesta fase III os **machados de gume**, seguidos, mas já de longe, pelos **machados martelos**. Existe um único **machado polidor**. Para as enxós sugerimos 2 modelos: **enxós assimétricas**, de morfologia alongada arqueada e com gume de secção dupla assimétrica; **enxós em cunha**, igualmente de morfologia alongada arqueada e com gume de secção em forma de cunha.

3.2.3.2. Distribuição Espacial

Os 8 exemplares desta fase representam aparentemente uma diminuição quantitativa relativamente à fase calcolítica. Nos machados, passa-se de 18 para 4 ex., mas, ao invés, nas enxós, tal número sobe de 1 ex. na fase calcolítica para 4 ex. na Idade do Ferro. Porém, ainda é prematuro avaliar devidamente estes resultados, pelo que aguardamos aqueles das campanhas posteriores.

Na fase mais antiga da Idade do Ferro, fase III(-1), foi recolhido 1 único machado; da fase terminal ou fase III(-2), provêm 5 peças, das quais 4 são enxós provenientes de áreas relacionadas com unidades habitacionais. Os 2 machados que restam inserem-se num contexto indeterminado adentro do Crasto III.

3.2.3.3. Matérias-Primas

Tal como na Fase II, no Crasto III verifica-se igualmente uma preferência pelo anfíbolite. Surge, ao todo, em anfíbolite 4 exemplares (50%) (2 machados e 2 enxós); seguido por 3 exemplares em gabro (37,5%) (2 machados e 1 enxó), e por 1 enxó em quartzite (12,5%). Nota-se o surgimento de rochas não utilizadas na Fase II, como é o caso do gabro e do quartzite. A escolha destes suportes deve assentar numa nova visão morfológica relativamente às matérias-primas a usar, pois a sua aplicação no terreno deverá ser satisfatória, sobretudo no caso das enxós onde se nota esta diversidade de rochas. Isto sublinha que as actividades a que se destinam machados e enxós diferem na sua aplicação. Igualmente os intercâmbios entre localidades deveriam ser agora mais sistemáticos, o que pode ter favorecido a aquisição de matérias-primas diferentes.

Quadro XV – Distribuição das Matérias-Primas nos Machados e Enxós da Fase III em Crasto de Palheiros na Unidade Externa

FASE III		
	Matéria-Prima	Unidade Externa
Machados	Anfibolite	2 25%
	Gabro	2 25%
Enxós	Anfibolite	2 25%
	Gabro	1 12,5%
	Quartzite	1 12,5%
Total		8

3.2.4. Utensílios

3.2.4.1. Análise Morfotécnica

O número de utensílios presentes em Crasto III é de 10 exemplares, dos quais 5 são UAD, 3 são raspadores e 2 são perfuradores, o que corresponde a 7% dos materiais exumados nesta Fase. Aqui a nossa análise morfotécnica tende a concluir pelo carácter atípico de todas as peças mas esta conclusão pode ser ilusória pois baseia-se na falta de estudos de peças deste tipo exumadas em contextos da Idade do Ferro com as quais possamos estabelecer paralelos. Por outro lado, ao compararmos estas peças com aquelas da fase anterior, verificamos que as aplicações técnicas utilizadas são similares, mas o reduzido volume da amostra não permite as comparações adequadas.

Neste sentido, a nossa exposição será sobretudo descritiva e para tal utilizaremos os mesmos pressupostos metodológicos expressos na alínea 2.1.4.. Iniciando a exposição pelos aspectos morfológicos, e neste caso pela tipometria, o comprimento nos raspadores situa-se entre 1,9 e 3,7 cm, a largura entre 1,6 e 3,1 cm, e a espessura entre 0,8 e 1,1 cm; nos perfuradores, o comprimento fixa-se entre 4,6 e 5,2 cm, a largura entre 3,2 e 4 cm, e a espessura entre 1,4 e 1,9 cm; nos UAD o comprimento varia entre 1,2 e 2,3 cm, a largura entre 0,4 e 1,4 cm, e a espessura entre 0,3 e 0,9 cm. Quanto ao peso os valores, no geral, fixam-se abaixo dos 30 gramas, valor adentro do qual se distinguem 2 grupos: o primeiro tem entre 20 e 30 gramas, e o segundo situa-se abaixo dos 5 gramas. Verifica-se então que são todos utensílios de pequena dimensão.

A nível técnico pouco são as diferenças relativas a Crasto II, notando-se, contudo, a ausência de raspadeiras.

São 3 os raspadores, que representam (30%) da amostragem. Temos em primeiro lugar um *raspador duplo-lateral* –, ou seja, um raspador do grupo 3. Estes possuem os gumes funcionais ao longo dos dois bordos laterais, dispostos mais ou menos paralelamente ao eixo de lascamento, sendo o retoque unifacial ou bifacial. O raspador em causa (n.º 588) é de pequeno tamanho, de gumes convexos – 3b –, sobre lasca em quartzo. O gume dispõe-se ao longo dos bordos laterais apresentando um retoque descontínuo marginal, sendo a inclinação dos retoques abrupta e realizada com auxílio de uma técnica primitiva. Pelas características técnicas depreende-se que esta peça foi rapidamente abandonada pois o gume não foi avivado. Registou-se igualmente na zona da aresta talão deste raspador a presença dum

negativo lamelar paralelo ao eixo de lascamento da lasca que terá tido como finalidade a criação de um gume de buril. No grupo quatro (4) – *raspador transversal* –, que define os raspadores cujo bordo funcional se encontra na extremidade oposta ao talão, temos aqui 2 pequenos exemplares em quartzo, dos quais 1 possui gumes convexos – 4a –, e o outro gumes paralelos – 4b. A nível técnico o raspador com gume convexo – 4a – (n.º 656), evidencia um retoque cobridor unifacial total com inclinação semi-obliqua. Esta peça assemelha-se na morfologia e técnica a uma outra presente no Crasto II, aquela n.º 610. Ambas mostram como particularidade o facto de não parecerem ter sido feitas para usar directamente pela mão, mas antes acoplada a um outro suporte (cabo em madeira, por exemplo). O raspador com gume paralelo – 4b – (n.º 601) apresenta um gume elaborado a partir de um levantamento anterior, o qual foi retocado na sua totalidade mas de modo marginal, com o intuito de o avivar. Não foi detectado em nenhum destes raspadores quaisquer estrias de uso.

São 2 os perfuradores (20%), integrando-se um (n.º 181) no grupo doze (12) – *perfuradores de ponta lateral* –, e outro (n.º 941) no grupo treze (13) – *perfuradores de ponta em diagonal* –. O perfurador de ponta lateral n.º 181 é uma peça de tamanho pequeno em quartzo, cuja ponta foi feita a partir do desbaste do gume através de retoques marginais, mas totais em toda a sua extensão, apresentando uma inclinação oblíqua. No plano oposto verifica-se a existência de uma trancatura que poderá ter sido uma outra ponta que se fragmentou, ou, preparação de um plano para encabar. O perfurador de ponta em diagonal, n.º 941, é uma peça de tamanho mediano cuja ponta surge da aplicação de uma trancatura de inclinação vertical que propiciou de imediato uma ponta aguçada. Esta foi realizada sobre o bordo lateral da lasca, onde se pode ver ainda o ponto de percussão. Não foram detectadas de momento quaisquer vestígios de utilização.

Os UAD, em número de 5 peças representam (50%) deste grupo. São pequenos UAD em cristal de rocha, dos quais 3 não apresentam quaisquer indícios de terem sofrido levantamentos – T0 –, e 2 evidenciam levantamentos de tipologia 1 – T1. São levantamentos abruptos (1) efectuados sobre a aresta lateral do cristal. Devido à sua pequenez, e após uma passagem pela lupa binocular, não identificamos quaisquer estrias de uso.

O aspecto a reter nesta fase III é o reduzido n.º de utensílios e a maioria são UAD.

3.2.4.2. Distribuição Espacial

Os 10 exemplares desta fase são todos da Unidade Externa, sendo 5 UAD, 3 raspadores e 2 perfuradores. Tal como notáramos atrás, verifica-se uma grande diminuição de deste tipo de peças relativamente à fase anterior.

Na fase mais antiga da Idade do Ferro, fase III(-1), foi recolhido 1 único exemplar, estando os restantes 5 inseridos na fase relacionada com o *terminus* da ocupação da Idade do Ferro em Crasto de Palheiros, ou Fase III(-2).

3.2.4.3. Matérias-Primas

Tal como na Fase II, o quartzo continua a ser a rocha preferida entre os raspadores e perfuradores, com um total de 5 exemplares (50%). Em igual número surge o cristal de quartzo em 5 UAD (50%). O uso do quartzo na produção de utensílios assenta em 2 aspectos: no primeiro, as suas qualidades físicas permitem, aplicar um operação de debitage com um acentuado sucesso; num segundo aspecto, a obtenção da matéria-prima é de fácil aquisição se porque localiza nos filões da formação geológica sobre a qual se formou o povoado.

Quadro XVI – Distribuição das Matérias-Primas dos Utensílios da Fase III em Crasto de Palheiros na Unidade Externa

FASE III		
	Matéria-Prima	Unidade Externa
Raspadores	Quartzo	3 30%
Perfuradores	Quartzo	2 20%
UAD	Cristal de Rocha	5 50%
Total		10

3.2.5. Líticos Diversos

A Fase III, tal como a Fase anterior, comporta um número reduzido de suportes, ou melhor, aparecem peças únicas, impeditivas da criação dum quadro interpretativo. Registámos 28 exemplares provenientes da Unidade Externa, o que corresponde a 19% dos materiais recolhidos nesta Fase. No grupo onde ainda não é possível estabelecer uma definição tipológica, identificamos 1 único exemplar (n.º 182) em filito que caracterizamos entre Relha e “Pau” de Cavar. Possui um contorno muito alongado e rectangular, e uma secção transversal elíptica; o comprimento é de 7,6 cm, a largura de 3,3 cm e a espessura de 1,3 cm. A área funcional encontra-se fragmentada, mas os bordos laterais convergem suavemente para essa zona funcional.

No grupo dos suportes sem vestígios antrópicos visíveis, registámos ao todo 27 exemplares. Destes, 8 são quartzos, 4 são quartzites, 4 são filitos e 1 é grauvaque, todos sobre seixo rolado. Os blocos angulosos são: 4 grauvaques, 2 filitos, 2 quartzites, 1 metavulcanito e 1 brecha.

3.3. Materiais de Contexto Indeterminado

Nesta alínea incluiremos todos aqueles materiais não analisados na Fase II ou na Fase III, que provêm da camada superficial (zero), ou também dum contexto específico duvidoso ou inexistente; inclui ainda aqueles que foram recolhidos em contextos de interface arqueológica, podendo pertencer tanto ao Calcolítico, como à Idade do Ferro (por isso vêm nomeados na Fase II/III).

Esta incerteza nos contextos decorre de vários factores. Por um lado, na Unidade Interna o “escorregamento” dos sedimentos do habitat, a par da destruição dos Taludes e Muralha, e ainda os revolvimentos profundos das raízes de carrasco, provocaram remeximentos e deslocamentos pétreos e de sedimentos que impedem uma ligação a um contexto cronológico/construtivo específico. Por outro, na Unidade Externa, a acumulação de sedimentos na parte baixa do povoado (plataforma inferior) decorrentes do escorregamento dos sedimentos da plataforma superior, se por um lado preservou as camadas arqueológicas subjacentes, por outro, implicou uma certa mistura de materiais à superfície. Será então sobretudo devido a factores pós-deposicionais que encontramos tantos percutores na camada 0 (zero) da Unidade Externa. É certo que muitos resultarão dos revolvimentos agrícolas, mas a maioria deve provir de escorregamentos da parte superior do povoado.

3.3.1. Dormentes

O número de dormentes aqui recolhidos é de 19 peças. Na Camada 0 (zero), ou de contexto Duvidoso ou Inexistente, identificaram-se na Unidade Interna 4 dormentes, e na Unidade Externa 10 dormentes. Já do contexto de Interface II/III, as únicas 5 peças existentes provêm da Unidade Interna. Nota-se um valor superior aos dormentes exumados em Crasto III, o qual só se explica pelas várias transformações ocorridas durante séculos de ocupação e abandono.

3.3.2. Moventes

São no total 33 os moventes atribuídos a este “contexto”. Destes, 11 vêm da Unidade Interna e 15 da Unidade Externa, tendo sido recolhidos na Camada 0 (zero), ou em contextos Duvidosos ou Inexistentes. No contexto de Interface II/III identificaram-se 5 peças na Unidade Interna e 2 na Unidade Externa. De igual forma continua-se presenciar neste contexto um predomínio de peças superior às existentes em Crasto III.

3.3.3. Alisadores/Polidores

O total de alisadores/polidores é de 4 peças. Da Camada 0 (zero), ou contexto Duvidoso ou Inexistente, recolheram-se 3 peças, das quais 1 é da Unidade Interna e 2 da Unidade Externa. Do contexto de Interface II/III, foi identificado 1 peça da Unidade Interna.

3.3.4. Machados, Enxós e Goivas

Estas peças representam um total de 7 exemplares. Na Camada 0 (zero), ou provindo de contexto Duvidoso ou Inexistente, identificaram-se 6 peças (5 machados e 1 enxó), sendo 2 machados da Unidade Interna, e 3 machados e 1 enxó da Unidade Externa. Como peças provenientes do contexto de Interface II/III, temos 1 machado.

3.3.5. Utensílios

O total de utensílios 6 exemplares, todos provenientes da Camada 0 (zero), ou de contexto Duvidoso ou Inexistente. Recolheu-se 1 perfurador na Unidade Interna, e 3 raspadores e 2 UAD na Unidade Externa. A nível técnico, o perfurador em quartzo insere-se no grupo treze (13) – *perfurador de ponta diagonal*. Nos raspadores, 1 insere-se no grupo cinco (5) – *raspador de retoque abrupto* –; os restantes 2 raspadores em quartzo inserem-se no grupo quatro (4) – *raspador transversal* –, e dentro destes 1 possui gume convexo – 4a –, e o outro gume paralelo – 4b. Os UAD apresentam um levantamento similar às suas congéneres já aqui mencionadas.

3.3.6. Líticos Diversos

Neste grupo registámos 23 exemplares. Destes, 6 peças (3 filitos, 2 metavulcanitos e 1 grauvaque – n.º 692, 149, 583, 74, 135 e 134) são aquelas que denominamos por Relhas ou “Paus” de Cavar. Uma outra peça (n.º 576), é um utensílio que temos dificuldade em definir, pois pode ser uma faca, um cutelo, ou uma relha, entre outras coisas. Esta peça possui um polimento acentuado extensível a toda o seu corpo; as estrias no rebordo tanto podem resultar do uso ser funcional, como da própria elaboração da peça. Trata-se de uma verdadeira incógnita funcional, que futuramente tentaremos desvendar, mas que importa deixar já aqui referida. No grupo dos materiais líticos sem vestígios antrópicos visíveis,

identificámos 16 exemplares. Destes, 10 exemplares são sobre seixo rolado, sendo 6 quartzites, 3 quartzos e 1 filito; nos blocos angulosos, 1 é em grauvaque, outro em quartzite, e 4 são fragmentos de ocre.

4. QUADROS DESCRITIVOS

4.1. Crasto II – Fase calcolítica

4.1.1. Dormentes

Quadro XVII – Dormentes do Nível de Ocupação Doméstica do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	Sa-C	Sa-L	Sa-Pf	CgPf	Silh	SçTv	Qa	Eb	Csa	Cb	Esa	Teu	D/B	Fa
983	95	I	E 11	1		q	E,v	1	24	9	8.8	22.5	7	0	B2	r	tr	u	b	p	cx	p			II
818	96	I	D 11	1		mv	E,b	2	15.5	12.7	4	14.4	10.4	2.6	A4.1	r	ov	u	b,f	c	a	p			II
805	96	I	F 12	1		g	A,v	1	16.8	12.8	7	?	?	?	?	el	tr	?	?	G	cx	?			II
974	96	I	G 12		1	g	E,v	2	37	22	15.2	35	14	0	B3	sci	r	u	f	p	a	pr			II
907	97	I	D 12	1		g	A,v	1	16.7	12.6	9.7	13	9	4.9	A5.1	r	r	u	a	c	a	rp			II
908	97	I	D 9		20.1	q	E,v	2	15.2	14.7	5.6	14.9	13.3	1	C2.2	r	r	u	b	cx	a	pr			II(-1)
909	97	I	D 9		20	mv	A,b	1	12.7	9.7	2.3	8.8	8.5	1.5	A3.1	tr	r	u	b	c	?	p			II(-1)

Quadro XVIII – Dormentes do Talude Interno – TI – inseridos no Nível de Ocupação Doméstica do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	Sa-C	Sa-L	Sa-Pf	CgPf	Silh	SçTv	Qa	Eb	Csa	Cb	Esa	Teu	D/B	Fa
688	95	I	G 13	1		gn	E,b	3	12	5.2	2.9	10.8 10.5	3.8 3.5	0.2 0	A1.1	r	r	b	b	c/pc	e	p			II

Quadro XIX – Dormentes do Nível de Ocupação Doméstica – Fase II(-1) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	Sa-C	Sa-L	Sa-Pf	CgPf	Silh	SçTv	Qa	Eb	Csa	Cb	Esa	Teu	D/B	Fa
107	97	E	W 10	2b		g	E,v	1	9.7	6.5	5.5	9.1	6	2.3	A4.1	r	r	u	a	c	?	p			II(-1)
964	97	E	W 10	2b		q	E,v	1	25	18.5	5.5	21	17.5	2	A3.3	r	r	u	b	c	a	p			II(-1)
113	97	E	W 9	2b		g	E,v	1	16.5	11.3	4.8	14.5	8.3	3.6	A5.1	r	r	u	b,f	c	?	p			II(-1)
374	98	E	S 9	2b		g	E,b	2	22.4	12.6	6.7	22	12.4	1.2	C2.2	tr	tr	u	a	cx	cx	rp			II(-1)
377	98	E	W 10	2b	41.2	gn	E,b	2	10.7	9.3	4.4	10.4	5.4	0.4	A1.1	r	tr	u	b	c	cx	p			II(-1)
308 A,B,C	98	E	W 11	2b	41.2	q	A,v	3	24.3	20.5	7.3	22.8	19	0.9	A2.3	r	sci	u	b,f	pcx	cx	p			II(-1)
322	98	E	W 12	2b		gn	E,b	1	16.2	9.8	5.9	7.2 5	3.2 3.6	0.2 0	A1.2	ov	r	b	b	c/p	e	p			II(-1)
323	98	E	W 12	2b		q	E,b	1	13.8	8.7	5	12.4	7.8	0	B1	tr	r	u	b	p	?	p			II(-1)
551	99	E	Y 14	2b		g	A,v	1	20.5	10.7	9.9	17	8.4	4.8	A5.2	tr	r	u	a	c	?	rp			II(-1)

Quadro XX – Dormentes do Talude Externo – TE e TE1 – inseridos no Nível de Ocupação Doméstica – Fase II(-1) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	Sa-C	Sa-L	Sa-Pf	CgPf	Silh	SçTv	Qa	Eb	Csa	Cb	Esa	Teu	D/B	Fa
1007	98	E			103	gn	E,b	2	11.5	8.1	7	7.9	4	0.2	A1.1	ov	r	u	b	c	co	p			II(-1)
948	99	E	B'15-16		107	q	A,v	1	29	22.5	8	25.3	21.5	2.5	A4.2	tr	r	u	f	pc	?	p			II(-1)
950	99	E	B'15-16		107	q	A,v	1	29	20	12.5	23	15	3.5	A5.2	sci	r	u	a	pc	?	p			II(-1)
954	99	E	B'15-16		107	q	E,v	1	18	16	10	14	7	0	B2	tr	r	u	a	p	?	p			II(-1)
955	99	E	B'15-16		107	q	E,v	1	28	17	9	21	16	4.5	A5.2	r	r	u	f	pc	a	p			II(-1)
1014	99	E	B'15-16		107	q	E,v	2	21	14	12	18 16	12 11	0	B2	r	r	b	a	p p	e	p			II(-1)
487	99	E	C'15-16		107	g	E,v	1	12.2	10.2	6.7	10.5	9.1	0	B1	tr	r	u	a	p	?	p			II(-1)

continua

ESTUDO DO MATERIAL LÍTICO DO CRASTO DE PALHEIROS – MURÇA

continuação

506	99	E	C'15-16	107	q	A,b	1	11.7	9	6.4	9.6	7.1	1.7	A2.1	r	r	u	a	c	?	p	t,u			II(-1)
946	99	E	C'15-16	107	q	E,v	1	32	19	11	25	11	6	A6.2	tr	r	u	f	c	?	rp				II(-1)
947	99	E	C'15-16	107	q	E,v	1	16	15	6	14	13	0	B2	r	sci	u	a	p	?	p				II(-1)
949	99	E	C'15-16	107	q	A,v	1	19	16	4.7	16.5	15	0	B2	r	r	u	a	p	?	p	u,r			II(-1)
966	99	E	C'15-16	107	q	E,v	1	57	17.5	20	51	15.5	6	A6.3	r	tr	u	f	c	?	p				II(-1)
535A,B	99	E		103	fl	E,b	2	18.3	6.4	3.5	7.3	5.4	0.5	A1.2	r	r	u	b	pc	a	p				II(-1)
952	99	E		103	g	A,v	1	39	19	10	36	17	3	A4.3	tr	r	u	a	c	a	p				II(-1)
497	99	E		103	q	E,b	1	11.9	8.2	6.2	8.8	6.7	0	B1	tr	r	u	b	p	?	pr				II(-1)
498	99	E		103	g	A,v	1	10.7	7.8	6.1	9.6	7	2.1	A4.1	r	r	u	a	c	?	r				II(-1)
953	99	E		103	q	A,v	1	26	14	8	18,5	13	0.6	A2.3	tr	r	u	a	pc	?	rp				II(-1)
965	99	E		103	q	E,v	2	45	41	15	37	32	10.2	A7.3	ov	sci	u	f	c	cx	pr				II(-1)
970	99	E		103	q	E,v	3	53.5	38	10	38	23	4.2	A5.3	r	r	u	f	c	a	p				II(-1)
971	99	E		103	g	E,v	1	20	16	11	13	10	3	A4.2	tr	r	u	f	c	a	p				II(-1)

Quadro XXI – Dormentes do Talude Sul – TS – Inseridos no Nível de Monumentalização/ Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	Sa-C	Sa-L	Sa-Pf	CgPf	Silh	SçTv	Qa	Eb	Csa	Cb	Esa	Teu	D/B	Fa	
459	99	E	R 9	2a		q	E,v	1	14.5	7	4.1	11.9	4.1	0.3	A1.2	r	tr	u	b,f	p	?	p				II(1-2)

Quadro XXII – Dormentes do Talude Sul/ Empedrado – TS/E – Inseridos no Nível de Monumentalização/ Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	Sa-C	Sa-L	Sa-Pf	CgPf	Silh	SçTv	Qa	Eb	Csa	Cb	Esa	Teu	D/B	Fa	
968	99	E	Q 8		46	q	A,v	1	26	23.5	7	23.5	20	4	A5.2	r	r	u	a	c	a	pr				II(1-2)
491	99	E	Q 8-9	2a		q	A,v	2	17.3	14.6	5.6	15.7	12.9	0.5	A1.2	r	r	u	a	pc	?	pr				II(1-2)
446	99	E	Q 9	2a		g	A,b	1	6.8	5.5	3.6	4.8	3.1	0	B1	r	r	u	b	p	?	p				II(1-2)

Quadro XXIII – Dormentes do Empedrado – E – Inseridos no Nível de Monumentalização/ Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	Sa-C	Sa-L	Sa-Pf	CgPf	Silh	SçTv	Qa	Eb	Csa	Cb	Esa	Teu	D/B	Fa	
1013	97	E	T 10	2a		q	E,v	2	24.4	21.3	9.2	23	16	0	B2	r	sci	u	b	p	cx	pr				II(-2)
969	97	E	V 10	2a		q	E,v	1	38	36.5	14	35	34	2.5	A4.3	tr	r	u	f	pc	a	pr				II(-2)
956	97	E	V 11	2a		q	E,b	3	25.5	20.5	8	23.9	19.4	1.4	C2.3	r	sci	u	f	cx	cx	rp				II(-2)
201	97	E	V 11	2a		q	E,b	2	13.8	11.1	2.7	10 12.3	8 5.3	0.3 0.1	A1.2	tr	r	b	b	c/p	e	p	pd,b			II(-2)

Quadro XXIV – Dormentes do Contexto não Relacionado com as Estruturas Pétreas ou, Interface do Nível de Ocupação Doméstica com o Nível de Monumentalização/ Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	Sa-C	Sa-L	Sa-Pf	CgPf	Silh	SçTv	Qa	Eb	Csa	Cb	Esa	Teu	D/B	Fa	
213	97	E	S 10	2		g	A,v	1	8	5.5	4.1	67.2	3.4	0	B1	r	r	u	b	p	?	pr				II(-2)
477	97	E	W 10	2		q	A,v	1	15.6	7.6	6.2	13.6	7	0.4	C1.2	el	r	u	a	pcx	?	pr				II
962	97	E	X 10	N.I.6	21	g	E,v	1	16	15.5	6	15	11.5	0.8	A2.2	r	sci	u	a	pc	cx	p				IIA

4.1.2. Moventes

Quadro XXV – Moventes do Nível de Ocupação Doméstica do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	Sçl.	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa	
795	95	I	D 13	1		q	E,v	2	b	9.6	8.3	4.8	524	3	r	r	r	u	S1	p					II
807	95	I	E 10	1		g	E,v	2	b	9.7	7.6	4.5	484	3	r	r	r	b	S4	p					II
808	95	I	E 10	1		g	E,b	2	b	10.7	5.2	4.8	364	3	r	r	r	b	S3	p					II
789	95	I	E 11	1a	9	g	E,b	1	b	7	6	4.8	272	2	tr	r	r	b	S3	p					II
790	95	I	E 13	1		g	E	2	b	8.6	6.4	4.8	380	3	r	r	r	u	S1	r					II

continua

continuação

806	95	I	E 13	1		q	E,v	2	b	15.5	7.7	5.8	862	4	tr	r	sci	u	S1	p	t,u	E,p		II
817	95	I	E 14	1		q	E	2	b	16.8	13.4	3.3	1276	5	r	r	r	b	S4	p		E,p		II
793	95	I	F 10-11	1		mv	E,v	1	b	8.9	4.4	2.3	170	2	r	r	r	b	S4	p	t,b			II
792	95	I	F 11	1		mv	E,v	1	b	9	4.5	3.3	192	2	r	sci	r	b	S4	p				II
787	96	I	D 9-10	1		g	E	1	b	5.9	5.2	4.8	208	2	r	tr	r	b	S4	r				II
860	96	I	D 10	1		gv	E	3	b	15.5	5.8	4	534	3	el	el	sci	b	S6	p	t,u	P,a	u,r	II
862	96	I	D 10	1		q	A,b	2	b	8.4	6.5	3.8	292	2	ov	r	r	b	S4	p	d,u	P,l	b,a	II
864	96	I	D 10	1		q	E,b	3	b	10.7	7.2	4.2	516	3	r	r	r	b	S7	p	t,u	E,p	b,a	II
865	96	I	D 10	1		q	E	3	b	8.8	8.8	4.6	644	4	tr	r	r	b	S4	p			b,r	II
903	96	I	D 10	1		q	E,v	1	b	8.1	3.3	3	108	2	el	sci	tr	u	S1	p				II
660	96	I	D 10	1		fl	E	2	b	10.7	5.9	2.5	188	2	tr	r	sci	u	S1	p	t,u			II
798	96	I	E 11		1	gv	E	3	b	12.2	8.5	4.8	928	5	r	r	r	u	S1	p	d,u	P,l		II
693	96	I	E 11	2		mv	E,v	1	b	8.8	4.1	2.3	134	2	r	r	r	b	S4	p	t,b			II
695	96	I	E 12	1		c	E	2	b	5.7	5.4	3.2	178	2	r	r	r	m	S7	p		E,p	t,a	II
809	96	I	E 12	1		q	E,v	1	b	9.2	6.6	5.4	386	3	r	tr	r	u	S1	p				II
810	96	I	E 12	1		g	E,v	1	b	8.9	7.5	6.2	464	3	r	r	tr	u	S1	p				II
811	96	I	E 12	1		g	E,v	1	b	11.6	5.7	4.7	492	3	r	r	r	b	S4	p				II
784	96	I	F 12	2		g	A,b	2	b	7.2	6	5	286	2	ov	sci	tr	b	S3	p				II
801	96	I	F 12	2		q	A,b	1	b	9.2	6	3	266	2	tr	r	r	b	S4	p	t,u	P,p		II
802	96	I	F 12	2		mv	E,b	2	b	9.4	5.6	3.3	300	2	r	r	r	m	S7	p	p,u			II
796	96	I	G 13		1	q	A,b	3	b	14	8	3.8	664	4	r	r	sci	u	S1	p	p,u	E,p		II
788	96	I	K-L 10-11	3		q	E	2	b	8.7	5.5	5.1	386	3	r	r	r	u	S1	p	t,u			II
785	96	I	K-L 11	3a		g	E,b	1	b	7.7	5.5	5.2	330	3	r	r	r	u	S1	p				II
899	97	I	C 10		20	q	E,v	1	L	11	5.3	2.3	210	2	r	r	r	u	S1	p	t,u			II
863	97	I	D 9		20.1	q	A,b	3	b	10.4	7.7	4.4	592	3	r	r	r	b	S4	p	t,u	E,p	b,r	II
861	97	I	D 9-10		20	q	E	3	b	12.4	6.6	6	762	4	tr	r	tr	u	S1	p	t,u	E,p	u,a	II
987	99	I	14 S		12	q	E	3	b	17.3	6.2	4	902	5	r	r	r	u	S1	p	t,u	E,p		II

Quadro XXVI – Moventes do Empedrado – E – Inseridos no Nível de Ocupação Doméstica do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	Sçl.	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa
904	97	I	C 9		18	g	E,v	1	b	7.9	5.4	3.6	164	2	r	tr	r	u	S1	p				II
897	97	I	C 11		18	g	E,b	2	b	7.9	5.5	4.6	238	2	tr	r	r	u	S1	p				II
896	97	I	D 9		18	q	E,v	2	b	7.8	6	4.7	242	2	r	tr	tr	u	S1	p				II
905	97	I	D 10		18	g	E,b	1	b	8.3	5.6	5.3	304	3	tr	r	tr	u	S1	p				II

Quadro XXVII – Moventes do Nível de Ocupação Doméstica – Fase II(-1) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	Sçl.	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa
92	97	E	T 10	2b		g	E,b	1	b	8	6.3	4.9	260	2	ov	ov	tr	u	S1	p				II(-1)
251	97	E	V 9	3		q	E	2	b	11.4	8.5	3.6	604	4	r	r	r	u	S1	p		P,l		II(-1)
257	97	E	V 9	2b	36	g	E,b	1	b	6.8	5.7	4.1	210	2	r	sci	r	b	S3	p				II(-1)
259	97	E	V 9	2b	36	q	E,v	2	b	6.1	4.4	3.8	138	2	tr	r	tr	b	S6	p	t,u			II(-1)
260	97	E	V 9	2b	36	q	E,v	2	b	8.9	5.7	3.8	236	2	sci	el	tr	u	S2	p				II(-1)
261	97	E	V 9	2b	36	q	E	2	sr	9	6.3	3.8	274	2	tr	r	r	u	S1	p	t,u			II(-1)
963	97	E	W 10	2b		q	A,b	1	b	13.8	11.2	3.2	1364	5	r	r	r	u	S1	p				II(-1)
210	97	E	W 11	2b		q	A,v	2	b	8.6	4.6	3.6	206	2	r	r	tr	u	S1	p				II(-1)
240	97	E	X 11	2b		g	E,b	2	b	8	5.3	3.5	206	2	el	r	r	b	S4	p	t,u			II(-1)
396	98	E	V 9	2b	36.1	q	E	3	b	11.3	8.7	3.5	656	4	r	r	r	b	S4	p		P,p	u,r	II(-1)
401	98	E	L 9		52	gv	A,b	3	b	10	6.2	4	372	3	r	r	tr	u	S1	p	t,u		u,r	II(-1)
406	98	E	V 11	2b		gv	E,b	2	b	8.2	7.8	3.4	308	3	r	el	r	u	S1	p				II(-1)
385	98	E	W 10-11	2b	41.2	gv	E,b	3	b	7.5	4.7	1.8	78	1	el	el	sci	u	S2	p	d,u			II(-1)
321	98	E	W 12	2b		q	E	2	b	10.9	6.2	3.2	322	3	r	r	tr	u	S1	p	t,u	P,p		II(-1)
317	98	E	X 11	2b		q	E,b	3	b	22.8	12	6.5	2000+	6	el	r	r	u	S1	p				II(-1)
642	98	E	X-Y 11-12	2b		gv	A,b	2	b	9.8	6.5	2.8	248	2	r	r	r	u	S1	r	t,u			II(-1)
340	98	E	Y 11	2b	41.2	q	E,v	1	b	7.8	7.3	2.5	224	2	tr	r	r	u	S1	p		P,l		II(-1)
490	99	E	Y 14	2b		a	E	2	b	9.5	7.1	2.6	298	2	r	r	ov	b	S4	p	pd,b	P,a		II(-1)

ESTUDO DO MATERIAL LÍTICO DO CRASTO DE PALHEIROS – MURÇA

Quadro XXVIII – Moventes do Talude Exterior – TE e TE1 – Inseridos no Nível de Ocupação Doméstica – Fase II (-1) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	Sçl.	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa
1004	98	E			103	q	A,v	2	b	10.8	8.1	4.5	510	3	r	r	r	u	S1	p	t,u		u,r	II(-1)
569	99	E	A' 15		111	gv	E,b	3	b	11.5	7.4	3.3	368	3	tr	tr	r	u	S1	r		E,p		II(-1)
516	99	E	B'15-16		107	q	A,v	2	b	10.2	9.2	3.8	578	3	r	r	r	u	S1	p				II(-1)
520	99	E	B'15-16		107	g	E,v	1	b	9.5	8.3	4.3	416	3	r	r	tr	b	S3	r				II(-1)
508	99	E	C'15-16		107	q	A,v	2	b	9.7	8.5	4.5	698	4	r	r	r	u	S1	p				II(-1)
553	99	E	C'15-16		106	g	E,b	2	b	8.2	6.6	4.2	330	3	r	tr	sci	m	S7	p	t,b	P,p		II(-1)
527	99	E			103	q	E	3	b	7.9	6.5	5.3	428	3	r	r	r	u	S1	p		P,d		II(-1)

Quadro XXIX – Moventes do Talude Exterior 1 – TE1 – Inseridos no Nível de Monumentalização/ Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	Sçl.	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa	
935	99	E	A'B'15		108	q	E,v	1	b	6.3	6.2	3.4	122	2	tr	r	r	b	S4	p					II(-2)

Quadro XXX – Moventes do Talude Sul – TS – Inseridos no Nível de Monumentalização/ Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	Sçl.	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa
332	98	E	JK-L 7-8	0		q	E,v	2	b	8.2	6.9	4.3	342	3	r	r	r	u	S1	r		P,l		II(1-2)
341	98	E	JK-L 8	0		g	E,b	1	b	10.5	6	3.8	390	3	r	r	r	u	S1	r				II(1-2)
399	98	E	K-L 8-9	sup		q	A,b	2	b	11.8	9.7	3.8	808	4	r	r	r	u	S1	p		P,l		II(1-2)
442	99	E	R 9	2a	46	q	E,b	2	b	10.6	4.9	4.6	338	3	r	r	tr	b	S3	p	pd,u			II(-2)
443	99	E	R 9	2a	46	q	E	3	b	9.2	6.4	3.7	308	3	r	r	r	u	S1	p				II(-2)
460	99	E	R 9	2a		g	A,v	1	b	8.2	6.2	5.2	262	2	tr	r	r	u	S1	p				II(-2)

Quadro XXXI – Moventes do Talude Sul/ Empedrado – TS/E – Inseridos no Nível de Monumentalização/ Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	Sçl.	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa	
447	99	E	Q 9	2a		g	A,v	1	b	6	3.8	2.5	86	1	r	r	r	u	S1	p					II(-2)
451	99	E	Q-R 8	2a	46	g	E,b	2	b	11	7.4	4.6	568	3	r	r	sci	b	S3	p	t,u				II(-2)

Quadro XXXII – Moventes do Empedrado – E – Inseridos no Nível de Monumentalização/ Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	Sçl.	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa	
51	96	E	W 11	2		fl	A,b	1	b	6.5	4.6	1.6	76	1	r	r	r	u	S1	r	t,u				II
62	97	E	S-T 12	2a		fl	A,b	1	b	8	5.2	5.8	356	3	r	r	r	u	S1	p	d,u				II(-2)
93	97	E	T 11	2a		q	E,v	2	b	11	9.5	5.7	950	5	r	r	sci	b	S3	p					II(-2)
961	97	E	V 11	2a		q	E,v	3	b	27	17.5	7	2000+	6	r	r	r	u	S1	p					II(-2)
52	97	E	VW 11	2a		g	E,b	2	b	9.4	9.4	6.4	678	4	qd	tr	tr	u	S1	p	t,u				II(-2)
404	98	E	S 9	2a		g	E,b	1	b	8.2	4.4	3.6	256	2	el	el	tr	b	S4	p			b,r	II(-2)	
582	98	E	W 12	2a		q	E,b	3	b	14	6.6	2.1	404	3	r	r	r	b	S4	p	p,b				II(-2)
476	99	E	W 14	2a		q	E	2	sr	7.4	6.7	3.9	222	2	tr	el	tr	u	S1	p	t,u	P,l			II(-2)
561	99	E	X 15	2a		q	A,v	2	b	7.9	6.2	4.5	362	3	r	r	r	b	S4	p	p,u	P,p	u,a		II(-2)
570	99	E	Y 14	2a		gv	E,v	2	b	7.4	6.6	2	106	2	ov	el	el	u	S1	p					II(-2)

4.1.3. Alisadores/Polidores

Quadro XXXIII – Alisadores/Polidores do Nível de Ocupação Doméstica do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Silh	Sçl.	SçT	Laf	Np	Ceu	Deu	Lv	A/P	A/B	Fa
674	95	I	E 13	1		fl	E,v	1	sr	4.6	3	1.2	22	r	r	el	b	p	n	t,u	c			II
786	95	I	E 13	1		q	E,b	3	b	8.8	6.6	5	428	r	el	r	u	p			b	P,d	u,r	II
658	96	I	B 14	1		q	E,b	3	sr	13	7	2.8	422	r	r	r	pl	p			c	E,p		II
832	96	I	D9-10	1		gv	E,v	3	b	7.5	5.2	2.3	160	r	el	r	pl	p						II
661	96	I	D 10-11	1		mv	E,b	3	sr	8.5	4.1	1.2	84	r	r	r	pl	t			c			II
684	96	I	D 11	1		gb	E,v	3	sr	9.9	4.3	3.3	236	el	r	r	b	p	t	t,b	c	E,p		II
668	96	I	E 12	1		gb	E,v	3	sr	7.2	5.6	4.6	328	r	r	r	b	p	t	t,u	b	E,p		II
857	97	I	E 9		20	ld	E,b	3	sr	11	5.1	2.5	214	el	r	el	pr	p	t	t,u	c	E,p		II

Quadro XXXIV – Alisadores/Polidores do Talude Interno – TI – Inseridos no Nível de Ocupação Doméstica do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Silh	Sçl.	SçT	Laf	Np	Ceu	Deu	Lv	A/P	A/B	Fa	
675	96	I	G 12	2		q	E,v	3	sr	9.6	4.2	2.5	170	r	r	r	pr	p					P,d		II

Quadro XXXV – Alisadores/Polidores do Nível de Ocupação Doméstica – Fase II(-1) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Silh	Sçl.	SçT	Laf	Np	Ceu	Deu	Lv	A/P	A/B	Fa
175	97	E	V 9	2b		q	E,b	3	sr	4.4	2.9	1.9	40	el	el	el	pr	p	t	t,b				II(-1)
208	97	E	W 11	2b		fl	E,b	3	sr	7.6	5.5	2.1	146	ov	el	el	pr	p	t	l,u		E,p		II(-1)
425	98	E	T 9	2b		gv	E,v	3	sr	6.9	3.2	2.3	80	r	r	r	pr	p						II(-1)
311	98	E	V 11	2b		q	E,b	3	sr	6.9	2.5	1.9	52	el	el	r	pr	p	t	t,u				II(-1)
581	98	E	W 11	2b	41.2	a	E,b	3	sr	6.2	2.6	1.8	62	r	r	r	u	p	t	t,u	b	E/P,d		II(-1)

Quadro XXXVI – Alisadores/Polidores do Talude Sul/ Empedrado – TS/E – Inseridos no Nível de Monumentalização/Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Silh	Sçl.	SçT	Laf	Np	Ceu	Deu	Lv	A/P	A/B	Fa
433	98	E	S 8-9	2a		gv	E,v	3	b	10.5	8	2.7	218	tr	r	r	m	p	t	pd,b				II(-2)
521	99	E	P 8	2a		gv	A,v	1	sr	7.3	3.6	2.1	94	r	r	r	u	p	t	l,u				II(1-2)
652	99	E	Q 8-9	2a		q	E,v	1	b	3.7	3	2.4	40	r	el	r	m	p						II(1-2)

Quadro XXXVII – Alisadores/Polidores do Empedrado – E – Inseridos no Nível de Monumentalização/Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Silh	Sçl.	SçT	Laf	Np	Ceu	Deu	Lv	A/P	A/B	Fa
146	97	E	V 11	2a		gv	E	3	sr	5	2.7	2.3	36	r	tr	tr	u	p	t	t,u		E,p		II(-2)
431	98	E	X 14	2a		fl	E,b	3	sr	6.3	2.8	1.2	32	r	r	r	pr	p	t	t,u		E,p		II(-2)
1010	99	E	P-Q 9	2a		fl	E,v	2	sr	7.2	6.7	2.4	132	tr	r	tr	b	p	n	pd,b	b	P,d		II(1-2)
1011	99	E	P-Q 9	2a		q	E	3	sr	12.3	6.6	2.5	322	el	el	r	pr	p			c	P,p/l		II(1-2)
564	99	E	Y 15	2a		q	E,b	3	sr	5.5	5.1	3.2	134	r	r	r	u	p						II(-2)

Quadro XXXVIII – Alisadores/Polidores do Contexto não relacionado com as Estruturas Pétreas ou, Interface do Nível Doméstico com o Nível de Monumentalização/Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Silh	Sçl.	SçT	Laf	Np	Ceu	Deu	Lv	A/P	A/B	Fa
191	97	E	S 10	2		gv	E,b	3	b	8.9	3.3	3.2	164	r	r	qd	m	p			b	E,p		II(-2)
188	97	E	Z 10		21	fl	E,v	3	b	4.3	3.1	1.4	42	r	r	r	m	p	n	pd,b				II(-2)

4.1.4. Machados, Enxó e Goiva

Quadro XXXIX – Machados do Nível de Ocupação Doméstica do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	Sçl	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
821	95	I	D 13	1		A	P,b	3	6.2	4.3	2.8	118	C2.1	r	el	r	pc	dx,s	r	b	t	p	t,b				II
824	95	I	E 10	1		A	P,v	1	8.1	1.3	3.3	55	C1.2	r	r	r	c	dx,a	r	t	?	t					II
822	95	I	E 13	1		A	P,b	3	6.8	5.2	3.5	209	C2.1	tp	el	r	c	dx,s	r	t	t	p		c	g/t,a		II
820	95	I	F 13	1b		A	P,b	3	6.3	4.5	3.4	187	C2.1	tp	r	r	c	dx,s	r	p	t	p		c			II
823	95	I	G 13	1		A	P,v	2	8.9	3.5	2.4	130	C2.2	r	r	el	c	dx,s	r	all	p	t					II
932	96	I	D 9		20	A	P,b	2	6.3	4.2	3.4	150	C2.1	tp	tr	r	c	dx,s	r	all	t	p	t,b	c			II
913	96	I	D 10	1		A	P,v	2	7.6	3.1	2.8	103	C2.2	r	r	tr	c	dx,s	r	a	?	p	t,u				II
912	97	I	D 9		20	A	P,v	2	8.2	2.9	2.6	133	C2.2	r	r	r	c	dx,s	r	b	p	p	pd,u		g,a		II
914	97	I	D 10	1		A	P,b	3	7.8	4.3	3.5	200	C2.2	tp	r	el	c	dx,s	r	b	ci	p	p,b	c	t,a		II

Quadro XL – Machados do Nível de Ocupação Doméstica – Fase II(-1) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	Sçl	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
231	97	E	W 11	2b		a	P,b	3	11.3	7.2	3.3	593	C4.3	tp	r	r	r	dx,s	r	ac	t	c				G,p	II(-1)
252AB	97	E	W 11	2b		a	P,b	2	8.6	4.9	3.2	223	C2.2	r	r	el	c	dx,s	r	ac	ci	p			t,a	G	II(-1)
284	98	E	S 9	2b		a	P,v	3	8.6	5.1	2.6	237	C2.2	tp	r	el	c	dx,s	r	t	t	t					II(-1)
427	98	E	W 12	2b		a	P,b	3	9.4	6.2	4.1	443	C3.2	tp	r	el	c	dx,s	r	t	ci	p	t,u		t/g,a		II(-1)
566	98	E	W 12	2b		a	P,b	2	8.2	5.2	2.9	197	C2.2	tp	tp	r	c	dx,s	r	t	t	p			g,a		II(-1)
362	98	E	X 14	2b		a	P,v	1	4.8	1.8	2.9	40	C1.1	r	r	tr	?	dx,s	r	ac p	?	p	p,u			G	II(-1)

Quadro XLI – Machados do Talude Exterior 1 – TE e TE1 – Inseridos no Nível de Ocupação Doméstica – Fase II(-1) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	Sçl	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
571	99	E	B' 15-16		107	a	P,b	2	8.6	3.7	3.7	190	C2.2	tp	r	r	c	dx,s	r	b p	?	p	pd,u		g,r		II(-1)

Quadro XLII – Machados do Empedrado – E – Inseridos no Nível de Monumentalização/Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	Sçl	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
94	97	E	T 11	2a		a	P,v	1	3.9	2.7	4.7	65	C1.1	r	r	tr	c	dx,a	R	all	?	p					II(-2)

Quadro XLIII – Machados do Contexto não relacionado com as Estruturas Pétreas, ou Interface do Nível Doméstico com o Nível de Monumentalização/Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	Sçl	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
224	97	E	V 10	2		a	P,b	2	11.4	4.1	3.9	345	C3.3	tp	r	r	c	dx,s	r	b p	t	t					II(1-2)

Quadro XLIV – Enxó do Nível de Ocupação Doméstica do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	Sçl	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
826	96	I	G 13	2		fl	A,b	2	10,9	6,9	2	249	C2.3	tp	sci	sci	?	?	?	?	?	c	t,u	c b			II

Quadro XLV – Goiva do Empedrado – E – Inserido no Nível de Monumentalização/ Protecção – Fase II(1-2) e II (-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	Sçl	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
198	97	E	V 10	2a		fl	P,b	3	9.9	4.1	2.1	102	C2.3	r	r	r	c	c	g	b	tc	p				G,t	II(-2)

4.1.5. Utensílios

Quadro XLVI – Raspadores do Nível de Ocupação Doméstica do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	Sp	C	L	E	P	Silh	Sç	Pf	Fp	Rf	Rr	Tr	Teu	Ep	Sçp	Tipl	Fa
840	95	I	E 10-11	1		c	A,v	1	6.1	3	2.6	45	tr,pcx	tr	l	cx	3,u 1,u	t	i	p,pi			1a	II
839	95	I	E 11		9	c	A,v	1	3.6	1.9	0.4	11	r,pcx	tr	l	cx	2,b	t	m	a			1a	II
700	95	I	L 11	1		c	A,v	1	8	5.1	2.4	111	ov,cx	el	l	r	3,u	t	i	a			2a	II
926	97	I	D 10		18	c	A,v	1	4.7	3.3	2.1	37	r,pcx	tr	l	r	4,u 2,u	d	i	p,pi			1b	II

Quadro XLVII – Raspadeiras do Nível de Ocupação Doméstica do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	Sp	C	L	E	P	Silh	Sç	Pf	Fp	Rf	Rr	Tr	Teu	Ep	Sçp	Tipl	Fa
922	97	I	D 9		18	c	A,v	1	4.5	2.1	1.8	11	el,cx	tr	f,l	cx	3,u	t	i,1	a			7	II

Quadro XLVIII – Raspadores do Nível de Ocupação Doméstica – Fase II(-1) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	Sp	C	L	E	P	Silh	Sç	Pf	Fp	Rf	Rr	Tr	Teu	Ep	Sçp	Tipl	Fa
357	98	E	W 10	2b	41.2	q	A,v	1	19.8	9.3	1	236	r,p	r	dl	r	2,u 2,b	d,dt	m	a			3a	II(-1)
408A,B	98	E	W 10	2b	41.2	c	A,v	1	9.5	6	3.2	170	el,cx	r	l	r	3,u 4,u	p	i	a			1a	II(-1)
380	98	E	W 11	2b	41.2	c	A,v	1	4.5	2.2	1.2	18	el,pcx	r	l	cx	2,b	p	m	a			1a	II(-1)
435	98	E	W 11	2b	41,2	c	A,v	1	4	2.7	1.3	15	r,pcx	tr	dl	cx	3,b 3,b	d	m	a			3b	II(-1)
482	98	E	W 11	2b	41.2	c	A,v	1	10.5	4.8	2.9	123	tr,cx	tr	l	r	2,b 1,b	t	m	a			1b	II(-1)
610	98	E	W 11	2b	41.2	c	A,v	1	3.1	1.4	0.8	3	r,pcx	tr	l	cx	2,b	t	c	a			4a	II(-1)
598	98	E	X 10	2b		c	A,v	1	3.8	3.2	1	14	tr,pcx	el	l	cx	2,b	t	i	a			4a	II(-1)
593	99	E	Y 11	2b	112	c	A,v	1	2.8	2.7	1.2	11	tr,cx	tr	dl	cx	2,b 2,b	t	c	a			2b	II(-1)

Quadro XLIX – Raspadeiras do Nível de Ocupação Doméstica – Fase II(-1) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	Sp	C	L	E	P	Silh	Sç	Pf	Fp	Rf	Rr	Tr	Teu	Ep	Sçp	Tipl	Fa
390	98	E	W 10	2b	41.2	c	A,v	1	4.9	4.6	2.1	53	r,p	r	f	cx	3,u	t	i,1	a			8	II(-1)
657	99	E	T 9	2b		c	A,v	1	3.8	2	2	22	r,p	qd	f	r	4,u	t	i,1	a			6	II(-1)

Quadro XL – Perfuradores do Nível de Ocupação Doméstica – Fase II(-1) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	Sp	C	L	E	P	Silh	Sç	Pf	Fp	Rf	Rr	Tr	Teu	Ep	Sçp	Tipl	Fa
617	98	E	W 11	2b	41.2	c	A,v	1	3.5	2.6	1.1	7	tp,p	tr	f		3	p		a	a,u	tr	11	II(-1)
618	98	E	W 11	2b	41.2	c	A,v	1	3.8	2.3	1.1	9	el,cx	tr	ft		5	p		a	e,b	tr	10a	II(-1)
614	98	E	W 18	2b		c	A,v	1	3.4	2.2	0.8	5	ov,p	r	f		2	p		a	a,u	tr	11	II(-1)
938	98	E	X 11	2b		c	A,v	1	3.1	1.9	0.6	6	lo,cx	r	ft		4	p		a	e,b	tr	10a	II(-1)

Quadro LI – Enxó do Nível de Ocupação Doméstica do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	C	L	E	P	Silh	Sç	tip	Fa
632	98	E	W 12	2b		cc	A,v	2.8	0.7	0.6	2	r	hx	T1	II(-1)

Quadro LII – Raspadores do Empedrado – E – Inseridos no Nível de Monumentalização/Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	Sp	C	L	E	P	Silh	Sç	Pf	Fp	Rf	Rr	Tr	Teu	Ep	Sçp	Tipl	Fa
61	97	E	X 10		21	q	E,v	1	8.3	5.6	2.4	122	r,pcx	tr	l	r	2,u 1,u	t	m	a			4b	II(-2)

ESTUDO DO MATERIAL LÍTICO DO CRASTO DE PALHEIROS – MURÇA

Quadro LIII – Raspadeiras do Empedrado – E – Inseridos no Nível de Monumentalização/Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	Sp	C	L	E	P	Silh	Sç	Pf	Fp	Rf	Rr	Tr	Teu	Ep	Sçp	Tipl	Fa
47	96	E	W 11	2		fl	A,v	1	9.8	5.4	1.2	111	r,p	r	ft	cx	1,u/2,b	t	m,1	a			9	II(-2)

Quadro LIV – Perfuradores do Empedrado – E – Inseridos no Nível de Monumentalização/Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	Sp	C	L	E	P	Silh	Sç	Pf	Fp	Rf	Rr	Tr	Teu	Ep	Sçp	Tipl	Fa
607	98	E	W 11	2a		c	A,v	1	3.3	2.6	1.5	11	tr,cx	tr	dl		3	d		a	e,u	tr	10	II(-2)

Quadro LV – UAD do Contexto não relacionado com as Estruturas Pétreas, ou Interface do Nível de Ocupação Doméstica com o Nível de Monumentalização/Protecção – Fase II(1-2) e II(-2) – do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	C	L	E	P	Silh	Sç	tip	Fa
616	98	E	V 12	2a		cc	A,v	3.6	1.2	0.8	9	r	hx	T1	II(-2)

4.2. Crasto III – Idade do ferro

4.2.1. Dormentes

Quadro LVI – Dormentes da Fase III do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	Sa-C	Sa-L	Sa-Pf	CgPf	Silh	SçTv	Qa	Eb	Csa	Cb	Esa	Teu	D/B	Fa
78	97	E	V 10	1c	25	g	A,v	1	9.7	6.5	4.6	8.5	5.5	0.9	A2.1	r	r	u	a	c	?	rp			III(-1)
137	97	E	V 9		25	g	E,v	1	8.5	8.2	4.2	7.1	6.6	0	B1	r	r	u	a	p	?	rp			III(-1)
226	97	E	V 13	1a		q	E,b	2	16.4	15.7	5.6	13	11.6	0.1	A1.2	r	r	u	b	pc	a	p			III
234	97	E	V-W 12	1a		q	A,b	1	16.8	10.4	6.6	12.1 11.2	7.5 6.3	0 3.3	A4.1	tr	r	b	a	p/c	?	p	t,u		III
136	97	E	W 10	1c	25	g	A,v	1	12.7	6.5	2.8	?	?	?	?	r	r	u	f	?	?	?			III(-1)
316	98	E	T 9-8	1b		g	A,v	1	12.5	10	8	9.6	7.8	0	B1	tr	r	u	a	p	?	rp			III
320	98	E	W 11		42.2	gn	E,b	3	20.7	12.8	5.6	18.7	9.5	0.6	A2.2	r	r	u	b	c	cx	p			III(-2)
973	98	E	W 17		42.2	q	E,v	3	31	19	5.7	25	17	0	B3	r	sci	u	b	p	cx	p			III(-2)

4.2.2. Moventes

Quadro LVII – Moventes da Fase III do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	SçL	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa
120	95	E	X 13	1		g	E,b	2	b	6.7	5.6	4.5	258	2	r	tr	r	b	S4	p				III
150	95	E	X 13	1		q	E,b	2	b	6.8	5.6	3.2	180	2	r	r	tr	u	S1	p				III
43	96	E	S 10	1a		g	E,b	2	b	11.9	7	6	886	4	r	r	r	u	S1	p			u,r	III
77	97	E	V 10		25	gv	E,b	3	b	13	6.6	2.6	394	3	r	r	r	u	S1	p	t,u			III(-1)
410	97	E	Q 10	1		g	E,b	1	b	7.1	4.5	3.6	160	2	tr	r	r	b	S4	r				III
232	97	E	V-W 11	1a		g	E	1	b	4.7	4.1	3.1	58	1	tr	tr	tr	m	S5	r				III
279	97	E	Y-Z 10		26	g	E,b	2	b	8.5	7.7	5.6	500	3	r	tr	tr	u	S1	p			u,r	III(-1)
552	98	E	Y 16	1		q	E	3	b	8.8	8.3	4.9	574	3	r	r	r	b	S4	p		P,d	b,r	III
11	99	E	Q 9		85	q	E,b	2	b	6.2	5.9	5.5	274	2	r	sci	r	m	S5	p				III(-2)
547	99	E	V 19		82	g	E,b	2	b	7.2	6.5	3.8	274	2	tr	r	r	u	S1	p				III(-2)
548	99	E	V 19		82	q	E	3	b	10.8	9.6	5.3	782	4	el	r	r	b	S4	p		P,d	b,a	III(-2)
2	99	E	X-Y 14-15		45	g	A,v	1	b	5	3.6	2.2	40	1	r	tr	r	u	S1	p				III(-2)
441	99	E	X-Y 17		43	q	A,b	2	b	9.6	8	4.2	546	3	r	r	r	u	S1	p				III(-2)
479	99	E	Y 16		48.4	q	E,b	1	b	8.4	6.3	2	218	2	r	r	r	u	S1	p	t,u			III(-2)

4.2.3. Alisadores/Polidores

Quadro LVIII – Alisadores/Polidores da Fase III do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Silh	SçL	SçT	Laf	Np	Ceu	Deu	Lv	A/P	A/B	Fa
171	95	E	S 11	1		fl	E,v	2	sr	7	2.5	1.1	28	r	r	tr	u	p	t	t,u		E,p		III
129	95	E	X 11	1		q	E	3	sr	8.9	4.1	2.7	134	tr	r	tr	u	p	n	pd,u	b	E,p		III
170	95	E	X 12	1		fl	E,b	3	sr	5.2	3.7	2.4	74	r	r	r	m	p	t	pd,b				III
28	96	E	S 10	1a		fl	E	3	sr	7.4	3.7	1.9	99	r	r	r	pr	p				E,p		III
33	96	E	V9	1a		q	E,b	2	b	6.5	5.1	4	208	r	r	r	u	p	t	d,u				III
235	97	E	V 10		25	g	E	3	b	6.3	4.9	2.2	100	el	r	el	b	t						III(-1)
585	98	E	W 12		28	ld	E,v	3	sr	8.6	3.4	2.6	144	r	r	r	b	p	t	t,b		E,p		III(-1)
13	99	E	Q 9	u5	85	fl	E,v	2	sr	7.1	5.2	2.3	118	tr	r	el	pl	p						III(-2)
197	99	E	Q 9	u5	85	fl	E,b	2	sr	5.6	5.4	1.9	86	qd	el	el	u	p	t	t,u		E,p		III(-2)
440	99	E	Q 9		85	fl	E	3	sr	5.9	2.3	1.6	36	r	el	r	u	p	t	l,u		E,p		III(-2)
8	99	E	S 15		70	gv	E,b	1	sr	4.5	3.5	2.1	46	ov	el	el	m	p	t	pd,u				III(-1)
3	99	E	W 14		43	fl	E,b	3	sr	6.3	2.7	1.6	46	el	r	el	u	p				P,a		III(-2)

4.2.4. Machados e Enxós

Quadro LIX – Machados da Fase III do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	SçL	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
26	96	E	S 10	1a		gb	E	1	9.1	5.8	2.9	230	C2.2	r	r	r	c	dx,s	r	b p	?	p					III
567	99	E	X 13	2	102	gb	P,b	2	8	2.1	2.5	94	C1.2	r	r	r	c	dx,s	r	ac p	t	t			g,r	G	III
910	99	E	X 15		87	a	P,v	2	6.6	1.9	2.5	54	C1.1	r	r	el	c	dx,a	?	b p	t	p	pd,u		g,r		III(-1)
445	99	E	X 19		45.1	a	P,b	3	7.2	4.4	3.3	151	C2.2	r	tp	r	c	dx,s	r	b p	t	p	t,b		t,a		III(-2)

Quadro LX – Enxós da Fase III do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	SçL	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
285	98	E	M 11		47	a	E,v	3	8.8	3.8	2.4	146	C2.2	r	r	r	c	dx,a	r	a l	t	p	d,u	b			III(-2)
493	98	E	X 13		68	a	P,v	2	8	6.2	1.5	122	C2.2	tp	r	el	c	dx,a	r	a l	ci	p	t,b				III(-2)
215	99	E	Q 9	u.hb5	85	q	E,v	1	4.3	4.9	1.5	41	C1.1	r	r	tr	r	c	r	p l	?	c			g,r		III(-2)
578	99	E	Q-W 16		47	gb	P,b	3	6.3	2.2	1.2	28	C1.1	tp	r	el	pc	dx,a	r	a l	ci	t	t,b				III(-2)

4.2.5. Utensílios

Quadro LXI – Raspadores da Fase III do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	Sp	C	L	E	P	Silh	Sç	Pf	Fp	Rf	Rr	Tr	Teu	Ep	Sçp	Tipl	Fa	
588	98	E	Y 16		48.4	c	A,v	1	3.7	3.1	1.1	21	tp,cx	r	l	cx	4,u	d	m	a				3b	III(-2)
601	99	E	P 8	u.hb5		c	A,v	1	1.9	1.7	0.8	3	r,p	tp	f	cx	3,u	t	i	a				4b	III(-2)
656	99	E	X 17		43.2	c	A,v	1	2.8	1.6	0.9	5	el,cx	tr	l	cx	2,u	t	c	a				4a	III(-2)

Quadro LXII – Perfuradores da Fase III do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	Sp	C	L	E	P	Silh	Sç	Pf	Fp	Rf	Rr	Tr	Teu	Ep	Sçp	Tipl	Fa
181	97	E	W 9-10	2b	30	c	A,v	1	4.6	3.2	1.9	26	tr,cx	tr	l		3	t		a	l,u	lo	12	III(-1)
941	99	E	P 8	2a	85	c	A,v	1	5.2	4	1.4	30	ov,pcx	tr	l		5	p		a	o,u	qd	13	III(-2)

Quadro LXIII – UAD da Fase III do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	C	L	E	P	Silh	Sç	tip	Fa
650	99	E	Y 17		45.1	cc	A,v	2.2	0.5	0.4	1	r	hx	TO	III(-2)
587	98	E	X 15		43	cc	A,v	1.2	0.4	0.3	1	r	hx	TO	III(-2)
1016	98	E	X 17-18		43.2/3	cc	A,v	1.7	0.6	0.4	1	r	hx	TO	III(-2)
1017	98	E	X 17-18		43.2/3	cc	A,v	2.3	1.4	0.9	3	r	hx	T1	III(-2)
1018	98	E	X 17-18		43.2/3	cc	A,v	1.4	1.1	0.8	1	r	hx	T1	III(-2)

4.3. Materiais de contexto indeterminado

4.3.1. Dormentes

Quadro LXIV – Dormentes do Interface II/III do Talude Interno – TI – do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	Sa-C	Sa-L	Sa-Pf	CgPf	Silh	SçTv	Qa	Eb	Csa	Cb	Esa	Teu	D/B	Fa
985	95	I	J 11	mur		q	A,v	1	37	19	16	27,5	13	5	A5.3	r	r	u	f	c	a	p			II/III
977	95	I	J 13-14	lz/mur		g	E,b	2	21	19,5	9	18	16,5	0,4	A1.3	r	r	u	b	pc	a	pr			II/III
978	96	I	J 12	mur		q	E,v	2	42	24	9	35 32	17 15	4 7,5	A6.3	r	r	b	b	pc/c	?	p			II/III
975	96	I	K 13			q	E,v	2	23,7	16,5	4	20	16	1,3	A3.3	sci	r	u	b	pc	a	rp			II/III
816	96	I	M 12	mur		gn	E,b	2	13,8	10,7	4,7	11,6	7	0,3	A1.2	tr	r	u	b	c	a	p			II/III

Quadro LXV – Dormentes da Camada O, ou do Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	Sa-C	Sa-L	Sa-Pf	CgPf	Silh	SçTv	Qa	Eb	Csa	Cb	Esa	Teu	D/B	Fa
981	96	I	K-L0	sup.		g	E,b	1	25,5	12,5	8,7	20	7	4,5	A5.2	tr	tr	u	b	c	a	p			
980	96	I	superficie			q	E,v	1	34	30	9,7	27	26	3	A5.3	tr	r	u	b	c	a	p			
984	96	I	superficie			q	E,v	1	29,5	25	8,5	23	10,4	3,7	A6.3	r	r	u	a	c	a	rp			
979	96	I				q	E,v	2	47	32	8,5	37	27	8	A4.3	r	r	u	f	pc	a	pr			

Quadro LXVI – Dormentes da Camada O, ou do Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	Sa-C	Sa-L	Sa-Pf	CgPf	Silh	SçTv	Qa	Eb	Csa	Cb	Esa	Teu	D/B	Fa
972	95	E	superficie			q	E,b	3	38	22	6,5	30	19	0	B3	r	r	u	b	p	a	p			
128	95	E	V 11-12	0		gn	E,b	3	12,9	8,4	3,2	9 9,2	7,4 7	0,5 0,5	A1.1	r	r	b	b	c/c	e	pr		u,r	
34	96	E	W 9	0		q	A	1	12,3	10	7,3	10,5	7,9	0	B1	tr	r	u	a	p	a	p			
159	97	E	S-T 12	0		g	A,v	1	11,2	9,8	4,4	10,4	8,8	0	B1	tr	r	u	b	p	?	p			
958	97	E	superficie			q	E,v	2	25	16,5	5	23	13	1	A2.3	r	r	u	a	pc	a	p		u,r	
60	97	E		0		g	A,v	1	15,4	11,4	7,2	12,5	11	5	A5.1	tr	tr	u	a	c	?	pr			
250	97	E		0		g	A,b	1	10,9	9,1	6,9	10	6,4	0	B1	r	r	u	a	p	?	pr			
366	98	E	derrube			q	E,v	2	18,2	12,1	7,4	17,9	8,2	0,5	A1.2	sci	sci	u	f	pcx	co	pr			
303	98	E	L 6-7	0		q	E,b	2	16,7	13,8	5,9	14,8	13,2	0,5	C1.2	tr	r	u	b	pcx	a	p			
967	99	E	superficie			q	E,v	1	30	19	11	21	11	6,5	A6.2	tr	r	u	f	c	a	p			

4.3.2. Moventes

Quadro LXVII – Moventes do Interface II/III do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	SçL	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa
691	95	I	D 13	0		gv	E	2	b	9	7,6	2,9	286	2	r	r	sci	u	S1	p	t,u	P,p/l		II/III
791	95	I	D 13	0		q	A,b	2	b	7,3	5,7	4,8	396	3	r	r	r	b	S4	p	t,u	P,p		II/III
794	95	I	D 13	0		mv	E,v	1	b	6,8	5,5	3,2	200	2	r	r	r	b	S4	p	t,u			II/III
901	96	I	D 10	0		q	E,v	2	b	9,9	4,5	3,3	186	2	el	sci	tr	u	S1	p	t,u			II/III
799	96	I	M 12	0		q	E	3	b	11,1	9,9	5,3	946	5	tr	r	r	b	S4	p		P,d		II/III

Quadro LXVIII – Moventes da Camada O, ou do Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	SçL	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa
696	96	I	B 14	0		q	A,b	2	b	10,7	8,2	3,2	398	3	tr	r	r	u	S1	p		E,p	u,a	
685	96	I	B 14	0		q	E,v	2	b	10,8	5,9	2,8	254	2	tr	r	r	u	S1	p	t,u			
698	96	I	E-F	0		q	A,v	3	b	15	7,3	3,8	516	3	el	r	tr	u	S1	p				
797	96	I	E-F	0		g	E,b	3	b	13,5	9,2	4,5	698	4	r	r	tr	b	S4	p				
800	96	I	E-F	0		q	E	2	sr	9,3	6,4	4	346	3	tr	r	tr	u	S1	p	t,u	P,l		
986	97	I	A. S.			q	E,b	3	b	9,8	7,5	6,8	828	4	r	r	r	b	S4	pr				
976	97	I	P. D.			q	E,v	2	b	9,1	6,7	3,8	308	3	tr	r	r	b	S4	p				

Quadro LXXIX – Moventes da Camada O, ou do Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	SçL	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa
982	95	I	J 13-14	mur		q	E,b	2	b	24	13	8.6	2000+	6	el	r	sci	u	S2	p				
804	96	I	D	mur		q	E,b	2	b	17,5	10.4	5.9	1158	5	tr	sci	r	u	S1	p	d,u			
697	96	I	H 10-11	mur		gv	E	2	b	10.4	10.1	3	518	3	r	r	r	b	S4	p	t,u	P,l	b,r	
699	96	I	K 9	mur		q	A,b	2	b	11.8	11.1	6.8	1240	5	tr	r	r	u	S1	p				b,r

Quadro LXX – Moventes do Interface II/III do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	SçL	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa
65	97	E	V 10	2a-b		g	E,b	2	b	9.5	8.3	5.4	564	3	tr	r	r	b	S4	p			u,r	II/III
216	97	E	W 13	1:2		q	E	1	sr	6.5	5.1	4.1	218	2	r	r	r	u	S1	p	t,u	P		II/III

Quadro LXXI – Moventes da Camada O, ou do Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Cg	Silh	SçL	SçT	Qa	Psa	Esa	Teu	M/P	M/B	Fa
127	95	E	V 11-12	0		q	A,v	2	b	9.3	8.8	6.3	854	4	r	r	r	u	S1	p				
155	95	E	X-Y 14	0		g	E,b	2	b	7	6.8	3.5	278	2	r	r	r	b	S4	p				
244	97	E	S-T 8			g	E,v	1	b	8.5	6.7	5.6	462	3	r	r	tr	u	S1	p				
245	97	E	S-T 8	0		g	E,b	2	b	7.5	5.4	3.4	218	2	el	r	r	b	S4	p	t,u			
960	97	E	V 9	mt		q	E,v	2	b	17.5	15	6	2000+	6	r	r	sci	u	S2	p			u,r	
249	97	E		0		g	E,v	1	b	9	5.2	3.9	336	3	r	r	r	u	S1	r				
959	97	E				q	E,v	2	b	16	10	7.5	1570	5	r	r	r	u	S2	r				
309	98	E	M-N-O 9-10-11	0		g	E,b	2	b	8.3	5.3	4.6	276	2	sci	el	r	b	S3	r				
310	98	E	M-N-O 9-10-11	0		fl	E	1	b	4.6	3.4	2.8	30	1	ov	sci	tr	m	S5	r				
318	98	E	P-Q-R 8-9	0		g	E,v	2	b	10.4	8.5	6	682	4	r	r	r	u	S1	r				
468	99	E	superfície			gv	E	3	b	16.4	9.5	3.3	936	5	r	r	sci	u	S1	r				u,r
470	99	E	superfície			q	A,b	3	b	8.3	7.9	4.4	414	3	r	r	r	u	S1	p	t,u	P,d	u,a	

4.3.3. Alisadores/Polidores

Quadro LXXII – Alisadores/Polidores do Interface II/III do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Silh	SçL	SçT	Laf	Np	Ceu	Deu	Lv	A/P	A/B	Fa
895	96	I	D 10	0		fl	A,v	3	b	5.7	4.6	1.9	64	tr	r	r	pl	p	n	l,u				II/III

Quadro LXXIII – Alisadores/Polidores da Camada O, ou do Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Silh	SçL	SçT	Laf	Np	Ceu	Deu	Lv	A/P	A/B	Fa
659	96	I	B 14	0		ld	E	3	sr	12.6	5.4	4	514	r	r	r	b	p	t	pd,u				

Quadro LXXIV – Alisadores/Polidores da Camada O, ou do Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	Sp	C	L	E	P	Silh	SçL	SçT	Laf	Np	Ceu	Deu	Lv	A/P	A/B	Fa
132	95	E	V 11-12	0		gb	E,v	2	sr	6.6	4.1	3	172	r	r	r	p	p						
185	97	E	S-T 8-9			gv	E,v	1	sr	8.4	2.9	1.5	46	r	r	sci	pr	t	t	t,u				

4.3.4. Machados, Enxós e Goivas

Quadro LXXV – Machado do Interface II/III do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	SçL	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
915	97	I	D 10	0		gb	P,v	1	13.2	3.2	4.9	416	C3.3	r	r	r	c	dx,a	r	bjp	t	t	t,b				II/III

ESTUDO DO MATERIAL LÍTICO DO CRASTO DE PALHEIROS – MURÇA

Quadro LXXVI – Machado da Camada O, ou do Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	SçL	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
825	96	I	K 14			a	A,v	2	9.9	5	4.2	273	C3.3	tp	r	el	c	dp,s	?	t	?	c		b	g,a		

Quadro LXXVII – Machado do Interface II/III do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	SçL	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
591	98	E	T 9	1b 2a		a	P,b	1	10.2	4.4	3.7	334	C3.3	?	r	r	?	dx,s	r	t	?	p			g,a		II/III

Quadro LXXVIII – Machados da Camada O, ou Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	SçL	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
584AB	97	E				a	P,b	2	7.9	5.7	3.1	275	C3.2	tp	r	r	c	dx,s	r	b	t	p	t,b				
579	98	E	O-P 9	0		a	P,b	1	7.8	2.4	3.4	119	C2.2	r	r	r	c	dx,s	r	all	?	p					
1003	99	E	fraga nascente	sup.		gb	P,v	2	8.5	4.5	3.9	234	C2.2	r	r	r	c	dx,s	r	a	t	p					

Quadro LXXIX – Enxó da Camada O, ou, Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Externa

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	EC	C	L	E	P	Cg	Silh	SçT	SçL	Shg	Sçg	Pg	Eg	T	Ep	Teg	Lv	M/P	M/A	Fa
315	98	E	superfície			fl	E	3	10.3	5.1	3	204	C2.3	r	r	el	c	dx,a	r	l	t	c					

4.3.5. Utensílios

Quadro LXXX – Perfuradores da Camada O, ou Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	Sp	C	L	E	P	Silh	Sç	Pf	Fp	Rf	Rr	Tr	Teu	Ep	Sçp	Tipl	Fa
925	97	I	E-F 12	0		c	A,v	1	3	2.5	1.7	18	tr,pcx	r	l		3	t		a	o,u	tr	13	

Quadro LXXXI – Raspadores da Camada O, ou Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	Sp	C	L	E	P	Silh	Sç	Pf	Fp	Rf	Rr	Tr	Teu	Ep	Sçp	Tipl	Fa
154	97	E	T 13	0		c	A,v	1	2.3	1.5	0.9	4	r,p	tr	l	c	2,b	t	i	a			4b	
313	98	E	M-N-O 9-10-11	0		q	E,V	1	10	2.6	1.1	46	tr,ccx	r	l	c	4,u	t	i	a			5	
595	99	E	V-W 17-18	0		c	A,v	1	4	2.1	1.2	11	el,cx	tr	l	cx	2,b	p	i	a			4a	

Quadro LXXXII – UAD da Camada O, ou Contexto Duvidoso ou Inexistente do Crasto de Palheiros na Unidade Interna

N.º	A	U	Quad.	Cm	Lx	mp	EF	C	L	E	P	Silh	Sç	tip	Fa
630		E	s/ referência			cc	A,v	1.2	0.5	0.4	1	r	hx	T1	
629		E	s/ referência			cc	A,v	2.1	0.7	0.6	1	r	hx	T1	

5. BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, I. B. (1999), *Crasto de Palheiros (Murça). As Ocupações da Pré-História e da Proto-História da Plataforma Inferior*, Dissertação de Mestrado Apresentada à F.L.U.P., Porto (policopiada).
- BARBOSA, S. C. P. (1999), *O Crasto de Palheiros (Murça). O Contributo para o Entendimento do Fenómeno Campaniforme em Contexto Doméstico no Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado Apresentada à F.L.U.P., Porto (policopiada).

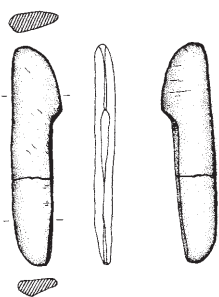
- BORDES, F. (1988), *Typologie du Paleolithique Ancien et Moyen*, Paris, C.N.R.S.
- CARVALHO, A. F. (1998), *Talhe da Pedra no Neolítico Antigo do Maciço Calcário das Serras D'Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa). Um Primeiro Modelo Tecnológico e Tipológico*, Lisboa, Edições Colibri e Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego.
- CUNHA-RIBEIRO, J. P. (1987), *Contribuição para o Estudo do Paleolítico do Vale do Lis no seu Contexto Crono-Estratigráfico*, Dissertação das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica Apresentada à F.L.U.P., Porto (policopiada).
- CUNHA-RIBEIRO, J. P. (1999), *O Acheulense no Centro de Portugal: O Vale Do Lis. Contribuição para uma Abordagem Tecno-Tipológica das suas Indústrias Líticas e Problemática do seu Contexto Crono-Estratigráfico*, 3 Vols. (I, II e III), Dissertação de Doutoramento Apresentada à F.L.U.L., Lisboa (policopiada).
- FABIÁN, J. F. (1984-1985), Los Útiles de Arista Diédrica sobre Prismas Piramidales o Nódulos de Cristal de Roca (U.A.D.) em el Yacimiento de la Dehesa, El Tejado de Béjar (Salamanca). Estudio Morfológico, *Zephyrus*, 37-38, Salamanca, Universidade de Salamanca.
- FIGUEIRAL, I., SANCHES, M. J. (1998-1999), A Contribuição da Antropologia no Estudo dos Recursos Florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro durante a Pré-História Recente, *Portugália*, nova série, vol. XIX-XX.
- GOMES, I. M. T. (2000-2001), Estudo do Material Lítico do Crasto de Palheiros (Murça). Uma Primeira Abordagem Metodológica – 1ª Parte, *Portugália*, Nova Série, XXI-XXII, Porto, F.L.U.P.
- GONÇALVES, V. M. S. (1988), *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma Aproximação Integrada*, 2 Vols. (1 e 2), Dissertação de Doutoramento Apresentada à F.L.U.L., Lisboa (policopiada).
- JORGE, S. O. (1986), *Povoados da Pré-História Recente (IIIº - Inícios do II Milénio) na Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, 3 vols. (Ia, Ib, e II), Porto, Instituto de Arqueologia da F.L.U.P.
- JORGE, S. O. (1988), *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no Quadro do Bronze Final*, Monografias Arqueológicas 2, Porto, G.E.A.P.
- LE ROUX, C.-T. (1999), *L'Outillage de Pierre Polie en Metadolerite du Type A. Les Ateliers de Plussulien (Côtes-D'Armor): Production et Diffusion au Néolithique dans la France de L'Ouest et au Delá*, n.º 43, Rennes, Travaux du Laboratoire "Antropologie, Préhistoire et Quaternaire Armoricains" (U.M.R. 6566), Université de Rennes I.
- LEROI-GOURHAN, A. (Dir. de) (1988), *Dictionnaire de la Préhistoire*, Paris, P.U.F.
- LEROI-GOURHAN, A. (1978), Terminología de la Piedra y el Hueso, in BOUTRUCHE, R., LEMELLE, P. (Dir. de), *La Prehistoria*, Nueva Clío – La Historia y sus Problemas, Barcelona, Editorial Labor, pp. 155-185 (Paris, 1972).
- MERINO, J. M. (1969), Tipologia Lítica, *Munibe*, 21, 1, 2 e 3, San Sebastian, Sociedade de Ciencias Naturales Aranzadi (policopiada).
- PIEL-DESRUISSEAU, J.-L. (1984), *L'Outil de Pierre Préhistorique*, Paris, Masson.
- RODRIGUES, S. E. M. (1996), *Contribuição para o Estudo das Indústrias Líticas do Vale do Rio Caia (Alto Alentejo)*, 2 Vols., Dissertação de Mestrado Apresentada à F.L.U.P., Porto (policopiada).
- SANCHES, M. J. (1997), O Crasto de Palheiros (Murça). Notícia Preliminar das Escavações de 1995 e 1996, *Actas do IIº Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 2, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 389-399.
- SANCHES, M. J. (1997), *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no Contexto Regional*, 2 vols. (I, II), Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- SANCHES, M. J. (2000-2001), O Crasto de Palheiros (Murça): Do Calcolítico à Idade do Ferro, *Portugália*, Nova Série, XXI-XXII, Porto, F.L.U.P.
- SEMENOV, S. A. (1981), Tecnologia Prehistorica. Estudio de las Herramientas y Objetos Antiguos a Través de las Huellas de Uso, *Arqueologia*, vol. 6, Madrid, Akal.
- TIXIER, J. (1963), *Typologie de L'Épépaleolithique du Magreb*, Paris, A. M. G.

TIXIER, J., INIZAN, M. L., ROCHE, H. (1980), *Préhistoire de la Pierre Taillée. I – Terminologie et Technologie*, vol. 1, Paris, C.R.E.P.

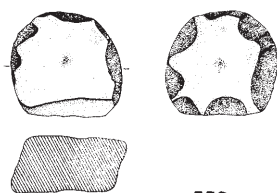
VALERA, A. C. (1997), *O Crasto de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda). Aspectos da Calcolitização da Bacia do Alto Mondego*, Textos Monográficos 1, Lisboa, Câmara Municipal de Fornos de Algodres.

VILAÇA, R. (1995), Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze, *Trabalhos de Arqueologia*, 9, 2 vols. (1 e 2), Lisboa, IPPAR.

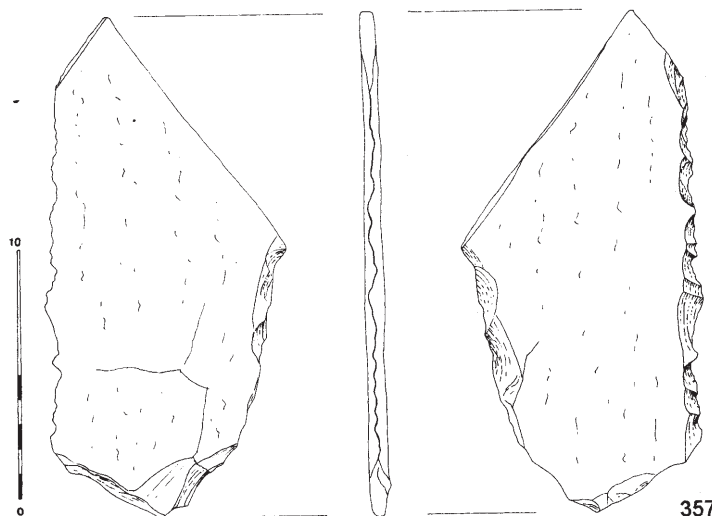
ZILHÃO, J. (1997), *Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*, 2 vols. (I, II), Lisboa, Edições Colibri.



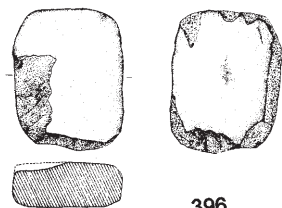
575 A-B



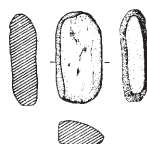
552



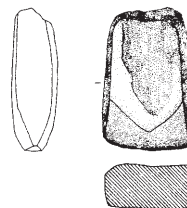
357



396



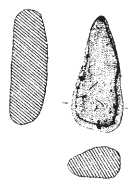
28



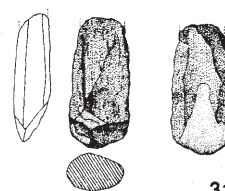
231



695



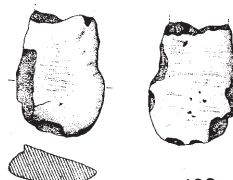
129



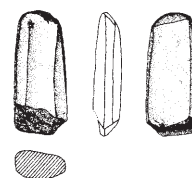
315



451 .



490



198

Monte Mozinho: A terra sigillata recuperada do sector B

Teresa Pires de Carvalho*

Abstract

The present text analyses the *terra sigillata* (red slip ware) appeared in a sector of Monte Mozinho's site, from the first century. The particularity of this collection is that many of them are decorated peaces and probably belong to a spanish production from the almost unknown "Las Palmetas Pottery ware" (ROMERO CARNICERO 1999: 169-208).

0. Introdução

O presente texto vem na continuidade do estudo por nós publicado sobre a *Terra Sigillata* de Monte Mozinho (CARVALHO 1998). Decorre, ainda, do artigo publicado por T. Soeiro (Portugália, Nova série, Vol. XXI-XXII de 2000/2001, no prelo), sobre o resultado da (re)escavação efectuada por aquela autora num sector de Monte Mozinho anteriormente escavado entre as décadas de 40 e 50 do séc. XX. Por este motivo, houve vários remeximentos, sendo raros e restritos os sítios que ainda apresentavam estratigrafia arqueológica e não muito fiável, tendo em atenção as misturas de materiais extraídos, com colagens entre fragmentos provenientes de sítios diferentes. O que agora se publica é a análise da *terra sigillata* aparecida nesse contexto.

O espólio é basicamente do Alto-Império, com uma maioria de produções entre as épocas de Cláudio e Flávios, sendo muito raras quer as do primeiro terço do séc. I (itálicas) quer as dos finais do séc. I / séc. II. A maioria situa-se mesmo na franja entre os anos 50 e os 80/90 nas produções sudgálica e hispânica de boa qualidade. A particularidade deste conjunto reside na relativa quantidade de fragmentos decorados e sobretudo na possibilidade de pertença de alguns deles ao grupo recentemente dado a conhecer do chamado "Atelier das Palmetas" (ROMERO CARNICERO 1999: 169-208), embora o seu estudo se encontre ainda numa fase embrionária. Da fase de ocupação tardia (Baixo-Império) são quase nulos os

* Arqueóloga. Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

vestígios de *sigillata*, provavelmente devido ao facto de terem sido retirados pela anterior escavação. Esta, nem sempre foi aos níveis mais fundos, limitando-se a atingir a camada de assentamento dos muros, raramente implantados no saibro. Por essa razão foi ainda possível encontrar poucos registos ainda intocados.

1. LOCALIZAÇÃO

A escavação incidiu numa zona genericamente denominada Sector B, que se divide em três subsectores BA, BB e BC. O espólio agora analisado procede dos subsectores BA e BB, incluindo este último a chamada *Avenida*. A localização destes espaços pode observar-se na Fig. 1a) em que se percebe a sua situação relativamente à totalidade do castro já escavado e a Fig. 1b) mostra em pormenor o desenvolvimento dos subsectores BA e BB.

No primeiro, à esquerda da *Avenida* quem sobe em direcção ao castro, desenvolvem-se três conjuntos, um inicial (QI) que revela um grande espaço quadrado, separado do segundo por uma calçada (QII). Neste segundo conjunto, existem várias construções, que vamos ler a partir da *Avenida*: um pátio em L (QIII) com abertura de entrada, seguido de um espaço quadrado (QIV), a que se segue um outro espaço aparentemente não coberto (QV) cuja parede a sudeste se sobrepôs a um resto de parede curva de uma anterior casa castreja (QVI), que seria do tipo casa-pátio, conforme revelaram as escavações no local (SOEIRO 2000/2001: 108-109). Neste conjunto foi então possível perceber pelo menos duas fases construtivas de ocupação, uma do séc. I, outra a partir da segunda metade do séc. III / inícios do séc. IV. Este núcleo separa-se de outro por uma calçada (QVII) de época tardia (SOEIRO 2000/2001: 109) com um muro divisório para um quarteirão vizinho, que parece ter sido remodelado de outro anterior, nomeadamente pelo fechar de uma abertura de acesso. Neste terceiro grupo, cujo limite visível é a parede curva de suporte de terras da *Avenida*, que aqui se encontra a uma cota muito mais alta, encontramos um compartimento rectangular (QVIII), com um espaço aberto (QIX) e vestígios de uma casa castreja (QX) anterior e sua envolvente (QXI). Também aqui houve pelo menos dois momentos distintos de ocupação entre os meados / fins do séc. I e os séc. III / IV (SOEIRO 2000/2001: 110).

O segundo subsector, BB, à direita da *Avenida* (direcção Norte / Noroeste), foi reescavado em dois quarteirões separados por uma calçada perpendicular à *Avenida*, quase no seguimento da rua QII do subsector BA. No primeiro quarteirão, mais a sul, foi posto a descoberto um grande rectângulo (1) com abertura para a *Avenida* e rua perpendicular, que se prolonga para um espaço mais estreito terminando numa construção circular que foi interpretada como sendo um forno (SOEIRO 2000/2001: 115). Segue-se a rua (2) que separa este conjunto de outro, mais a norte, onde foram escavados três compartimentos consecutivos: um com um possível forno metalúrgico (3) e oficina de trabalho, outro que seria um espaço aberto (4) e o último, rectangular, com abertura para a *Avenida* (SOEIRO 2000/2001: 116-117). Todos estes espaços se encontravam muito remexidos, fruto das anteriores escavações, sendo o seu espólio parco, excepção feita ao compartimento 5 que terá apresentado dois níveis distintos de ocupação em termos de materiais: do séc. I, nos níveis mais profundos e do Baixo Império, relacionados com as construções.

Fica assim relatado genericamente o posicionamento dos vários espaços de onde emergiu a *sigillata* que foi objecto do nosso estudo. Na sua apresentação, ela será relacionada

com o local de aparecimento, bem como com a leitura estratigráfica então feita. Toda esta relação pode ainda ser percebida no catálogo apresentado no fim do artigo.

2. LINHAS DE INVESTIGAÇÃO

Há dois bons artigos que, de alguma forma, tentam fazer uma aproximação mais restrita à identificação dos centros oleiros, dentro das produções riojanas, que nos interessam particularmente por serem as mais recentes tentativas de isolar centros de produção.

Num dos artigos (ROMERO CARNICERO 1999, *in* ROCA ROUMENS; FERNÁNDEZ GARCÍA, p. 169-208) é tentada uma aproximação à identificação de alguns oleiros, com base em características decorativas – não apenas os punções, que sabemos andarem de mão em mão, mas sobretudo dos esquemas decorativos, numa procura de definição de um possível estilo. São apontados alguns critérios de identificação, baseados nas organizações decorativas, no uso reiterado de certos punções de características próprias (como seja o caso das palmetas pedunculadas), até inclusivamente do próprio acabamento – superfícies não completamente lisas, com um engobe vermelho claro quase laranja, brilhante.

No segundo artigo (SÁENZ PRECIADO, M.P.; SÁENZ PRECIADO, C. 1999, *in* ROCA ROUMENS; FERNÁNDEZ GARCÍA, p.61-136), a aproximação à diferenciação dos centros produtores é feita com base nas marcas de oleiros, que comprovadamente pertencem a determinadas olarias. Não são atribuídos centros de produção a todos os nomes de oleiros, apenas àqueles cuja proveniência não levanta dúvidas. Partindo dos grandes centros conhecidos (Arenzana de Arriba, Bezares, Arenzana de Abajo, Tricio, Comprovín, Manjanés, Bacías del rio Tobías, etc.) já anteriormente identificados, analisam-se as produções das várias olarias pertencentes a cada um destes grandes centros, procurando isolá-las mediante a atribuição de oleiros.

Quer um quer outro artigo, testemunha o desespero e angústia com que os estudiosos destas produções se confrontam, quando se trata de reconhecer e atribuir produções. Isto, porque, no que toca às produções riojanas, tem sido sempre muito difícil determinar a proveniência exacta das cerâmicas, seja através das marcas, seja das características de pasta, decoração ou acabamentos. Exceptuando os estudos feitos a partir dos fornos e estruturas adjacentes, todas as análises deste material atribuem uma origem bastante vasta – *Tritium Magallum* – que congrega todos os centros oleiros limítrofes, cujos nomes conhecemos através das marcas.

Este problema já fora por nós sentido, aquando da realização do referido estudo, ao analisarmos a terra sigillata proveniente das escavações de Monte Mozinho. O acervo era considerável, ultrapassando os dois mil fragmentos, dos quais cerca de 60% de produção hispânica, apesar de uma minoria de marcas de oleiro, em relação à produção sudgálica, como é habitual. O problema da atribuição da origem destas cerâmicas coloca-se, assim, em dois níveis: por um lado, há poucas marcas, logo dificilmente se anexam as produções a um oleiro conhecido; por outro, há diferenças na produção, visíveis macroscopicamente e confirmadas pelos resultados das análises químicas¹.

¹ CARVALHO 1998, p. 239-252 – são expostos os resultados de análises químicas onde se detectam diferentes produções de sigillata hispânica, sem que se conseguisse determinar a origem.

Sendo o castro localizado num limite do Império Romano, o problema da preferência ainda agudiza mais a questão da atribuição dos vasos aos oleiros: aqui, só se importa, não se produz.

Neste sentido, o estudo que resulta da análise das cerâmicas torna-se sempre incompleto, reduzindo-se a meras hipóteses conjecturais, as possibilidades comerciais que elas poderiam traduzir. As diferentes pastas, acabamentos, decoração e opções formais, ficam assim sem resposta, apenas limitadas à sua constatação. Ligada a esta problemática está também a questão da cronologia. Para além das conhecidas grandes linhas da forma como indicadores cronológicos, onde se poderão achar mais? Serão os estilos decorativos elementos absolutamente fiáveis de determinação cronológica?

É assim, um alívio, verificar, volvidos meia dúzia de anos, que a pouco e pouco se vai conseguindo isolar grupos de produção das várias cerâmicas, a que acresce um número mais alargado de investigadores debruçados sobre este tema, quer a partir de cerâmicas encontradas nos sítios de consumo, quer nos locais de produção. Cruzar todas estas informações é a tarefa que urge realizar, sendo altura de programar uma mesa redonda para discussão e confronto das espécies encontradas nos centros produtores e nos centros recebedores, com amostragens do próprio material.

É a partir dos resultados expressos nesses dois artigos abordados, que canalizaremos as intenções deste estudo: procurar, na colecção de Mozinho, encontrar afinidades com as características específicas apontadas para a identificação dos oleiros, avançando, assim, um pouco mais na complexa rede de relações comerciais de que Mozinho representa um dos pontos de chegada, embora já muito decantado, fruto de múltiplas escolhas, quase produto de refugio.

Estas serão as direcções tomadas na definição de um objectivo do estudo das sigillatas. As restantes características fazem parte do objectivo mais alargado que é o de dar a conhecer e difundir as produções nos locais de consumo, procurando afinar o mais possível os elementos definidores de cada uma.

No final, haverá um catálogo com as características consideradas mais significativas de cada peça analisada. Dado o ainda, apesar de tanto esforço, incipiente conjunto de conclusões sobre as produções riojanas, continuamos a defender uma descrição o mais exaustiva possível, procurando revelar os traços mais singulares para futuros agrupamentos.

A maioria das ilustrações representam fragmentos decorados, cujos punções ou organizações decorativas permitam algumas conclusões. Os poucos vasos lisos ilustrados procuram apenas reforçar a imagem de uma certa homogeneidade nas formas aparecidas em Mozinho, acompanhada de relativa pouca variedade, que atribuímos ao curto período cronológico a que respeitam os vasos. Os desenhos servem também para mostrar marcas e grafitos.

3. ANÁLISE DA SIGILLATA.

Foram analisados 358 fragmentos de *Terra Sigillata*, nos locais do sector denominado B, que se divide em três subsectores: BA (315 fragmentos), BB (33 frag.) e Avenida (10 frag.). Conforme se vê na planta (Fig. 1), o sector está fora da muralha Júlio-Claudiana, num conjunto construído no Baixo Império, sobre arrasamento das construções anteriores. São aliás visíveis as estruturas alto-imperiais que foram aterradas pelas novas construções e que estão perfeitamente documentadas no referido artigo do número anterior da *Portugália*.

Quanto às produções, apurámos 210 frag. de TSH de *Tricio Magallum*, das quais 60 são

decoradas, o que perfaz 28,5% das hispânicas; 103 de produção sudgálica de La Graufesenque e 5 cuja origem nos pareceu de Montans; 10 de difícil atribuição entre sudgálicas e hispânicas. Havia ainda 8 de tipo itálico e 14 hispânicas, de origem indeterminada, que poderão ser de *ateliers* ainda pouco estudados, junto ao vale do Douro: Clunia, Tiermes ou eventualmente Uxama (Vd. LUEZAS PASCUAL; SAENZ PRECIADO 1989: 33, em que se afirma a existência de dois fabricos distintos de TSH, de cronologia altoimperial, mas sem resultados quanto à origem da produção; são esses dois fabricos que se encontram em Mozinho). Das produções tardias, apenas encontramos 8 fragmentos: 3 africanas D (pratos das formas Hayes 59 e 61A) e 5 de hispânica tardia (forma indeterminada).

Faremos o estudo através de duas abordagens diferentes: a primeira, procurará analisar o conjunto das *sigillatas* quanto a formas, produções, dando especial relevo, como já se disse, às formas decoradas; a segunda, procurará estabelecer uma relação entre as formas e produções *sigillatas* exumadas, e os locais/estratos onde foram achadas, tentando obter uma visão crono-espacial dos achados. Esta perspectiva tem de ser entendida como um exercício de aproximação à realidade, cujas conclusões não podem ser vinculativas, uma vez que se trata de uma reescavação e, por isso, com todos os riscos de ter havido movimentações de terras.

3.1. Análise das formas e fabricos.

Antes de nos debruçarmos sobre a análise das formas decoradas, gostaríamos de fazer aqui uma breve análise ao conjunto global da *sigillata* objecto deste estudo, cujos resultados não se distanciam muito dos obtidos para a parte alta do povoado, a não ser na menor variedade de formas e fabricos verificadas neste sector mais baixo, que traduz, à partida uma curta utilização.

Ao iniciarmos o nosso estudo, numa primeira separação por formas e produções, ressaltaram imediatamente algumas constatações que procurámos em seguida confirmar:

- 1 – A quantidade algo surpreendente de formas decoradas;
- 2 – Constatação da possibilidade de reconhecimento do *Atelier de Las Palmetas*;
- 3 – Ambiente semelhante ao do alto do povoado;
- 4 – Continuidade do fabrico hispânico nas cerâmicas decoradas (uma só sudgálica);
- 5 – Curto período de utilização das *sigillata*, balisadas entre 40/50 e 80/100 anos, com um limite inferior mais recuado devido à existência de *sigillatas* itálicas e um período mais intenso entre 50 e 80.

A *sigillata* de tipo itálico

A *sigillata* de tipo itálico está presente de forma vestigial, com apenas oito fragmentos e nas formas Pucci X, Pucci XXV (n.º 2565) e Pucci XXXIV ou XXXVII (PUCCI 1985), relação de desequilíbrio com as outras produções, que vem reafirmar a hipótese de podermos estar em presença de testemunhos que revelam uma introdução esporádica e não uma importação regular ao longo de um certo período de tempo. Os modelos revelam uma época basicamente mais centrada no período Tiberiano, embora algumas produções tenham início anteriormente. Com tão poucos fragmentos é descabido fazer qualquer tipo de análise tipológica, exceptuando-se um caso (n.º 2570), que revela uma forma não canónica dentro das variantes da Pucci XXV.

A sigillata Sudgálica

A *sigillata* Sudgálica aparece maioritariamente proveniente de La Graufesenque (103 frag.), embora haja cinco fragmentos cuja cor da pasta e engobe nos leve a colocar a hipótese de poder ser de Montans, pela semelhança com outros fragmentos encontrados na parte alta do povoado.

Quanto às formas, estão reduzidas às quatro mais comuns (Drag. 27 – n.º 2238; 24/25 – n.º 2441; 18/31 – n.º 2271 e 15/17 cf. Fig. 7), continuando a tradição do resto do povoado, acrescida de raros fragmentos de Drag. 36, todos de boa qualidade, com pastas finas, de fractura vítrea, poucos vacúolos testemunhando um bom amassamento da pasta, cor genericamente vermelho escura (N25, N47, N35 de CAILLEUX), embora com variantes e pequeníssimos desengordurantes. Os engobes apresentam geralmente um brilho irizado, de boa espessura e cor vermelho acastanhada (S19, P35 de CAILLEUX). As formas são canónicas, apresentando na sua maioria a canelura interna a marcar o bordo, pés relativamente altos, perfis bem delineados e uniformizados quanto às dimensões. A forma que aparece em maior quantidade é a Drag. 27 (16), seguida de perto da Drag. 18/31 (15), sendo de menor quantidade as Drag. 15/17 (7) e as Drag. 24/25 (5), o que pode indiciar uma evolução cronológica, com uma maior utilização já depois de meados do século I. A grande novidade encontra-se na existência, dentro desta produção, do primeiro fragmento decorado por nós detectado em todo o povoado, e que nos levou à presunção de se tratar de uma escolha comercial. Embora uma amostra não introduza nada de novo no que toca a relações comerciais, o facto é que quebra a estranheza pela constatação da ausência de materiais decorados de origem sudgálica. Trata-se de uma forma Drag. 30 de que infelizmente é impossível ver a decoração, bastante destruída, mas cuja forma inequivocamente sudgálica basta para apontar a proveniência (Fig. 7, n.º 2378).

Continua a ser nesta produção que se centram mais as marcas, com três das cinco detectadas. Encontram-se em estado fragmentário, sendo por vezes duvidosa a leitura ou passível de várias interpretações, excepto uma, n.º 2334, do oleiro IVCVNDVS, com uma pasta magnífica. O caixilho é pequeno, extravasando a canelura circular central interna (Fig. 8, n.º 2334). É uma assinatura muito conhecida no mundo de La Graufesenque, atestada em vária bibliografia, como por exemplo em *Baelo*, com um punção semelhante (BOURGEOIS; MAYET 1991: 190, n.º 78). A cronologia apontada dos vasos de referência situa-se entre 40 e 100, embora nos pareça um período excessivo de laboração para um oleiro, tanto mais que não se detectou nenhum vaso com esta assinatura nos achados mais recentes, até ao ano 79 (Caixa de Pompeia, ATKINSON 1914: 27-64;) ou do reinado de Trajano (VERNHET 1981: 25-43). Colette Bémont (BÉMONT 1976: 111) estabelece uma cronologia entre 50 e 80, com alguma margem de incerteza antes e depois, onde nos parece poder incluir o nosso exemplar.

A segunda marca (Fig. 8, n.º 2284) permite algumas leituras, podendo ser o oleiro CENNATVS, que já existia no povoado embora sem a fórmula *OF* (CARVALHO 93/94: 103), ou o oleiro CELADVVS (BÉMONT 1976: 32, n.º 106), entre muitas outras possibilidades. Tem um caixilho pequeno, com letras bem salientes. No caso do primeiro oleiro, a sua cronologia anda entre os anos 40 e 80; no caso do segundo, o âmbito encurta-se para os anos 40/70.

A terceira marca (Fig. 8, n.º 2317) é de duvidosa interpretação, sobretudo devido ao seu estado incompleto e má conservação do engobe. Pertence ao fundo de um prato Drag. 18/31 e apresenta traços da roda no exterior. Pela semelhança do punção, pode ser GALLICANVS (50-80) de La Graufesenque (BÉMONT 1976: 44, n.º 174) ou GALLUS (50-80). Poderá ser ainda de

Montans, se for CALVUS (60 – 100). Há ainda a possibilidade de ser OF CAL (BOURGEOIS; MAYET 1991, cat. analítico das marcas, n.º 22).

Fica assim documentada a produção de marcas sudgálicas, salientando-se a cronologia como denominador comum, situada entre os anos 50 e 80 e que deve determinar toda a importação sudgálica do sector.

A sigillata hispânica

É La Rioja a origem do maior número de exemplares, com 210 fragmentos, dos quais 60 são decorados, nas formas mais comuns Hisp. 29 (em maior número, 24), Hisp. 37 (em seguida, numericamente, com 14, sendo duas de bordo em amêndoa), a forma híbrida Hisp. 29/37 (5) e Hisp. 30 (2). Há muitos casos de fragmentos que não sabemos a qual forma pertencem, podendo derivar de qualquer uma das anteriores (22 frag.).

Quanto às formas lisas, encontramos as habituais Hisp. 15/17 (30 peças), que são de longe a forma mais usada. Há apenas 3 Hisp. 18, contabilizando-se 40 fragmentos de pratos que podem ser de qualquer das duas formas. As tigelas estão em muito menor número, com 7 Hisp. 27, apenas uma 24/25, para além de 18 fragmentos que podem pertencer a qualquer uma delas. Há ainda 7 peças da Hisp. 36, e só duas Hisp. 4, às quais se podem juntar 13 fragmentos apelidados de “taças” por terem o fundo curvo e muito aberto, próprio destes pratos/taças. Da híbrida Hisp. 35-36 contamos com dois exemplares e inequivocamente Hisp. 35, apenas um.

Esta contabilização serve para se perceber a esmagadora maioria das formas de pratos, muito mais abundantes, quiçá por constituírem uma novidade, de perfil pouco comum nas produções locais. Já as tigelas seriam por demais conhecidas e usadas, quer nas formas de púcarinhos, como de potinhos ou tacinhas, quer nas produções sudgálicas, em grande quantidade.

Como já anteriormente se referiu, os perfis são muito comuns, claramente ainda na filiação sudgálica, com as paredes dos pratos verticalizadas, as molduras internas curvas e curtas, as tigelas de tamanho pequeno e execução formal correcta, com lábio marcado e por vezes caneluras a reforçá-lo.

As pastas são de boa qualidade, com alguns desengordurantes muito pequenos, os habituais vacúolos redondos, mas minúsculos, a cor vermelho clara ou rosada. Os engobes, relativamente espessos e brilhantes, são vermelhos acastanhados, ou mais claros, quase laranja forte.

Há, na sequência do que ocorreu na parte alta do povoado, uma produção de pasta bastante mais clara, esbranquiçada, com engobe fino vermelho acastanhado escuro. Não se assemelham às produções de La Rioja, são em pequeníssima quantidade (14 fragmentos), mas fazem pensar em *ateliers* satélites do grande centro de *Tricio Magallum*, ou talvez do Vale do Douro. Tal como se refere em Varea, onde também há dois fabricos diferentes para o alto império “um de pasta avermelhada, com desengordurantes bem decantados, engobe castanho avermelhado, de excelente qualidade, por vezes com aspecto vítreo e outro de pasta bege, e engobe castanho (...)” (LUEZAS PASCUAL; SAENZ PRECIADO, 1989, p. 33), para além de um terceiro, de cronologia mais tardia, do séc. II/III, de pastas mais alaranjadas, mal elaboradas, com engobe laranja muito diluído.

Passando agora à análise mais detalhada das formas decoradas.

Relativamente ao *Atelier de Las Palmetas*, a autora estabelece como critérios empregues na eleição das peças, *o uso reiterado do punção da palmeta, com pedúnculo, ora ocupando*

frisos estreitos ou rematando fileiras de ângulos (...) com características técnicas peculiares: verniz vermelho claro, quase alaranjado, brilhante (...) tendência para completar a decoração das métopas com fileiras de ângulos rematados em elementos vegetais ou em aves de pequeno tamanho (...) as formas mais habituais são 4: Hisp. 29, 29/37, 37 e 30 (...) desenvolvimento da decoração numa ampla e única zona (...) sendo a maioria das decorações metopada (...) casos de vasos carenados com a banda inferior com círculos (tangentes, concêntricos, com rosetas no meio, medalhões com aves, há decorações metopadas intercaladas por medalhões (...) métopas separadas por séries de linhas onduladas muito finas e numerosas (...) só aves, de pequeno tamanho, que acompanham outros motivos ou se dispõem sobre linhas de ângulos, completando a decoração das métopas (ROMERO CARNICERO 1999: 170-172, 175-176, 182). Em seguida, determina 3 grupos de características mais apuradas, terminando nos tipos de punções utilizados (ROMERO CARNICERO 1999: 179-191). É com base nestas descrições que procuraremos encontrar paralelos para as produções de Mozinho, sendo certo que, à luz desta caracterização, haverá muitos mais exemplares com possibilidades de atribuição a este *atelier* na parte mais alta do povoado, cuja produção já foi publicada (CARVALHO 1998, p. 113, n.º 2 e 161; p. 114, n.º 937; p. 115, n.º 944, 949; p. 116, n.º 964; p. 118, n.º 946 e 947, embora com cavalos; p. 120, n.º 948, 959, 963; p. 121, n.º 1023; p. 122, n.º 1731; p. 123, n.º 363; p. 124, n.º 367, 999, 1000, 1703; p. 125, n.º 1503; p. 127, n.º 1713, 1725).

Nas produções de Mozinho, dividimos os fragmentos por tipos decorativos. Assim, na Fig. 2 encontram-se as decorações com círculos, de variados tipos, quer em friso contínuo (**2305**, **2218**, **2511**), quer com elementos de separação de tipo vegetal (**2395**, **2338** e **2333**). Neste conjunto, as semelhanças com o *Atelier de Las Palmetas* resumem-se à utilização de certos punções, como sejam o **2395**, com um elemento vegetal de tipo I e uma roseta de tipo II (ROMERO CARNICERO 1999: 207), bem como a própria utilização de círculos com flores dentro. A forma híbrida Hisp. 29/37 também é um referencial de utilização no dito *atelier*, remetendo para uma cronologia de inícios do último terço do séc. I; o **2338**, apresenta um elemento vegetal de tipo III (ROMERO CARNICERO 1999, fig. 2, n.º 7), numa forma Hisp. 29.

Na Fig. 3 colocámos as decorações que incluem animais exceptuando aves: **2237** – Felino com a cabeça para a esquerda em posição de salto. A decoração é um pouco irregular (Vd. Mayet, PL. CLXXXIII, n.º 1913, 1914). Os exemplares de referência procedem do Museu Arqueológico de Mérida, de uma forma Hisp. 37 e do Museu de Calatayud, vindo de Bilbilis, na mesma forma anterior, enquanto o nosso é da forma Hisp. 29. **2216** – Metopada: parte traseira de um animal e linhas divisórias de métopas – uma fila de ângulos central, com vértice para baixo, ladeada de 3 linhas onduladas verticais de cada lado. O traço é fino e bem executado. **2217** – Decoração muito delicada. Gamo a saltar com a cabeça para a direita e os pelos bem desenhados (Vd. MAYET 1994, PI. CLXXXIX, n.º 2125/2128). Os exemplares referidos procedem de 3 formas: Hisp. 30, 29 ou 37 e 37b, de Saragossa, Calatayud ou Mérida. **2546** – Figura animal: cervo (?) a correr para a direita, com a cabeça virada para a esquerda (MAYET, 84, pl. CLXXXV, n.º 1991, 1996,...). Os exemplares de comparação provêm de Saragossa e Soria, nas formas Hisp. 37b e 37. Não há registos de animais nas decorações do *Atelier de Las Palmetas*.

Na Fig. 4, juntámos os fragmentos que apresentam na sua decoração aves, característica também usual no referido *atelier* e que aqui se apresentam com relativa diversidade. São todas figuras metopadas, à excepção da **2541**, em que as aves estão envolvidas por círculos

segmentados separados por elementos verticais rematados por pequenos círculos concêntricos, sugerindo um punção semelhante ao daquele *atelier*, constituindo o motivo circular IV (ROMERO CARNICERO 1999, fig. 2, n.º 7 e 8 e p. 208). As restantes poder-se-iam incluir no conjunto de *Las Palmetas*, tendo em conta não apenas os punções, mas as organizações decorativas. O **2561** parece ter apenas uma zona decorada, com fileiras de angulos a rematar as métopas, situação verificada nos fragmentos **2306**, **2281**. O **2377** associa duas características: a roseta tipo I (ROMERO CARNICERO 1999: 207) da qual emanam linhas de pontos ou pérolas, e no motivo da banda inferior, aves, com várias linhas onduladas verticais a separar as métopas, num traço fino, de boa qualidade. Acresce a forma peculiar e híbrida do vaso, com bordo onde são visíveis as típicas caneluras internas, mas sem a carena das Hisp. 29, o que remete para uma 29/37, forma eleita do *atelier* em análise. A decoração do **2407** parece-nos paradigmática, com apenas uma banda decorada, aves sobre pequenas pérolas donde saem fileiras de pontinhos que, juntamente com fileiras de angulos, rematam a decoração das métopas, numa finura e delicadeza de traço, patente também nas linhas divisórias de métopas. Trata-se de uma Hisp. 30, forma das mais raras dentro das 4 típicas decoradas. A taça **2417** parece ter também um só zona decorada com uma banda de aves sobrepostas, semelhante a outros fragmentos já aparecidos no povoado e, embora não haja nenhuma decoração absolutamente igual no exemplos da referência, o tipo de traço fino e delicado, o acabamento e organização com pequenas aves, assemelha-se.

A Fig. 5 representa as decorações com elementos vegetais que, curiosamente, se associam quase sempre a círculos. Com punções que recordam *Las Palmetas*, podemos apontar o **2249**, com dois frisos decorativos dispostos em duas bandas: na superior, as palmetas, muito semelhantes às palmetas II da referência, inseridas em círculos como o motivo circular V de *Las Palmetas*; no friso inferior, encontramos rosetas tipo I, 2, inseridas em dois círculos concêntricos segmentados como o motivo circular IV (ROMERO CARNICERO 1999: 207 e 208). Trata-se de uma forma Hisp. 29 e, mais uma vez, de fino traço decorativo e com engobe relativamente espesso e vermelho claro. Outra sugestão do mesmo *atelier*, embora se trate de um fragmento minúsculo, é o **2247**, com um elemento vegetal tipo II, 2. Os dois exemplares que nos parecem de organização decorativa mais parecida, dentro deste grupo são os **2523** e **2345**, o primeiro uma provável Hisp. 29, com um friso composto por círculos concêntricos segmentados (motivo circular IV) envolvendo um elemento vegetal tipo II, separados por pequenas aras, na banda superior (ROMERO CARNICERO 1999: 207 e 208) e uma decoração em métopas na banda inferior, sendo esta diferença de decoração entre bandas, uma característica daquele *atelier*; o segundo vaso, embora pequeno e pouco explícito, mostra uma organização metopada não canónica, com pequenas rosetas e círculos a rematarem inferiormente a métopa da banda superior, e uma figura (águia em esquema heráldico?) apoiada em linhas onduladas verticais, como complemento da decoração (ROMERO CARNICERO 1999: 182). Os dois fragmentos restantes não permitem nenhuma atribuição àquele *atelier*, sendo o **2337** bastante sugestivo devido à sua proximidade com as decorações sudgálicas, num bom estilo de imitação. Não é uma decoração hispânica canónica: as ovas têm lingueta à direita que termina em 3 pés, sendo semelhante a exemplares de Belo (vd. dardo trífido de Belo: BOURGEOIS; MAYET 1991: 118-119, 180-181), cuja produção é sudgálica. No nosso caso, quer pela pasta quer pelo acabamento, parece-nos hispânica. Por último, referimos o **2486**, pequeno fragmento com um motivo vegetal bastante incompleto, tipo palmeta (MAYET 1984, PL. CLVI, n.º 926).

A Fig. 6 mostra vários exemplos de divisórias de métopas, sendo o **2273**, aquele cuja decoração mais se poderia aproximar da de *Las Palmetas*, pelas várias linhas verticais onduladas finas, seguidas de fileiras de angulos a rematarem a métopa.

Pelo que ficou dito, embora não haja certezas absolutas de que algumas destas cerâmicas provenham do *Atelier* de *Las Palmetas*, cujo estudo e definição das produções ainda se encontra em fase embrionária, tentou-se um exercício de aproximação com base nas características expressas no artigo mencionado. Quanto à cronologia das produções, não haverá grande desfasamento, já que em Mozinho, como se disse, o grosso da sigillata, incluindo a sudgálica, andarás entre 40/50 e 80/90, podendo ir um pouco mais além, o que condiz com a produção de *Las Palmetas* que atinge o seu auge na época Flávia.

A Fig. 8 reporta-se às marcas e grafitos detectados. Como marca hispânica, há uma pouco legível no fundo de uma tigela, 2530. Trata-se de um caixilho comprido, mas baixo, rodeado por uma canelura circular com um diâmetro que marca internamente o pé. A leitura é muito duvidosa. Será uma das formas de VALERIVS PATERNVS ? (MAYET 1984, p. 181-183, n.º 690-694, 710). É uma marca muito conhecida e difundida em Tricio. A outra marca que vemos, está num caixilho de extremidades bifidas, não pertencente ao conjunto do sector B de Mozinho, mas sim ao sector D, tendo vindo junto. É O·L· S', sendo lida como LVCIVS SEMPRONIVS (MAYET 1984, p. 148, n.º 339, 336). Sendo também de Tricio vem documentada em Conímbriga, Mérida, *Tarraco*, *Volubilis*, Lugo, Valência, Castro de Barbantes (Orense), Braga, etc (SÁENZ PRECIADO, M.P.; SÁENZ PRECIADO, C., 1999, p. 108-109).

Quanto aos grafitos, apenas dois apresentam uma leitura, embora incompleta: são o 2544 (...NIL...?) e 2346 (...VE...?). Os restantes são símbolos difíceis de decifrar, parecendo os 2288 e 2543, grafitos numerais.

Finalmente, a Fig. 7 ilustra algumas formas lisas, entre produções de tipo itálico (2565), sudgálico, ou hispânico, com o intuito de confirmar a uniformização formal que é apanágio deste conjunto *sigillatico*. A única excepção refere-se ao frag. 2378, única peça sudgálica decorada até agora encontrada.

3.2. Análise por locais de achado.

Os subsectores estudados (BA e BB), apresentam genericamente dois momentos distintos de ocupação: um, tardo – romano, constituído por muros que foram escavados nos anos 40-50, resultando, na escavação actual, entulhos relativamente recentes. Sob estes aterros, foram detectados em alguns pontos sedimentos mais antigos, outrora não escavados, associados a construções mais antigas. É o outro momento de ocupação, alto-imperial, que forneceu, relativamente, mais espólio.

O **subsector BA** divide-se em vários conjuntos que se prendem com as unidades construídas que ali existiram. Cada uma representa uma quadrícula (Q) tendo recebido numeração romana sequencial na determinação dos vários espaços, conforme definido em ponto anterior.

Não se tendo encontrado *sigillatas* em Q I, passamos a Q II – rua lajeada. A estratigrafia desta rua forneceu basicamente quatro camadas, sendo a primeira constituída pelo entulho das escavações antigas (1947/54). A *sigillata* apareceu nas camadas 2 e 3 (terra vegetal antiga e derrube), tendo a segunda fornecido apenas *sigillata* hispânica (14 frag.) e a terceira,

com menor quantidade (8 frag.), registou fragmentos sudgálicos, nas formas de pratos (Drag. 15/17) que, juntamente com a presença de grandes *dolia*, vasos de asas interiores evoluídos, panelas e potes, poderão indiciar uma ocupação ligeiramente anterior. A *sigillata* hispânica apresenta formas cronologicamente situadas entre meados e o fim do séc. I, com maior incidência no último terço (Hisp. 29, 15/17, 27, 36 e 4, com predominância dos pratos).

A zona Q III denomina um átrio em L, formado por muros tardo-romanos que se sobrepuseram a uma casa – pátio, parte de um quarteirão que seria mais do que uma unidade residencial, com rua, calçada, muro de suporte de terras. Entre os estratos 3 e 4 (únicos em que se encontrou *sigillata*), não há distinção entre as formas hispânicas, mas mais uma vez, a *sigillata* sudgálica só aparece no estrato inferior e em muito menor quantidade. As formas hispânicas continuam a apontar para uma cronologia da segunda metade do séc. I, com maior incidência do último terço, (Hisp. 29/37, 29, 37, 27, 4 e 46), perfeitamente de acordo com o resto de espólio aparecido (SOEIRO 2000/2001). Há um estrato, n.º 5, onde aparece cerâmica de tradição castreja e onde estão ausentes as *sigillatas*.

O Q IV corresponde a um compartimento quadrangular formado por paredes tardo-romanas com uma pia ao centro. As *sigillatas* espalham-se indiferentemente pelos estratos 2, 3 e 4, em abundante quantidade e distribuídas relativamente entre hispânicas (12) e sudgálicas (18 frag.). Não existindo formas hispânicas mais avançadas no tempo, parece-nos poder concluir uma cronologia mais centrada em volta do 3º quartel do séc. I, para estes estratos (formas sudgálicas: Drag. 27, 15/17 e 18/31; formas hispânicas: Hisp. 15/17, 27, 29, 29/37 e 37).

O Q V é um compartimento tardio aberto, com acesso para a calçada Q VII, de paredes tardo-romanas. Produziu apenas um estrato, fruto de remeximentos anteriores, com poucas *sigillatas* hispânicas (Hisp. 15/17 e 29), que mantêm a cronologia anterior.

O Q VI é uma construção circular onde se detectaram os vários pisos de ocupação que nivelaram o chão e que já não apareceram nos Q III, IV e V. Havia ainda um muro a circundar um núcleo de casa-pátio castreja, mas que foi anulado pela construção do compartimento V. A rua Q VII já existia então. O piso da casa seria em saibro calcado (estrato 4). Os alicerces tardios implantaram-se ao nível do piso de saibro e barro (estrato 3). Assim, no estrato mais antigo onde apareceu *sigillata*, o 5 (derrube do muro antigo), os fragmentos são: um de tipo itálico (prato), 3 sudgálicos (Drag. 15/17 e tigela) e 4 hispânicos ((Hisp. 29 ou 30, 29/37), numa cronologia global que aponta para um aro entre o segundo e terceiro quartel do séc. I. A maior concentração de material encontra-se no estrato 2 (camada castanha clara com pedras pequenas, sob a terra vegetal), onde é visível alguma variedade entre *sigillatas* hispânicas (formas Hisp. 29/37, 37b, 15/17, 36 e 35/36), sudgálicas (15/17 e tigela) e itálicas (Pucci X e XXXIV ou XXXVII), estabelecendo limites cronológicos entre o segundo e último quartel do séc. I. As *sigillatas* são ainda acompanhadas pelas formas 35 e 36 da produção *Bracarense*, cerâmicas de pasta branca, cinzenta fina, cerâmica comum romana (jarros trilobados, anforetas, almofarizes, taças com interior de aguada vermelha, etc.), o que apoia a cronologia.

Q VII é uma rua de época tardia, senão no seu traçado, pelo menos no lajeado. Forneceu *sigillatas* em três dos seus estratos. No 1 (terra castanha às bolsas), raros fragmentos hispânicos (forma Hisp. 37); no 2 (terra castanha escura compacta com pedra miúda), continuam os fragmentos hispânicos (Hisp. 37, 29 ou 30, 29/37, 27) a que se associam sudgálicos (Drag. 18/31 e tigela); no 3 (terra negra com manchas amarelas e muitos fragmentos de telha pequenos e rolados – não de destruição, mas para ali atirados – num

conjunto de bom espólio), abundam os fragmentos hispânicos (Hisp. 37, 29, 29/37, 15/17, 27, 35, 35/36, 36), sendo raros os sudgálicos (Drag. 18/31 e tigela). Verifica-se que entre os três estratos não há grandes diferenças entre as *sigillatas*. A predominância é da hispânica, com 46 fragmentos, onde sobressaem as decoradas com 18 peças, contra 13 da forma imediatamente seguinte, que são os pratos. Da sudgálica (9 fragmentos), as formas equivalem-se entre tigelas e pratos. Acompanham as *sigillatas* cerâmica bracarense das formas de imitação 24/25, 29, 35 e 36, restos de uma falcata em ferro, vasos fechados de pasta branca, púcaros de cinzenta fina polida, ânforas e alguns vasos castrejos que ajudam a apontar uma cronologia entre o terceiro e inícios do quarto quartel do séc. I.

A grande casa rectangular Q VIII mostrou duas fases na sua elaboração, fornecendo um espólio numa área restrita semelhante ao da rua VII, embora com misturas entre os séc. I e III/V. No que diz respeito às *sigillatas*, o desequilíbrio numérico é favorável à produção sudgálica, com 22 fragmentos (dos quais, 8 pratos Drag. 18/31 e 15/17; 12 tigelas Drag. 27 e 24/25), enquanto a hispânica revela 14 (Hisp. 29, 29/37, 24/25, 33, pratos e taças) e a de tipo itálico, 2 (1 prato). Aparecem indiferentemente entre os estratos 1 (terra castanha escura), 2 (terra escura com muitos carvões, semelhante ao estrato 3 de Q VII) e estrato 3. Mais uma vez o espólio *sigillático* se revelou de cronologia muito próxima, com incidência mais forte no 3º quartel do séc. I.

Q IX denomina um espaço vazio, provável pátio da casa Q VIII. Foi muito escavado anteriormente, pelo que forneceu pouco material residual – 2 fragmentos de Hisp. 15/17.

Segue-se o Q X, parte de uma casa circular com piso em saibro. A escavação determinou dois momentos de ocupação da casa: um, no primeiro terço do séc. I e outro no 3º quartel, entre Cláudio e os Flávios. As *sigillatas* procedem desta última ocupação, estando ausentes formas itálicas. Dos 5 estratos detectados, só nos três primeiros houve *sigillata*, com algumas diferenças quantitativas entre os fabricos hispânico e sudgálico, relativamente aos estratos em que apareceram. Assim, no estrato 1 (camada vegetal antiga), para 11 fragmentos de hispânica (Hisp. 15/17, 18/31, 29/37, pratos e tigelas), apareceram 3 sudgálicos (tigela e prato); no estrato 2 (terra castanha com espólio), as formas de hispânica mantêm-se sensivelmente as mesmas, num total de 10 frag. e apenas 1 sudgálico de forma indeterminada; finalmente no estrato 3 (terra cinzenta com muito espólio e restos de habitações), o espólio *sigillático* foi mais abundante, com predomínio do fabrico sudgálico com 21 fragmentos (Drag. 18/31, 24/25, 27, 36, com clara vantagem dos pratos) e apenas 9 hispânicos (nas formas habituais Hisp. 15/17, 29, 29 ou 30, 29/37), denotando mais uma vez uma cronologia algo restrita enformada entre o período Cláudio e inícios dos Flávios.

Finalmente, o Q XI, espaço fora da casa redonda, não apresenta diferenças de estratos, forneceu 18 fragmentos de *sigillatas* hispânicas (Hisp. 15/17, 18/31, 27, pratos e tigelas) e 10 sudgálicas (Drag. 18/31, 15/17, 24/25, 27, pratos e tigelas) que reforçam a constatação de utilização destes materiais num espaço de tempo curto e com alguma pobreza na variedade de formas, sobretudo das lisas, contrastando com as decoradas, mais eloquentes.

O **subsector BB** também se divide em espaços de funções distintas, denominados sequencialmente. Exceptuando o Q I, todo o espólio de *sigillata* se refere apenas a um estrato, o primeiro, dando a sensação de ter sido este sítio ainda mais escavado e remexido do que o anteriormente abordado. Esta impressão é ainda reforçada pela pouca quantidade de *sigillatas* que apareceram num espaço relativamente grande.

O Q I é um compartimento grande que tem a norte uma construção circular que foi

interpretado como um forno. Do ponto de vista cronológico, o estrato 1 revela uma grande mistura de épocas, desde um frag. de *sigillata* de tipo itálico (Pucci XXV, da época entre Augusto e Tibério) até 2 frag. de *sigillata* africana D (Hayes 59 e 61a dos séc. IV-V), com fragmentos intermédios de sudgálica (Drag. 27). No estrato 5, já se encontra uma maior uniformidade, tendo aparecido o fabrico sudgálico (5 frag. – Drag. 18/31 e 27) e hisp. (8 frag. – Hisp. 29, 29/ 37, 27, 36e 15/17), apontando uma vez mais para um período entre Cláudio e Flávios.

Em Q II só apareceu *sigillata* de época tardia (2 frag. de *sigillata* hispânica tardia, uma forma aberta de taça).

Q V produziu 9 frag. de *sigillata* hispânica (Hisp. 15/17, 27, 37) associados a 4 moedas de Galieno e Cláudio I (266 – 271).

O último espaço a ser analisado foi a chamada **Avenida**, calçada lajeada que, vencendo as curvas de nível, traça uma quase recta entre este sector analisado e o interior da muralha Júlio-Cláudia. No meio de 9 frag. de *sigillata* hispânica (Hisp. 15/17, 27 e 37), apareceu um frag. de *sigillata* de tipo itálico (Pucci XXV).

Este périplo pelos achados de *sigillata* na sua relação espacial e temporal veio confirmar uma ocupação algo intensa nestes subsectores. Esta ocupação teria tido vários momentos: um, inicial, não em toda a área, de época Júlio-Cláudia, com um número reduzido de *sigillatas* de tipo itálico e alguns fragmentos de cerâmica de tradição castreja; o momento seguinte, pujante, seria o que vai desde Cláudio até início dos Flávios, com uma forte presença de *sigillatas* sudgálicas e sobretudo hispânicas, estas últimas dos primeiros tempos do seu fabrico, quer pelas formas, quer pelas pastas e acabamentos. Verifica-se que estão ausentes as *sigillatas* hispânicas dos finais do séc. I, 1ª metade do séc. II, com as formas fechadas Hisp. 1, 20 e 21, ou os pratos 15/17 e tigelas 27 de boca muito alargada e engobes já mais alaranjados e finos. Também as Hisp. 37 são em menor quantidade em relação às 29 e as suas decorações apontam para estilos que não ultrapassam muito o início da dinastia Flávia.

NOTA FINAL

O conjunto de *sigillatas* aparecidas nos subsectores BA e BB de Monte Mozinho, numa área reescavada a partir dos vestígios deixados pela escavação dos anos 40-50, que terá deixado intactas algumas bolsas estratigráficas que se encontravam sob o assentamento dos muros tardo-romanos, revelou-se interessante por representar uma ocupação relativamente restrita e balizada no tempo. Os exemplares sudgálicos ou hispânicos apontam para uma cronologia entre Cláudio e Flávios, podendo corresponder o limite posterior ao abandono desta parte do povoado, na época das grandes reformas flávias que se notam na reestruturação urbanística da parte alta, com o lajeado da "avenida" e construção de novas unidades habitacionais, segundo um plano estabelecido.

Há ainda a salientar o facto de a relação numérica entre as duas produções ser de 1/3, o que reforça a ideia de uma continuidade curta no tempo.

Pelas produções de boa qualidade, tentámos definir semelhanças com um *Atelier* de *Las Palmetas* que foi identificado dentro da área de influência de Tricio (que apresenta mais afinidades dos punções que Arenzana de arriba, por exemplo), mas do qual nada se sabe, no que diz respeito a local de produção e relações comerciais quer com locais de consumo, quer

com a grande superestrutura de Tricio. Como área de difusão é apontada uma zona restrita: Arcóbriga, Numancia, Uxama e Tiermes (extremo oriental da Meseta Norte e Curso Médio do Douro), Complutum e Valência (Meseta sul), havendo paralelos em Conimbriga, Mérida e Tarragona (ROMERO CARNICERO 1999, p. 192-195). Pretendeu-se, assim, dar um contributo a partir de um centro de consumo longínquo e periférico, mas com boa importação de *sigillata*, ao conhecimento das relações comerciais que se estabeleceram entre as várias oficinas e com os locais de consumo.

BIBLIOGRAFIA CITADA:

- BÉMONT, C. (1976), *Recherches Méthodologiques sur la Céramique Sigillée. Les vases estampillés de Glanum*, Paris, B.E.F.A.R., 227.
- BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991), Les Sigillées – Fouilles de Belo, *Collection de La Casa de Velazquez*, Archéologie XIV, Madrid, Belo VI.
- CAILLEUX, A. (s/d), *Notice sur le Code des Couleurs des Sols*, Paris.
- CARVALHO, Teresa Pires de (1993/94), As marcas de oleiro da sigillata de Mozinho, *Cadernos de Arqueologia*, 10/11, Braga, p. 91-112.
- CARVALHO, Teresa Pires de (1998), A Terra Sigillata de Mozinho (Contributo para a história económica do povoado), Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida – II, *Cadernos do Museu*, Museu Municipal de Penafiel, n.º 3.
- HAYES, J.W. (1972), *Late Roman Pottery*, London.
- LUEZAS PASCUAL, R. A.; SAÉNZ PRECIADO, M. P. (1989), *La ceramica romana de Varea*, Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, 4.
- MAYET, F. (1984), *Les céramiques sigillées Hispaniques: Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*, Collection de La Maison des Pays Iberiques, Paris, n.º 21.
- PUCCI, G. (1985), Terra Sigillata Italica, in *Atlante delle Forme Ceramiche, Ceramica Fine romana nel Bacino Mediterraneo – Enciclopedia Dell'Arte Antica Classica e Oriental*, Roma, vol. II, p. 361-404.
- SOEIRO, T. (2000/2001), Monte Mozinho, A Recuperação do sector B, *Portugalia*, Nova série, Vol. XXI – XXII, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 103-106.
- ROMERO CARNICERO, M. V. (1999), El Taller de Las Palmetas, in ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M.I. (Coord. de), *Terra Sigillata Hispánica, centros de fabricación y producciones altoimperiales*, Málaga, Universidad de Jaén e de Málaga, p. 169-208.
- SÁENZ PRECIADO, M.P.; SÁENZ PRECIADO, C. (1999), Estado de la cuestión de los alfares riojanos. La Terra Sigillata Hispánica altoimperial, in ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (Coord. de), *Terra Sigillata Hispánica, centros de fabricación y producciones altoimperiales*, Málaga, Universidad de Jaén e de Málaga, p. 61-138.

Catálogo das Marcas

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Marca	Leitura	Dam. Pé	Engobe	Descrição	Observação
2236	M 97 D Q II [1]	TSH Tr	Prato	50-100 / 120	O . L . S ' X	Lucius Sempronius	80	Brilhante	Frag. de fundo de provável prato, com marca. No lado exterior são visíveis muitas estriás.	Caixilho ligeiramente bifido, alto, letras muito legíveis; bem salientes. O oleiro é bastante conhecido, aparecendo em Conimbriga, Braga, vários sítios de Espanha (SAENZ PRECIADO, M. P.; SAENZ PRECIADO, C. 1999, 108, 109). Como punção semelhante, vd MAYET 1984: 148, nº 336 e 339.
2284	M 97 BA Q IV [4]	TSSg Gr	Prato	40-80	OF CE / ... X	Cermatvs ?		Metálico	Frag. de fundo fino, elevado ao meio.	Caixilho pequeno, letras bem salientes. Já aparecera outro oleiro Cermatvs em Mozinho, embora sem a fórmula OF - CARVALHO 1998: 147, nº 277.
2317	M 97 BA Q VIII [2]	TSSg Gr	Drag. 18/31	50-80/100	OF-C-ALI ou F. GALI	X Pode ser Gallicanvs ou Calvus		Mal conservado	Fundo plano, elevado ao centro, com carena marcada por ressalto interno; canelura circular interna a marcar o pé; pé baixo.	Pela semelhança do punção, pode ser GALLICANVS (50-80) de La Graufesenque (BEMONT 1976: 44, nº 174). Poderá ser de Montans? CALVUS (60 - 100); GALLUS (50-80). Há ainda a possibilidade de ser OF CAL (BOURGEOIS; MAYET 1991, cat. analítico das marcas; nº 22). Tem traços da roda no exterior.
2334	M 97 BA Q VII [3]	TSSg Gr	Tigela	40-100	IVCUND X	(CALVI) ou ainda Galvus (GALLIO)		Mal conservado	Frag. de fundo curvo de tigela, com arranque de pé.	Pasta magnífica. Caixilho pequeno, extravasando a canelura circular central interna. Trata-se de uma assinatura muito conhecida no mundo de La Graufesenque. Como referência apontamos uma igual em BOURGEOIS; MAYET 1991: 190, nº 78. A cronologia apontada é a dos vasos de referência, embora no nosso caso, nos pareça mais restrita, entre 40 e 70.
2530	M 97 BA Q VII [2]	TSH Tr	Tigela	50-70/80	OF VI I X	IUCUNDUS	36	Metálico	Fundo curvo, pé baixo com fina canelura na carena.	Caixilho comprido e estreito, letras capitais muito finas. O desenho do caixilho, a pasta e o engobe, levariam a pensar ser sudgálica, mas a canelura muito larga que envolve a marca contraria um pouco essa asserção. A marca está pouco visível, sendo imperceptíveis a maioria das letras. A proposta de leitura é uma possível (MAYET 1984: 188, nº 752 - marcas fragmentadas).

Catálogo das Decoradas

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Motivos	Descrição	Observação
2216	M 97 Q III BA [3]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	50-100	Médio			Metopada: parte traseira de um animal e linhas divisorias de metopas: uma fila de ângulos central, com vértice para baixo, ladeada de 3 linhas onduladas verticais de cada lado.	Frag. de pança decorada, com duas finas molduras externas a separar do bordo opo da pança superior.	O traço é fino, bem executado.
2217	M 97 Q III BA [3]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	50-100	Médio			Camo a saltar com a cabeça para a direita e os pelos bem desenhados.	Frag. de pança decorada com duas caneluras fundas a separar do bordo.	Vd. MAYET 1994, Pl. CLXXXIX, nº 2125/2128. Decoração muito delicada.
2218	M 97 Q III BA [3]	TSH Tr	Hisp.37	70-120	Baço			Banda de círculos concêntricos segmentados.	Frag. de pança e fundo curvos com duas molduras externas a separar.	Friso inferior.
2237	M 97 BB Q I [5]	TSH Tr	Hisp.29	50-70	Espesso, metalizado	162		Felino com a cabeça para a esquerda em posição de salto.	Frag. de bordo com dois ressaltos internos, lábio bem marcado por canelura e ressalto externo a separar a pança decorada.	A decoração é um pouco irregular. Vd. Mayet, PL. CLXXXIII, nº 1913, 1914.
2241	M 97 BB Q I [5]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	50-80	Espesso e brilhante			Círculo segmentado com figura não identificada no interior.	Frag. de parede com uma fina mas saliente moldura a separar o bordo (?) da pança decorada.	
2246	M 97 BB Q I [5]	TSH Tr	Hisp.29	50-60/70	Mai conservado	Ind.			Frag. de bordo com vestígios de lábio e duas caneluras internas.	
2247	M 97 BB Q I [5]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	50-100	Médio			Metopada: 1 fina linha vertical ondulada, círculo com fig. inferior: traço fino.	Frag. de parede fina, decorada.	Será do Atelier de "Las Palmetas?" - Vd. ROMERO CARNICERO 1999; 207 - o motivo vegetal II associado a círculo com figura interior, que não está visível.
2248	M 97 BB Q I [5]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	50-80/100	Mai conservado			Círculos concêntricos segmentados, 1 linha ondulada - metopada? Traço fino.	Frag. pequeno de pança decorada.	
2249	M 97 BA Q II [2]	TSH Tr	Hisp.29	50-80	Espesso e brilhante			Friso contínuo de círculos com palmetas dentro, inclinadas. Banda de baixo: friso de 2 círculos concêntricos com octófilo no centro: de 4 em 4, pelo menos, há uma divisão com uma cruz feita de linhas onduladas diagonais, terminando em pequenos círculos concêntricos.	Frag. de pança carenada com molduras exteriores a marcar a carena.	Muito boa execução. ROMERO CARNICERO 1999; p. 207 e 208 - os punções utilizados lembram o Atelier de Las Palmetas: o motivo floral parece a roseta tipo I, nº 2, a palmetas é semelhante à palmetas tipo II, nº 1, os círculos parecem os motivos circulares IVe V. a própria utilização de rosetas e palmetas dentro de círculos, é sugestiva. Este frag. pode ser considerado do estrato (4) pois apareceram fragmentos desse estrato que colam.
2263	M 97 BA Q II [3]	TSH Tr	Hisp.30	50-70/80	Bom		44	Friso de ângulos com vértice para a esquerda no remate inferior da metopa.	Fundo fino, com pé baixo, arranque de parede marcado por fina e saliente moldura interna.	Boa qualidade Pasta muito fina, confundível com a gálica.
2272	M 97 BA Q III [4]	TSH Tr	Hisp.37	70-100	Bom		66	Metopada: frisos de dois ângulos muito grandes, verticais com vértice para baixo e horizontais com vértice para a esquerda. Frisos de ângulos pequenos, a rematar inferiormente as metopas com vértice para a direita.	Frag. de fundo curvo muito espesso, pé baixo.	Bem executado, parece ser do tipo 37.b.

Continua

MONTE MOZINHO: A *TERRA SIGILLATA* RECUPERADA DO SECTOR B

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Motivos	Descrição	Observação
2273	M 97 BA O III [4]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	70-100?	Razoável, metálico			Metopada: divisória vertical central, em ângulos, ladeada por 8 (4 de cada lado) finas linhas onduladas rematadas por uma fila de ângulos pequenos verticais, que delimita a metopa. E ainda visível um elemento vegetal, na metopa.	Frag. de parede/ fundo espesso de taça decorada.	Será do Atelier de "Las Palmetas"? Vd. ROMERO CARNICERO 1999: 200, fig. 3, nº 15 – composição de metopas semelhante. Os ângulos estão muito bem desenhados.
2274	M 97 BA O III [4]	TSH Tr	Hisp.29	50-70/80	Bom	Ind.		Parece ser metopada. Fileira de ângulos de remate de metopa.	Bordo espesso, esvasado, com 3 ressaltos internos e 2 olivas molduras salientes exteriores, com início de pança.	
2276	M 97 BA O III [4]	TSH Tr	Hisp.29	50-80/100		170			Bordo com lábio marcado.	Pasta tem muita calcite.
2281	M 97 BA O IV [4]	TSH Tr	Hisp.29	50-70/80	Bom	180		Metopada: 3 linhas verticais onduladas, ladeadas por 2 (um de cada lado) ângulos verticais. Na metopa – uma ave com a cabeça para a direita.	Bordo esvasado com lábio redondo saliente, dois ressaltos internos e externamente uma moldura saliente a separar da pança.	MAYET, pl. CLXXIII e CLXXIV, nº 1542, 1554, 1610? – série de pequenos pássaros. Forma pouco canonizada dentro dos padrões da Hisp. 29, por ter uma parede que segue o esvasamento do bordo, não se separando dele. Como composição das metopas, faz lembrar alguns exemplos do Atelier de las Palmetas, com a fileira de ângulos a ladearem as linhas onduladas e o traço fino da decoração. ROMERO CARNICERO 1999, fig. 3, nº 15 e 16.
2282	M 97 BA O IV [4]	TSH Tr	Hisp.29	50-70/80	Mai conservado			Metopada – fila de ângulos verticais, ladeadas por 6 (3 de cada lado) linhas onduladas verticais. Figura (ave?) ao centro da metopa. Na banda de baixo, ângulos ladeiam exteriormente as linhas onduladas.	Frag. de parede carenada com uma fina moldura externa a marcar a carena.	Pela composição com os ângulos a ladearem as linhas onduladas, recorda o Atelier de Las Palmetas – ROMERO CARNICERO 1999: fig. 2, nº 5.
2305	M 97 BA O X [1]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	60-100	Razoável			Círculos concêntricos segmentados (?)	Parede curva decorada.	Parece mais ser D.37. Podem ser círculos a formar um friso inferior.
2306	M 97 BA O X [1]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	50-80/100				Metopada: 3 linhas onduladas verticais ladeadas por duas filas de ângulos (1 em cada lado); fig. animal: ave (?)	Frag. de parede fina decorada.	ROMERO CARNICERO 1999: fig. 2, nº 5 – A composição das linhas onduladas ladeadas por fileiras de ângulos, o traço fino e a utilização da ave, lembram alguns tipos do Atelier de Las Palmetas.
2307	M 97 BA O X [1]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	60-100				Círculos concêntricos (?)	Frag. de parede espessa decorada.	Parece ser D.37.
2313	M 97 BA O V [1]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	70-100/120	Escuro, médio			File de ângulos horizontais.	Frag. de parede / fundo espesso.	Parece mais D. 37. Pasta clara, engobe escuro.
2314	M 97 BA O V [1]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	70-100	Médio			Círculos concêntricos (?).	Frag. de parede curva fina decorada.	Parece mais D. 37.
2332	M 97 BA O VIII [2]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	50-80/100	Razoável			Metopada – divisória: 2 linhas verticais onduladas finas, vestígios de um remate em flor, no centro das linhas onduladas – ângulos verticais.	Frag. minúsculo decorado.	
2333	M 97 BA O VIII [2]	TSH Tr	Hisp.29/37	70-100	Brilhante			Círculos concêntricos (2) com separador vertical terminando na parte superior por um elemento vegetal.	Fundo curvo com aparente carena para a parede, marcada por duas finas molduras horizontais.	

Continua

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Motivos	Descrição	Observação
2335	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Hisp.29/37	60-100	Médio/ fino, escuro		61	Apenas vestígios.	Fundo curvo, com uma ligeira carena antes da ligação à parte decorada, separada por duas finas molduras externas.	Engobe fraco, pasta branca.
2336	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Hisp.29/37	60-100	Brilhante, fraco			Metopada: linhas finas onduladas verticais, fig. central parece um cervideo com a cabeça virada para trás.	Frag. de pança curva decorada.	MAYET, Pl. CLXXXVIII, nº 2110 ou 2113; pl. XCVIII, nº 405, 406. É um motivo que aparece nas D. 30.
2337	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	50-80	Bom			Friso de ovas seguido por grimaldas, linhas onduladas diagonais com estreias na ponta.	Frag. de pança, logo abaixo do bordo, decorada.	Ou é estilo de imitação ou é mesmo subgálica. Não há paralelos hispânicos para esta decoração: as ovas têm lingueta à direita que termina em 3 pés (dardo trífido - vd. p. 118-119 de Belo: BOURGEOIS: MAYET 1991). A organização decorativa é semelhante à MAYET 1984, pl. CVI, nº 433, embora no nosso caso não pareça metopada.
2338	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Hisp.29	50-80	Bom			2 círculos concêntricos com uma pérola no centro, divididos por um motivo vertical rematado nas extremidades por 4 traços difusos de um elemento vegetal.	Frag. de bordo incompleto, com dois ressaltos internos e pança decorada.	ROMERO CARNICERO 1999: Fig. 2, nº 7 - o elemento vegetal de separação assemelha-se ao do <i>Atelier de las Palmeras</i> , apelidado de elemento vegetal III.
2339	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Hisp.29	50-80	Médio	Ind.		Metopada: friso de elementos verticais dispostos obliquamente, separados por linhas onduladas.	Frag. de bordo com lábio saliente, marcado por dois ressaltos internos; início de pança.	
2340	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Hisp.29	50-80	Brilhante	150		Metopado: divisória em linhas onduladas e angulos verticais.	Bordo com dois ressaltos internos.	
2341	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Hisp. 37?	70-100	Bom			Friso de angulos salientes a separar a pança do fundo.	Frag. de fundo.	Parece ser D. 37 b. Boa pasta, boa execução formal.
2342	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Hisp.37	70-100	Médio			Metopada: friso de angulos a dividir a banda de cima da de baixo: divisórias com angulos de vértice para baixo, ladeados por 3 linhas onduladas de cada lado.	Frag. de parede a virar para o fundo, decorada.	
2343	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Hisp.29	50-80/100	Razoável	148			Frag. de bordo com lábio saliente redondo e 2 ressaltos internos.	
2344	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Hisp.37	60-100	Bom, metálico.	170 ?			Bordo com lábio pouco saliente, relativamente fino.	
2345	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Hisp.29	60-100	Médio, vermelho claro.			Metopada: angulos com vértice para baixo, ladeados de duas linhas onduladas de cada lado. Motivos que terminam inferiormente em roseatas. Na banda de baixo, sob uma fila de angulos a rematar a metopa, uma fig. inc. - água (?), sobre duas linhas onduladas verticais.	Frag. de pança a virar para o fundo, com duas finas molduras a separar.	Boa execução, é um tipo de composição que vagamente lembra o <i>Atelier de Las Palmeras</i> . ROMERO CARNICERO 1999: 203, fig. 6, nº 40.

Continua

MONTE MOZINHO: A *TERRA SIGILLATA* RECUPERADA DO SECTOR B

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Motivos	Descrição	Observação
2355	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Hisp. 377	60-100				Não visíveis	Frag. de parede decorada.	
2374	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Ind.	50-10	Médio			Linhas de rosetas verticais (2) pequenas, quase lembrando o 1º estilo decorativo das tardias.	Frag. minúsculo decorado.	A pasta e engobe são alto-imperiais: MAYET, pl. XCIV, nº 381
2377	M 97 BA O VIII [3]	TSH Tr	Hisp. 29/37	50-80/100	Médio	170		Metopada: flor – octófolo: as duas folhas diagonais superiores são rematadas por linhas de pontinhos; as duas inferiores, rematadas por 2 pequenos círculos concêntricos. Divisória: 3 linhas onduladas de cada lado, bastante separadas; linha de angulos com o vértice para baixo. Na banda de baixo, há uma figura diferente: 5 linhas onduladas juntas, rematadas e unidas no topo por uma dupla linha encordada. Há ainda 2 figuras: aves.	Bordo com lábio saliente, fino, virado para cima; bordo espesso, com dois ressaltos internos. Pança com carena marcada por 2 finas molduras externas.	A forma não é canónica, inserindo-se na transição entre a 29 e 37. ROMERO CARNICERO 1999: 177-178 - O tipo de composição, com as duas bandas diferentes, tendo a inferior 5 linhas onduladas verticais, mais o punção da ave, bem como o octófolo que é do tipo de roseta I, lembram o <i>Atelier de Las Palmeras</i> .
2378	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Drag. 30	20-70	Mal conservado.			Não se percebem, devido ao mau estado de conservação.	Parede, carena, ressalto com moldura interna e fundo curvo, tipicamente sudgálico.	Apesar da longevidade desta forma (Tibério / Antoninos) cremos poder situar este fragmento, embora sem decoração visível, entre Cláudio e Nero - pelo tipo de pasta, engobe e forma, semelhante a uma de Baelo - BOURGEOIS: MAYET 1991, pl. XXI, nº 2313.
2395	M 97 BA O IV [3]	TSH Tr	Hisp. 29/37	60-100	Vermelho claro			Círculos divididos por um elemento vertical espessado na extremidade superior por um elemento vegetal, com roseta ao centro do círculo. Banda inferior parece igual.	Bordo incompleto com parede decorada separada por duas molduras do fundo. Atribuímos a forma híbrida 29/37, por aparentar uma ligeira carena ao curvar para o fundo.	ROMERO CARNICERO 1999: 207 – na descrição dos traços típicos do <i>Atelier de las Palmeras</i> refere-se um elemento vegetal I semelhante a este, bem como a existência de círculos com flores dentro.
2407	M 97 BA O VI [1]	TSH Tr	Hisp. 30	50-70/80	Bom			Metopada: 2 linhas divisórias onduladas verticais ladeiam uma fila de angulos com vértice para baixo. A metopa é constituída por duas aves sobrepostas, cada uma com uma fileira de pérolas unindo o bico à cauda, rematando num pequeno círculo que serve de suporte às patas, formando um triângulo; o remate superior e inferior é feito através de fileira de angulos horizontais, com vértice para a direita. Há ainda pequenas pérolas verticais a rematar lateralmente a composição, que está como que inscrita num cavilho.	Parede quase vertical (cilíndrica), ligada ao fundo por uma moldura interna muito saliente, em 1/4 de círculo (parece um degrau), marcada por canelura exterior; fundo oblíquo.	MAYET, Pl. CLXXIII. O traço é fino e bem executado. ROMERO CARNICERO 1999: fig. 5, nº 30 e fig. 6, nº 40 É um dos casos cujo desenho, embora não seja completamente igual ao da referência, se assemelha, quer pela descrição da pasta e acabamento, quer pelo tipo de traço, quer pelo género de composição.
2408	M 97 BA O VI [1]	TSH Tr	Hisp. 29/30/ /37	50-80/100				Metopada: divisória de metopas – várias linhas verticais de pequenos angulos (5).	Frag. pequeno de pança decorada.	

Continua

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Motivos	Descrição	Observação
2416	M 97 BA O X [3]	TSH Tr	Hisp. 29 ou 37	50-70/80	Bom		48	Linhas encordadas muito finas, na parte do fundo já decorada.	Fundo curvo de taça, pé baixo, bem executado, decorada.	Boa execução formal e decorativa. É um vaso de pequeno tamanho, contínuvel com as sudgálicas, quer na boa execução, quer no desenho decorativo. Tem uma finura de traço que faz supor um bom <i>Atelier</i> .
2417	M 97 BA O X [3]	TSH Tr	Hisp. 29	50-70/80	Razoável	Ind.		Metopada: 2 linhas onduladas e 1 linha de ângulos com vértice para baixo. 2 bandas de pássaros (galinhas ?) com a cabeça para a direita, mas a olhar para trás (na banda de cima há mais de 6).	Bordo esvasado, não muito alto, com 2 finas molduras internas; parede com ligeira carena marcada por 2 molduras paralelas exteriores.	O traço é fino e bem executado. ROMERO CARNICERO 1999: fig. 5, nº 30 e fig. 4, nº 20. É um dos casos cujo desenho, embora não seja completamente igual ao da referência, se assemelha, quer pela descrição da pasta e acabamento, quer pelo tipo de traço, quer pelo género de composição. Vd. CARVALHO 1998: 124, nº 1414.
2418	M 97 BA O X [3]	TSH Tr	Hisp. 29 ou 30	50-80/100	Vermelho claro	170			Bordo esvasado, espessado com lábio pequeno saliente: 2 ressaltos internos.	
2419	M 97 BA O X [3]	TSH Tr	Hisp. 29 ou 30	50-80	Brilhante	120			Bordo pequeno, com lábio muito saliente, fino: 2 ressaltos internos.	Pela dimensão do bordo, parece mais ser forma 30.
2485	M 97 BA O VI [2]	TSH Tr	Hisp. 37b	70-120	Bom, mal conservado.	Ind.		Não se distingue.	Bordo com lábio em amendoa, espesso, mais fino na pança, separada por uma forte canelura externa.	
2486	M 97 BA O VI [2]	TSH Tr	Hisp. 29 ou 37	50-100	Mal conservado.			Motivo floral – motivo vegetal palmado, de tamanho relativamente grande.	Pança fina decorada – parte que vira para o fundo, separada da superior por duas molduras salientes encordadas.	O motivo decorativo é dos motivos mais característicos do Vale do Ebro. MAYET, 84, pl. CLV-CLVII.
2511	M 98 BB O V	TSH Tr	Hisp. 37	70-100	Fraço			Círculos concêntricos (3), formando um friso.	Pança curva a virar para o fundo, com 2 molduras pouco salientes, a separar externamente.	
2522	M 97 BA O X [2]	TSH Tr	Hisp. 37	70-100	Fraço				Bordo incompleto com arranque de parede.	
2523	M 97 BA O X [2]	TSH Tr	Hisp. 29	50-80	Espesso			2 círculos segmentados, concêntricos, com um motivo vegetal trifoliado, sendo o central mais desenvolvido. Estão divididos por um motivo vertical encordado limitado por dois triângulos (ara). Banda inferior – metopada: fila de ângulos com vértice para baixo, ladeada por 3 linhas verticais onduladas (lado esq.)	Pança com carena para o fundo, marcada por duas molduras pouco salientes.	A execução é primorosa, o desenho bem feito. MAYET, 84, pl. CLXIV - CLXVI. A organização compositiva lembra a do <i>Atelier de Las Palmetas</i> , com motivo vegetal de tipo II no centro do círculo e metopas na banda de baixo. ROMERO CARNICERO 1999: p. 207.
2525	M 97 BA O VII [2]	TSH Tr	Hisp. 37	60-100	Muito brilho	150			Bordo com lábio redondo saliente, ligeiramente espessado.	
2526	M 97 BA O VII [2]	TSH Tr	Hisp. 29 ou 30	50-80/100		150			Bordo pouco espessado, com pequeno lábio e uma fina moldura interna.	
2527	M 97 BA O VII [2]	TSH Tr	Hisp. 37b	70-100	Baço	Ind.			Bordo com lábio espessado, em amendoa. Arranque de pança.	

Continua

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Motivos	Descrição	Observação
2528	M 97 BA Q.VII [2]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	70-100	Metálico			Fig. em relevo não identificada.	Frag. de pança espessa.	
2540	M 97 BA Q.VII [1]	TSH Tr	Hisp.37	60-100	Fraco			Vestígios de 2 círculos concêntricos.	Pança curva, com vestígios de 2 molduras exteriores.	
2541	M 97 BA Q.VII [1]	TSH Tr	Hisp.37	50-80/100	Bom			Círculo segmentado, com ave de bico para a direita - galo? Círculos divididos por motivos verticais segmentados, rematados por 3 círculos pequenos concêntricos.	Bordo incompleto e pança decorada separada do bordo por 2 molduras pouco salientes.	Boa execução formal. MAYET, 84, pl. CLXXI, nº 1483? ROMERO CARNICERO 1999; fig. 2, nº 7 e 8 - Aves dentro de círculos semelhante ao motivo circular IV do <i>Atelier de Las Palmelas</i> .
2545	M 97 BA Q.VI [5]	TSH Tr	Hisp.29 ou 30	50-70/80	Bom	Ind.			Bordo com lábio saliente marcado por canelura externa; 2 finas molduras internas.	Muito boa qualidade.
2546	M 97 BA Q.VI [5]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	50-80	Brilhante			Figura animal: cervo (?) a correr para a direita, com a cabeça virada para a esquerda.	Frag. de pança curva decorada.	MAYET, 84, pl. CLXXXV, nº 1991, 1996.
2558	M 98 B Avenida - Limpeza	TSH Tr	Hisp.37	70-100	Fino, vermelho claro			Vestígios de círculos.	Frag. de pança curva decorada, separada do fundo por duas finas molduras muito juntas.	
2561	M 97 BA Q.VI [3]	TSH Tr	Hisp.29 ou 37	50-70/80	Bom			Metopada - 3 finas linhas onduladas verticais, ladeadas por 2 filas de ângulos com o vértice para baixo (1 de cada lado). 2 bandas de aves sobrepostas, tipo pato, com as cabeças de perfil, para a esquerda.	Frag. de pança vertical, com uma ligeira carena, marcada por duas molduras externas salientes.	MAYET, 84, pl. CLXXIV. ROMERO CARNICERO 1999; fig. 2, nº 5 - Embora não se encontre, no <i>Atelier de Las Palmelas</i> nenhuma composição absolutamente igual a esta, o facto da divisão das métopas ser fora do normal (linhas onduladas ladeadas por ângulos) mais a figura da ave, faz pensar numa semelhança de traço.
2573	M 97 BB Q.I [1]	TSH Tr	Ind.	50-80				Decoração moldada ou aplicada? Não se percebe.	Frag. minúsculo muito fino, plano, com decoração aplicada (?) e muito fina moldura saliente.	

Catálogo das Decoradas

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Descrição	Observação
2215	M 97 Q III BA [3]	TSH Tr	Hisp. 17	80-125	Espesso	Ind.		Frag. de parede alta com arranque de aba: ressalto interno perto da aba.	Duas grandes incisões circulares – grafitos?
2219	M 97 Q III BA [3]	TSH Tr	Taça	70-100/120		90?		Frag. de fundo curvo e pé baixo, de taça.	
2220	M 97 Q III BA [3]	TSH Tr	Tigela (27?)	50-100/120		90?		Frag. curvo de pança.	
2221	M 97 Q III BA [3]	TSH Tr	Tigela (27?)	50-100/120	Espesso, com brilho			Frag. de bordo com lábio ligeiramente marcado.	
2222	M 97 Q III BA [3]	TSH Tr	Tigela	50-150	Médio			Frag. de fundo espesso, curvo e arranque de pé.	
2238	M 97 BB Q I [5]	TSSg Gr	Drag. 27	50-60/70	Espesso, baço	120		Bordo com lábio saliente triangular, irregular, canelura interna e arranque de pança.	
2239	M 97 BB Q I [5]	TSSg Gr	Drag. 27	50-60/70	Espesso, com brilho	110		Bordo com lábio saliente triangular, canelura interna e arranque de pança.	Bordo muito semelhante ao anterior, mas apasta e o engobe são diferentes.
2240	M 97 BB Q I [5]	TSSg Gr	Drag. 18/31	50-70/80	Espesso, metálico			Fundo plano com arranque de parede marcado por ressalto interno.	
2242	M 97 BB Q I [5]	TSH Tr	Hisp. 36	60-100	Espesso e metálico	Ind.		Frag. de aba muito larga com um ressalto externo entre a sobeira e a parede.	
2243	M 97 BB Q I [5]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-70/80	Brilhante	Ind.		Bordo com lábio saliente, parede pouco aberta, fundo plano, carena marcada externamente por fina canelura e moldura interna em quarto de círculo.	
2244	M 97 BB Q I [5]	TSH Tr	Hisp. 27	50-70/80	Baço, metalizado			Pança inferior e arranque da superior.	Tamanho pequeno.
2245	M 97 BB Q I [5]	TSSg Gr	Ind.	50-70/80	Metálico	Ind.		Bordo com caneluras internas, espesso, com duas fundas incisões externas.	Frag. estranho: a pasta parece ser itálica, embora apresente alguns vacuolos enormes; o engobe é gálico. Mas, no conjunto, parece hispânica. A forma é outro problema.
2250	M 97 BA Q II [2]	TSH Tr	Hisp. 15/17 ou 18	50-80	Brilhante	250		Bordo espesso com lábio triangular alto, parede oblíqua, côncava; canelura interna a marcar o lábio.	Se não fosse a espessura e o diâmetro de bordo, podia considerar-se uma 33.
2251	M 97 BA Q II [2]	TSH Tr	Hisp. 15/17	60-100	Médio			Parede oblíqua, moldura interna curta e levemente achatada, carena marcada no fundo externo por fina canelura funda.	
2252	M 97 BA Q II [2]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-70/80	Metálico			Moldura interna curta e curva, marcada por canelura fina externa.	
2253	M 97 BA Q II [2]	TSH Tr	Taça	50-100	Mal conservado		60?	Fundo pouco espesso com pé muito baixo, fino, de possível taça.	
2254	M 97 BA Q II [2]	TSH Tr	Hisp. 36	60-70/80	Escuro e espesso	170/180		Aba muito curva, fina e curta.	
2255	M 97 BA Q II [2]	TSH Tr	Hisp. 4	60-80/100		Ind.		Aba plana, com a extremidade espessada e virada para baixo.	
2256	M 97 BA Q II [2]	TSH Tr	Ind.	50-100				Frag. de pança curva.	
2257	M 97 BA Q II [2]	TSH Tr	Ind.	50-100				Frag. de parede espessa, ligeiramente curva.	Pasta laranja vivo.
2258	M 97 BA Q II [2]	TSH Tr	Prato	70-100	Escurecido	160?		Frag. de bordo fino com duas incisões (defeito?) externas no lábio.	
2259	M 97 BA Q II [2]	TSH Tr	Tigela (27?)	50-70/80	Baço	100		Bordo fino com lábio apenas marcado.	Tigela pequena.
2260	M 97 BA Q II [2]	TSH desc.	Taça	70-100/120	Fino, laranja.		65	Pé rectangular, baixo, fundo curvo de taça, com umbigo.	A pasta é muito irregular, embora fina.
2261	M 97 BA Q II [2]	TSH desc.	Hisp. 15/17 ou 18	Séc. II – séc. III	Fino, alarqñjado	Ind.		Parede espessa, esvasada e início de carena.	
2262	M 97 BA Q II [2]	TSH desc.	Hisp. 15/17 ou 18	Fins séc. I – séc. II	Fino	230?		Bordo com lábio ligeiramente espessado e parede oblíqua.	

Continua

MONTE MOZINHO: A *TERRA SIGILLATA* RECUPERADA DO SECTOR B

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Descrição	Observação
2264	M 97 BA O II [3]	TSSg Gr	Prato	50-70/80	Excelente; metálico		90?	Pé muito alto, fino e triangular, de prato.	
2265	M 97 BA O II [3]	TSH Tr	Ind.	50-80				Frag. pequeno de parede curva, de provável tigela.	
2266	M 97 BA O II [3]	TSH Tr	Ind.	50-80				Frag. pequeno de parede curva de tigela.	(Diferente da anterior).
2267	M 97 BA O II [3]	TSH Tr	Ind.	50-100				Frag. pequeno, muito espesso.	Parece ter um grafito externo. Ç.
2268	M 97 BA O II [3]	TSH Tr	Ind.	50-100	Brilhante			Frag. minúsculo.	
2269	M 97 BA O II [3]	TSSg, Montans	Drag. 15/17	50-70/80	Baço, escuro			Parede moldurada, canelura interna a marcar o lábio, moldura interna muito curta e curva.	A pasta é muito fina, clara e ondulada. Tem cerâmica moída, muita calcite e vacuolos alongados.
2270	M 97 BA O II [3]	TSH desc.	Ind.	Fins séc. II	Alaranjado	Ind.		Bordo fino, com lábio apenas marcado, muitas ranhuras no exterior.	
2271	M 97 BA O III [4]	TSSg Gr	Drag. 18/31	60-80	Excelente	160		Bordo com lábio saliente redondo, parede curva e ligeiro ressalto interno na passagem para o fundo.	
2275	M 97 BA O III [4]	TSSg	Tigela	50-70/80	Manchado		50	Pé alto, triangular com uma grossa canelura externa a meio.	
2277	M 97 BA O III [4]	TSH Tr	Hisp. 4	70-100	Espesso	180?		Aba bem executada com uma forte canelura perto da extremidade, e outra menos funda, junto à ligação com a parede.	
2278	M 97 BA O III [4]	TSH Tr	Ind.	50-100	Mal consenado	Ind.		Frag. minúsculo de bordo com canelura externa a marcar o lábio.	
2279	M 97 BA O III [4]	TSSg Gr	Ind.	50-70/80	Mal consenado			Frag. pequeno plano.	
2280	M 97 BA O III [4]	TSSg Gr	Ind.	40-60/70	Excelente			Frag. indeterminado.	
2283	M 97 BA O IV [4]	TSSg Gr	Drag. 27	40-70	Craquelé	115		Frag. de bordo com lábio saliente, oblíquo, marcado por canelura interna e externa.	Boa execução.
2285	M 97 BA O IV [4]	TSSg Gr	Drag. 15/17	40-60/70	Bom	Ind.		Bordo moldurado, moldura interna curta.	Muito deteriorado.
2286	M 97 BA O IV [4]	TSSg Gr	Ind.	40-80	Bom			Frag. minúsculo.	Pasta vermelho vivo.
2287	M 97 BA O IV [4]	TSSg Gr	Ind.	40-80	Avinhado			Frag. minúsculo.	Pasta escura, engobe avinhado.
2288	M 97 BA O IV [4]	TSSg Gr	Prato	60-80	Craquelé		90	Fundo plano, elevado ao centro, canelura circular a marcar o pé alto e triangular.	GRAFITO: A ou numeral X. Poderia ser Hispânica. No interior tem marcas do prato que lhe esteve em cima.
2289	M 97 BA O IV [4]	TSH Tr	Prato	50-80/100	Bom		70	Frag. de fundo plano com pé baixo triangular.	
2290	M 97 BA O IV [4]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-70/80	Espesso, pouco brilhante.	Ind.		Bordo com lábio saliente, parede pouco aberta, funda canelura externa a marcar a carena, moldura interna muito curta e curva.	
2291	M 97 BA O IV [4]	TSH Tr	Hisp. 27	50-100	Baço, espesso	102		Bordo com lábio ligeiramente saliente e curvo.	Pasta muito vermelha e fina.
2292	M 97 BA O IV [4]	TSH Tr	Hisp. 15/17	60-100	Brilhante, espesso			Moldura interna curta, ligeiramente achatada.	
2293	M 97 BA O IV [4]	TSH Tr	Ind.	50-100	Médio			Frag. minúsculo de parede curva, fina.	
2294	M 97 BA O X [1]	TSH Tr	Prato	60-100	Frag. de fundo plano com canelura circular interna, pé médio, espesso e triangular, com moldura hispânica.		95	Frag. de fundo plano com canelura circular interna, pé médio, espesso e triangular, com moldura hispânica.	
2295	M 97 BA O X [1]	TSSg Gr	Prato	40-80	Bom		90	Frag. de fundo plano com pé alto, fino, triangular.	
2296	M 97 BA O X [1]	TSH Tr	Hisp. 15/17 ou 18	70-80/100	Médio/bom	160		Bordo muito aberto, esvasado, com início de carena.	Bom engobe vermelho, de sigillata.

Continua

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Descrição	Observação
2297	M 97 BA O X [1]	TSH Tr	Tigela	70-100/120	Fraco		60	Frag. de fundo de tigela curvo, com pé baixo e esvasado.	
2298	M 97 BA O X [1]	TSH Tr	Prato	60-100	Médio			Frag. de parte central de fundo.	GRAFITO : K - virado para o centro, no exterior.
2299	M 97 BA O X [1]	TSH Tr	Ind.	60-100/120	Fraco		Ind.	Fundo plano, pé incompleto.	A pasta é muito escura.
2300	M 97 BA O X [1]	TSH Tr	Hisp. 18	50-60/70	Bom	150 ?		Bordo com lábio marcado por ligeiro ressalto externo e canelura interna. Parede um pouco curva e início de carena.	
2301	M 97 BA O X [1]	TSH Tr	Tigela (27?)	70-100/120	Médio	132		Bordo alto, pouco curvo, de tigela.	3º Grupo de MAYET
2302	M 97 BA O X [1]	TSSg Gr	Ind.	50-80	Bom			Frag. de parede curva.	
2303	M 97 BA O X [1]	TSH Tr	Ind.	70-100	Péssima conservação			Frag. fino de parede curva.	
2304	M 97 BA O X [1]	TSSg Gr	Tigela	40-80	Bom			Frag. curvo com início de pé.	
2308	M 97 BA O V [1]	TSH Tr	Prato	50-80	Razoável	Ind.		Bordo com lábio ligeiramente marcado, parede fina, pouca esvasada.	Boa qualidade de pasta.
2309	M 97 BA O V [1]	TSH desc.	Taça	70-100/150	Fraco, alaranjado.			Fundo de taça com pé baixo esvasado, com moldura hispânica.	Parece quase lardia.
2310	M 97 BA O V [1]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-80/100	Razoável		72	Fundo com carena marcada externamente por funda canelura; moldura interna curva e um pouco achatada.	Semelhante a n.º 2308.
2311	M 97 BA O V [1]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-80	Excelente	Ind.		Bordo com lábio marcado por canelura interna e externa; moldura interna curta e curva.	Pasta e engobe muito bons. Boa execução formal (em uma fracura recente, pode colar com outro).
2312	M 97 BA O V [1]	TSSg/TSH	Prato	50-70/80	Metálico.	Ind.		Bordo de provável prato, com lábio apenas marcado.	Pela forma, é hispânica; pela pasta e engobe pode ser sudgálica.
2315	M 97 BA O V [1]	TSH Tr	Taça	70-100	Fraco		72	Pé médio, triangular	
2316	M 97 BA O V [1]	TSH Tr	Ind.	70-100	Fraco			Dois fragmentos partidos, minúsculos.	
2318	M 97 BA O VIII [2]	TSH Tr	Prato	50-70/80	Excelente. Metálico, irisado		70	Fundo muito fino, pé mais alto no interior, com ligeira moldura hispânica.	Excelente execução formal: pode ser 18/31.
2319	M 97 BA O VIII [2]	TSSg Gr	Prato	40-70/80	Magnífico: escuro (P13 ou P11)		80 ?	Fundo plano com duas finas ranhuras internas circulares, pé alto, fino.	Pasta finíssima – pura cor de vinho.
2320	M 97 BA O VIII [2]	TSI	Prato	1-37	Briho discreto, espesso.			Fundo plano, marcado por duas fundas caneluras circulares internas.	
2321	M 97 BA O VIII [2]	TSH desc.	Prato	50-80	Brilhante			Fundo plano, com duas ranhuras finas circulares internas.	Pasta amarelada com muita calcite, bom engobe vermelho claro.
2322	M 97 BA O VIII [2]	TSSg Montans?	Prato	50-80/100	Baço, muito escuro (P11)			Fundo plano com duas caneluras circulares internas; arranque de pé.	Pasta cinzenta, muito fina – queimada? Parece de Montans.
2323	M 97 BA O VIII [2]	TSH desc.	Prato	60-100	Escuro			Fundo plano com negativo do arranque de pé, fina moldura hispânica.	
2324	M 97 BA O VIII [2]	TSSg Montans?	Ind.	50-80	Escuro			Frag. minúsculo.	Parece de Montans; pasta branquíssima, engobe castanho. É semelhante, também, à itálica.
2325	M 97 BA O VIII [2]	TSH Tr	Hisp. 24/25	50-70/80	Médio / bom	110		Bordo vertical, marcado por canelura interna (à maneira das gálicas); moldura externa pouco saliente; arranque de pança.	Pasta absolutamente hispânica.
2326	M 97 BA O VIII [2]	TSSg Gr	Drag.27	40-70	Bom, baço			Bordo com lábio saliente, triangular e fino, marcado por ranhura interna.	Muito bem executado, tamanho pequeno.
2327	M 97 BA O VIII [2]	TSSg Gr	Prato	50-80	Mai conservado			Fundo pequeno com marcas de roda no exterior.	

Continua

MONTE MOZINHO: A *TERRA SIGILLATA* RECUPERADA DO SECTOR B

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Descrição	Observação
2328	M 97 BA Q VIII [2]	TSSg Gr	Drag.27	40-70/80	Mal conservado.	90?		Bordo com lábio saliente triangular, achatado em cima, marcado por canelura interna.	Tamanho pequeno.
2329	M 97 BA Q VIII [2]	TSSg Gr	Drag.27	50-70/80	Mal conservado			Parede dividida a meio, de tigela pequena.	Tamanho pequeno.
2330	M 97 BA Q VIII [2]	TSSg Gr	Ind.	50-80				Frag. minúsculo.	
2331	M 97 BA Q VIII [2]	TSH Tr	Ind.	50-80/100	Pessimo			Frag. minúsculo.	
2346	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Hisp. 35	50-70/80	Bom	90	40	Perfil completo de pequena tigela com aba curta e muito redonda.	Tamanho pequeno. GRAFITO - VE
2347	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Hisp. 27	50-70/80	Bom			Frag. de pança de baixo e arranque da de cima de tigela pequena.	GRAFITO - I N ou N I - Pança externa. Tamanho pequeno.
2348	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Hisp. 27	60-80/100	Metálico			Pança de baixo com arranque da pança de cima, de tigela média.	
2349	M 97 BA Q VII [3]	TSSg Gr	Drag.27	50-80	Bom	80		Frag. de bordo e pança de tigela minúscula, sem lábio.	Parece sudgálica.
2350	M 97 BA Q VII [3]	TSSg Gr	Tigela	50-80	Metálico		35	Frag. de pé muito fino, com ligeira canelura a marcar a carena, de tigela 27.	Será do anterior?
2351	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Taça	60-80/100	Metálico, bom			Frag. de fundo de taça ou prato, com arranque de pé.	
2352	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Taça	60-100	Bom			Frag. de fundo cunco de taça	Provável D.36.
2353	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Hisp. 36	60-100/120		210?		Frag. de aba larga incompleta.	
2354	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Hisp. 35-36	50-80/100	Bom, mal conservado	130/140		Frag. incompleto de aba curta.	
2356	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Hisp. 18	50-80	Bom			Frag. de fundo de prato com arranque de parede marcado por fino ressalto interno, como nas gálicas.	
2357	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Prato	50-80	Bom			Frag. de fundo de prato com canelura circular central a marcar o pé.	Boa execução.
2358	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Prato	50-80	Bom			Fundo de prato de boa época.	
2359	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Prato	60-100	Metálico		90	Fundo encurvado de prato com pé alto, retangular e moldura hispânica.	
2360	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Prato	50-80	Bom		64	Fundo plano, pé alto, sub-triangular, carenado. Moldura fina junto do pé, no fundo externo.	Semelhante à 2318, mas de outro vaso.
2361	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-80	Metálico, bom	150		Bordo com lábio fino saliente, parede fina pouco inclinada e não muito alta, moldura interna curta e curva, marcada por uma canelura externa pouco funda.	Boa época, contemporânea das gálicas.
2362	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Prato	50-80	Bom, escuro	142		Bordo com lábio saliente e parede pouco inclinada.	
2363	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr 1	Prato	50-80/100	Brilhante	150?		Frag. de bordo com lábio saliente.	
2364	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Prato	50-80/100	Bom, brilhante	148?		Frag. de bordo com lábio apenas marcado, parede pouco inclinada.	
2365	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Hisp. 15/17	60-80/100	Brilhante, metálico			Frag. de carena marcada externamente por canelura e com moldura interna chata e curta.	
2366	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-80	Bom, brilhante			Carena marcada por canelura externa estreita, moldura interna bastante achatada.	
2367	M 97 BA Q VII [3]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-70/80	Craquelé			Frag. minúsculo com canelura externa. A moldura interna é estranha, pois tem umas aplicações em relevo, como se fossem finas caneluras.	
2368	M 97 BA Q VII [3]	TSH desc.	Ind.	70/100	Escuro			Frag. pequeno.	Pasta branca, engobe escuro.

Continua

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Descrição	Observação
2369	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Ind.	50-100	Metálico			Parede ou fundo curvo.	
2370	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Ind.	60-100				Frag. pequeno de parede.	
2371	M 97 BA O VII [3]	TSI?	Ind.		Bom; brilho discreto			Frag. minúsculo.	Pasta muito escura, parece queimada.
2372	M 97 BA O VII [3]	TSSg Gr	Ind.	50-80	Bom			Frag. curvo.	
2373	M 97 BA O VII [3]	TSSg Gr	Ind.	50:70/80	Bom			Frag. minúsculo.	Boa pasta.
2375	M 97 BA O VII [3]	TSH Tr	Prato	50:70/80	Excelente			Frag. minúsculo.	Excelente qualidade de pasta, de engobe e de execução. Será dos primeiros pratos a serem fabricados.
2376	M 97 BA O VII [3]	TSSg Gr	Ind.	50:70/80	Bom			Frag. minúsculo.	
2379	M 97 BA O VIII [3]	TSH desc.	Taça	60/100	Escuro	70		Fundo ligeiramente curvo, pé médio, rectangular.	A pasta é muito escura, parecendo queimada.
2380	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Drag.24/25	40:70/80		100		Bordo com lábio marcado por larga canelura interna.	
2381	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Drag.27	40:70/80	Escuro	110		Bordo com grande lábio muito saliente, plano no topo, marcado por canelura interna, parede muito curva.	
2382	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Tigela	40:70/80				Pança curva a virar para o fundo.	
2383	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Tigela	40:70/80	Excelente, metálico			Parede curva a formar o fundo com arranque de pé.	
2384	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Tigela	50:70/80				Fundo curvo com arranque de pé de tigela pequena.	Igual nº 2387 e 2388.
2385	M 97 BA O VIII [3]	TSI	Ind.	20-50?	Excelente. Brilho discreto			Frag. de parede muito fina de tigela.	
2386	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Drag.27	40:70	Bom	Ind.		Lábio saliente, marcado por funda canelura interna, parede muito curva.	Parece mais itálica.
2387	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Tigela	40:70/80	Bom			Frag. pequeno curvo de tigela.	Tamanho pequeno. Pasta excelente.
2388	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Tigela	40:70/80	Bom			Frag. minúsculo curvo de tigela.	Pasta e engobe igual à nº 2383 e 2388.
2389	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Drag.18/31	40-80	Muito bom			Ressalto interno entre o fundo e a parede. Parede muito curva, fundo plano.	Pasta e engobe igual à nº 2383 e 2387.
2390	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Drag.15/17	40:70	Bom, vermelho claro	Ind.		Bordo sem lábio saliente, mas com ressalto e fina moldura interna; molduração externa fina; moldura interna curta e curva, demarcada da parede por ressalto.	
2391	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Drag.15/17	40-80	Espesso, baço			Molduração externa fina; moldura interna curta e curva.	É diferente da anterior.
2392	M 97 BA O VIII [3]	TSH Tr	Hisp.33?	50-80	Metálico			Parede alta oblíqua com carena, de provável 33.	
2393	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Tigela (27?)	40:70/80	Muito bom, escuro			Frag. de fundo ou parede.	A pasta é excelente, igual à nº 2394.
2394	M 97 BA O VIII [3]	TSSg Gr	Drag.18/31	40:70/80	Muito bom, escuro	150		Bordo com lábio saliente, triangular, parede fina, curva.	A pasta é excelente, igual à nº 2393.
2396	M 97 BA O IV [3]	TSH Tr	Taça		Vermelho claro	60		Fundo curvo e pé baixo.	Excelente qualidade de pasta, mas o fundo externo parece ter defeitos.
2397	M 97 BA O IV [3]	TSH Tr	Hisp.27	50:70/80	Vermelho claro, pouco espesso	90		Bordo com lábio apenas marcado, parede curva muito fina.	Tamanho pequeno.

Continua

MONTE MOZINHO: A *TERRA SIGILLATA* RECUPERADA DO SECTOR B

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Descrição	Observação
2398	M 97 BA O IV [3]	TSSg Gr	Drag. 18/31	40-70/80	Escuro	148 ?		Bordo com lábio saliente redondo, sem canelura interna; parede pouco alta, carena apenas marcada exteriormente.	Tem uma incisão no interior que parece ser um defeito.
2399	M 97 BA O IV [3]	TSSg Gr	Prato	40-70/80	Claro, espesso	Ind.		Bordo com lábio apenas marcado, parede alta, recta e oblíqua.	Pela forma parece mais hispânica. A pasta é muito fina, parece farinha.
2400	M 97 BA O IV [3]	TSH Tr	Hisp. 15/17 ou 18	50-80	Metálico	170		Bordo com lábio saliente marcado por ressalto interno; parede pouco aberta, quase vertical.	O bordo está na esteira das gálicas.
2401	M 97 BA O IV [3]	TSSg Gr	Drag. 18/31	40-70/80	Espesso			Parede muito curva, carena e fundo plano.	Pasta excelente.
2402	M 97 BA O IV [3]	TSSg/TSH	Drag. 27	40-80				Frag. minúsculo de parede com divisória.	
2403	M 97 BA O IV [3]	TSSg Gr	Ind.	40-70/80	Bom			Frag. minúsculo de fundo de provável prato.	
2404	M 97 BA O IV [3]	TSSg Gr	Ind.		Bom			Frag. minúsculo curvo e fino.	
2405	M 97 BA O IV [3]	TSSg Gr	Tigela	40-70	Bom		Ind.	Fundo curvo com canelura circular interna; pé muito alto, triangular com canelura externa abaixo da carena.	Execução formal excelente.
2406	M 97 BA O IV [3]	TSSg Gr	Prato	40-70/80	Excelente		90	Frag. de fundo plano, pé médio, triangular.	Boa execução.
2409	M 97 BA O VI [1]	TSH Tr	Taça	70-100	Alaranjado, fraco		Ind.	Fundo curvo com pé baixo.	
2410	M 97 BA O VI [1]	TSH Tr	Tigela	50-80/100	Escuro, baço		35	Pé anelar inteiro, com umbigo no centro; fundo curvo de tigela pequena.	
2411	M 97 BA O VI [1]	TSH Tr	Ind.	50-100	Pouco espesso			Frag. curvo.	
2412	M 97 BA O VI [1]	TSH Tr	Hisp. 15/17 ou 18	50-80/100	Brilhante	152		Bordo com lábio marcado, redondo, parede ligeiramente oblíqua e início de carena.	
2413	M 97 BA O VI [1]	TSH Tr	Taça	70-100/120	Fraco, alaranjado		60	Pé esvasado, baixo; fundo de taça.	
2414	M 97 BA O VI [1]	TSH Tr	Tigela	50-100	Fraco		Ind.	Fundo curvo e pé incompleto de tigela pequena.	
2415	M 97 BA O VI [1]	TSH Tr	Taça	70-100/120	Fraco		102	Fundo quase plano, espesso, pé alto, espesso, vertical, com moldura hispânica.	
2420	M 97 BA O X [3]	TSH Tr	Ind.	50-100	Metálico	90		Bordo com lábio apenas marcado, parede lisa, fina, oblíqua, muito aberta, ligeiramente curva / convexa.	Parece 33, mas ao contrário das típicas 33 que são côncavas no exterior, esta é ligeiramente convexa.
2421	M 97 BA O X [3]	TSH Tr	Hisp. 15/17 ou 18	50-80/100	Vermelho claro	158		Bordo com lábio saliente, marcado por forte ressalto interno. Parede aberta.	A pasta está cheia de calcite - é amarelada.
2422	M 97 BA O X [3]	TSSg Montans?	Drag. 18/31	50-80	Escuro, metálico	150		Bordo fino, lábio saliente, redondo, com uma ligeira ranhura na ligação interna.	Excelente execução, pasta excelente e clara. Dúvida entre ser Grauf. ou Montans.
2423	M 97 BA O X [3]	TSSg Montans?	Ind.	50-100	Escuro, espesso			Frag. pequeno.	A pasta é duvidosa. Será Montans?
2424	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Tigela	50-70/80	Escuro			Frag. pequeno de forma indeterminada. Parece uma 27.	Pasta excelente, escura e muito fina. Forma esquisita.
2425	M 97 BA O X [3]	TSSg/TSH	Drag. 35	50-80	Excelente, metálico	90		Ala muito curta e curva, parede muito fina.	Boa execução.
2426	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Drag. 18/31	50-80	Espesso	150		Bordo espesso, com lábio redondo, fino, ligeiramente saliente. Início de carena.	Excelente qualidade de pasta.
2427	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Drag. 18/31	50-80		148		Bordo fino com lábio saliente, redondo, parede ligeiramente curva.	

Continua

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Descrição	Observação
2428	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Drag. 18/31	50-70		160		Bordo minúsculo com lábio saliente, marcado por canelura interna.	
2429	M 97 BA O X [3]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-100				Parede oblíqua lisa com canelura fina externa a marcar a carena. Moldura interna muito fina, curta e em 1/4 de círculo, marcada por caneluras.	Pela forma, parece hispânica, porque não tem molduração.
2430	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Ind.	50-70	Excelente			Frag. de parede curva.	Pasta finíssima, excelente.
2431	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Ind.	50-70/80				Frag. pequeno, indeterminado.	Pasta finíssima.
2432	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Drag. 18/31	50-70/80	Metálico	Ind.		Bordo com lábio saliente, arredondado, parede curva; pequenas ranhuras de roda na parede externa.	
2433	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Ind.	50-80	Mal conservado		50	Pé incompleto de tigela.	Muito deteriorado.
2434	M 97 BA O X [3]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-80	Vermelho claro			Parede oblíqua, carena marcada exteriormente por canelura. Moldura interna curta e curva. Paredes não muito espessas, finas.	
2435	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Prato	40-70/80	Metálico, espesso		100	Pé incompleto, alto, triangular.	
2436	M 97 BA O X [3]	TSH Tr	Taça	60-100	Muito deteriorado			Frag. curvo, fino, de provável taça	
2437	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Prato	40-80	Escuro, baço	Ind.		Fundo plano com duas finas caneluras internas a marcar o pé alto.	
2438	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Prato	40-80	Espesso, mal conservado	80		Fundo plano com uma canelura circular interna a marcar o pé, médio.	
2439	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Drag. 18/31	40-70/80	Excelente. Metálico.		Ind.	Fundo plano com fina canelura circular interna; ligeiro ressalto na junção com a parede. Pé incompleto.	Pasta finíssima.
2440	M 97 BA O X [3]	TSSg/TSH	Drag. 36	60-80/100	Mal conservado. Bom brilho.	150?		Frag. de aba.	
2441	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Drag. 24/25	40-70		110		Bordo com lábio marcado por canelura interna, moldura externa muito saliente, patça curva.	
2442	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Drag. 24/25	40-70	Bom	Ind.		Bordo muito baixo, com canelura interna, moldura externa muito fina e saliente, parede fina.	
2443	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Drag. 24/25	40-70/80		Ind.		Lábio muito marcado por forte canelura externa, ligeira ranhura interna; moldura externa incompleta.	
2444	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Drag. 18/31	40-80	Brilhante	150?		Bordo com fino lábio saliente, triangular, sem canelura interna. Parede curva e fina.	
2445	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Drag. 27	40-70/80	Metálico			Pança curva com arranque da superior, espessa de tigela pequena.	
2446	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Drag. 27	40-70/80	Excelente			Parede muito curva, com arranque da superior.	Tigela muito pequena.
2447	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Tigela	40-70	Excelente. Craquelé		35	Fundo curvo, com canelura circular interna. Pé baixo.	Deve ser uma 24/25.
2448	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Drag. 36	60-80/100	Bom	Ind.		Frag. minúsculo de aba relativamente larga.	
2449	M 97 BA O X [3]	TSSg Gr	Prato	50-70/80	Excelente.			Fundo plano com uma dupla ranhura circular interna.	Pasta excelente, escura, boa execução formal.
2450	M 98 BA O XI	TSSg Gr	Prato	50-70/80	Excelente, claro.			Fundo plano com dupla ranhura circular interna.	Pasta excelente, clara, boa execução formal. E diferente da anterior, na pasta.

Continua

MONTE MOZINHO: A *TERRA SIGILLATA* RECUPERADA DO SECTOR B

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pe	Descrição	Observação
2451	M 98 BA O XI	TSSg Gr	Drag.15/17	40-70	Craquelé	148		Bordo com molduração externa e moldura fina interna.	
2452	M 98 BA O XI	TSSg Gr	Tigela	40-70/80	Mal conservado		52	Fundo curvo, pé não muito alto, esvasado.	Parece ser já Flavio. Pasta boa, escura.
2453	M 98 BA O XI	TSSg Gr	Prato	40-80	Bom			Fundo plano com arranque de pé.	
2454	M 98 BA O XI	TSH Tr	Tigela	50-100	Espesso			Frag. de parede (?) curva.	
2455	M 98 BA O XI	TSH Tr	Tigela	50-80/100	Espesso			Frag. de parede curva de tigela.	
2456	M 98 BA O XI	TSH Tr	Taça	50-80/100	Espesso			Frag. de parede espessa de taça (?).	
2457	M 98 BA O XI	TSSg Gr	Tigela	40-70/80	Bom	110		Bordo minúsculo com lábio saliente, triangular.	Parece uma 27.
2458	M 98 BA O XI	TSSg Gr	Drag.24/25	40-60/70	Bom	110		Bordo alto, com lábio marcado por canelura externa e larga canelura interna. Moldura externa muito saliente e triangular.	A pasta está muito escura, parecendo queimada, mas é finíssima.
2459	M 98 BA O XI	TSH Tr?	Hisp. 18	50-80	Espesso	148		Frag. de bordo com parede curva.	Pela forma seria sudgálica, mas a pasta é hispânica, embora de boa qualidade. Houve dúvidas se seria Rit. 8.
2460	M 98 BA O XI	TSSg Gr	Drag.27	40-70/80	Mal conservado			Parede com divisória, fina, de tigela pequena.	
2461	M 98 BA O XI	TSSg Gr	Drag.18/31	50-80	Brilhante	Ind.		Bordo com lábio pouco saliente arredondado, parede espessa e curva.	Grupo 3º de Mayet.
2462	M 98 BA O XI	TSH Tr	Hisp.27	70-100/120	Vermelho claro	Ind.		Bordo sem lábio, muito alto e pouco curvo, com pança inferior mais curva de grande tigela.	
2463	M 98 BA O XI	TSSg Gr	Ind.	40-70/80				Fundo finíssimo central.	
2464	M 98 BA O XI	TSH Tr	Hisp.15/17ou18	50-80/100	Vermelho claro	165		Bordo com lábio saliente, marcado por canelura interna, parede fina esvasada.	Apesar do engobe ser muito claro e pouco espesso, a forma deste prato faz pensar em cronologias antigas, dada a sua clara filiação sudgálica.
2465	M 98 BA O XI	TSH Tr	Hisp.15/17	50-80	Pouco espesso, mal conservado	152		Bordo com lábio grande, saliente, redondo, marcado por canelura interna; parede espessa, moldura interna curta e curva.	
2466	M 98 BA O XI	TSH Tr	Prato	70-100	Vermelho alaranjado, pouco espesso, mal consS.	220?		Bordo sem lábio, com parede esvasada, de prato grande.	
2467	M 98 BA O XI	TSH Tr	Prato	70-100	Vermelho alaranjado, pouco espesso. Mal consS.	Ind.		Bordo sem lábio, parede esvasada.	Pode ser mais tardio, do Baixo Império. Deve fazer parte do nº 2468.
2468	M 98 BA O XI	TSH Tr	Prato	70-100	Vermelho alaranjado, pouco espesso. Mal consS.			Parte de parede de prato muito grande.	Pode ser mais tardio, do Baixo Império. Deve fazer parte do nº 2467.
2469	M 98 BA O XI	TSH Tr	Prato	70-100	Vermelho alaranjado, pouco espesso. Mal consS.	205		Bordo sem lábio, muito esvasado, de grande prato.	Pode ser mais tardio. Semelhante aos anteriores.
2470	M 98 BA O XI	TSH Tr	Hisp.15/17	70-100	Vermelho alaranjado, pouco espesso. Mal consS.			Moldura interna larga e achatada, com uma fina canelura externa. Espesso.	Pode ser mais tardio.

Continua

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Descrição	Observação
2471	M 98 BA Q XI	TSH Tr	Prato	70-100	Vermelho alaranjado, pouco espesso. Mal consS.	Ind.		Bordo sem lábio, com parede muito fina.	
2472	M 98 BA Q XI	TSH Tr	Tigela (277)	70-100	Vermelho alaranjado, pouco espesso. Mal consS.			Fundo plano com fina canelura circular.	
2473	M 98 BA Q XI	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-80/100	Vermelho claro			Parede pouco esvasada, fina, com moldura interna curta e achatada; canelura externa funda, a marcar a carena.	GRAFITO: F ou E, no fundo externo.
2474	M 98 BA Q XI	TSH Tardía	Prato	Séc. III - IV	Laranja			Fundo plano de prato.	Parece 15/17.
2475	M 98 BA Q XI	TSH Tr	Hisp. 15/17 ou 18	50-80		148		Bordo com lábio redondo ligeiramente saliente; marcado por canelura interna.	Embora seja do mesmo tipo, é totalmente diferente do nº 2465 na pasta.
2476	M 98 BA Q XI	TSH Tr	Ind.	70-100	Mal conservado				Por um lado parece uma aba de 36, por outro, um bordo de 27.
2477	M 98 BA Q XI	TSH Tr	Prato	50-80/100	Bom, espesso			Bordo com lábio apenas marcado. Parede curva, espessa.	Será um 18/31?
2478	M 98 BA Q XI	TSI	Pucci X	1-15/20	Muito deteriorado	Ind.		Frag. minúsculo de bordo moldurado com canelura interna.	Parece ser a variedade 5, embora sem grandes certezas dado o tamanho minúsculo do fragmento.
2479	M 97 BA Q VI [2]	TSH Tr	Hisp. 36	60-100/120	Mal conservado	230		Frag. de aba muito larga de grande prato.	
2480	M 97 BA Q VI [2]	TSH Tr	Hisp. 36	60-100		190?		Aba incompleta, medianamente larga.	
2481	M 97 BA Q VI [2]	TSH Tr	Hisp. 35-36	50-100	Mal conservado	Ind.		Frag. minúsculo de aba incompleta.	
2482	M 97 BA Q VI [2]	TSSg/TSH	Drag. 35-36	50-80/100	Mal conservado	Ind.		Frag. minúsculo de aba fina.	
2483	M 97 BA Q VI [2]	TSSg/TSH	Drag. 36	60-80/100	Bom			Pança larga e baixa de taça.	
2484	M 97 BA Q VI [2]	TSH Tr	Hisp. 36	60-80/100	Bom			Pança baixa, curva, com arranque de aba. Sob a sobeira, na ligação externa com a parede, há uma canelura larga.	
2487	M 97 BA Q VI [2]	TSSg/TSH	Tigela	50-80				Pança curva de tigela pequena.	
2488	M 97 BA Q VI [2]	TSI	Pucci XXXIV ou XXXVII	15-45	Brilho discreto	70		Bordo muito fino, com lábio marcado por canelura externa e interna. A decoração roleiada começa bastante em baixo.	A pasta é finíssima, parece farinha.
2489	M 97 BA Q VI [2]	TSSg Gr	Drag. 15/17	40-70	Mal conservado, deteriorado	Ind.		Bordo com lábio saliente marcado por canelura interna; em vez de ser moldurado, o exterior é carenado.	
2490	M 97 BA Q VI [2]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-100	Médio			Parede com simulacro de molduração externa - aos socalcos - numa clara imitação da sugálica, embora de paredes muito espessas; moldura interna larga e achatada,	Pasta muito fina.
2491	M 97 BA Q VI [2]	TSH Tr	Hisp. 15/17	70-100				Frag. de vaso grande, com moldura interna muito larga e achatada, marcada por larga canelura externa.	
2492	M 97 BA Q VI [2]	TSSg/TSH	Drag. 15/17	50-100	Muito escuro			Frag. de prato pequeno, com moldura interna muito curva, fundo fino.	Pasta e engobe escuros, talvez devido a má cozedura.
2493	M 97 BA Q VI [2]	TSSg Gr	Drag. 29/30	40-70		Ind.		Bordo com lábio saliente; tem uma fina moldura interior, típica das 29, embora seja vertical.	

Continua

MONTE MOZINHO: A *TERRA SIGILLATA* RECUPERADA DO SECTOR B

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Descrição	Observação
2494	M 97 BA Q V [2]	TSSg Gr	Ind.	40-70/80	Péssima conservação	Ind.		Frag. minúsculo de bordo com lábio apenas marcado e com fina ranhura interna. Parede fina, ligeiramente oblíqua.	
2495	M 97 BA Q V [2]	TSSg Gr	Ind.	40-70/80	Péssimo	155 ?			Todo o frag. está muito deteriorado. Quer pela pasta, quer pelo que se activinha da forma, parece ser uma 15/17 sudgalica.
2496	M 97 BA Q V [2]	TSH Tr	Hisp.36	60-100		Ind.		Frag. minúsculo de aba.	
2497	M 97 BA Q V [2]	TSSg Gr	Tigela	50-80				Pança curva espessa, perto do fundo.	
2498	M 97 BA Q V [2]	TSSg Gr	Ind.	50-80		Ind.		Frag. minúsculo de bordo com parede oblíqua.	
2499	M 97 BA Q V [2]	TSSg/TSH	Ind.	50-100				Frag. curvo de parede.	
2500	M 97 BA Q V [2]	TSSg Gr	Ind.	50-80	Bom			Frag. pequeno curvo.	
2501	M 97 BA Q V [2]	TSSg Gr	Ind.	50-80	Bom			Frag. pequeno curvo.	
2502	M 97 BA Q V [2]	TSSg Gr	Ind.	50-80	Bom			Frag. pequeno curvo.	
2503	M 97 BA Q V [2]	TSH Tr	Prato	70-100	Espesso	100		Fundo plano espesso, pé baixo com forte moldura hispânica de prato ou taça muito grande.	Pode ser do mesmo do nº 2506.
2504	M 98 BB Q V	TSH Tr	Prato	70-100/120	Fraco			Parede fina esvasada de prato.	
2505	M 98 BB Q V	TSH Tr	Prato	70-100/120	Fraco				Muito semelhante ao anterior.
2506	M 98 BB Q V	TSH Tr	Hisp. 15/17 ou 18	70-100	Excelente	170?160?		Bordo com lábio saliente, parede espessa, de prato.	Pode ser do mesmo do nº 2503.
2507	M 98 BB Q V	TSH Tr	Prato	70-100		180		Bordo com lábio alto, marcado por canelura externa; parede esvasada, não muito espessa.	
2508	M 98 BB Q V	TSH Tr	Tigela	50-80/100	Bom		60	Fundo curvo com canelura circular interna, pé baixo, esvasado.	
2509	M 98 BB Q V	TSH Tr	Tigela (27?)	50-80/100	Muito bom			Parede curva.	De boa qualidade. Pode ser do anterior, mas a pasta é algo diferente.
2510	M 98 BB Q V	TSH Tr	Ind.	70-100	Fraco			Frag. curvo de parede fina.	
2512	M 98 BB Q V	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-70/80	Brilhante	158		Bordo fino com ligeiro lábio, parede pouco oblíqua, carena marcada externamente por canelura.	
2513	M 97 BA Q X [2]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-100	Espesso			Parede espessa, moldura interna curta e curva.	
2514	M 97 BA Q X [2]	TSH Tr	Prato	50-100	Brilhante		90	Fundo plano, fino, pé alto, espesso, rectangular.	
2515	M 97 BA Q X [2]	TSH Tr	Tigela	70-100	Baço		50	Fundo curvo espesso, pé espesso, triangular.	
2516	M 97 BA Q X [2]	TSH Tardía?	Taça	Sec. III - IV	Laranja	Ind.		Bordo espessado, conexo, lábio espessado, quase em amendoa, marcado por forte canelura exterior.	Falta o interior do vaso.
2517	M 97 BA Q X [2]	TSH Tr	Ind.	50-100	Espesso			Parede esvasada.	
2518	M 97 BA Q X [2]	TSH desc.	Ind.	60-100/120	Escuro				Pasta branca.
2519	M 97 BA Q X [2]	TSH Tr	Ind.	50-80				Frag. minúsculo, muito fino.	
2520	M 97 BA Q X [2]	TSSg Gr	Ind.	50-100	Escuro, bom			Frag. minúsculo fino e plano.	
2521	M 97 BA Q X [2]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-80				Frag. incompleto e minúsculo de moldura interna curva e média.	

Continua

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Descrição	Observação
2524	M 97 BA Q X [2]	TSH Tr	Prato	70-100	Bom		85	Fundo plano com uma fina ranhura interna circular, p ^{vo} e espesso rectangular e fina moldura hispânica.	
2529	M 97 BA Q VII [2]	TSH Tr	Tigela (277)	50-80	Baço	Ind.		Bordo minúsculo, sem lábio de tigela pequena.	
2531	M 97 BA Q VII [2]	TSSg Gr	Drag.18/31	40-80	Bom			Fundo espesso, carena com ressalto interno.	
2532	M 97 BA Q VII [2]	TSSg Gr	Prato	40-70/80	Muito bom.		80	Fundo plano com fina canelura circular a marcar o pé alto, fino e triangular.	
2533	M 97 BA Q VIII [1]	TSH Tr	Hisp.15/17	50-100	Péssimo			Frag. de moldura interna curta e larga.	Muito deteriorado.
2534	M 97 BA Q VIII [1]	TSH Tr	Hisp.15/17	50-100	Péssimo			Frag. de moldura interna achatada.	Muito deteriorado.
2535	M 97 BA Q VIII [1]	TSH Tr	Hisp.15/17	50-70/80	Vestígios			Moldura interna curva, pouco achatada, com fina canelura externa.	Boa pasta, confundível com gálica.
2536	M 97 BA Q VIII [1]	TSH Tr	Prato	70-100	Fraço		Ind.	Fundo plano com fina canelura circular interna; pé baixo esvasado. Moldura hispânica.	
2537	M 97 BA Q VIII [1]	TSH Tr	Taça	70-100	Brilhante		50	Fundo curvo, pé muito baixo, no exterior.	
2538	M 97 BA Q VII [1]	TSH Tr	Taça	70-100	Fraço		Ind.	Fundo curvo, pé alto, subtriangular, moldura hispânica.	
2539	M 97 BA Q VII [1]	TSSg/TSH	Ind.	50-100	Mai conservado	150?	Ind.	Bordo com lábio alto, marcado por larga canelura externa.	
2542	M 97 BA Q VII [1]	TSH	Prato	1-30	Brlho discreto		50	Fundo plano com uma ligeira e fina canelura interna, pé alto, fino, triangular.	
2543	M 97 BA Q VI [5]	TSSg Gr	Tigela	40-70/80	Bom			Fundo curvo, pé baixo, fino e triangular.	GRAFITO numeral X.
2544	M 97 BA Q VI [5]	TSSg Gr	Drag. 27	40-70	Bom, manchado			Frag. de parede curva, com arranque de parte superior da pança.	GRAFITO externo: NI (...).
2547	M 97 BA Q VI [5]	TSH Tr	Ind.	50-100	Metálico			Parede oblíqua, fina, de provável prato.	
2548	M 97 BA Q VI [5]	TSSg Gr	Drag.15/17	40-70	Bom			Moldura interna curta e curva e fundo.	
2549	M 97 BA Q VI [5]	TSH desc.	Ind.	Séc. II - III	Laranja, fraço			Frag. minúsculo.	Este fragmento destoa deste conjunto (Q VI BA 5), pelo engobe e pasta fracas.
2550	M 97 BA Q VI [5]	TSH Tr	Hisp.15/17 ou 18	50-70/80	Espesso e brilhante	170		Bordo com lábio apenas marcado, parede um pouco oblíqua e início de carena.	
2551	M 98 B Avenida - Limpeza	TSH Tr	Hisp.27	70-100/120	Brilhante, bom	130		Bordo com lábio bem marcado, embora irregular; bordo muito alto, quase vertical, pança inferior quase vertical.	
2552	M 98 B Avenida - Limpeza	TSH Tr	Prato	60-100	Médio	165		Bordo sem lábio, oblíquo, com 2 finas ranhuras externas a meio da parede. No lado interno há um ligeiro vestígio de ranhura (inc.) a marcar o lábio.	
2553	M 98 B Avenida - Limpeza	TSH Tr	Prato	60-100/120	Mai conservado			Parede oblíqua.	Tem vestígios de GRAFITO muito tênue e apagado - V.
2554	M 98 B Avenida - Limpeza	TSH desc.	Prato	50-80/10	Escuro	175		Bordo com lábio bem marcado por canelura externa.	Boa execução formal.
2555	M 98 B Avenida - Limpeza	TSH Tr	Prato	70-100/120	Vermelho claro			Frag. de parede fina oblíqua.	

Continua

MONTE MOZINHO: A *TERRA SIGILLATA* RECUPERADA DO SECTOR B

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Descrição	Observação
2556	M 98 B Avenida - Limpeza	TSH Tr	Tigela	70-100	Deteriorado	130/140?		Frag. de bordo muito fino, pouco curvo, sem lábio, de tigela ou taça.	
2557	M 98 B Avenida - Limpeza	TSH desc.	Hisp. 15/17	50-100	Deteriorado. Escuro			Frag. de carena com forte canelura externa, moldura interna curva e não muito larga.	Pasta clara, engobe escuro.
2559	M 98 B Avenida - Limpeza	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-70/80	Excelente	155		Bordo com lábio marcado por 2 caneluras juntas externas e uma canelura interna; parede pouco esvasada, carena marcada por forte canelura externa. Moldura interna muito curta e em 1/4 de círculo perfeito.	Subsidiária das sudgálicas. Fractura recente.
2560	M 97 BA Q VI [3]	TSH Tr	Tigela	50-80	Mal conservado		55	Fundo curvo de tigela com pé alto, fino e triangular. Moldura hispânica.	Pasta excelente.
2562	M 97 BA Q VI [3]	TSH desc.	Tigela	70-100	Fraco, escuro		Ind.	Fundo curvo, pé incompleto.	Pasta do grupo 3: esbranquiçada, esfarelada, com engobe alaranjado escuro. (Lembra as pastas da Hisp. 10 de Mozinho)
2563	M 97 BA Q VI [3]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-80/100	Excelente, metálico			Carena marcada por uma concavidade seguida de uma canelura funda. Moldura interna larga, ligeiramente achatada.	
2564	M 97 BA Q VI [3]	TSSg Gr	Drag.27	40-70	Bom			Parede dividida de tigela pequena.	Excelente qualidade da pasta.
2565	M 97 BA Q VI [3]	TSI	Pucci XXV	Agosto	Brilho discreto	85		Bordo fino, duplamente moldurado no lado interno, sobreleudo na marcação da carena, com arranque de pança oblíqua.	
2566	M 98 B Avenida	TSH Tr	Prato	50-100	Bom, espesso		80	Fundo plano, espesso, pé médio, rectangular.	Boa pasta. Fractura recente.
2567	M 97 BA Q IV [4]	TSH Tr	Hisp. 15/17	50-70/80	Bom, espesso.			Parede fina, carena com forte canelura externa.	
2568	M 97 BA Q IV [4]	TSSg Gr	Tigela	40-70	Bom			Parede curva, fragmento minúsculo.	
2569	M 97 BA Q IV [4]	TSH Tr	Ind.	50-100	Bom			Fragmento minúsculo.	
2570	M 97 BA Q IV [4]	TSI?	Pucci XXV?	1-50	Metálico	85?	45	Bordo ligeiramente oblíquo, c/ ligeiro ressalto externo antes da carena marcada por canelura e moldura interna saliente e fina; pé muito pequeno, inc.	Frag. complexo: a pasta parece muito fina, mas vista à lupa, apresenta muitos desengordurantes. A forma também não é canónica.
2571	M 97 BB Q I [1]	TSH Tr	Ind.	50-80	Bom	200?		Bordo com grande lábio quadrado saliente, parede oblíqua, fina.	
2572	M 97 BB Q I [1]	TSSg Gr	Tigela	40-70/80				Frag. de parede curva de tigela?	
2574	M 97 BB Q I [1]	TSH Tr	Ind.	50-80/100	Bom, brilhante			Frag. de parede ou fundo espesso curvo.	
2575	M 97 BB Q I [1]	TSSg Gr	Drag.27	40-70/80	Deteriorado			Frag. pequeno de junção de paredes.	
2576	M 97 BB Q I [1]	TSSg Gr	Tigela	40-70	Baço			Fundo curvo com arranque de pé.	
2577	M 97 BB Q I [1]	TSH Tr	Prato	50-100	Espesso, brilhante		100	Fundo espesso, ligeiramente curvo internamente, com uma fina canelura interna circular. Pé baixo, fino, esvasado, moldura hispânica.	
2578	M 97 BA Q IX [1]	TSH Tr	Hisp. 15/17 ou 18	50-80	Muito espesso		75	Fundo com arranque de carena com um ligeiro ressalto interno. Pé muito baixo, esvasado.	Pelo acabamento é confundível com sudgálico, mas o pé não parece.
2579	M 97 BA Q IX [1]	TSCI D	Hayes 59, 61, ...	320-350/400	Desapareceu			Curva para o fundo, de provável prato.	Tanto pode ser Hayes 59, como 61, pois parece estar ligado ao fragmento seguinte.

Continua

Continuação

N.º Peça	Inventário	Fabrico/ /Origem	Forma	Crono	Engobe	Dam. Bd	Dam. Pé	Descrição	Observação
2580	M 98 BB Q I entulho	TSCI D	Hayes 61a	320-380/400	Desapareceu	300/310		Bordo incompleto, ligeiramente separado da parede, que tem uma curva contínua interna.	
2581	M 98 BB Q I entulho	TSCI D	Hayes 59, 61, ...	320-400	Interno, so.			Fundo com ressalto e canelura fina interna e fino ressalto externo.	
2582	M 98 BB Q I entulho	TSSg Gr	Drag.27	40-70	Mai conservado			Junção de paredes de tigela pequena.	Tamanho pequeno.
2583	M 97 BA Q IV [2]	TSSg Gr	Drag.15/17?	40-70	Metálico	Ind.		Frag. minúsculo de bordo com lábio, canelura interna e moldura externa.	
2584	M 97 BA Q IV [2]	TSH Tr	Hisp.15/17?	50-80/100	Vermelho claro	Ind.		Frag. minúsculo de bordo de prato.	
2585	M 97 BA Q IV [2]	TSH Tardia	Taça?	Séc. IV - V	Degradado	130		Bordo de parede fina, oblíqua, lábio espessado, vertical.	
2586	M 98 BB Q II Sobreiro	TSH Tardia	Ind.	Séc. IV - V	Degradado			Frag. com estrias internas (?).	



Figura 1a

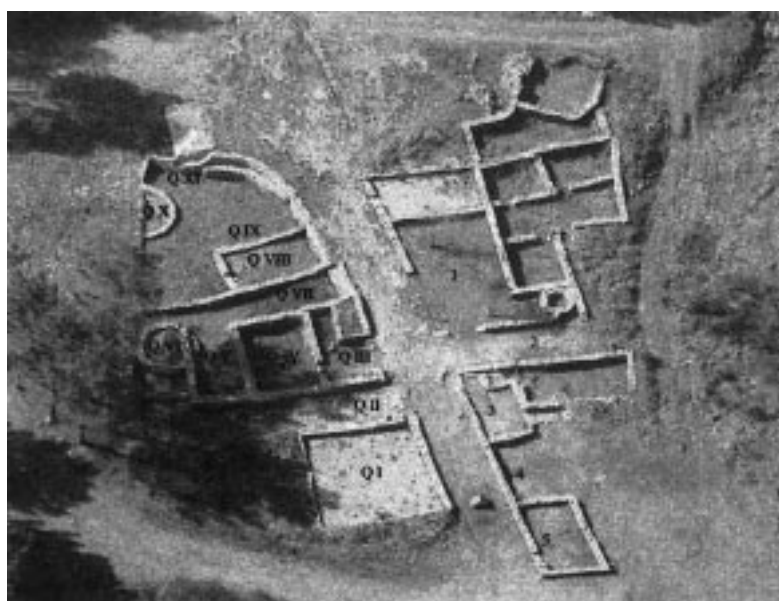


Figura 1b

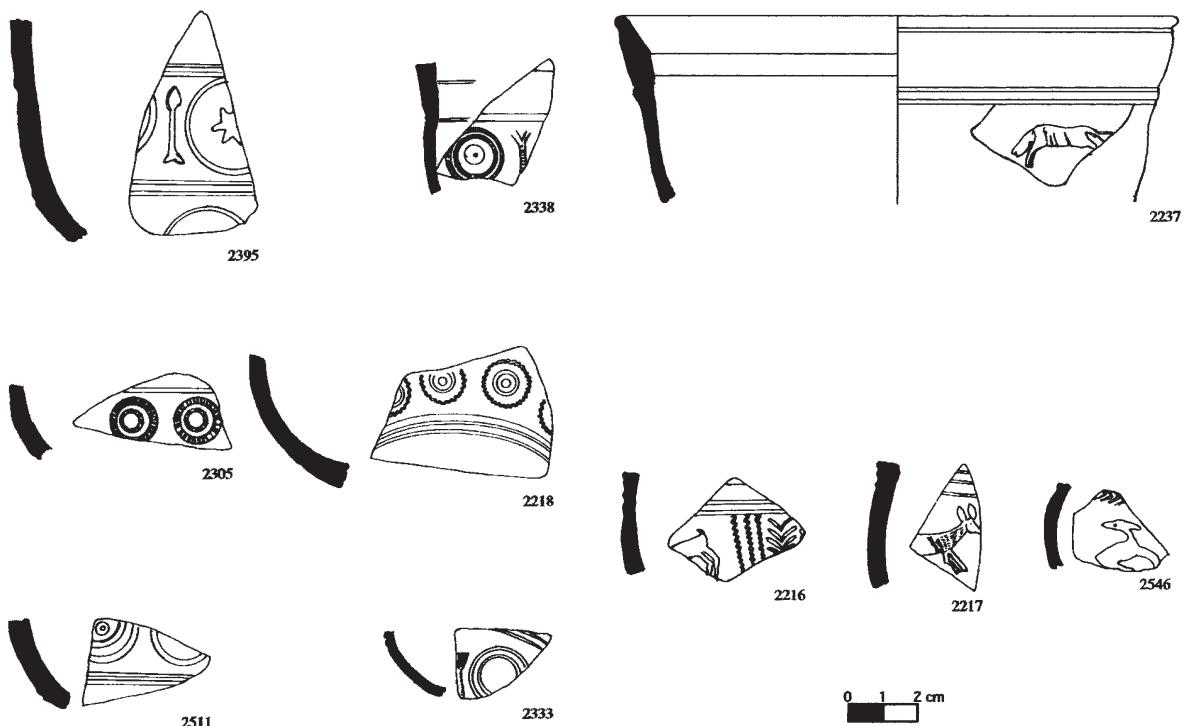


Figura 2 – Decoração em Círculos

Figura 3 – Decoração com Animais

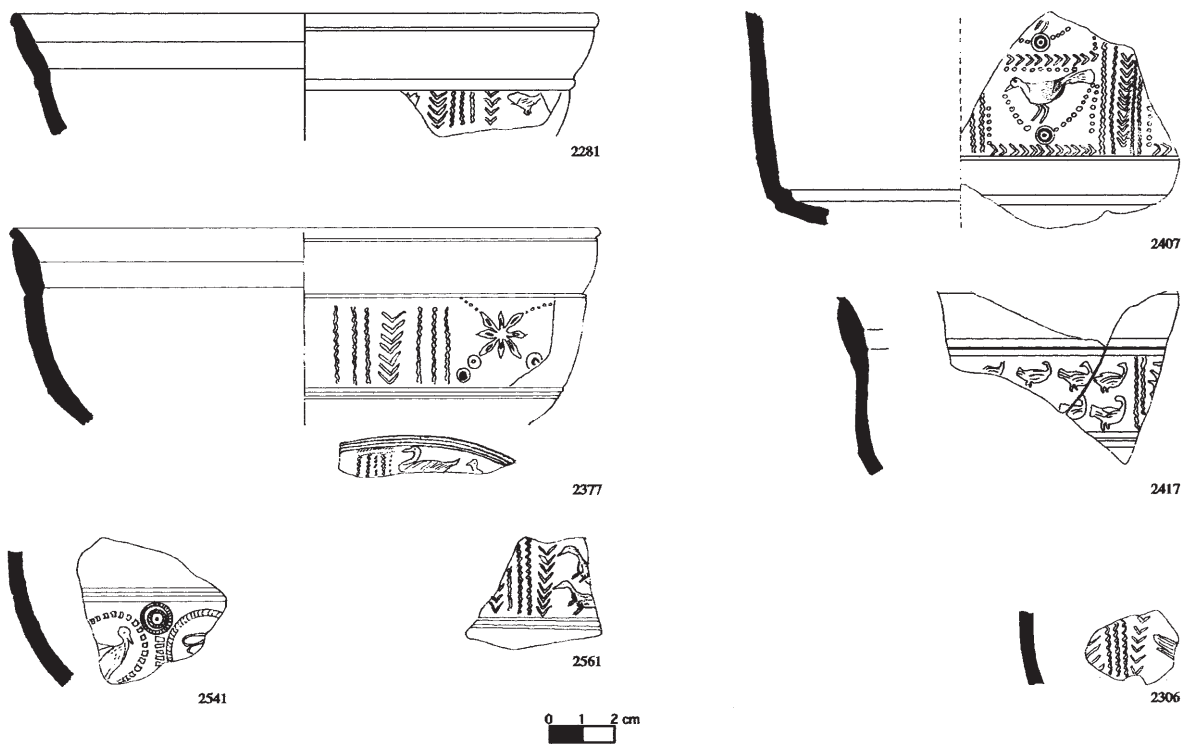


Figura 4 – Decoração com Aves

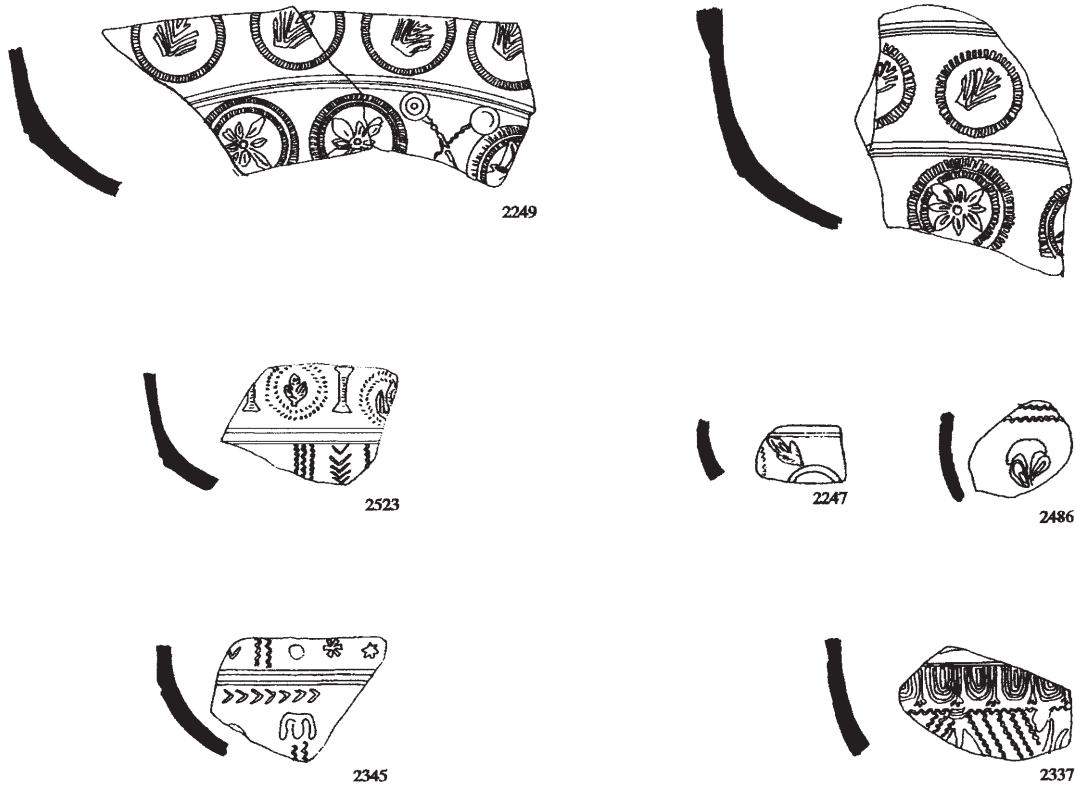


Figura 5 – Decoração com Elementos Vegetais

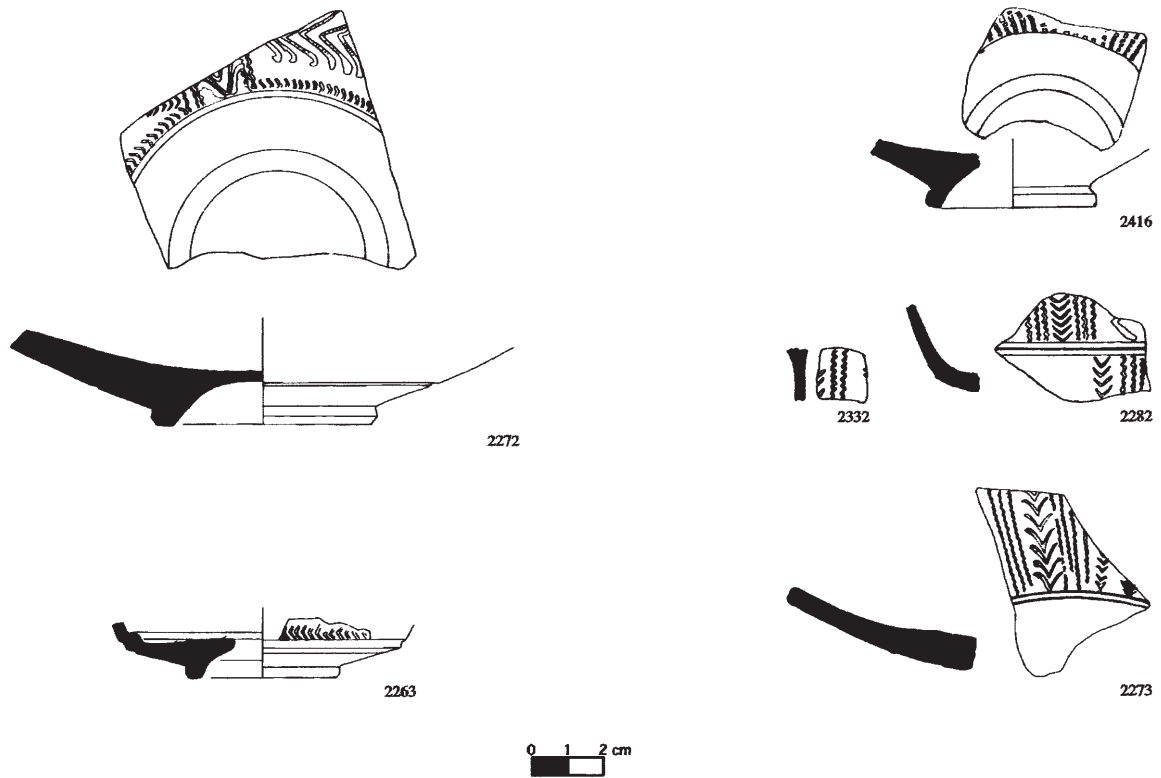


Figura 6 – Decoração com Elementos Vegetais

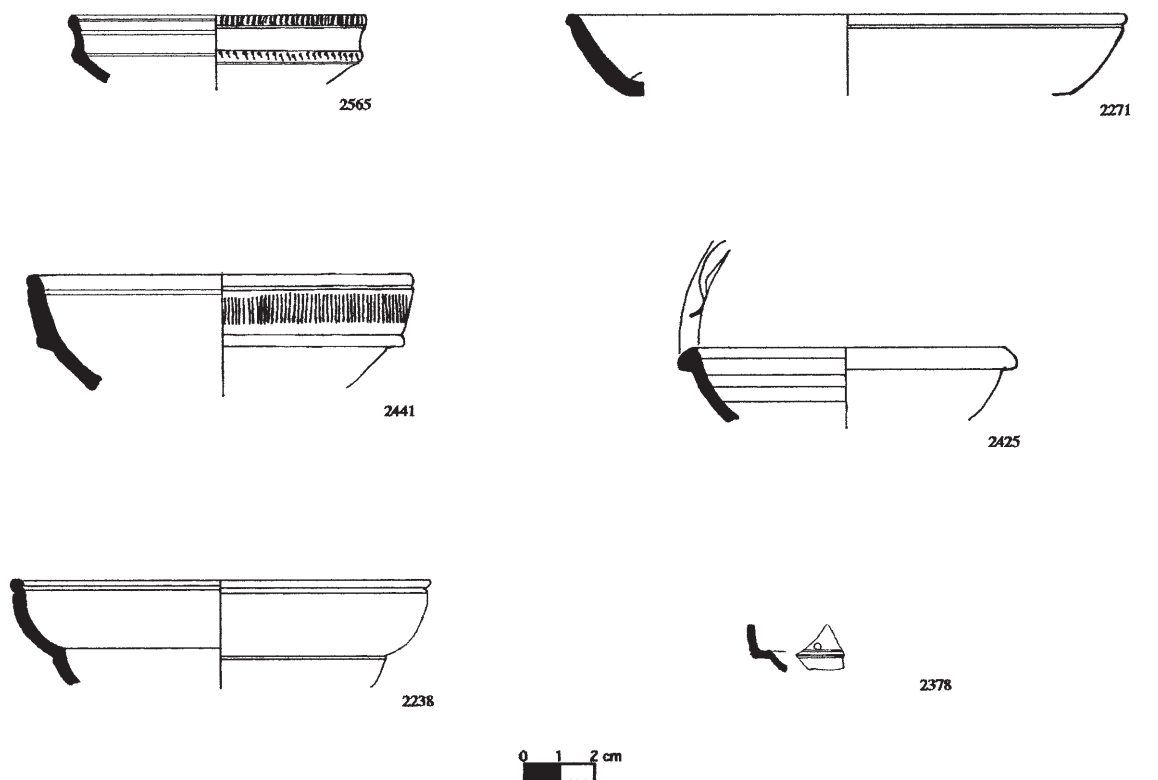


Figura 7 - Formas Lisas e Sudgálica Decorada

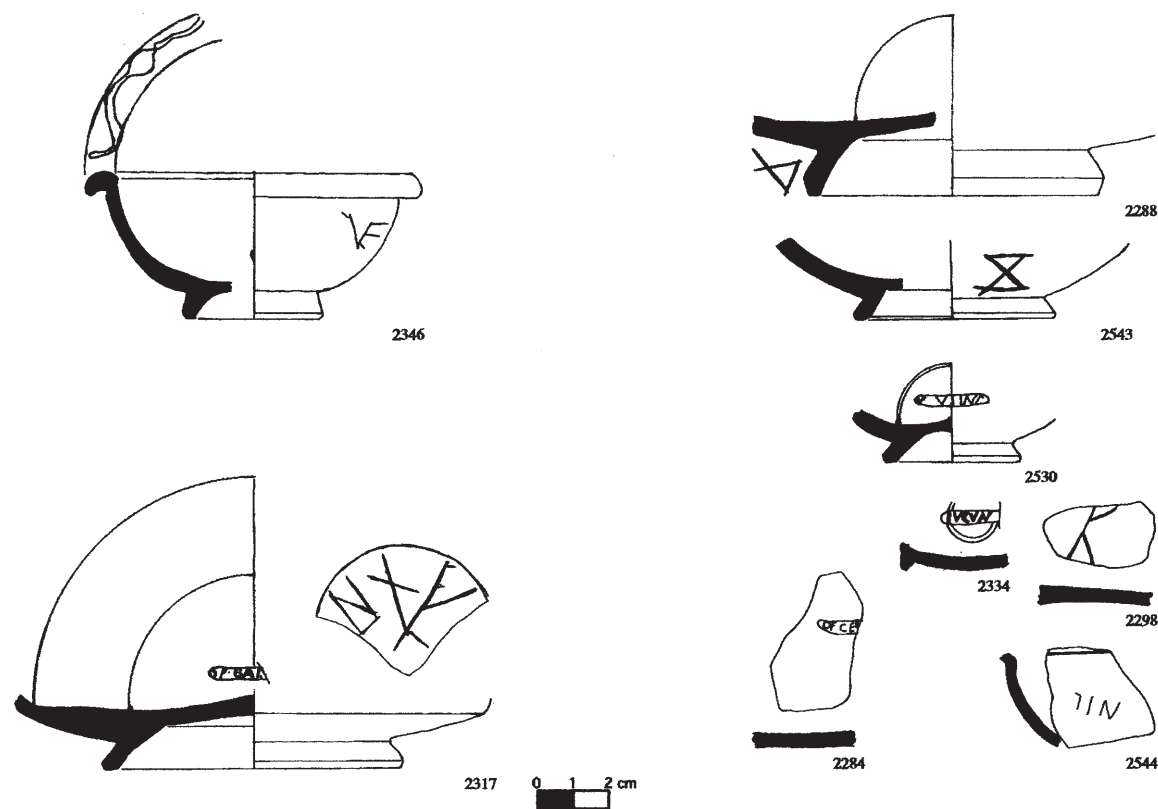


Figura 8 - Marcas e Grafitos

Vestígios romanos encontrados na Rua Mouzinho da Silveira – Porto

Carlos A. Brochado de Almeida*
Pedro Miguel D. Brochado de Almeida**

Abstract

In Oporto city, Mouzinho da Silveira Street runs in a parallel tracing to the course of Vila River, at the western base of «Morro da Sé». There was found an Iron Age village with vestiges excessively registered. During this archaeological intervention it appeared remains belonging to a Low Empire construction and also High Empire's ceramics, along with others belonging to the High Middle Age. Above them, since the XVIIth century, other occupations were recorded. The roman remains are chronological similar to those already known from «Casa do Infante», Ribeira Square and D. Hugo Street.

1. INTRODUÇÃO

A construção da Rua Mouzinho da Silveira veio alterar significativamente, não só a paisagem urbana do Porto do século XIX, mas também os trajectos usados pelos portuenses entre a zona ribeirinha e a parte alta da cidade. A linearidade do seu traçado contrasta com a irregularidade da maioria dos arruamentos adjacentes que, por força das condições impostas pela topografia, meandram de casario em casario até desembocar numa outra rua igualmente sinuosa.

A ligação entre a parte alta e baixa da cidade era, desde a Idade Média até aos finais do terceiro quartel do século XIX, assegurada por uma multiplicidade de ruas, entre as quais se encontravam a Rua da Biquinha e a Rua da Congosta. Esta última, já no século XIV, era uma via estruturada e de assumida importância para a economia da cidade (SOUSA, 1994, 143). O Porto, sendo uma cidade de mesteres profundamente enraizados e protegidos, estruturou a sua vida económica, por ramos de actividade, ao longo das suas principais vias de comunicação. A Rua da Congosta era ocupada por sapateiros, cuja importância, capacidade financeira e prestígio social permitiu-lhes assumir os destinos do Hospital dos Palmeiros¹ (SILVA, 1994b, 297). O projecto para a construção da Rua Mouzinho da Silveira implicou um

* Professor Auxiliar da FLUP.

** Arqueólogo do Gabinete de Arqueologia da C.M. Vila do Conde.

¹ Este localizava-se ao cimo da Rua da Congosta, junto à Ponte de S. Domingos, tendo sido erguido em 1307 pelos irmãos Martim Vicente Barreiros e João Anes Palmeiro. Foi destruído, em 1877, pela construção da Rua Mouzinho da Silveira.

arranjo urbanístico que contemplou a destruição das ruas da Congosta e da Biquinha (SERÉN e PEREIRA, 1994, 501; FREITAS, 1999, 245).

O novo arruamento obrigou, também, à destruição de muitos edifícios que, em alguns casos, haviam sido recentemente edificadas. É o caso, por exemplo, de algumas casas construídas em redor da Praça de S. Roque que haviam sido, cerca de um século antes, edificadas segundo os ditames de João de Almada e Melo (FREITAS, 1999, 245).

As implicações resultantes da abertura daquele via estruturante fizeram-se sentir, também, ao nível da hidrografia daquela área.

O Rio da Vila, que até aos inícios da segunda metade do século XVIII ainda corria – desde a “Porta dos Carros” até ao Rio Douro² – a céu aberto, foi alvo de um processo de encanamento. Os motivos que presidiram à sua entubação, naquele zona da cidade, encontram-se umbilicalmente ligados com a necessidade de construir a Rua Mouzinho da Silveira. A cidade do Porto que se desenvolveu junto às suas margens habituou-se, desde cedo, a descarregar para o seu leito todas as águas sujas geradas pelos seus habitantes (SILVA, 1994b, 263; SOUSA, 1994, 146; SERÉN e PEREIRA, 1994, 501). Esta situação, como facilmente será inteligível, transformou aquela linha de água num caso grave de atentado à saúde pública, só solucionável com a sua entubação.

A ocultação, por enterramento, do Rio da Vila promoveu a destruição das azenhas que, apoiadas nas suas margens, aproveitavam o pendor do terreno e a força das suas águas para a moagem. Estas azenhas ainda se encontravam activas no século XVII. A destruição estendeu-se, de igual modo, a todas as pequenas pontes que ligavam ambas as margens do Rio da Vila que, agora, deixavam de ser necessárias. Entre os atravessamentos desmantelados é possível arrolar a ponte de pedra que ligava as ruas da Bainharia e das Flores (SILVA, 1994b, 259).

A Câmara Municipal do Porto aprovou, em 17 de Junho de 1875, o projecto delineado por Luís António Nogueira em 1872, da construção de um novo arruamento, a que se viria atribuir o nome de Mouzinho da Silveira. O projecto aprovado previa a construção de uma via linear, ao contrário das suas confinantes, que estabelecia, numa primeira fase, a ligação entre o convento de S. Bento de Ave-Maria³ e a Rua de S. João (FREITAS, 1999, 245), cujo alargamento havia sido iniciado em 1765 (AHMP, Obras Públicas, n.º 2301, fl. 20; ALVES, 1988, 211) e terminado em 1788 (CARVALHO, GUIMARÃES e BARROCA, 1996, 44). A ediliidade reconheceu, de igual modo, as vantagens inegáveis de se proceder ao prolongamento do novo arruamento até à Rua Nova dos Ingleses (FREITAS, 1999, 245).

O estudo sério e exaustivo da construção da Rua Mouzinho da Silveira, caso se queira fazê-lo aturadamente, não deverá ser analisado separadamente de todo um conjunto de obras que beneficiaram algumas áreas adjacentes à sua implantação. Entre elas encontra-se a Praça do Infante D. Henrique, datável de 1885 ou o mercado da fruta – Mercado Ferreira Borges⁴ – aberto ao público em 1888 (SERÉN e PEREIRA, 1994, 386).

A habitação n.º 56 da rua Mouzinho da Silveira, que se localiza no troço balizado pelas ruas Nova dos Ingleses e São João, é um imóvel de planta rectangular onde se incrustou uma

² Em 29 de Abril de 1766 foi arrematada a obra de construção das paredes laterais do encanamento do Rio da Vila entre S. Crispim e a Rua Nova (AHMP, Arrematações, Livro 4, 15v-17). A abóbada deste encanamento foi arrematada em 7 de Novembro de 1766 (AHMP, Arrematações, Livro 4, fls. 22-22v). Em 1768 foi executado o encanamento do Rio da Vila entre a Rua Nova e a Praça da Ribeira (AHMP, Arrematações, Livro 4, fl. 35v-36v) (ALVES, 1988, p. 211-212).

³ Hoje transformado na estação de comboios de S. Bento.

⁴ Este mercado é uma cópia, em tamanho condizente com as possibilidades económicas de Portugal, do mercado do trigo de Paris.

fachada atribuível aos finais do século XIX ou inícios do século XX (Fig. 1). Esta, como desenvolveremos mais adiante, parece ser a face mais recente de um edifício mais antigo que terá conhecido algum dos arruamentos destruídos pela abertura da Rua Mouzinho da Silveira.

Na sua fachada actual percebe-se a existência de um rés-do-chão, servido por duas portas com dimensões simétricas e de dois andares superiores. No primeiro andar foram rasgadas duas janelas com moldura granítica protegidas por gradeamentos em ferro fundido. No lintel de ambas das janelas foram talhadas mísulas para sustentação da sacada do segundo andar. Esta, resguardada por um corrimão em ferro forjado, é servida por duas portas/janelas.

2. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

A intervenção arqueológica realizada no interior desta casa constou de duas valas de sondagem. Ambas foram abertas na única divisão existente no rés-do-chão do edifício, sendo delimitadas, a Norte e a Sul, pelas paredes laterais do edifício. A Vala1, que mede 5,60m de comprimento por 2m de largura, foi implantada nas imediações da parede traseira do imóvel. Já a segunda, que ocupou uma área muito próxima da fachada do edifício, possui 4,80m de comprimento por 2m de largura.

2.1. A estratigrafia

Vala 1 (Fig. 2.1 e 2.2)

Estrato 1 – Camada de enchimento da vala de fundação para colocação de tubos em pvc para saneamento. Cimento de cor cinzenta. Encontra-se apenas na zona sudeste da vala.

Estrato 2 – Piso que selou a vala de fundação para colocação de tubos para saneamento. Cimento.

Estrato 3a – Camada de enchimento da vala de fundação de tubos para saneamento. Terra heterogénea, de cor amarelada, misturada com cascalho de granito e restos de materiais de construção (telhas, tijolos e grés).

Estrato 3b – Camada que envolve os tubos para saneamento. Cimento.

Estrato 4 – Piso. Cimento de cor cinzenta assente numa camada de cascalho de granito.

Estrato 5 – Camada de enchimento da vala de fundação de um tubo em grés para saneamento. Terra homogénea de cor castanho escuro.

Estrato 6 – Camada de entulho. Terra heterogénea, areada e saibrosa, de cor castanho claro.

Estrato 7 – Camada de entulho. Terra homogénea, castanho escuro que corta o piso em barro e sela a estrutura trapezoidal.

Estrato 8 – Camada de enchimento da vala de fundação do M1. Barro vermelho alaranjado bastante compacto.

Estrato 9 – Camada de entulho. Terra heterogénea, de cor castanho acizentado com pedras.

Estrato 10 – Camada de entulho. Terra heterogénea, de cor castanho acizentado, com muitas pedras de vários tamanhos e restos de materiais de construção (tijoleira em barro, telhas de meia cana, restos de argamassa de barro castanho).

Estrato 11 – Camada de destruição da estrutura composta pelos M4, M5 e M6. Terra heterogénea, de cor castanho claro, com muitas pedras de vários portes.

Estrato 12 – Camada de abandono. Terra homogénea de cor cinzenta.

Estrato 13 – Piso. Lajeado granítico.

Estrato 14 – Camada de enchimento da vala de fundação do M4. Terra heterogénea, areada, de cor cinzento acastanhado.

Estrato 15 – Camada de entulho. Saibro amarelado misturado com restos de pedra granítica de vários portes.

Estrato 16 – Camada de entulho. Saibro amarelo acimentado misturado com pedras graníticas de várias dimensões.

Estrato 17 – Camada de entulho. Saibro de cor amarelada com nódulos de terra cinzenta.

Estrato 18 – Terreno natural. Saibro compacto de cor amarelada.

Vala 2 (Fig. 3.1 e 3.2)

Estrato 1 – Piso que selou a vala de fundação para colocação de tubos para saneamento. Cimento.

Estrato 2a – Camada de enchimento da vala de fundação de tubos para saneamento. Terra heterogénea, de cor amarelada, misturada com cascalho de granito e restos de materiais de construção (telhas, tijolos e grés).

Estrato 2b – Camada que envolve os tubos para saneamento. Cimento.

Estrato 3 – Piso. Cimento de cor cinzenta assente numa camada de cascalho de granito.

Estrato 4a – Camada de enchimento da vala de fundação de um tubo de grés para saneamento. Terra heterogénea de cor castanho acimentado.

Estrato 4b – Camada de enchimento da vala de fundação de um tubo de grés para saneamento. Terra homogénea de cor castanho escuro.

Estrato 4c – Camada de enchimento da vala de fundação de um tubo de grés para saneamento. Saibro amarelo claro.

Estrato 4d – Camada de enchimento da vala de fundação de um tubo de grés para saneamento. Terra homogénea de cor castanho escuro.

Estrato 5 – Camada de entulho. Terra heterogénea, areada e saibrosa, de cor castanho claro com gravilha.

Estrato 6 – Camada de entulho. Terra heterogénea, de cor cinzenta, com muitas pedras de vários portes.

Estrato 7 – Camada de enchimento da vala de fundação do M7. Terra heterogénea, de cor amarelada com restos de saibro.

Estrato 8 – Camada de entulho. Terra homogénea, de cor cinzenta misturada com restos de telhas de meia cana.

Estrato 9 – Camada de entulho. Terra homogénea de cor castanho escuro.

Estrato 10 – Camada de enchimento da vala de fundação do M1 e do M2. Terra heterogénea, de cor castanha misturada com restos de saibro e materiais de construção (tijoleira em barro, telhas de meia cana, restos de argamassa de barro castanho).

Estrato 11 – Camada de abandono. Terra homogénea, de cor cinzenta, com restos de materiais de construção.

Estrato 12 – Camada de ocupação. Terra homogénea de cor cinzento escuro.

Estrato 13 – Piso. Barro vermelho bastante compacto, já fragmentado em vários locais.

Estrato 14 – Camada de nivelamento para assentamento do piso. Terra homogénea de cor castanho claro, com restos de materiais de construção.

Estrato 15 – Camada de entulho. Barro de cor vermelho alaranjado.

Estrato 16 – Camada de entulho. Terra heterogénea de cor castanho aczentado.

Estrato 17 – Camada de entulho. Terra saibrosa de cor amarelado.

Estrato 18 – Camada de enchimento da vala de fundação do M8. Terra homogénea de cor castanha, com restos de materiais de construção.

Estrato 19 – Camada de entulho. Terra homogénea de cor cinzenta.

Estrato 20 – Deposição natural. Terra barrenta de cor cinzenta.

Estrato 21 – Terreno natural. Saibro compacto, amarelado.

2.2. Análise estratigráfica

O dado estratigráfico mais antigo, cuja deposição se tenha ficado a dever à acção humana, recolhido em ambas as sondagens, remonta ao período tardo-romano (estrato 18 da Vala 2). Aquela camada arqueológica corresponderá ao enchimento da vala de fundação para o M8 (Fig. 3.1) que, à imagem da técnica construtiva romana e ou tardo-romana, foi erguido à custa de silhares graníticos com aparelho e forma regular disposto em fiadas isódomas. Sob estes estratos encontram-se camadas de deposição natural (estrato 17 da Vala 1; estrato 20 da Vala 2) e o próprio terreno geológico (estrato 18 da Vala 1 e estrato 21 da Vala 2).

Segue-se um conjunto de estratos (estrato 15, 16 e 17 da Vala 2) cuja funcionalidade estará ligada à necessidade de entulhar e altear a cota do terreno exterior à estrutura servida pelo M8. A mesma necessidade foi, por nós, notada na sua área interna já que, a selar a camada de enchimento da vala de fundação do M8 (estrato 18 da Vala 2), detectámos a presença de um estrato de entulho (estrato 14 da Vala 2) que antecede o piso de circulação (estrato 13 da Vala 2).

O referido piso (estrato 13 da Vala 2), que foi detectado em muito mau estado de conservação, terá funcionado articuladamente com o M8 partilhando, por isso, a sua cronologia: período tardo-romano. Este não será o piso primitivo daquela construção até porque, através da análise da cerâmica que lhe está associada, foi possível perceber que a sua cronologia oscila entre o fim da época romana e a parte inicial da Alta Idade Média. Sobre ele foi encontrada uma camada de ocupação correspondente ao último período da sua utilização (estrato 12 da Vala 2).

A estratigrafia presente no interior da habitação n.º 56 da Rua Mouzinho da Silveira não nos autoriza afirmar que aí existiu uma ocupação humana contínua. A presença humana naquele espaço ter-se-á desvanecido no início da Alta Idade Média. O abandono daquela área ficou registada na estratigrafia sob a forma de camadas de entulho que aí foi sendo depositado com o passar dos anos (estrato 15 e 16 da Vala 1 e estrato 11 da Vala 2). Nenhuma destas camadas se encontra, aparentemente, relacionada com estruturas ou vestígios de época romana.

A reocupação daquele espaço, durante o século XVII, ter-se-á dado com a abertura da vala de fundação (estrato 14 da Vala 1) para construção de uma estrutura pétreia que terá cumprido a função de tanque. Este é composto pelos M4, M5 e M6 que funcionaram articuladamente com um lajeado granítico (estrato 13 da Vala 2) (Fig. 2.1).

Estamos certos que corremos um certo risco ao afirmarmos, sem provas mais concludentes, que aquela estrutura cumpriu a função de tanque. Em favor desta funcionalidade destacamos alguns dados arqueológicos e estruturais que nos parecem importantes.

O primeiro prende-se com a reduzida profundidade dos seus alicerces. Não parece viável que um edifício assentasse as suas fundações tão próximas do seu piso de circulação⁵, contribuindo deste modo para a sua instabilidade. Paralelamente, a base dos seus caboucos repousam sobre camadas estratigráficas (estratos 15 e 16 da Vala 1) muito pouco compactadas e também elas, instáveis. Estamos certos, portanto, que estes muros não podiam ter pertencido a uma habitação, mesmo que térrea, porque os seus alicerces não terão sido desenvolvidos para suportar grandes cargas. Depois ainda há a estrutura da própria parede com uma só fiada de pedras e uma face bem aparelhada e alinhada, nada condizente com uma simples e funcional parede.

O segundo motivo aproveita-se das reduzidas dimensões disponibilizadas no interior da estrutura para justificar a nossa opção interpretativa. Os 140cm que medeiam entre o M4 e o M6 não são suficientes para dar forma a um compartimento. A área disponibilizada é de tal modo reduzido que desautoriza qualquer tentativa de lhe conferir alguma funcionalidade. Uma análise mais exaustiva desta estrutura poderia colocar a hipótese de encontrarmo-nos perante um corredor. Mas, mesmo esta possibilidade parece inviabilizada porque, para o ser, teria que estabelecer comunicação com algum compartimento adjacente. Tal, contudo, não acontece porque não existe nenhuma porta a rasgar alguma das suas paredes (M4, M5 ou M6).

O terceiro motivo encontra-se umbilicalmente ligado à argamassa⁶ que, agarrada aos cantos da estrutura e aos interstícios das pedras do lajeado, forneceria a necessária impermeabilização exigida por um tanque. Deste modo ficava assegurado que o líquido contido não vazaria para o seu exterior.

Sobre o lajeado do possível tanque (estrato 13 da Vala 1) fomos encontrar uma camada de terra que aparenta ser um estrato (estrato 12 da Vala 1) ligado ao seu abandono. A situação de degradação do tanque e da sua área envolvente terá atingido uma situação tal que terá, inclusivamente, decretado a sua desmantelamento (estrato 11 da Vala 1). A imagem de destruição do tanque parece ter ficado imóvel no estrato 11 da Vala 1, só existente no seu interior, encontrando-se aí muita pedra razoavelmente aparelhada, em tudo semelhante às que, ainda, dão forma ao tanque. O facto daquele estrato só existir no interior do tanque, aliado à deposição desordenada da terra e das pedras, parece atestar a hipótese de estarmos perante a camada correspondente à sua destruição.

O espaço agora intervencionado, no decurso do século XVIII, terá recebido uma nova funcionalidade quando, sob ele, assentaram os alicerces da primeira fase da habitação agora intervencionada. Esta casa, pela sua antiguidade, poderá ter conhecido o arruamento que antecedeu a construção da Rua Mouzinho da Silveira. Esta via de circulação só foi concretizada no decurso da segunda metade do século XIX, em data muito posterior à edificação desta habitação.

A sua construção não deverá ser tida como a causa do abandono e do tanque. Este já se encontrava, há muito, inoperante como o comprovam os vários estratos de entulho que ocultaram por completo (estrato 9 e 10 da Vala 1) e que se encontram cortados pela vala de

⁵ A distância entre a base do alicerce e a superfície de circulação ronda os 16cm.

⁶ Esta camada não foi contabilizada durante a intervenção arqueológica por só ter sido detectada após a sua conclusão.

fundação dos muros da habitação (estrato 8 da Vala 1 e estrato 10 da Vala 2). Deverá ser, sem embargo, responsabilizado pela destruição parcial da face exterior este do tanque já que a construção do M3 provocou o seu desmantelamento.

O novo imóvel seria muito diferente daquele que hoje podemos observar, embora a sua implantação no terreno seja bastante semelhante. A planta mais antiga, apesar de usar as mesmas paredes laterais (M1 e M2), seria mais curta que a actual, não existindo coincidência entre as suas fachadas e retaguardas.

A face primitiva da habitação encontrar-se-ia nas imediações do espaço actualmente ocupado pela escada de acesso aos andares superiores. Aí, em ambas as paredes laterais, é possível encontrar costuras que, certamente, corresponderão ao local onde encaixaria a fachada primitiva. A localização da parede dos fundos (M3), por ter sido encontrada durante a abertura de uma das valas de sondagem, é facilmente localizável porque a sua face interna corresponde ao perfil este da Vala 1.

A abertura das valas de fundação para a construção do M1, M2 e M3 (estrato 8 da Vala 1 e estrato 10 da Vala 2) foi precedida pela deposição de um conjunto de terras cuja função seria a de entulhar o interior do edifício (estratos 7 da Vala 1 e 8 e 9 da Vala 2), reforçando a estabilidade dos seus alicerces.

Sabe-se, também, que a disposição e aproveitamento espacial do r/c do imóvel mais antigo seria diferente daquilo que hoje podemos observar. A estrutura actual alberga no seu interior, ao nível do andar térreo, um único compartimento cuja simplicidade e monotonia é quebrada por colunas centrais em ferro, para suporte dos andares superiores e por uma escada de acesso ao primeiro andar. A habitação mais antiga, pelo contrário, teria divisões internas como o comprova a presença de um muro (M7), paralelo às suas paredes laterais (M1 e M2), que daria forma um corredor de abastecimento a diversos compartimentos.

Os alicerces do M7, provavelmente por ter sido uma parede interior concebida para suportar pequenas cargas, são pouco profundos, embora a sua vala de fundação (estrato 7 da Vala 2) assente directamente sobre o M8. Esta sobreposição, embora totalmente ocasional, terá limitado a necessidade de abrir uma vala de fundação mais profunda para fazer repousar os alicerces do M7 em terreno firme.

A presente intervenção arqueológica não foi capaz de encontrar nenhum vestígio do piso que terá funcionado com a fase primitiva do edifício. Este terá sido destruído e os seus vestígios diluídos no contexto estratigráfico, quando se procedeu a reformulações posteriores. A sua presença só pode ser documentada por processos de dedução lógica, já que qualquer edifício possui uma superfície de circulação. Esta, não sendo encontrada durante a intervenção arqueológica, só poderá ter sido totalmente desmantelada sem deixar marcas da sua presença.

A destruição do piso de circulação marcará uma nova fase da vida daquele edifício. Na nossa opinião, este momento será contemporâneo, ou ligeiramente posterior, à construção da Rua Mouzinho da Silveira na segunda metade do século XIX.

O projecto era ambicioso: construir um arruamento rectilíneo em plena malha urbana do Porto, caracterizada – ainda hoje – pela sinuosidade das suas ruas. A concretização de tamanho projecto impunha a regularização e alargamento de ruas pré-existentes, a da Biquinha e da Congosta, destruindo todas as habitações que ultrapassassem a linha recta definida pelo intradorso do passeio. Se nalguns casos assistiu-se ao recuo da fachada de alguns edifícios, outros houve em que aquela foi obrigada a avançar alguns metros para se abeirar do passeio

do novo arruamento. É neste grupo que, supomos, deve ser enquadrado o n.º 56 da Rua Mouzinho da Silveira.

Mas onde correria a via destruída?

Não somos capazes de fazer uma reconstituição total do seu traçado mas, caso a nossa argumentação possua algum fundo de verdade, será provável que ainda se possam encontrar alguns dos seus vestígios no interior da habitação agora intervencionada, junto à face exterior da fachada da primeira fase construtiva do imóvel, agora intervencionado arqueologicamente.

As habitações erguidas na margem oposta do arruamento mais antigo foram integralmente desmanteladas, não só pela nova via de comunicação⁷, mas também pela necessidade de, naquele local, erguer um novo mercado da fruta – Mercado Ferreira Borges.

A construção da Rua Mouzinho da Silveira terá, então, obrigado ao reposicionamento de todas as habitações que, embora tivessem escapado à destruição, se encontravam demasiado afastadas da face do referido arruamento. Este processo de abordagem terá sido um esforço descontínuo no tempo e no espaço. Algumas habitações terão sido reformulados mais rapidamente do que outras. É perante a percepção desta possibilidade que defendemos uma cronologia tão ampla, balizada entre a segunda metade do século XIX e inícios do século XX, para a reforma realizada no n.º 56 da Rua Mouzinho da Silveira.

As obras de remodelação e requalificação do edifício obrigaram à demolição da fachada primitiva do edifício e ao consequente alongamento em ambos os sentidos, dos M1 e M2. A eles foram acoplados dois novos muros: um serve de fachada enquanto o outro de retaguarda, que designamos de M9 e M10.

Terminada a construção dos caboucos do novo edifício, dos quais não existe registo arqueológicos devido à localização das valas de sondagem, tornou-se necessário entulhar o interior da casa por forma a consolidar as paredes. Assim se explica a presença de camadas de entulho (estrato 6 da Vala 1; estratos 5 e 6 da Vala 2) que selaram a camada de enchimento do M7 (estrato 7 da Vala 2). Sobre aquelas camadas funcionaria um piso de circulação, que não o actual, que a estratigrafia também não preservou. Não somos capazes de conceber que o piso em cimento, o único conservado que funciona articuladamente com os M1, M2, M9 e M10, possa ser o chão primitivo da segunda fase de funcionamento do referido edifício (séculos XIX ou XX).

Mais tarde, algures nos inícios da segunda metade do século XX, o imóvel foi dotado de uma rede de saneamento básico que permitia expelir as águas sujas produzidas no seu interior. Estas obras de beneficiação implicaram a abertura de uma vala para a sua instalação que viria a danificar o piso primitivo da segunda fase ocupacional do n.º 56 da Rua Mouzinho da Silveira, aquele que não foi preservado na estratigrafia. A colocação do tubo de grés do saneamento terá sido o pretexto para renovação do espaço de circulação. A vala de fundação, depois de fechada (estrato 5 da Vala 1 e estratos 4a, 4b, 4c e 4d da Vala 2), foi coberto por uma camada de cimento (estrato 4 da Vala 1; estrato 3 da Vala 2) que passou a funcionar como piso do rés-do-chão da habitação.

Este piso manteve-se em funcionamento até aos dias de hoje embora tenha sido rasgado, já na parte final do século XX, para colocação de novo saneamento. O tubo em grés terá perdido a sua eficácia, pelo que foi substituído por uma nova canalização em pvc. O piso, depois da vala de fundação para a canalização em pvc ter sido selada por um caixão em

⁷ A Rua Mouzinho da Silveira foi projectada para ter uma largura de 19m.

cimento (estrato 3b da Vala 1; estrato 2b da Vala 2) e por uma camada de terra (estrato 3a da Vala 1; 2a da Vala 2), voltou a ser reposto (estrato 2 da Vala 1; estrato 1 da Vala 2).

Por fim faltará referir que, já no decurso do presente ano, foi aberta uma outra vala para a colocação de mais um tubo em pvc. Para o efeito foi necessário partir, mais uma vez, o piso para a sua colocação. Logo depois, a vala foi disfarçada e o piso reposto pela colocação de uma nova camada de cimento (estrato 1 da Vala 2).

3. ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

Nas duas valas abertas neste espaço recolheu-se um razoável lote de cerâmicas, alguns vidros e materiais de construção, este genericamente de época romana. Em termos percentuais foi a Vala 2 quem forneceu mais material para estudo. Foram contabilizados 410 fragmentos, distribuídos por materiais de construção, louça preta, louça vermelha com vidrado de chumbo, louça vermelha não vidrada, faiança e cerâmica de origem e produção romana e tardo-romana. A Vala 1 ficou-se por 276 fragmentos, mas se excluirmos as cerâmicas atribuídas ao mundo romano, todos os demais grupos acima referidos também ali estão patentes.

Vala 1

Na profusão de camadas estratigráficas da Vala 1, nada mais do que 17, pois a seguinte já é solo geológico, somente os estratos 1, 7, 9, 10, 14 e 15 forneceram espólio arqueológico. As camadas 9 e 10 pertencem a um ambiente cronológico anterior ao alicerce do edifício actual, que tem na camada 8 a sua vala de fundação, enquanto a 7 está relacionado com um entulhamento que selou a dita vala de fundação, motivo para possuir materiais de várias épocas e estilos. As outras duas camadas cumpriram as funções de entulho, estrato 15 e de vala de fundação do tanque (M4, M5 e M6).

As diferenças cronológicas entre os materiais das camadas mais recentes e as mais antigas são ténues, mas algumas há. Nas camadas mais recentes há um ou outro fragmento que atesta uma filiação setecentista, enquanto nas duas mais antigas a presença de materiais cerâmicos datáveis da parte final do séc. XVII é um facto, podendo mesmo recuar ao XVI, caso tenhamos como segura a cronologia de uma botija de grés que a bibliografia da especialidade considera como produto situável entre meados do séc. XVI e a centúria seguinte.

Nos 41 fragmentos recolhidos na camada 7 alguns há que merecem uma análise mais demorada.

Se nos abstrairmos de fragmentos de imbrex, que fornecem escassos indicadores cronológicos, diremos que somente foi recolhido 1 fragmento de uma panela de louça preta. Os restantes distribuem-se entre os vidrados de chumbo, a louça vermelha não vidrada e a faiança.

Nos vidrados de chumbo destacamos o bordo de um alguidar com um vidrado interno verde escuro. Os restantes, fundos e bordos estão cobertos por um vidrado laranja numa tonalidade que oscila entre o castanho alaranjado e o castanho avermelhado. Na louça de pastas avermelhadas não vidrada destacamos as produções oriundas da região Ovar/Aveiro com cântaros profusamente decorados com brunidos horizontais e reticulados, alguidares de superfícies alisadas, mas cujas pastas são muito bem cozidas e as típicas tigelas com e sem carena, genericamente atribuídas às olarias da região de Ovar. O grupo menor é o da faiança,

pois foram somente 3 os fragmentos recolhidos, mas a pasta rósea, as paredes espessas, o esmalte brilhante mas lascante, associado a decorações a azul e ou vinoso em bandas concêntricas e rendas, colocam-nas, com uma certa margem de segurança, entre as produções atribuídas às faianças portuguesas da 2.^a metade do século XVII.

As camadas 9 e 10 são as únicas que foram cortadas, certamente, para assentamento do alicerce do edifício actual o qual se apoia num penedo, também ele, anteriormente talhado. Em termos gerais a situação já descrita repete-se aqui: materiais e cronologias são, pode dizer-se, os mesmos.

Na camada 9 recolheram-se 32 fragmentos, dos quais 1 é de imbrex, 3 de tégula – assim se notam as misturas numa aparente homogeneidade – 5 de faiança, 3 de louça preta e os restantes distribuem-se, quase que equitativamente, entre os vidrados de chumbo e as pastas vermelhas não vidradas.

A louça preta continua insignificante quanto à quantidade e ao tipo. Sabemos que os fragmentos resgatados, pertencentes a vasilhas que iam ao lume, reduzem-se aos referidos 3 fragmentos. A faiança repete, nas pastas, nos esmaltes e nas decorações, as situações descritas para a camada 7. O mesmo pode dizer-se das louças vermelhas não vidradas. Neste grupo estão presentes as tigelas da região de Ovar, os fragmentos de cântaro com a superfície exterior brunida, sendo a novidade a presença de pastas mais grosseiras patentes em grande vasos de fundo plano e paredes quase verticais e outras cujo cerne é tendencialmente cinzento. No tocante às formas continuam a marcar presença as tigelas com e sem carena, os cântaros, os alguidares e os grandes vasos cujo perfil do fundo se assemelha aos vasos de flores.

No conjunto dos vidrados de chumbo, embora a primazia vá para os de tonalidade melada, não podemos ignorar os de cor monocromática, caso do verde carregado e verde alface. O grupo completa-se com um conjunto que procurou fazer a simbiose entre o verde claro e o alaranjado. Quanto às formas são os alguidares que, a par da caçoila, fazem as honras do estrato.

A camada 10 repete, praticamente em tudo, a anterior com a ressalva que, agora, são as faianças que predominam. Com 30 fragmentos, num total de 52, é notória a percentagem favorável, mas mais importante são algumas das peças recolhidas, nomeadamente uma malga e um prato – não sabemos se faziam conjunto – que têm a especificidade de ter um monograma (Fig. 4.7). A pasta é rósea, o esmalte é brilhante e até bastante uniforme, mas interessante é a decoração. Em ambos os casos o monograma aparece claramente no interior de um escudo exteriormente decorado com elementos vegetalistas.

A decoração a azul e vinoso aparece a preencher o centro da malga e o côvo do prato. No caso da malga as letras que se conservam – ARI / NA – dispostas em duas linhas sobrepostas, não permitem qualquer reconstituição. O mesmo já não se pode dizer do prato onde, também em duas linhas sobrepostas, se lê claramente o nome “PED(ro)/DA CRUS”.

Completa o conjunto de faianças uma série de fragmentos nos quais é possível descortinar produções decoradas com arabescos a azul vinoso atribuídas à fábrica Brioso de Coimbra e outros, somente, com decoração floral a azul, destacando-se um com as típicas “rendas”.

Na restante produção são os vidrados de chumbo que marcam a sua presença, pois tanto a louça preta como a louça vermelha não vidrada são residuais. Nos vidrados de chumbo continuam patentes os alguidares, as caçoilas e, agora, uma sertã coberta somente internamente, com um vidrado cuja tonalidade varia entre o verde escuro e o melado, sem esquecer o policromado onde o verde, o laranja e o castanho se misturam em doses raramente

equilibradas. Esta camada, a acreditar nos dados fornecidos pelos vestígios cerâmicos, deverá ser enquadrada na 2.^a metade do século XVII e os primeiros anos do século XVIII.

Camadas anteriores à construção do tanque (M4, M5 e M6) são a 14 e 15. Da camada 14 foram recolhidos somente 11 fragmentos, 3 dos quais são de imbrex. Toda a louça aqui presente – faiança e vermelha não vidrada – é semelhante em estilo e cronologia à anteriormente descrita. Bom exemplo é a parte superior de um fogareiro provido de asas laterais (Fig. 4.8). A novidade vem de 2 fragmentos de uma botija em grés onde, no seu bojo, é possível ler-se “[...] ND F [...] / [A]MSTERDAM”. Se estamos perante uma produção renana ou afim, então, não nos restam dúvidas que a cronologia para este estrato terá de oscilar entre o século XVI, período normalmente atribuído a estas produções e a 2.^a metade do século XVII, período em que se situa a grande maioria das cerâmicas recolhidas neste estrato arqueológico.

Na camada 15 recolhemos nada mais do que 138 fragmentos ou, mais precisamente, 50% do total analisado nesta vala. Neste estrato, tal como nos anteriores, há a registar alguns fragmentos de imbrex, alguns – poucos – de louça preta com as paredes exteriores repletas de fuligem e mesmo uma pedra de granito, de formato circular e faces bem polidas, cujo alcance e funcionalidade desconhecemos. Se nos alhearmos destes elementos, são as faianças, as louças com vidrado de chumbo e as de pasta vermelha não vidrada que marcam o panorama cerâmico deste estrato.

As faianças aqui detectadas em nada alteram aquilo que já sabíamos das camadas anteriores. Continuam presentes as pastas róseas cobertas com esmaltes brancos muito fracturados e pintados a azul com motivos vegetalistas e florais. Entre as várias formas identificamos pratos com profusa decoração floral (Fig. 5.6), uma tigela com pasta e esmalte típico das malegueiras e um bordo de um possível bispote com o esmalte a cobrir, somente, a parte interna decorada, ao nível do lábio, com três linhas concêntricas.

A louça coberta com vidrado de chumbo continua aqui bem representada através de formas bem características, como são os alguidares e as caçoilas. Os alguidares aparecem, sobretudo internamente, cobertos com vidrados de cor verde escuro, enquanto nas caçoilas são os vidrados de tons melados com pigmentação acastanhada que pontificam (Fig. 4.6 e 5.8). Apesar desta uniformidade há fragmentos de outras formas, umas das quais nos parece ser o fundo de um porão e de uma sertã cujos vidrados oscilam entre o castanho alaranjado, o laranja e os tons de verde acastanhado.

Por último, o grupo que também é o mais numeroso, é o das pastas vermelhas, alisadas ou brunidas, sem qualquer tipo de vidrado e que normalmente são atribuídas às olarias de Ovar e região de Aveiro. Entre a mais de meia centena de fragmentos recolhidos, a grande maioria pertence a cântaros com as paredes brunidas, vertical e reticulados na parte da pança. Para além deste tipo de decoração há ainda um outro tipo, gravado incisivamente com linhas dispostas em meandros. Aos cântaros deveremos juntar as tigelas, representadas através de bordos e fundos côncavos e face interna englobada, genericamente atribuídas a Ovar (Fig. 4.4). Devemos, ainda, referir um outro tipo de grande vaso, certamente também um cântaro, com o gargalo exteriormente moldurado e decorado com incisões que lembram um serrilhado aliado a uma série de círculos impressos (Fig. 6.2). A este tipo de cerâmica, de pasta bem vermelha e de óptima cozedura, haverá que juntar um outro tipo de produto, de pasta mais grosseira, cujas formas recolhidas são de fundos de grandes vasos e de um bordo com orifícios vários, os quais aliados a alguma fuligem faz supor estarmos perante um assador de castanhas. São, ao que parece, produções oriundas da região de Aveiro.

Quanto à cronologia, essa não difere das faianças – 2.^a metade do século XVII – caso tenhamos presente que, embora a amplitude temporal seja mais vasta, devemos aferi-las pelas faianças, estas sim, de temporalidade mais restrita. Convirá recordar que, no caso das produções de Ovar, estas poderão descer até ao século XV e passar para lá do século XVII.

Vala 2

Num espaço tão pequeno como aquele que foi sondado, a abertura desta vala veio trazer um outro conhecimento sobre a ocupação do sítio. Enquanto a Vala 1 não permite um conhecimento do local anterior ao século XVI, senão mesmo somente a partir da 2.^a metade do século XVII, neste caso a ocupação remonta ao período romano. Acresce a singularidade de entre um momento não determinado do começo da Alta Idade Média e o século XVII haver um enorme fosso informativo.

De uma forma mais sucinta diremos que a estratigrafia e o espólio refletem bem o que se passa no sítio. Até à camada 11, à excepção de alguns fragmentos esparsos vindos com o revolvimento na altura da abertura de valas de fundação de muros, a cerâmica é toda ela posterior ao século XVI, centrando-se maioritariamente entre a 2.^a metade daquela centúria e os primeiros momentos do século XVIII. Estende-se, todavia, esta cronologia até ao século XIX no caso da camada 4, onde há faiança policromada oriunda de uma série de revolvimentos promovidos pela abertura de uma vala para o saneamento da habitação.

Todas as camadas abaixo da 11 pertencem ao mundo romano estando, em certa medida, relacionados com a estrutura, provavelmente habitacional, aqui representada pelo M8 e por um piso, que funcionou articuladamente com a referida parede, em saibro vermelho (estrato 13 da Vala 2). Um outro dado interessante e que também, se reflecte na diacronia da cerâmica romana, é o facto das camadas anteriores à construção do M8 (estrato 18 da Vala 2) terem materiais romanos, mas não da Idade do Ferro, vulgo cerâmica castreja. Isto significa que na área havia construções anteriores, cujas terras serviram para apoiar uma estrutura que é claramente do final do mundo romano.

No total dos estratos foram recolhidos 410 fragmentos, metade dos quais – mais precisamente 49% – são de origem romana e tardo-romana. Nas produções de época moderna estão presentes todos os grandes grupos – louça preta, louça vermelha não vidrada, louça com vidrado de chumbo e faiança – num equilíbrio percentual deveras interessante: 16% de louça preta; 15% para cada um dos dois restantes grupos.

A camada que mais cerâmica da Idade Moderna deu foi a 4 com um total de 35 fragmentos, contra os 23 da camada 5. A primeira é uma vala de abertura para a inserção de uma canalização de grés. A segunda é uma camada de entulho.

Vistas mais em pormenor, na camada 4 foram recolhidos 16 fragmentos de louça vermelha não vidrada. As pastas e as formas permitem identificar bordos e panças de cântaro, com a superfície exterior brunida verticalmente e reticulada no caso das panças (Fig. 6.1), alguidares com o interior coberto com engobe castanho avermelhado e fragmentos vários de pasta, mais arenosa e grosseira. Genericamente estamos perante produtos atribuídos às olarias de Ovar e Aveiro.

Se a louça preta aqui quase não tem expressão devido à exiguidade de fragmentos recolhidos, 2 na totalidade, o mesmo já não se poderá dizer dos vidrados de chumbo. A única nota no tocante a esta cerâmica é que todos os fragmentos recolhidos fazem parte de uma caçoila impregnada de fuligem no seu exterior. Interiormente está revestida de um vidrado de tonalidade esverdeado mosqueado de pintas acastanhadas.

Tratando-se de uma vala violadora de outros espaços é natural que a uniformidade cronológica dos seus materiais sofra com um tal processo. Por isso não espanta que as malgas e os pratos em faiança com a típica decoração em bandas, floral e vegetalista, da 2.^a metade do século XVII se junte a outros de coloração policromada cujas cronologias estão mais de acordo com os padrões decorativos usados no final do século XIX.

Neste conjunto há uma tigela que convirá destacar, tanto mais que tem uma forma completa, mas não o desenho. A pasta bege alaranjada, o esmalte estaladiço – que não cobre por completo a sua superfície – e o deficiente acabamento exterior contrasta com a profusa decoração interna a distribuir-se por dois espaços distintos: a aba e o covão. Em ambos os casos a temática decorativa são as ramagens e as flores, que alternam no caso da aba, enquanto no covão é uma grande flor que preenche a totalidade do espaço (Fig. 6.3).

Na camada 5, mais uniforme mas também ela fortemente penalizada pelo intromissão de uma outra violação, recolheram-se somente 23 fragmentos, 20 dos quais pertenciam a um vaso de faiança de grandes dimensões, cuja forma sugere um bispote ou servidor. A pasta é avermelhada e o esmalte, apesar de cobrir as duas faces, foi incapaz de disfarçar as caneluras produzidas pela roda do oleiro e muito menos as muitas deficiências do seu fabrico, nomeadamente as irregularidades da pasta. Sobre o esmalte branco foi aplicada uma decoração de duas linhas azuis verticais, paralelas mas ondulantes, que cobrem toda a extensão exterior do seu perfil (Fig. 7.1).

As camadas 8 e 10 são entulhos destinados a reforçar o alicerce do edifício, daí que também não seja excêntrico encontrarem-se materiais de diferentes épocas. É assim que se aponta a existência de um fundo de um pote de época romana na camada 8 a par de outras produções mais recentes e que na camada 9 voltam a aparecer as misturas.

Dos 163 fragmentos recolhidos, 41 são de época romana e os restantes distribuem-se pelos vidrados de chumbo, pela louça preta, pela faiança e pelas pastas vermelhas não vidradas.

No material de época romana há que destacar dois fundos de *terra sigillata* hispânica – Drag. 24/25 e ou Drag. 27 – vários bocados de ânfora de pasta vermelha e um bordo de uma panela de pasta arenosa castanha acinzentada (Fig. 8.8) e aquelas que são, claramente, uma regionalização das produções cinzentas estudadas por Rigoir. Tanto o bordo de uma taça (Fig. 5.4) como o fundo de um provável pote apresentam pastas entre o bege e o acinzentado muito claro, mas exteriormente cobertos com um engobe cinza enegrecido.

Das cerâmicas pós-romanas o maior destaque vai para a louça preta com mais de 6 dezenas de fragmentos distribuídos por dois tipos de fabricos bem diferentes. Uma corresponde a uma pasta fina, paredes pouco espessas e cozedura razoável, enquanto a outra é mais grosseira, com mais areia, factor que se reflete na espessura das paredes e na cozedura menos eficiente. No tocante às formas identificaram-se 3 bordos de panela cujo exterior denotava um intenso uso ao fogo.

Segue-se, em percentagem, a faiança. Das cerca de 3 dezenas de fragmentos, a grande maioria apresenta-se coberta com motivos florais a azul e a pasta que é claramente rósea, num tipo de produção que não esconde a sua filiação seiscentista.

Cronologia análoga terão os fragmentos cobertos com vidrado de chumbo de coloração acastanhada. São de caçoila (Fig. 5.8) e de prato, ambos com vestígios exteriores de fuligem, mas também de alguidares.

O último grande grupo é o das pastas vermelhas não vidradas, aqui novamente

representados através de cântaros com decoração reticulada ao nível do bojo (Fig. 6.1). Para além deles há ainda restos de um testo (Fig. 7.5), uma asa de cântaro e o bordo de um alguidar com vestígios de engobe interno de tom castanho avermelhado.

A última nota deste estrato vai para o gargalo de uma botija em grés (Fig. 7.6) em material afim, mas não igual àquele, já descrito, que aparece na camada 14 da Vala 1.

A camada 10 a par de bocados de tégula mostra, igualmente, a presença das cerâmicas cobertas por vidrado de chumbo, aqui representadas através de um alguidar verde escuro e das pastas vermelhas não vidradas. Nestas destaca-se o bojo, com arranque de asa, de um cântaro, parte de um bojo de cântaro, decorado incisamente com meandros e o fundo de um grande vaso exteriormente coberto com um aguada de cor salmão e marcado por uma canelura concêntrica.

As camadas 11 e 12 são as primeiras que nesta sequência estratigráfica só possuem materiais de época romana ou algo ligeiramente mais tardio. Na camada 11 são 42 os fragmentos recolhidos, entre cerâmica e vidros, enquanto na 12 só há, na realidade, bocados de tégula.

Se nos abstrairmos dos fragmentos de ânfora, com pasta vermelha e de 2 fragmentos cobertos com um engobe cinza escuro, os quais se inserem na regionalização das pastas estudadas por J. Rigoir, todos os demais são de pastas castanho escuras, muito areanosas e de má cozedura, ou então, de pastas areanosas de tom cinzento, por vezes com palhetas de mica a aflorar a superfície (Fig. 8.4; 8.7). Esta, sobretudo a face exterior, aparece muito maltratada, enegrecida e queimada pelo uso no caso dos que iam ao fogo ou então muito erosionada devidas às condições de jazida. Em qualquer dos casos, mesmo sem elementos de datação mais seguros, serão produções do final do mundo romano, senão mesmo do começo da Alta Idade Média. Tal conclusão é, para já, reforçada pela tipologia da estrutura pétreia e do piso que lhe está associado, tanto mais que terão sido produtos em uso naquela habitação.

A camada imediatamente abaixo do piso da casa romana, neste caso tardo-romana, é a 15. Nela foram encontrados 54 fragmentos de cerâmica dos quais 21 são de tégula e imbrax, isto é materiais de construção. Os restantes, exceptuando dois bocados de ânfora e um bocado de vaso exteriormente canelado (Fig. 8.6), pertenciam a panelas e potes de cozinha (Fig. 8.8), sendo as suas pastas de fraca qualidade, devido ao elevado teor de areia que as tornavam bastante friáveis.

Semelhante, em tudo, ao estrato 15, é o 16. Ali estão patentes as pastas cinzentas com engobes semelhantes às estudadas por J. Rigoir e os bordos de panela com as pastas mais grosseiras devido à grande quantidade de areia.

As duas últimas camadas desta vala com materiais cerâmicos são a 18 e a 19. Ambas são o produto de ocupações anteriores, provavelmente do Alto Império a ajuizar por um bordo, muito fracturado de uma ânfora Dressel 7/11 (Fig. 8.9) e pelo gargalo de uma bilha com as asas a sair directamente do bordo (Fig. 8.10). No conjunto das 4 dezenas de fragmentos há ainda a assinalar a presença de bocados de *dolium* e de uma série de fragmentos de panelas e potes de bojo romboide e cujas pastas são maioritariamente castanho avermelhadas. Este panorama acaba por se repetir na camada 19 onde os 18 fragmentos assinalados pertencem ao mesmo padrão. As formas mais usuais são as panelas com as paredes cobertas de fuligem às quais se juntam, agora, bordos de um prato/frigideira com restos de um engobe avermelhado cobrir o interior.

3.1. Algumas ilações do estudo cerâmico

O espólio, nomeadamente o cerâmico, conjugado com a estratigrafia, apontam para 4 momentos, bem individualizados, na ocupação deste sítio. No período romano surgem dois períodos distintos em termos funcionais – antes e depois da construção do M8 e do respectivo piso de saibro vermelho (estrato 13 da Vala 2) – mas pouco ou nada claros em termos cronológicos. Avançando no tempo está clara uma ocupação entre a 2.^a metade do século XVII e um momento, não muito bem determinado, do século XVIII. A este período segue-se um outro, já em pleno século XIX, pouco claro em termos materiais.

O espólio cerâmico com quase 7 centenas de fragmentos é muito enganoso quanto à sua real distribuição, porque os 32% de cacos romanos ou aparentados só têm aquele peso devido à sua fragmentação, transmitindo uma imagem errada em função do total recolhido. Uma análise superficial deixa a impressão de estarmos perante um elevado número de vasos mas que a realidade demonstra antes ser um número exíguo. Mais de 90% são pequenos fragmentos de cerâmica comum oriundos de painéis e potes usados com frequência nas actividades da cozinha. A má qualidade das pastas e o estado das superfícies não permite grandes ilações técnicas e muito menos estabelecer padrões comparativos. Apesar de tais dificuldades há algo que nos parece ser bastante claro. Em tais produtos há os que são claramente do fim do mundo romano, caso das produções de pasta cinzenta e relativa boa cozedura e aqueles que regionalmente adoptaram formas e características técnicas das cerâmicas cinzentas comumente designadas por páleo-cristãs. Desta mesma altura são alguns bocados de vidro, um dos quais é um bordo de taça com remate em cabeça de fósforo de coloração verde claro.

Se a cerâmica comum romana não permite estabelecer grandes precisões cronológicas, já o mesmo não acontece com as sigallatas hispânicas que, a provar serem de Drag. 24/25 não seriam posteriores a meados do século II e um pouco mais tardias, até ao começo do século IV, caso algum dos fundos ser de uma Drag. 27. Se lhe juntarmos o fragmento de bordo da Dressel 7/11 e alguns fragmentos onde se notam restos de aguada castanho avermelhada, características de alguma cerâmica comum do Alto Império, temos então todos os condimentos necessários para afirmarmos que aquilo que a estratigrafia apregoa poderá corresponder à verdade. No final do mundo romano, naquele espaço, foi construído ou remodelado um edifício não em solo virgem, antes num espaço que já havia conhecido uma outra ocupação no decurso do Alto Império. Dúvidas também não temos quando, perante cerâmicas de pastas bem mais cinzentas e arenosas, podemos inferir que tal ocupação tardo-romana entrou pela Alta Idade Média, afinal numa similitude que encontra paralelos na vizinha Casa do Infante. É que cerâmicas aparentadas às páleo-cristãs conhecemo-las muito bem de estações da bacia dos rios Neiva e do Lima, com especial ênfase para a villa do Paço Velho na freguesia da Facha, concelho de Ponte de Lima.

Como já tivemos ocasião de referir, entre a Alta Idade Média e o século XVII, mais especificamente a sua 2.^a metade, há um enorme vazio ocupacional. Este poderá ser ligeiramente menor, caso considerarmos que as cerâmicas de pasta vermelha e engobes castanho avermelhados, não vidradas, são cronologicamente anteriores, como aliás também o poderão ser os dois tipos de botijas de grés encontradas em duas camadas de duas valas distintas. De acordo com as indicações bibliográficas genericamente consideradas como fidedignas, tais produtos serão oriundos da Renânia e a sua cronologia oscila entre a 2.^a metade do século XVI e o século XVII (OSÓRIO e outros, 1998, p. 283-314).

Na presente intervenção arqueológica estão patentes todos os condimentos que se conhecem já da vizinha Casa do Infante: a presença de um forte contingente de faianças características da 2.^a metade do século XVII e o forte decréscimo da louça preta que foi sendo substituída por louças vidradas e pelas não vidradas de pasta avermelhada (BARREIRA *et al.*, 1998, p. 145-184). Embora a amostragem peque pela escassa quantidade de fragmentos e a área escavada seja igualmente diminuta, não deixa de ser interessante a ascendência das louças de pasta vermelha não vidrada, oriunda da região de Ovar/Aveiro, em detrimento da louça preta, genericamente atribuída às olarias de Prado (REAL e outros, 1995, p. 179).

A louça preta aqui patenteada, no cômputo geral, representa somente 11% do total recenseado, mas se há muitos cacos, estes não correspondem a outras tantas formas, em virtude da sua elevada fragmentação. Diremos, mais acertadamente, que todos eles correspondem a uma escassa quantidade de formas, maioritariamente painéis e potes, face ao negrume e fuligem que a maioria dos fragmentos ostenta. No tocante às pastas, estas diferenciam-se em dois grupos bem distintos: cerne cinzento, relativamente cuidado e boa cozedura e pasta mais grosseira, mais arenosa e por isso mesmo, também mais friável. Tais diferenças corresponderão a centros produtores distintos? É possível tanto mais que os investigadores que participaram nos estudos elaborados sobre a Casa do Infante são unânimes em considerar que as olarias do Prado, por esta altura, passaram a ter a concorrência de S. Martinho de Mouros, Barrô e mesmo de Coimbra (REAL e outros, 1995, p. 181-182).

Percentualmente muito próximo da louça preta – 12% – estão as produções cobertas com vidrado de chumbo. Na generalidade a pasta apresenta-se rósea, bastante homogénea, sendo de boa cozedura. As formas mais usuais são o alguidar e a caçoila, esta claramente com marcas de ir ao lume, mas também há o porão e uma ou outra tigela. Nesta uniformidade, o que verdadeiramente muda é a coloração do vidrado. O mais frequente é o verde escuro que a parece a cobrir totalmente o interior e a estender-se para a o exterior do bordo, mas há outros cuja tonalidade, também verde mais claro, por vezes com matizes amareladas ou meladas, sem esquecer os melados que nos aparecem normalmente mosqueados de castanho.

Oriundos, ao que parece, das olarias do Prado, distribuíam-se um pouco por toda a parte, não sendo o Porto uma exceção. Eles estão bem documentados no Castelo de S. João da Foz e naturalmente na Casa do Infante, cujas cronologias obviamente aceitamos para esta intervenção: século XVIII (OSÓRIO *et al.*, 1998, p. 284-285; BARREIRA *et al.*, 1995, p. 178-180). Concluíram os investigadores que trabalharam na Casa do Infante que, ao longo do século XVII se assistiu ao “boom” das faianças com figurações pintadas a azul (BARREIRA *et al.*, 1995, p. 181) na cidade do Porto. O que foi evidente naquela intervenção arqueológica, repete-se aqui. Salvo as louças vermelhas não vidradas – 24% – este grupo de faianças – 21% – é o segundo mais numeroso e também o mais homogéneo. É que salvo escassos fragmentos de louça atribuída ao final do século XIX – floral policromada – e de meia dúzia de fragmentos atribuídos aos fabricos de Bioso de meados do século XVIII, pode-se afirmar que os demais, cerca de 97% do total recolhido, são produtos pintados a azul. Esta afirmação não bastaria se não disséssemos que para além dos motivos e da coloração há ainda a assinalar o tipo de pasta rósea, a espessura das paredes e a qualidade do esmalte, nem sempre de boa qualidade e não raras vezes a estalar e separar-se da peça.

As peças aqui representadas encontram paralelos nos conjuntos já conhecidos da Campo 24 de Agosto, na Casa Ramos Pinto, em Gaia e naturalmente na Casa do Infante. Paralelos não só ao nível das peças, mas também das cronologias: 2.^a metade do século XVII, com intromissões do século XVIII. No tocante às peças mais tardias, policromadas e com as temáticas decorativas a multiplicarem-se em verdes, rosas, azuis e amarelos, estas têm sólidos paralelos nos conjuntos exumados da Cadeia da Relação e na Rua de Santana n.º 25 (GOMES *et al.*, 2001, p. 119-164) e em muitas das intervenções urbanas que temos vindo a realizar nas vilas de Ponte de Lima, Melgaço, Monção e Caminha.

O grupo das louças vermelhas não vidradas é aquele que melhor expressa a tendência que no Porto se assistiu, na passagem do século XVI para o século XVII, à substituição do centro oleiro do Pardo para as olarias de louça vermelha da região de Ovar/Aveiro (BARREIRA *et al.*, 1995, p. 181).

Neste grupo de pastas bem diferenciadas distinguem-se claramente 3 fabricos: o das pastas alaranjadas cobertas com engobe vermelho acastanhado; o das pastas vermelhas homogéneas mas com grãos de areia de médio calibre e o das pastas, também vermelhas, mas com mais areia, o que as torna mais grosseiras.

No primeiro grupo as superfícies apresentam-se engobadas numa tonalidade castanho avermelhada, internamente no caso das formas abertas – malgas ou tigelas – com e sem carenas – taças, pratos e terrinas – e externamente nas formas mais fechadas como é o caso dos cântaros, dos potes e dos púcaros. Não raras vezes, para não dizer, em larga escala, estas formas aparecem cobertas com uma decoração brunida em linhas simples ou combinadas com reticulados, tornando-os em peças utilitárias com uma certa graça artística.

O segundo grupo, de pastas vermelhas, bem cozidas, tem as superfícies alisadas e da cor da pasta. As formas aqui contabilizadas são sobretudo os cântaros, os alguidares e as terrinas. Normalmente não ostentam decoração, mas quando as têm, estas são bem interessantes como é o caso de um cântaro de bordo externamente moldurado onde foram impressos certos motivos a par de outros apostos por incisões.

O terceiro grupo distingue-se dos demais pelas pastas não serem tão vivas no tocante à cor e menos cuidadas quanto à sua composição. A este aligeirar no fabrico não será estranho o tipo de vasos que se pretendiam: recipientes para flores ou situações afins. Nota interessante é o facto de exteriormente estes vasos, cujos fundos são planos e as paredes praticamente verticais, estarem marcados com uma canelura e de toda a superfície ter sido engobada em tons de vermelho salmão.

3.2. Catálogo

• *Cerâmica com vidrado de chumbo*

– Alguidar. Bordo espessado e curvado para o exterior. Pasta alaranjada, relativamente cuidada, com finos grãos de areia. Vidrado interior de cor verde escuro, não uniforme quanto à sua distribuição. É um vidrado espesso e aderente que cobre também o exterior. Fig. 4.6.

– Caçoila. Parede arqueada com o bordo voltado para o interior e duas asas a marcar a parte superior do bojo. Pasta castanho acinzentada com finos grãos de areia e mica. Vidrado melado a cobrir o interior e a parte exterior do bordo. Superfície exterior alisada e queimada e coberta de fuligem. Fig. 5.1.

– Porrão. Parede arqueada a rematar em pé circular. Pasta vermelha, com grãos de areia e mica, boa cozedura. Esmalte verde alface pouco uniforme quanto à distribuição. O esmalte é espesso, aderente, brilhante, mas não chega a tapar totalmente as imperfeições da face. O interior está coberto com esmalte alaranjado, de boa qualidade e brilhante. Fig. 5.3.

– Bilha (?) Parede oblíqua a rematar em fundo raso, com ligeira reentrância. Pasta rosada, com finos grãos de areia e mica. Vidrado de coloração verde melado, aderente e brilhante. Cobre somente a face exterior. Fig. 5.7.

– Prato covo. Pasta rósea, com finos grãos de areia, boa cozedura. Vidrado de tonalidade melada com tonalidades esverdeadas, aderente e brilhante. A superfície exterior está manchada com fuligem, tal como a parte interna da aba. Fig. 8.3.

– Alguidar. Parede em ângulo raso. Pasta rósea com alguns finos grãos de areia. Vidrado castanho avermelhado espesso e brilhante. Fig. 4.5.

• ***Cerâmica pasta vermelha não vidrada (Grupo Ovar/Aveiro)***

– Cântaro. Bordo e colo com molduras salientes. Pasta vermelha com grãos de areia. Boa cozedura. Decoração brunida – linhas verticais e cruzadas – a ocupar a parte inferior do colo, ombros e a totalidade do bojo. Decoração à base de conjuntos de incisões oblíquas impressas na moldura exterior sobre a sobarba. Fig. 6.1.

– Cântaro. Bordo e colo com molduras salientes. Pasta vermelha com grãos de areia. Boa cozedura. Decoração à base de círculos impressos nas paredes da garganta e impressões à base de dedadas na moldura que sobressai sobre a sobarba. Fig. 6.2.

– Fogareiro ? Fundo marcado exteriormente por uma canelura. Pasta bem vermelha, bem cozida e com bastantes grãos de areia. Superfície exterior coberta com um engobe de tonalidade castanho avermelhado. Fig. 7.2.

– Fogareiro. Parede arqueada a rematar em bordo engrossado voltado para dentro. Asa a arrancar da parte inferior da sobarba para o ponto onde interiormente arranca a base furada para a passagem do calor. Pasta vermelha, com finos grãos de areia, bem cozida e fractura quase rectilínea. Superfície alisada, vermelha, manchada pelo uso. Fig. 4.8.

– Cântaro. Fundo de paredes espessadas e arranque para o bojo. Pasta vermelha, boa cozedura e fractura regular. Superfície coberta com um engobe castanho avermelhado e brunida com linhas verticais. Fig. 8.2.

– Cântaro. Fundo de paredes levemente inclinadas para o exterior. Pasta vermelha, com partículas de areia e mica. Cerne cinzento e boa cozedura. Superfície coberta com engobe castanho avermelhado e decorado com linhas brunidas verticais. Fig. 4.3.

– Fundo de alguidar? Pasta avermelhada, com alguns grãos de areia e mica. Boa cozedura. Superfície exterior alisada e a interior com engobe castanho avermelhado. Fig. 4.5.

– Cântaro. Fundo de paredes arqueadas para o exterior. Pasta vermelha, boa cozedura. Superfície alisada.

– Tigela. Pé reentrante. Pasta vermelha com finas paletas de areia e mica. Boa cozedura. Superfície exterior alisada e a interior com restos de engobe castanho avermelhado. Fig. 5.4.

– Tigela. Parede arqueada com leves caneluras a marcar a superfície exterior. Pasta vermelha, alisada, escurecida pelo uso e boa cozedura. Superfície interior com engobe castanho avermelhado. Fig. 4.4.

– Testo. Remate amendoado. Pasta vermelha, com finos grãos de areia, boa cozedura. Superfície exterior alisada, coberta com uma aguada castanho avermelhada. Fig. 7.5.

• ***Cerâmica de pastas castanho avermelhadas não vidradas***

– Panela. Pança ovóide, de ombros estrangulados a rematar em bordo boleado. Pasta castanho avermelhada, muito arenosa, distinguindo-se grãos de grande calibre. Superfícies cobertas com uma aguada alaranjada em ambas as faces. Fuligem a marcar a superfície exterior. Fig. 8.4.

– Pote. Fundo plano. Pasta castanho avermelhada muito arenosa. Superfície exterior muito rugosa e a interior muito escurecida pelo uso. Fig. 8.5.

– Fundo de pote? Pasta castanho avermelhada com grãos de areia. Superfície alisada e com sinais de fuligem. Fig. 7.3.

– Panela. Parede arqueada com dois orifícios circulares a funcionar como asas de suspensão. Pasta vermelho acastanhada, com muita areia mas com uma ótima cozedura. Superfícies aliadas e queimada a exterior onde há sinais de fuligem. Fig. 5.8.

– Fundo. Parede arqueada, fundo plano. Pasta acastanhada, com bastantes grãos de areia. Superfícies alisadas. Fig. 7.7.

• ***Louça preta***

– Panela. Bojo ovóide a rematar em bordo moldurado extrovertido. Pasta cinza clara com finos grãos de areia. Superfícies alisadas com a exterior coberta de fuligem. Fig. 8.1.

– Pote (?). Fundo raso. Pasta cinza clara, com grãos de areia de médio calibre. Superfície exterior enegrecida e marcada pela fuligem. Fig. 8.7.

– Panela (?). Fundo raso. Parede cinzenta com finos grãos de areia. Parede exterior cinza escura enegrecida pelo uso e pela fuligem. Fig. 8.2.

• ***Faiança***

– Prato. Parede arqueada e pé baixo. Pasta bege alaranjada, cuidada. Esmalte branco, aderente e brilhante, mas com imperfeições na face exterior já que não cobre totalmente as imperfeições. Decoração floral a azul pintada na aba e no fundo. O centro do covo está preenchido com um enorme flor de pétalas abertas. Fig. 6.3.

– Malga. Pequeno pé. Pasta bege rosada, de fractura levemente irregular. Esmalte branco, aderente, mas que não esconde as irregularidades da face exterior. Decoração interna a preencher integralmente o fundo. Trata-se de um monograma –...ARI/...NA inserido num escudo envolto em decoração vegetalista. Fig. 4.7.

– Prato. Pasta rosada, porosa e fractura bastante regular. Esmalte branco aderente, mas com linhas de fractura bem evidentes. Decoração na aba e no covo. Temática floral totalmente a azul. Fig. 5.6.

– Bispote. Parede a inflectir para o interior a rematar num fundo plano. Pasta laranja, de boa qualidade. Esmalte branco sujo, com tonalidades azuladas. É espesso e aderente, com uma decoração à base de duas linhas pintadas, onduladas, paralelas e verticais de cor azul turquesa. Fig. 7.1.

– Bispote. Bordo engrossado e voltado para o exterior. Pasta rósea, de muito boa qualidade. Superfície deteriorada, mas com indícios de um esmalte branco, pouco aderente. Decoração na parte superior interna à base de linhas circulares a vinoso. Fig. 5.5.

• ***Cerâmicas romanas***

– Panela. Bordo soerguido virado para o exterior. Pasta castanha, arenosa, com grãos de mica. Superfície alisada e queimada pelo fogo. Fig. 8.8.

– Pote. Fundo plano com arranque de parede. Pasta castanha avermelhada, arenosa, com grãos de mica. Superfície alisada e queimada pelo fogo. Fig. 8.7.

– Taça. Parede arqueada a rematar em bordo cortado. Pasta cinza claro, levemente arenosa. Superfície exterior cinza escuro de tonalidade baixa. Fig. 7.4.

– Fundo de panela? Pasta cinza clara com finos grãos de areia. Superfície exterior cinza escurecida. A interior, apesar de muito deteriorada, ainda conserva sinais de idêntico acabamento. Fig. 7.2.

– Fragmento de vaso. Parede exterior canelada. Pasta vermelho clara, com grãos finos de areia, mas de fraca cozedura. Fig. 8.6.

– Ânfora. Pasta vermelha, de boa qualidade. Superfície exterior bege, mas manchada. Fig. 8.9.

– Bilha. Bordo de bilha de cuja sobarba sem duas asas. Pasta castanha com finos grãos de areia. Superfícies com engobe cinza escuro, espesso e aderente. Fig. 8.10.

– Prato. Parede arqueada a rematar em bordo levemente bifido e reentrante. Pasta castanho avermelhada com grãos de areia finos. Interior coberto por uma espécie de engobe cinza escura. Parede exterior queimada e manchada pelo fogo.

• ***Cerâmicas importadas***

– Botija. Grés. Pasta cinza clara. Superfície exterior castanho avermelhado. Fig. 7.6.

4. CONCLUSÃO

A intervenção arqueológica, sem trazer especiais novidades, permitiu retirar ilações com um certo interesse.

A primeira prende-se com os materiais e estruturas atribuíveis ao mundo romano. Mesmo tratando-se de um espaço geograficamente divergente, de um certo modo podemos afirmar que tais achados estarão relacionados com os vestígios encontrados durante as intervenções arqueológicas levadas a efeito na “Casa do Infante” (REAL *et al.*, 1992; OSÓRIO, 1993), na Rua de D. Hugo (Morro da Sé) e na zona da Ribeira (SILVA, 1984; SILVA, 1994a, p. 85-87). A relativa proximidade daqueles achados, também eles de época romana, com cronologias muito análogas (século IV d.C), levam-nos a pensar que se tratará de uma mesma sequência ocupacional, mesmo que sejam focos de ocupação distintos. No entanto, apesar das tais evidências, temos de concordar que há pormenores nesta intervenção, que fazem recuar um pouco a cronologia da ocupação romana da margem ocidental do Rio da Vila.

O primeiro alicerça-se no facto de, nas camadas mais antigas, terem aparecido cerâmicas romanas que, pelo seu fabrico e tipologia, pertencem ao Alto Império. Referimo-nos, de um modo muito especial, a alguns pequenos fragmentos de terra sigillata hispânica e ao bordo de uma ânfora da forma Dressel 7/11 que transportava pasta de peixe (*garum*) e cuja cronologia coincide com a plenitude da afirmação imperial nesta parte da Península Ibérica.

Tais vestígios existem, mas a intervenção não passou de uma exígua sondagem, cujo espaço não permitiu ir à procura de eventuais estruturas relacionadas com tais achados, nem tão pouco obter estratigrafias não remexidas. Por isso atribuir uma data mais precisa a tais vestígios, sem o apoio de uma estratigrafia mais credível devido aos posteriores revolvimentos,

é algo de difícil concretização, embora seja curioso notar que essa cronologia está, por diversas vezes, associada a materiais presentes no Morro da Sé (SILVA, 1994a, p. 84).

O segundo facto a registar relaciona-se com a localização destes achados. Tanto os da Casa do Infante como estes e os da Praça da Ribeira situam-se na margem poente do Rio da Vila, sinal claro que aquele curso de água não funcionou como fronteira no período romano, tal como o não terá sido no período antecedente. Da primitiva ocupação castreja do Morro da Sé rapidamente os moradores saíram para a outra banda do Rio da Vila estendendo-se mesmo para paragens mais distantes como bem o demonstram as recentes descobertas em torno da Capela de Santa Catarina em Lordelo do Ouro e as do aro da igreja românica de Cedofeita.

O que não sabemos, face à exiguidade do espaço sondado, é que tipo de ocupação, temporal e fisicamente, coabitou com a da Casa do Infante nesta margem do rio, pelo menos no decurso do Baixo Império e depois nos primeiros tempos da Alta Idade Média. Em ambos os sítios há fragmentos cerâmicos que podem ser atribuídos a estes dois momentos, nomeadamente as pastas cinzentas claras cobertas com uma espécie de engobe cinza enegrecido. O seu parentesco com as cinzentas páleo-cristãs é tão óbvio, como é o facto de nos dois sítios ter havido duas ocupações que registam estruturas em pedra. A dúvida é se este seria um espaço dependente daquele ou uma outra ocupação distinta, propriedade de uma outra entidade.

Esquecida e abandonada a ocupação que coexistiu, temporalmente com o período inicial da Alta Idade Média, a estratigrafia registou um dilatado hiato da presença humana naquele espaço, facto que poderá não corresponder a uma efectiva realidade e isto porque o espaço sondado foi muito escasso. O que a estratigrafia documenta é uma outra ocupação humana, muito mais tardia, algures entre o século XVII e a centúria seguinte. Com isto não queremos defender, de modo algum, que ali não houve outras ocupações cronologicamente intermédias, mas se as houve a estratigrafia não as noticiou.

No século XVII foi ali construído um tanque. A dificuldade está em definir-lhe uma funcionalidade, uma precisão cronológica e associar-lhe uma estrutura. O que parece ser um dado adquirido é que o período de utilização não deverá ter-se expandido muito para além dos inícios do século XVIII, altura em que se terá construído a 1.ª fase da habitação que hoje está naquele espaço. A construção do referido edifício não foi certamente a causadora da destruição do tanque, já que este encontrava-se desactivado e entulhado quando os trabalhos tiveram início.

A construção da Rua Mouzinho da Silveira, associado a todo o movimento de renovação urbana daquela parcela do tecido urbano do Porto, obrigou à remodelação deste edifício, obrigando-o a abeirar-se do novo traçado do passeio. Em consequência, o imóvel cresceu em comprimento passando a funcionar com uma fachada e uma rectaguarda diferentes daquelas que, até então, haviam servido o edifício.

Foi esta estrutura arquitectónica que sobreviveu até aos nossos dias, a qual está a ser alvo de um novo processo de remodelação, adaptando-se a novas vivências.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Joaquim Jaime B., *O Porto na época dos Almas*, Porto, 1988.
 BARREIRA, Paula, GOMES, Paulo Dórdio, TEIXEIRA, Ricardo, *200 anos de cerâmica na Casa do Infante*:

do século XVI a meados do século XVIII, in "Actas da 2.ª jornada de cerâmica medieval e pós-medieval", Tondela, 1998.

CARVALHO, Teresa Pires de; GUIMARÃES, Carlos; BARROCA, Mário Jorge, "Bairro da Sé" Area – Porto, *Contribution for Historic Characterization*, Câmara Municipal do Porto, Porto, 1996.

FREITAS, Eugénio Andréa da Cunha e, *Toponímia portuense*, Contemporânea Editora, Porto, 1999.

GOMES, Paulo Dórdio, TEIXEIRA, Ricardo, SÁ, Anabela, *Faianças do Porto e Gaia: O recente contributo da arqueologia*, in "Itinerário da Faiança do Porto e Gaia", Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, 2001.

OSÓRIO, Maria Isabel N. Pinto (Coord.), *O Porto das mil idades. Arqueologia da cidade*, Porto, 1993.

OSÓRIO, Maria Isabel N. Pinto, SILVA, António Manuel S. P., *Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto*, in "Actas da 2.ª jornada de cerâmica medieval e pós-medieval", Tondela, 1998.

REAL, Manuel Luís, GOMES, Paulo Dórdio, TEIXEIRA, Ricardo J., *Casa do Infante: Uma história a refazer*, in "Oceanos", n.º 12, Lisboa, 1992.

REAL, Manuel Luís et alii, *Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto: elementos para uma sequência longa – século IV-XIX*, in "Actas da 1.ª jornada de cerâmica medieval e pós-medieval", Tondela, 1995.

SERÉN, Maria do Carmo; PEREIRA, Gaspar Martins, *O Porto Oitocentista*, in "História da Cidade do Porto", 2.ª ed., Porto Editora, 1994.

SILVA, Armando Coelho Ferreira, *Sondagens Arqueológicas na Praça da Ribeira*, in "Arqueologia", n.º 10, Porto, 1984.

SILVA, Armando Coelho Ferreira, *As origens do Porto*, in História da Cidade do Porto, 2.ª ed., Porto Editora, 1994.

SILVA, Francisco Ribeiro da, *Tempos Modernos*, in "História da Cidade do Porto", 2.ª ed., Porto Editora, 1994.

SOUSA, Armindo de, *Tempos Medievais*, in "História da Cidade do Porto", 2.ª ed., Porto Editora, 1994.



Figura 1 – Planta do Porto c/ Loc. Esc.

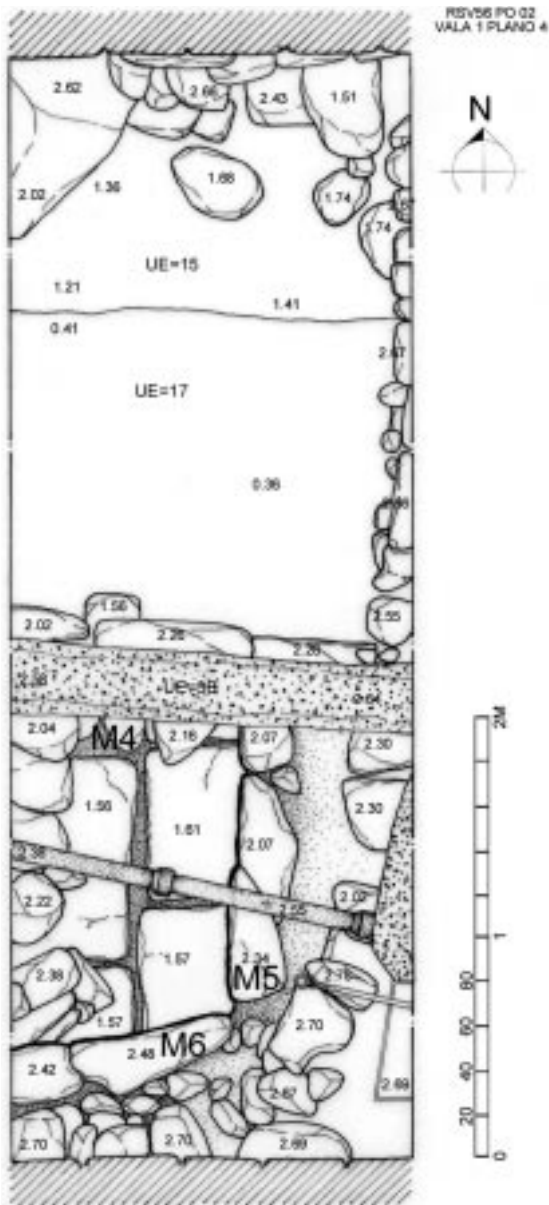


Figura 2.1 - Vala 1 - Plano 4

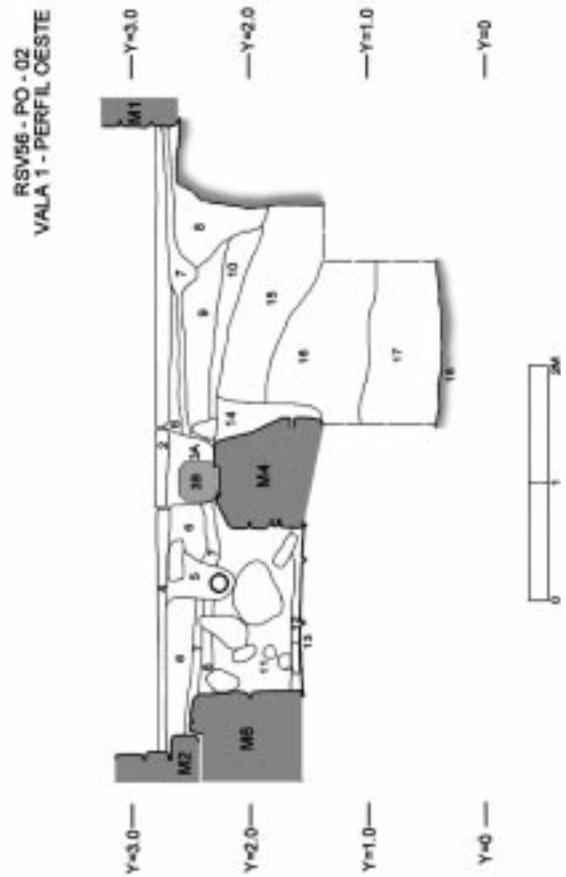


Figura 2.2 - Vala 1 - Perfil Oeste

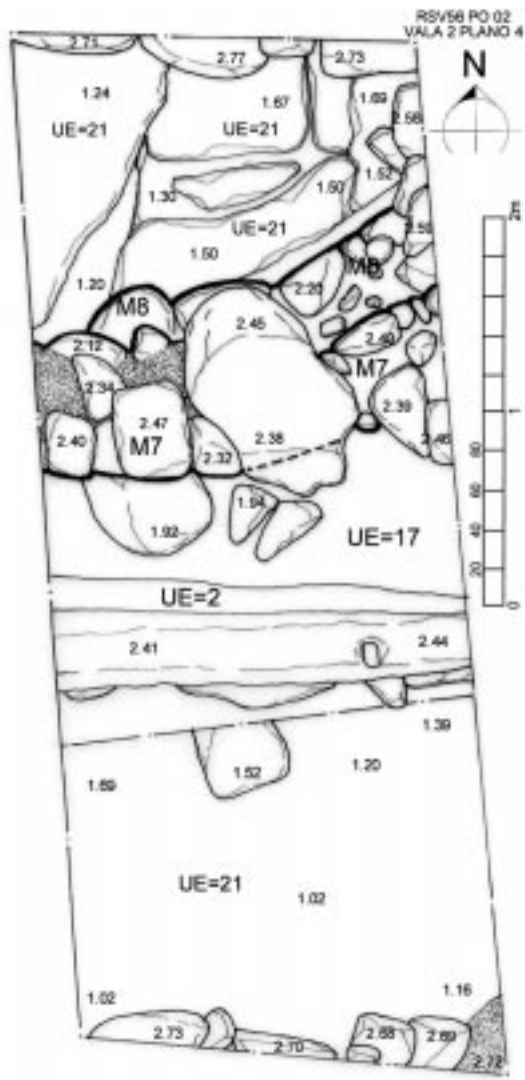


Figura 3.1 – Vala 2 – Plano 4

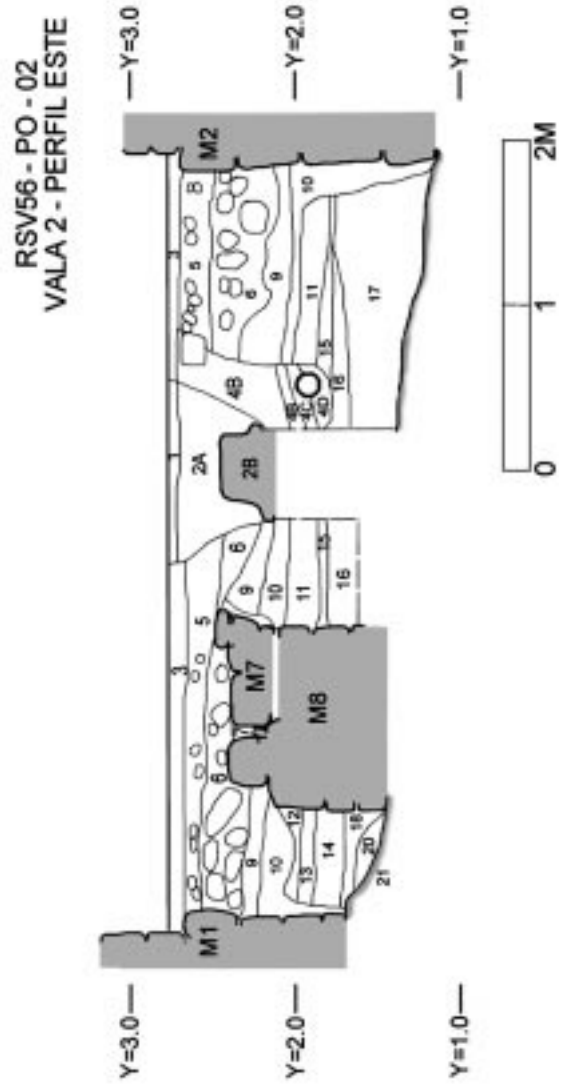


Figura 3.2 – Vala 2 – Perfil Este

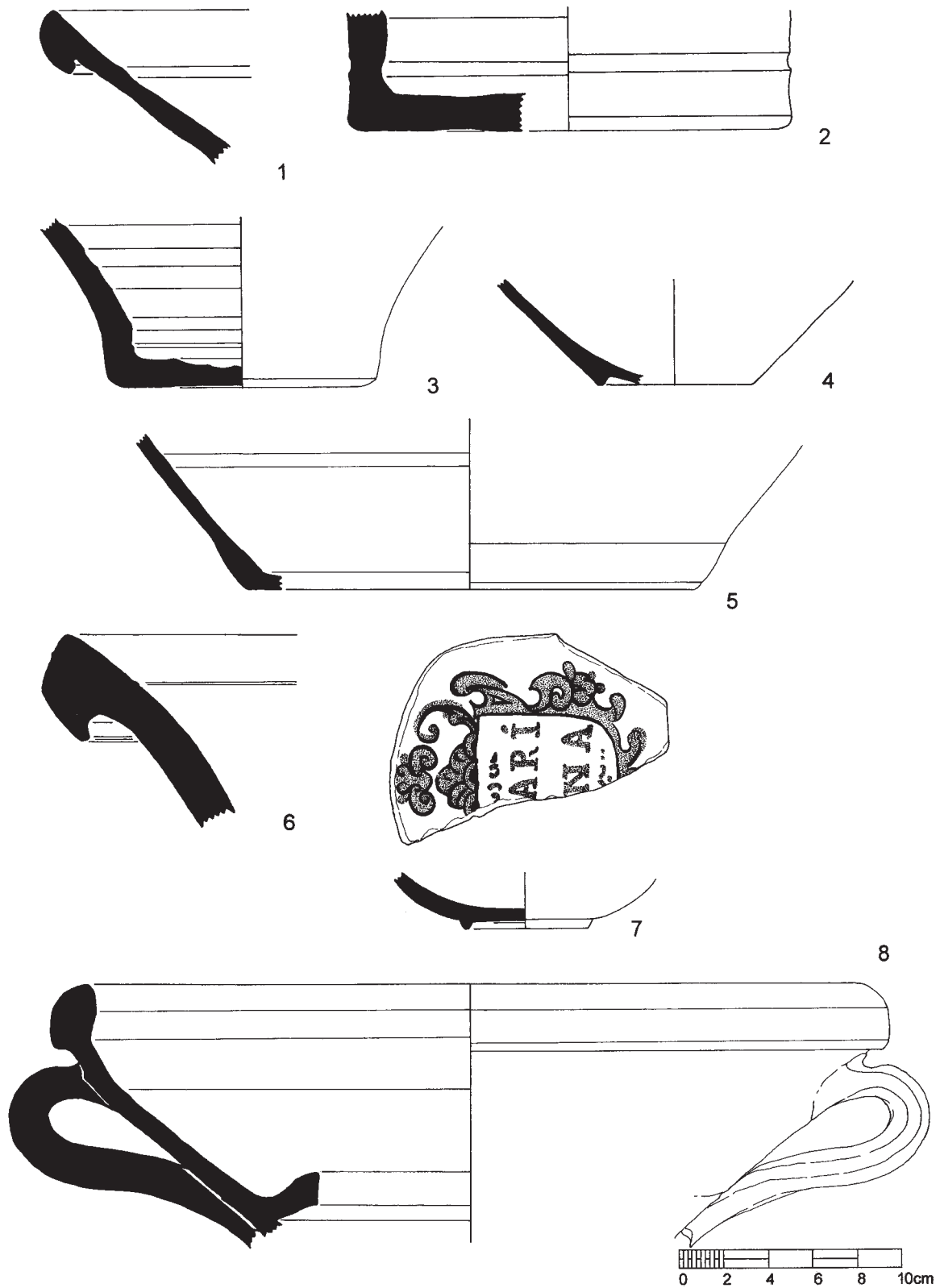


Figura 4 – Espólio 1 a 8

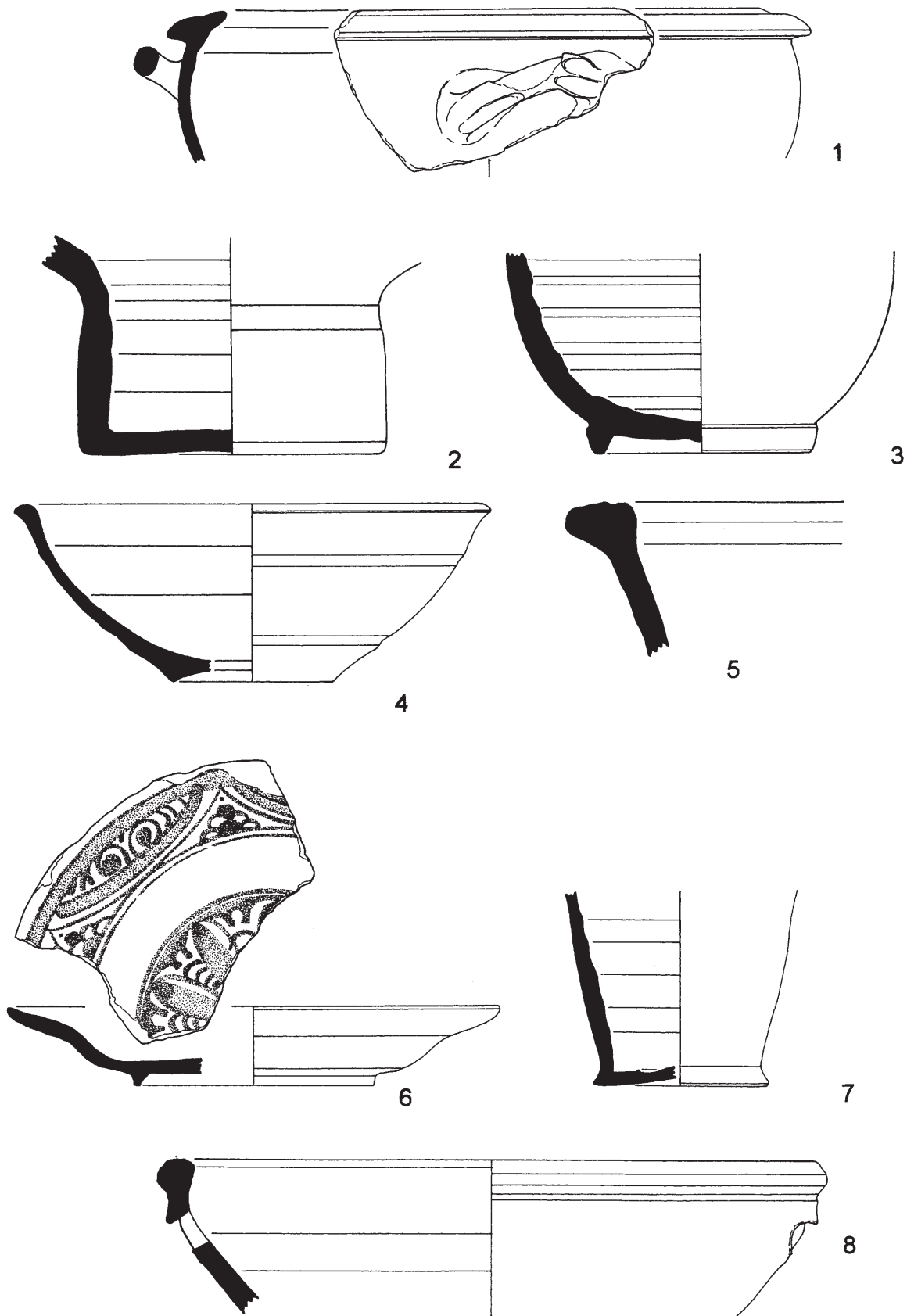
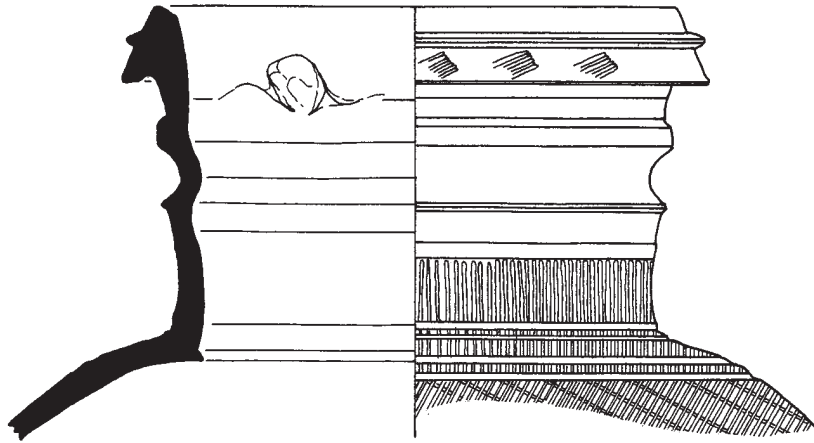
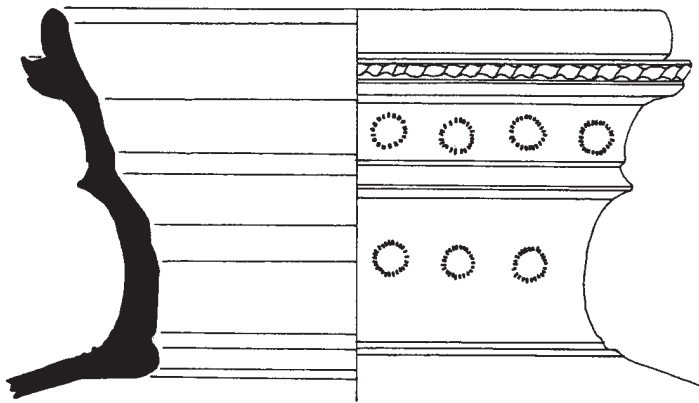


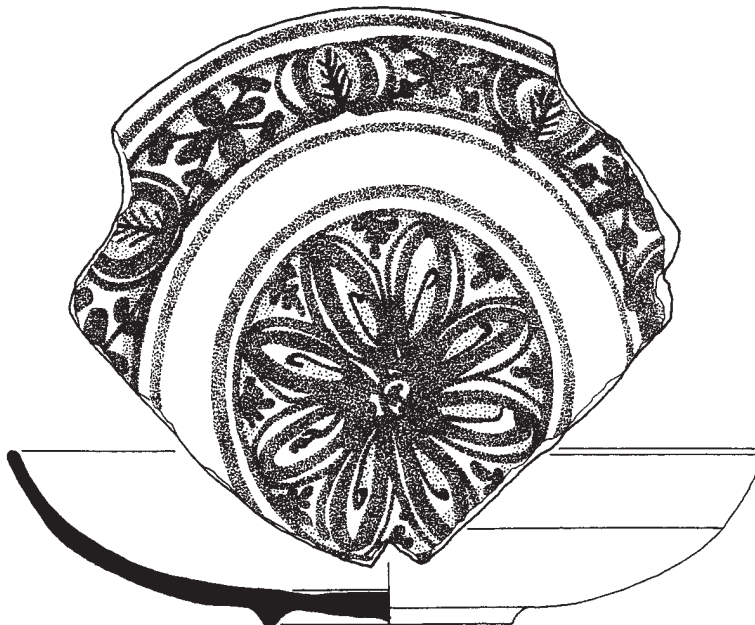
Figura 5 – Espólio 1 a 8



1



2



3

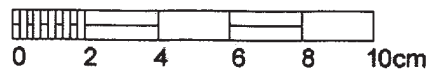


Figura 6 – Espólio 1 a 3

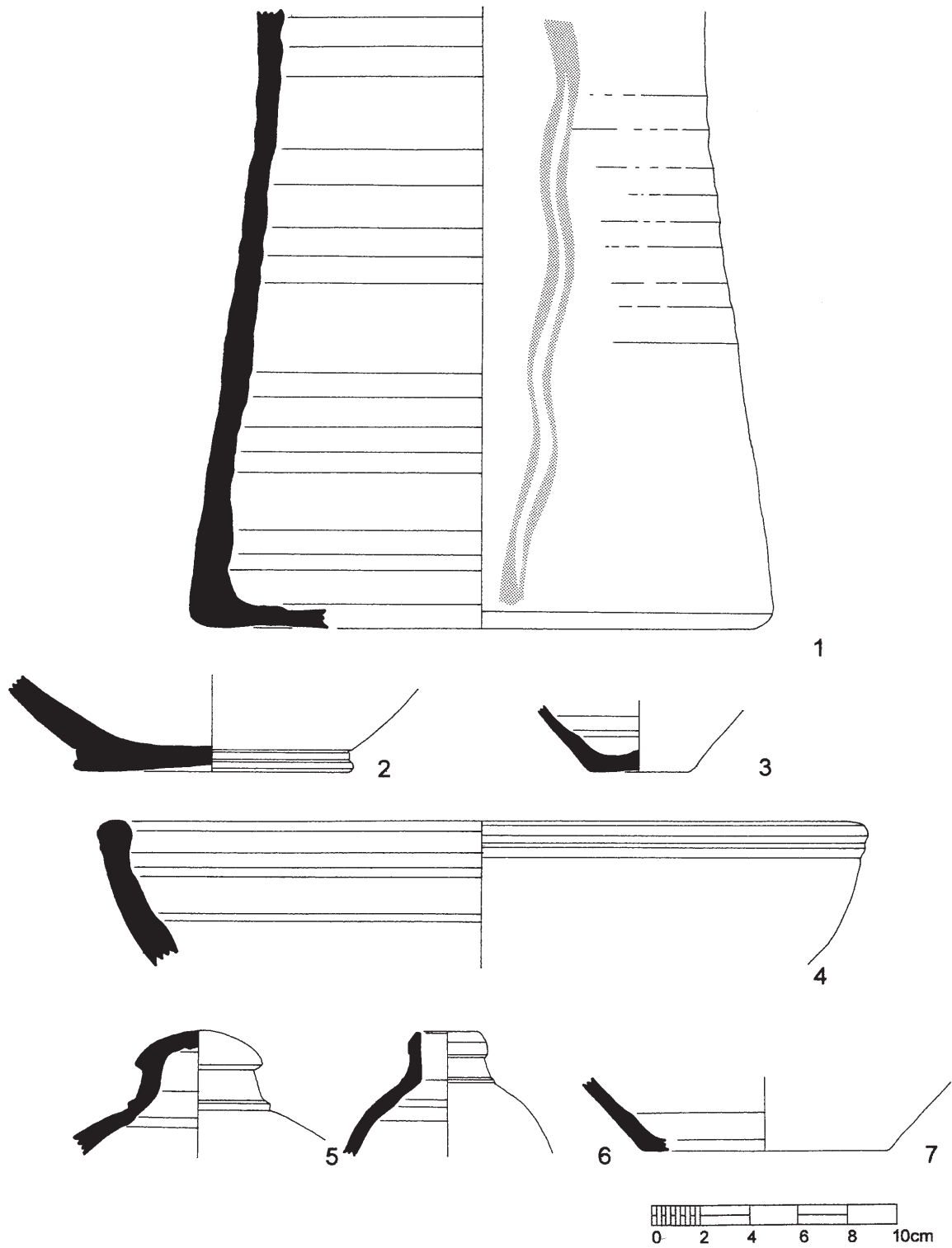


Figura 7- Espólio 1 a 7

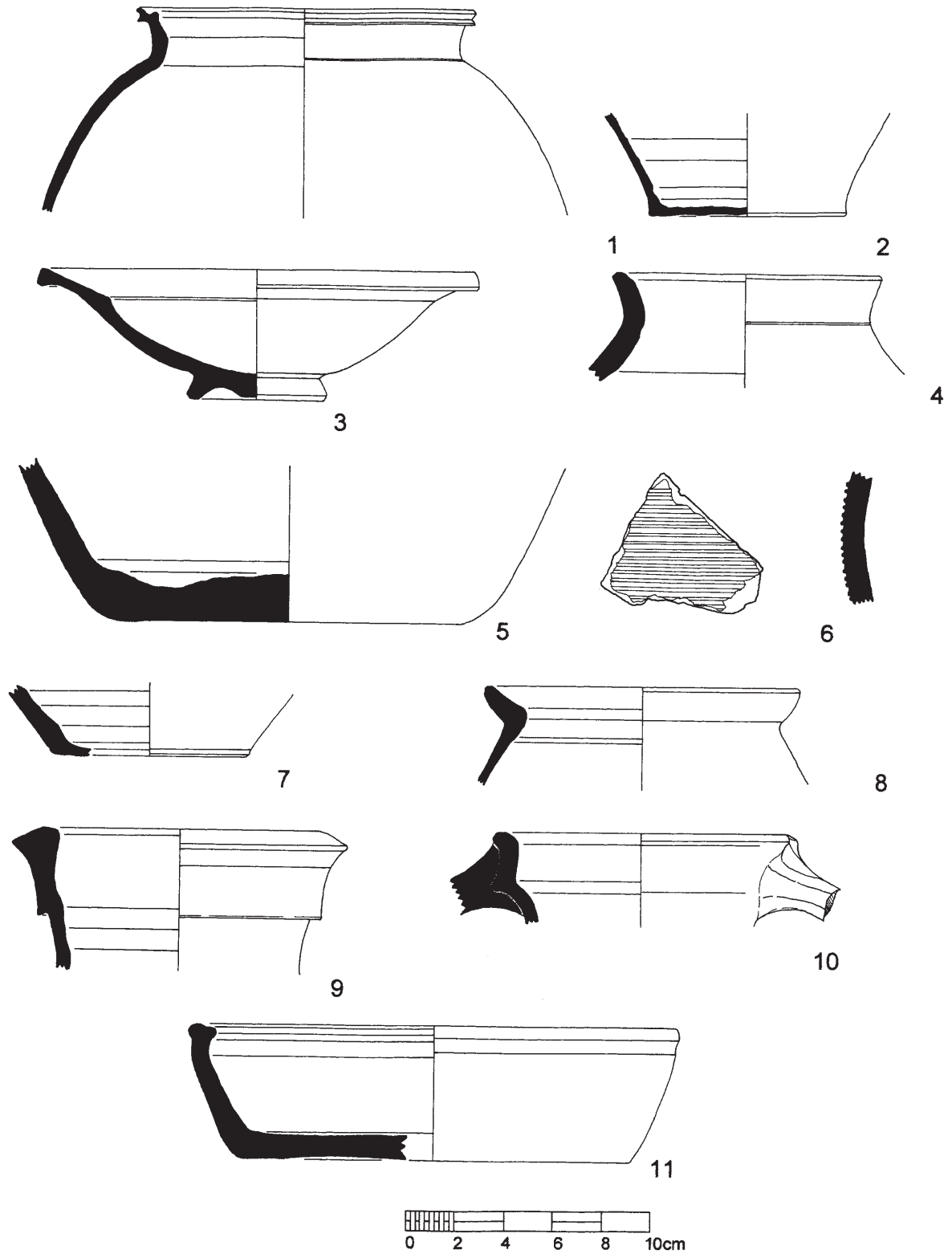


Figura 8 – Espólio 1 a 11

A estação Arqueológica da Tapada da Venda, Pedroso, Celorico de Basto (Norte de Portugal): primeiras impressões das escavações de 2001

Ana Bettencourt
António Dinis
Isabel Sousa e Silva
Carlos Cruz e José Pereira¹

ABSTRACT

This article draws upon the recent archaeological excavations at the site of Tapado da Venda (Celorico de Basto). This site was excavated in the seventies, being the results yet unpublished to date.

This is an open settlement site dating to the 2nd millennium BC. This site, which appear to have had short live, was occupied by a farming community.

0. INTRODUÇÃO

Com este texto, pretende-se relatar os trabalhos de escavação arqueológica, realizados durante o verão de 2001, na estação arqueológica da Tapada da Venda, no âmbito do projecto "The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC", aprovado e financiado pela Fundação da Ciência e Tecnologia.

Esta estação, parcialmente escavada por Francisco Alves², em 1978, no quadro do alargamento de um caminho que pôs a descoberto um número significativo de fossas abertas no saibro, ainda não tinha sido alvo de estudos posteriores que permitissem a sua inserção cronológica-cultural precisa (Est. IV – 1 e 2). Deste modo, e atendendo a que um dos objectivos do projecto referido é a obtenção de dados para o estudo da bacia do Ave no II milénio AC, pareceu-nos interessante efectuar uma sondagem no local³, passível de fornecer

¹ Ana Bettencourt (Professora Auxiliar do Departamento de História da Universidade do Minho), António Dinis (Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Isabel Sousa e Silva (Mestranda de Arqueologia na Universidade do Minho), Carlos Cruz (Mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho) e José Pereira (Mestrando de Arqueologia na Universidade do Minho).

² A quem agradecemos ter-nos cedido os dados das antigas escavações para estudo.

³ Nos trabalhos de campo contámos com a participação de Alda Rodrigues, Andreia Silva, Carla Carvalho, Hugo Cardoso, Liliana Sampaio, Luciano Vilas Boas, Luís Alves, Maria João Amorim, Mónica Salgado e Nuno Miguel Ferreira – alunos da licenciatura em História – variante Arqueologia da Universidade do Minho e com António Mário Dinis, estudante do Ensino Secundário.

Obtivemos, ainda, a colaboração de vários funcionários da Junta de Freguesia de S. Bartolomeu do Rego que procederam à remoção de aterros e ajudaram a tapar as quadriculas após a sua escavação integral.

O levantamento topográfico foi da responsabilidade da Câmara Municipal de Celorico de Basto, a quem agradecemos.

documentação para a sua contextualização, assim como para a reconstituição páleo-ambiental da área⁴.

1. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTAL

A estação arqueológica da Tapada da Venda, localiza-se no distrito de Braga, concelho de Celorico de Basto, freguesia de São Bartolomeu do Rego, lugar de Pedroso (Est. I.-1).

As coordenadas geográficas segundo a Carta Militar de Portugal na escala 1:25.000, folha 86 – são as seguintes:

Latitude: 41° 26' 20" N,

Longitude: 8° 04' 38" W

Altitude: 670 a 660 metros (Est. I.-2).

A Tapada da Venda situa-se junto à escola primária do lugar de Pedroso, numa chã da vertente nordeste do Alto do Couto, pequena elevação do planalto da Lameira. Para norte, a estação liga às terras altas do planalto e, para sul e oeste, relaciona-se através de um declive suave com um pequeno vale aluvionar. Este é formado por uma linha de água, que dista desta jazida cerca de 100m, correndo para o rio de Lavandeira, um dos que alimenta o rio do Bugio, afluente do Ave.

Segundo a Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, n. 10-A, de 1987, o substrato rochoso da região é composto por granito porfiróide de grão grosseiro, com duas micas, essencialmente biotítico, sem ocorrência de afloramentos à superfície. Atravessam a zona inúmeros filões de quartzo. Muito perto, existem aluviões actuais e depósitos areno-argilosos de fundo de vale.

Segundo a Carta Mineira de Portugal, na escala 1:500 000, de 1960, não existem recursos mineiros metálicos, nas proximidades da estação arqueológica.

O coberto vegetal arbóreo, que povoa actualmente o local, com Eucaliptos, Pinheiros e resquícios de Carvalhos e Castanheiros, impede o domínio visual, possível noutras circunstâncias, sobre os vales formados pela linha de água que lhe corre a 100m para este e pelo rio de Lavandeira.

O acesso à Tapada da Venda faz-se através da estrada municipal que liga a freguesia do Rego ao lugar da Travessa, atravessando o Lugar de Pedroso. A estação em análise foi parcialmente destruída por esta estrada que a divide em duas partes.

2. METODOLOGIA

Atendendo aos objectivos propostos e após análise do terreno, de plantas e fotografias das escavações de 1978, optámos por abrir três áreas de escavação que denominámos de Corte 1, Corte 2 e Corte 3 (Est. II.).

O Corte 1 localizou-se a oeste da estrada, em zona não intervencionada em 1978. Era

⁴ Está em preparação o estudo monográfico desta estação arqueológica.

nosso objectivo perceber se a estação se estendia para essa zona aplanada. O Corte 2 foi efectuado a norte das antigas escavações, em área contígua às mesmas. Aqui, o objectivo era detectar estruturas semelhantes às encontradas anteriormente e tentar definir as suas funcionalidades. O Corte 3 foi realizado numa pequena elevação a oeste do corte 1, à cota de 695m. Serviu para determinarmos a localização da jazida arqueológica em termos morfológicos e precisar um pouco mais a sua distribuição no espaço circundante.

Enquanto estratégia de trabalho optou-se por valas de sondagem nos cortes 1 e 3 e por escavações em área, no corte 3. A malha dos quadrados correspondeu a 1 x 1m.

Com a ajuda de uma retro-escavadora, iniciámos os trabalhos pela remoção do aterro do corte 2, resultante das obras da estrada em 1978. Por precaução foram deixados cerca de 30 centímetros de entulho em toda a área, retirados, posteriormente, pela equipa de escavação. Quando foi detectada a camada humosa, anterior aos aterros, prosseguimos a decapagem por camadas naturais.

Todos os perfis e estruturas foram registados, desenhados, fotografados e cotados.

Os fragmentos cerâmicos associados a estruturas, bem como os materiais metálicos, líticos e pequenas concentrações de ecofactos, foram posicionados nas três variáveis, x, y e z.

Os sedimentos provenientes das fossas e buracos de poste foram crivados a seco, com crivos de malha muito fina, capazes de permitir a identificação de sementes de pequeno porte. Os sedimentos sobre pavimentos ou empedrados foram também crivados com o objectivo de se recolherem ecofactos.

O material proveniente da escavação deu entrada no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, onde foi lavado e marcado pela equipa de escavação durante os meses de Outubro e Novembro. Os líticos, de difícil classificação, serão identificados por António Caetano Alves e Diamantino Pereira Ínsua, ambos geólogos da Universidade do Minho que integram este projecto.

Os ecofactos foram enviados para análises de antracologia e carpologia, a efectuar por Isabel Figueiral. Dos ecofactos foram retiradas amostras para datação radiométrica a realizar nos Laboratórios "Rocasolano" de Madrid e Angstrom, Uppsala.

A data da amostra aqui publicada, foi calibrada pelo programa da Universidade de Oxford, OxCal 3.5 (BRONK RAMSEY, 1995) através da curva de calibração (INTCAL 98, Stuiver *et al.*, 1998).

3. ESCAVAÇÃO

3.1. Corte 1

3.1.1. Estratigrafia

Neste corte a estratigrafia apresenta a seguinte sequência (Est. V – 1):

A – terras de aterro, heterogéneas, com manchas amarelas de saibro e bolsas de terra castanha muito escura. Por vezes ocorre algum material arqueológico descontextualizado.

Camada 0 – "humosa". Terra castanha acinzentada, heterogénea, pouco compacta, com muitas raízes de pequeno porte, arenosa. Por vezes ocorre algum material arqueológico descontextualizado.

Camada 1 – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa, com pedras de pequeno e médio porte e alguns carvões dispersos. Camada onde ocorre o nível de ocupação e abandono da estação arqueológica.

Camada 2 – terra castanha clara, mais arenosa e menos compacta que a anterior. Contém pedras de pequenas dimensões. Corresponde à mistura das camadas 1 e 3.

Camada 3 – arena granítica.

3.1.1.1. Estratigrafia das fossas e ou buracos de poste da cam. 1

Fossa 1 (Quad. C1/B1)

Camada 1 – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa.

Fossa 2 (Quad. C1)

Camada 1 – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa.

Fossa 3 (Quad. E1)

Camada 1 – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa.

Fossa 4 (Quad. E1)

Camada 1 – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa.

Fossa 5 (Quad. B1)

Camada 1 – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa.

Fossa 6 (Quad. B2)

Camada 1 – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa.

3.1.2. Estruturas

Apenas foram encontradas seis pequenas fossas ou buracos de poste abertos na camada 1 mas penetrando nas camadas 2 e 3.

3.1.3. Espólio da camada 1 e 2

Cerâmico

A totalidade da cerâmica encontrada é de fabrico manual, de pasta arenosa com desengordurastes de quartzo e de feldspato. As pastas são de textura mediana e grosseira e as cozeduras medianas e más. O acabamento é, na quase totalidade, alisado. A maioria dos fragmentos são lisos. Apenas registámos um bordo com incisões (?) sobre o lábio. As bases são de fundo plano simples. Os bordos são de formas pequenas e médias, sem vestígios de fuligem.

Na fossa 1 ocorreu uma concentração de fragmentos cerâmicos do mesmo recipiente, cuja colagem revelou estar incompleto.

Na fossa 4 também apareceu um fragmento de cerâmica.

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA TAPADA DA VENDA, PEDROSO, CELORICO DE BASTO
(NORTE DE PORTUGAL)

Lítico

O espólio lítico foi efectuado em matéria prima local. Registámos artefactos em pedra polida e lascada. No primeiro grupo incluímos os polidores e os fragmentos de moinhos moventes, efectuados, normalmente, em granito de grão fino. No segundo, detectámos lascas, uma ponta de seta (?) e uma raspadeira (?), em quartzo leitoso. Registámos, igualmente, cristais de quartzo, seixos com vestígios de lípidos e seixos fumigados.

Ecofactos

Recolhemos carvões de pequenas dimensões, dispersos na camada 1, assim como concentrados, no interior da fossa 6.

Data de radiocarbono

Da camada 1, retirámos uma amostra de carvões para datação por AMS. Esta foi realizada no Laboratório Angstrom, do Departamento de Ciências Materiais, da Universidade de Uppsala, Suécia. A data obtida, de entre os meados do séc. XV AC e os finais do séc. XIII/ /inícios do XII AC é perfeitamente aceitável.

Ref. laboratório	C 14 (Anos BP)	Idade calibrada (anos AC - 1 sigma) 68.2%	Idade calibrada (anos AC - 2 sigma) 95.4%
Ua - 19499	3065±50	1410-1260	1440-1190 (92.7%) 1180-1160 (1.3%) 1140-1130 (1.4%)

3.2. Corte 2

3.2.1 - Estratigrafia (Est. III - 1 e 2):

A estratigrafia deste corte apresenta a seguinte sequência:

A – terras de aterro, heterogéneas, com manchas de tonalidade amarela decorrente do saibro e bolsas de terra castanha muito escura. Ocorrência de algum material arqueológico descontextualizado e presença de espólio contemporâneo, como vidros e plásticos.

Camada 0 – “humosa”. Terra castanha acinzentada, heterogénea, pouco compacta, arenosa, com muitas raízes de pequeno porte, em decomposição.

Camada 1 – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa e com alguns carvões dispersos. Contém pedras de pequenas dimensões. Camada onde ocorre o nível de ocupação e abandono da estação arqueológica.

Camada 2 – arena granítica.

3.2.1.1. Estratigrafia das fossas

Fossa 1 (Quad. D4/E4)

Camada 1a – camada muito heterogénea, com manchas de terra castanha escura, de média compactidade, areno-limosa e manchas de saibro, com disposição oblíqua. Camada de abandono (Est. III - 2).

Fossa 2 (Quad. F4, F5, G4, G5)

Camada 1a – areão cinzento.

Fossa 3 (Quad. G5)

Camada 1a – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa, igual à camada 1.

Fossa 4 (Quad. G4)

Camada 1a – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa, igual à camada 1.

Fossa 5 (Quad. G3)

Camada 1a – camada muito heterogénea, com manchas de terra castanha escura, de média compactidade, areno-limosa e lentículas de saibro, com disposição oblíqua. Camada de abandono (Est. III – 1).

Fossa 6 (?) (Quad. F2, G2)

Camada 1a – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa, igual à camada 1.

Fossa 7 (?) (Quad. H1)

Camada 1a – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa, igual à camada 1.

Fossa 8 (?) (Quad. I1)

Camada 1a – terra castanha muito escura, de média compactidade, homogénea, areno-limosa, igual à camada 1 (Est. IV –2).

3.2.2. Estruturas (Est. V – 2; VI – 1 e 2).

São várias as estruturas detectadas neste corte. Os buracos de poste, de profundidades e diâmetros variados, são em número de vinte e distribuem-se, por vezes, de forma orientada. Nos quadrados F2, F3, G2, G3, G4, G5, H1 e I1 estes parecem formar um semicírculo, muito provavelmente delimitando um recinto no qual se incluíam fossas e um pavimento de saibro que se crê oval e pequeno (P.1).

Também nos quadrados D4, D5, E4 e E5 se detectaram restos de um pavimento ou de um empedrado irregular, composto por pedra miúda e saibro, (P.2), associado a buracos de poste e a uma fossa dupla (F. 1).

3.2.3. Espólio*Cerâmico*

A cerâmica encontrada é totalmente de fabrico manual, de pasta arenosa e de textura mediana e grosseira. A cozedura é redutora de média ou má qualidade. O acabamento é sempre alisado, salvo as excepções em que os fragmentos se encontram corroídos. A maioria dos fragmentos são lisos. O único fragmento ornamentado apresenta um cordão com incisões (?).

As bases são de fundo plano simples. As asas são de secção rectangular. Os bordos são de formas pequenas e médias. Destacamos um bordo com aba horizontal pequena. Alguns fragmentos apresentam matéria orgânica adossada às paredes internas.

A maioria dos fragmentos aparece dispersa na camada. Há, no entanto, na fossa 4, uma acumulação de 22 fragmentos cerâmicos, muitos deles do mesmo vaso, em associação com um quartzo fumigado e um polidor.

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA TAPADA DA VENDA, PEDROSO, CELORICO DE BASTO
(NORTE DE PORTUGAL)

Na fossa 5 também apareceram 15 fragmentos cerâmicos, alguns deles de diferentes vasos.

Lítico

O espólio lítico foi efectuado em matéria prima local, como o quartzo, o granito e o quartzito.

Em pedra polida registámos polidores sobre seixos e fragmentos de moinhos moventes e dormentes.

Em pedra lascada detectámos um cristal de quartzo, afeiçoado na extremidade proximal, um núcleo e uma lasca.

Recolhemos, igualmente, cristais de quartzo, calhaus de quartzo com vestígios de lípidos ou fumigados e fragmentos de granito fumigados.

Ecofactos

Retirámos carvões de várias dimensões, quer dispersos na camada, quer concentrados em áreas que vieram a revelar-se buracos de poste. A maior concentração ocorreu nos buracos de poste números 4 e 5.

Sementes de cereais, entre outras espécies, foram recolhidas dispersas na camada 1 e em fossas, principalmente na número 1 que continha uma grande quantidade de ecofactos.

3.3. Corte 3

Este Corte foi realizado numa pequena elevação a oeste do Corte 1. A abertura de dois quadrados permitiu constatar que o povoado não se expandiu para este local, motivo pelo qual foram suspensos os trabalhos.

3.3.1. Estratigrafia

A estratigrafia deste corte era muito pouco espessa.

Camada 0 – camada humosa. Terra castanha acinzentada, heterogénea, pouco compacta, com muitas raízes de pequeno e médio porte.

Camada 1 – terra castanha escura, de pouca compactidade, arenosa e com um nível de pedras muito consistente. Degradação do granito?

Camada 2 – granito de base.

3.3.2. Estruturas

Nos dois quadrados abertos no corte 3, não detectámos estruturas percíveis. Apenas um imbricado de blocos graníticos que poderão resultar da desintegração da rocha de base.

3.3.3. Espólio

Não foi detectado espólio de qualquer tipo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de dados exumados dos cortes 1 e 2 da Tapada da Venda permitem concluir da existência de, pelo menos, um nível de ocupação.

O tipo de estruturas, artefactos e ecofactos, analisados em associação, autorizam a classificação deste local como um povoado aberto, de curta-média duração, vocacionado para actividades agrícolas. Salienta-se que utilizamos o termo povoado no seu sentido mais amplo. Por este motivo não excluimos a hipótese de terem existido estruturas sepulcrais, detectadas nas escavações de 1978 e cujo estudo pormenorizado será efectuado, posteriormente.

As características do corte 2 (pavimentos demasiado pequenos para serem fundos de cabanas, fossas com sementes, escassez de espólio cerâmico e lítico) permitem colocar a hipótese de estarmos perante uma área de armazenagem e tratamento de cereais, entre outros produtos. Aliás, a localização deste povoado em terras agrícolas de planalto e nas proximidades de pequenos vales aluvionares de montanha, são elementos que parecem concordar com esta hipótese.

O corte 1, mais protegido a oeste por um pequeno cabeço, parece ter tido uma função distinta do corte 2. Aqui, não ocorrem grandes fossas, nem quantidade significativa de sementes, embora a quantidade de cerâmica seja proporcionalmente maior.

As características genéricas do espólio admitem a integração deste povoado na Idade do Bronze do Norte de Portugal e são concordantes com a data da segunda metade do II milénio AC, obtida para o Corte 1.

BIBLIOGRAFIA

BRONK RAMSEY, C. (1995), Radiocarbon Calibration and Analysis of Stratigraphy: The OxCal Program. *Radiocarbon*, 37 (2), pp. 425-430.

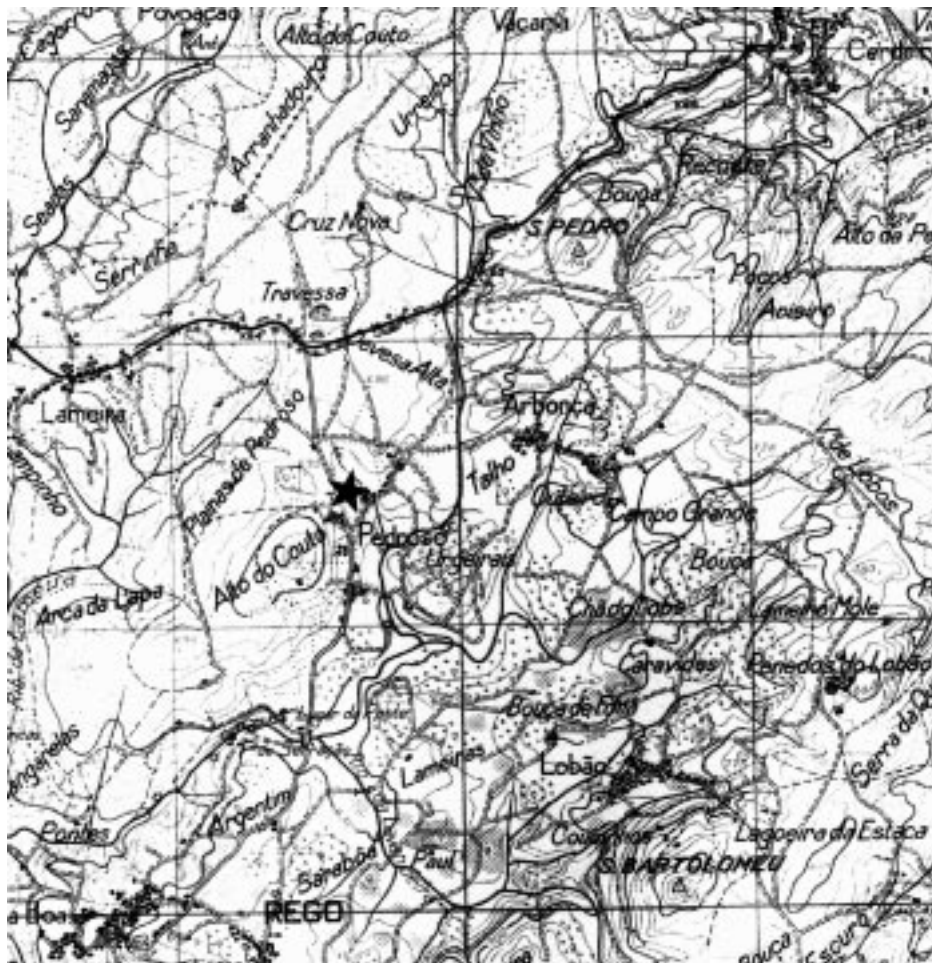
LEMOS, F. S., M. Martins & M. Delgado (1976/1980), O sítio proto-histórico de Pedroso, *Actividade Arqueológica. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho*, Braga, pp. 32-36.

STUIVER, M., Reimer, P.J., Bard, E., Beck, J.W., Burr, G.S., Hughen, K.A., Kromer, B., Mc Cormac, G., van der Plicht, J. y Spurk, M. (1998), INTCAL 98 Radiocarbon Age Calibration, 24000 – 0 cal BP. *Radiocarbon*, 40 (3), pp. 1041-1084.

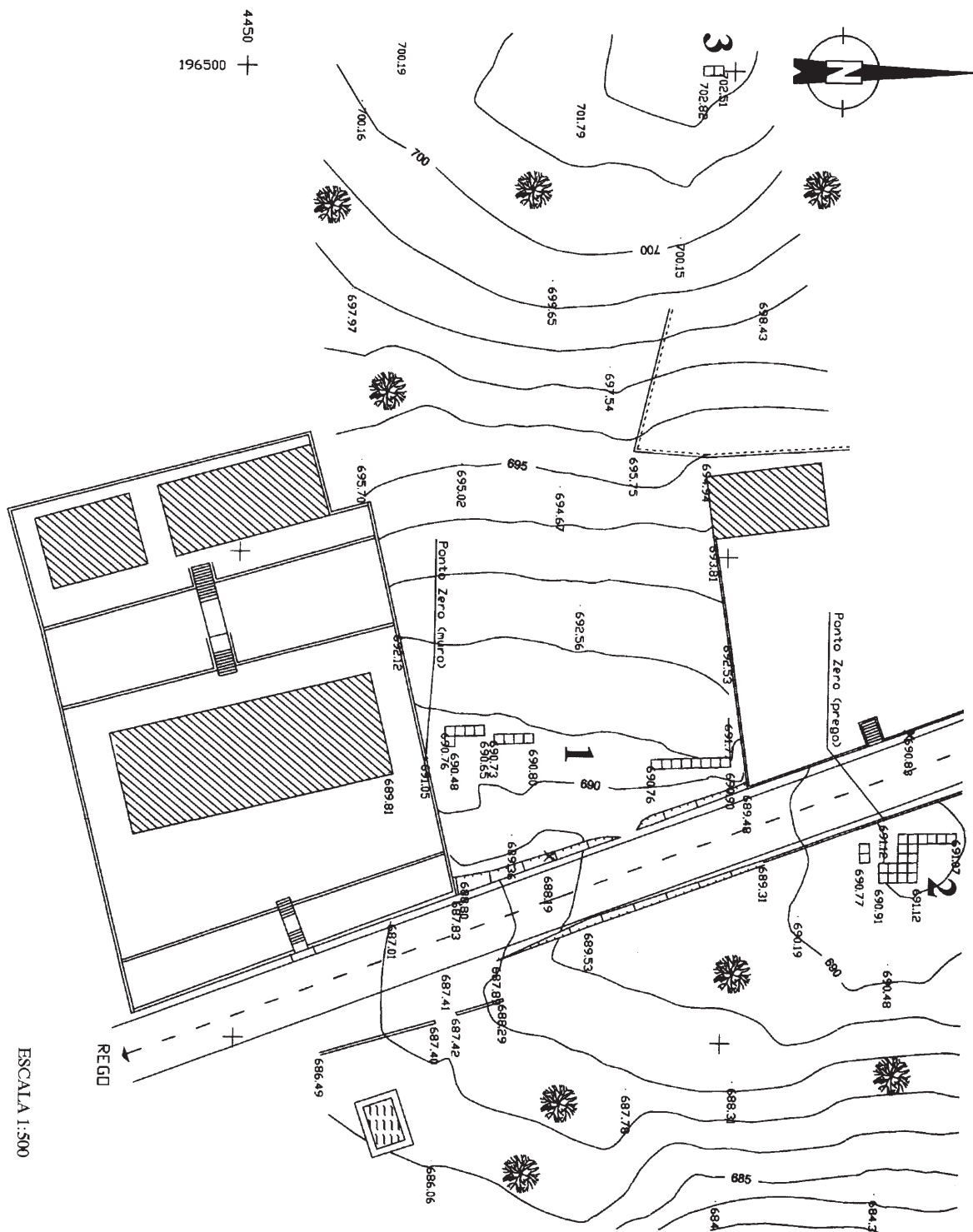
A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA TAPADA DA VENDA, PEDROSO, CELORICO DE BASTO
(NORTE DE PORTUGAL)



EST. I-1. Localização do povoado da Tapada da Venda na Península Ibérica.

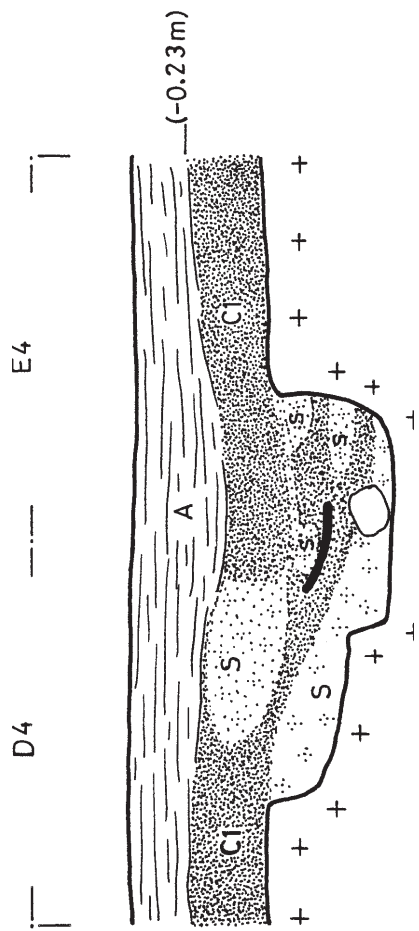


EST. I-2. Localização do povoado da Tapada da Venda, na Carta Militar de Portugal.

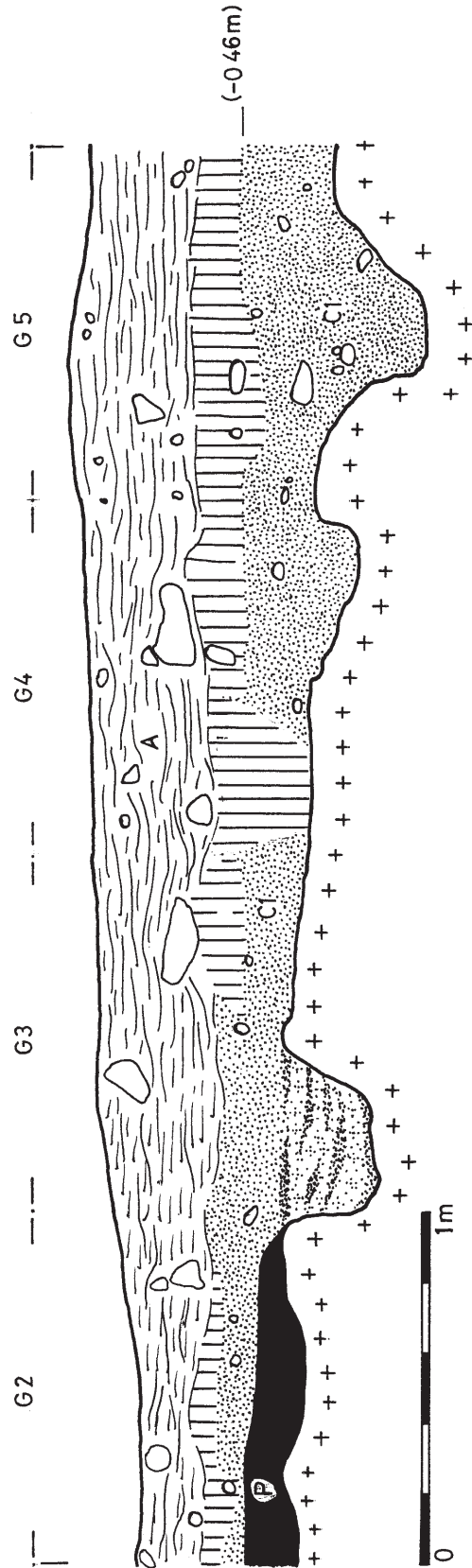


EST. II. Planta geral das escavações. O Corte 1 fica do lado Oeste da EN 206, o Corte 2 fica a Este e o Corte 3 fica, também, a Oeste, mas no topo de um pequeno outeiro.

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA TAPADA DA VENDA, PEDROSO, CELORICO DE BASTO
(NORTE DE PORTUGAL)



EST. III - 2. Tapada da Venda - Corte 2. Perfil Oeste da fossa 1.



EST. III - 1. Tapada da Venda - Corte 2. Perfil Norte dos quadrados G2 a G5, onde podemos observar o nível de ocupação definido pelo topo de um pavimento (P) e algumas fossas abertas no saibro.

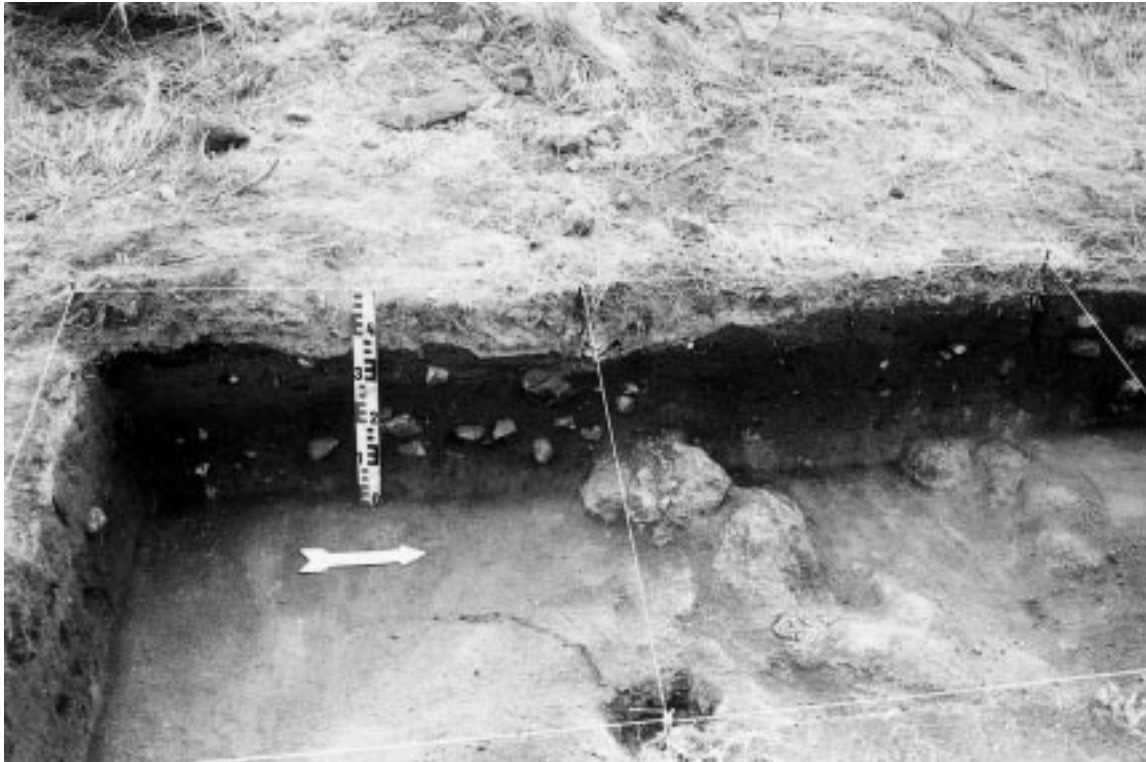


EST. IV – 1. Tapada da Venda. Aspecto geral das escavações de 1978 (Fot. do arq. do Museu D. Diogo de Sousa).



EST. IV – 2. Tapada da Venda. Fossas abertas no saibro, escavadas em 1978 (Fot. do arq. Do Museu D. Diogo de Sousa).

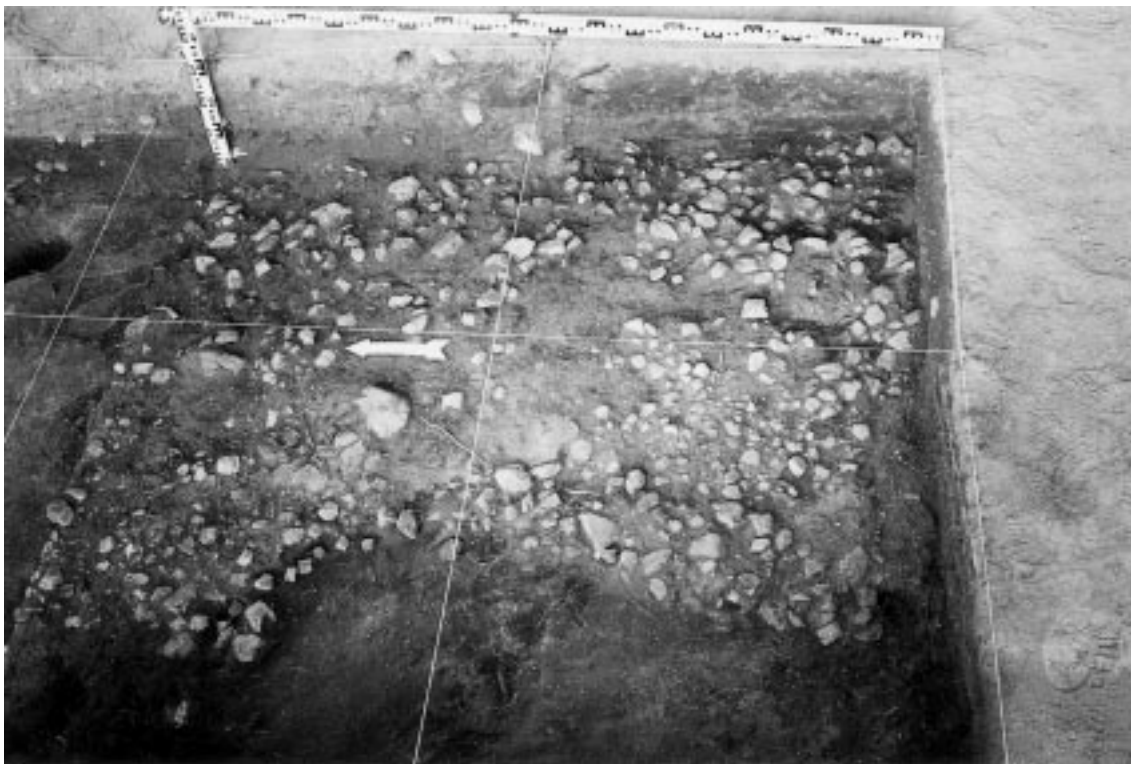
A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA TAPADA DA VENDA, PEDROSO, CELORICO DE BASTO
(NORTE DE PORTUGAL)



EST. V – 1. Tapada da Venda – Corte 1. Aspecto geral do perfil Oeste onde se registam terras de aterros, uma fina camada humosa, anterior aos mesmos e a camada arqueológica. O nível de ocupação regista-se à cota das pequenas pedras.



EST. V – 2. Tapada da Venda – Corte 2. Pormenor de uma pequena fossa do quadrado I1, ladeada por dois buracos de poste.



EST. VI – 1. Tapada da Venda – Corte 2. Empedrado irregular dos quadrados D4, D5, E4 e E5.



EST. VI – 2. Tapada da Venda – Corte 2. Buracos de poste e fossas, escavadas até à arena granítica. No canto inferior esquerdo podemos observar a fossa 1, de contorno muito irregular. Esta continha um enchimento muito heterogéneo, que incluía diversas sementes.

A estação arqueológica dos Penedos Grandes, Arcos de Valdevez (Norte de Portugal): notícia preliminar

Ana Bettencourt
António Dinis
Isabel Sousa e Silva
Carlos Cruz
José Pereira e Josélia Martins¹

ABSTRACT

This article draws upon the recent archaeological excavations at the site of Penedos Grandes (Arcos de Valdevez), which has previously been excavated at the beginning of the twentieth century.

The site is a mountain Bronze Age settlement, which has been occupied for a short term.

0. INTRODUÇÃO

Pretende-se, com esta notícia preliminar, dar a conhecer os trabalhos de escavação arqueológica, realizados durante o mês de Julho do ano de 2001, na estação dos Penedos Grandes², no âmbito do projecto “The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC”³.

A reconstituição da paisagem e do homem na bacia do Lima, durante a Idade do Bronze, foi o objectivo geral deste trabalho, que pretendeu, também, contextualizar as escavações/ /explorações aqui realizadas por Félix Alves Pereira, na década de 1915, e ainda inéditas⁴.

¹ Ana Bettencourt (Professora Auxiliar do Departamento de História da Universidade do Minho), António Dinis (Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Isabel Sousa e Silva (Mestranda de Arqueologia na Universidade do Minho), Carlos Cruz (Mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho) e José Pereira (Mestrando de Arqueologia na Universidade do Minho).

² A escavação contou com a participação de Alda Rodrigues, Carla Carvalho, Lílíana Sampaio e Mónica Salgado – finalistas da licenciatura em História variante Arqueologia da Universidade do Minho, Andreia Silva, Hugo Cardoso, Luciano Vilas Boas, Luís Alves, Maria João Amorim e Nuno Miguel Ferreira – alunos do primeiro ano da licenciatura em História variante Arqueologia da Universidade do Minho e com António Mário Dinis – estudante do Ensino Secundário.

Três funcionários da Junta de Freguesia do Vale participaram na fase final dos trabalhos.

O levantamento de topografia foi da responsabilidade da Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez.

A equipa beneficiou, também, da presença pontual dos Doutores António Caetano Alves e Isabel Caetano Alves, Geólogos do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho e investigadores do projecto em que se inscreve a escavação.

³ Este projecto foi aprovado e financiado pela Fundação da Ciência e Tecnologia, em 2001. Apresentado, no mesmo ano, ao IPA, mereceu aprovação deste organismo.

⁴ A bibliografia, então publicada sobre as intervenções arqueológicas, foi muito genérica. A equipa deste projecto estuda, actualmente, as antigas colecções, em depósito, no Museu Nacional de Arqueologia.

Tentámos, igualmente, perceber as funcionalidades desta estação, assim como recolher ecofactos que permitissem a reconstituição paleo-ambiental do local.

1. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTAL

A estação arqueológica dos Penedos Grandes, localiza-se no distrito de Viana do Castelo, concelho de Arcos de Valdevez, freguesia do Vale, lugar de Penacova, no sítio conhecido pelo Alto da Penacova (Est. I – 1, VI – 1 e VII – 1).

As coordenadas geográficas segundo a Carta Militar de Portugal na escala 1:25.000, folha 16 - são as seguintes: Latitude: 41° 51'15'' N; Longitude: 8° 23' 21'' W e Altitude: 439 metros (Est. I – 1 e 2).

Os Penedos Grandes conectam-se com o outeiro mais a sul do Alto de Penacova, pequeno monte dos contrafortes da serra do Soajo, orientado de nordeste para sudoeste, na confluência dos rios Ázere e Vez. Apesar desta posição privilegiada e da sua excelente visibilidade para a bacia do Lima, a estação dos Penedos Grandes, pela sua altura, deverá considerar-se um local conectado com uma paisagem de montanha. A sua ligação ao planalto faz-se pelo lado nordeste e a um pequeno vale de montanha, pelo lado sul e este. Este vale é formado por várias linhas de água que irão alimentar o rio dos Moinhos, afluente do Vez.

Segundo a Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50000, o substrato rochoso da região é composto por granito de grão grosseiro, que aflora com abundância à superfície formando inúmeros abrigos naturais.

Na vertente oeste, o coberto vegetal é arbóreo, com plantação de Eucaliptos. Nas várias plataformas superiores e nas restantes vertentes a vegetação é arbustiva e herbácea.

O acesso aos Penedos Grandes faz-se a partir do Lugar de Penacova por caminho carreteiro e por caminho de pé posto.

2. METODOLOGIA

Desconhecendo o local exacto das explorações que Félix Alves Pereira dá a entender ter aqui efectuado, optámos por escavar em quatro locais dos Penedos Grandes (Est. II):

- o Corte 1, na plataforma mais a sul do monte e defendida dos ventos de noroeste pelos grandes batólitos que dão nome ao local, parecia ser local privilegiado para acampamento humano, razão pela qual abrimos aqui oito quadrados;
- o Corte 1a, realizado na proximidade do anterior, localizou-se numa pequena área rodeada por batólitos a norte e a sul. Aqui foram abertos três quadrados;
- o Corte 2 foi efectuado numa plataforma intermédia dos Penedos Grandes, também ela protegida por batólitos, a norte e a oeste. Os três quadrados abertos destinavam-se a perceber se a área de ocupação se alargava para norte;
- o Corte 3 foi realizado no interior de um abrigo com entrada virada a sul. Os quatro quadrados aí escavados serviram para determinar se este espaço tinha sido ocupado e qual a sua funcionalidade.

– o Corte 4 foi aberto na plataforma mais elevada dos Penedos Grandes, na extremidade norte deste outeiro. Neste local optámos por escavar quatro quadrados que permitiram determinar as características da ocupação desta área.

Os quadrados de 1 x 1m, foram integrados numa malha orientada a Norte.

A decapagem processou-se por camadas naturais.

Todos os perfis e estruturas foram registados pelo habitual método de desenho e fotografia.

Os fragmentos cerâmicos associados a estruturas, bem como os materiais metálicos, líticos e pequenas concentrações de ecofactos, foram posicionados nas três variáveis, x, y e z.

Os sedimentos provenientes das fossas e buracos de poste foram crivados a seco, com crivos de malha muito fina, capazes de permitir a identificação de sementes de pequeno porte. Os sedimentos sobre pavimentos ou empedrados foram também crivados com o objectivo de se recolherem ecofactos.

O material proveniente da escavação deu entrada no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, onde foi lavado e marcado pela equipa de escavação durante os meses de Outubro e Novembro.

Os líticos de difícil classificação foram identificados por António Caetano Alves e Diamantino Pereira Insua, ambos geólogos que integram este projecto.

Os fragmentos metálicos serão enviados para análises de composição química.

Os ecofactos serão usados para análises de antracologia e carpologia a efectuar por Isabel Figueiral. Dos ecofactos foram retiradas amostras para datação radiométrica a efectuar no Laboratório de Geocronologia, Instituto “Rocasolano” – CSIC de Madrid e no Laboratório Angstrom, da Universidade de Uppsala, Suécia.

A data da amostra, entretanto recebida, foi calibrada pelo programa da Universidade de Oxford, OxCal 3.5 (BRONK RAMSEY, 1995) através da curva de calibração (INTCAL 98, STUIVER *et al.*, 1998).

3. ESCAVAÇÃO

3.1. Corte 1

3.1.1. Estratigrafia (Est. III. 1)

A estratigrafia deste corte apresenta a seguinte sequência:

Camada 0 – Terra castanha, heterogénea, de pouca compacidade, areno-limosa, com raízes de pequeno porte. Ocorre desde logo espólio pois o nível arqueológico encontrava-se à superfície. Corresponde à camada humosa muito pouco espessa.

Camada 1 – Terra castanha escura, homogénea, de compacidade média, arenosa-limosa, com algumas raízes, calhaus de pequeno e médio porte e carvões raros. Camada onde se inscreve o nível arqueológico.

Camada 2 – Arena granítica.

3.1.2. Estruturas

Neste corte apenas encontramos fragmentos dispersos de um pavimento em argila, por vezes com cerca de 5cm de espessura, que sofreu a acção do fogo. Distribuía-se pelos quadrados C8, C7, B7 e B8 a uma cota variável entre os -28 e os -20cm. A corroborar a hipótese da existência de uma cabana neste local registámos, também, argila de revestimento, com o negativo de ramagens.

3.1.3. Espólio da camada 1

Cerâmico

A cerâmica encontrada é de fabrico manual, de pasta arenosa com desengordurantes de quartzo e de feldspato, apresentando, por vezes, alguma mica. As pastas são de textura mediana e grosseira e as cozeduras, redutoras, são de média ou má qualidade. O acabamento é alisado, na quase totalidade. A cerâmica é lisa. As bases são de fundo plano simples. Os bordos são de formas pequenas, médias e médias/grandes.

Lítico

O espólio lítico é escasso e efectuado em matéria-prima local. Registámos alguns fragmentos de seixos, lascas quartzíticas e de quartzo, sem retoque, entre outro material ainda não analisado.

Ecofactos

Apenas se detectaram carvões dispersos na camada. A crivagem não revelou sementes.

3.2. Corte 1a

3.2.1. Estratigrafia (Est. III – 2 e VI – 2)

A estratigrafia deste corte apresenta a seguinte sequência:

Camada 0 – Terra castanha, heterogénea, de pouca compacidade, areno-limosa, com raízes de pequeno porte. Ocorre desde logo espólio pois o nível arqueológico encontrava-se à superfície. Corresponde à camada humosa muito pouco espessa.

Camada 1 – Terra castanha escura, homogénea, de compacidade média, areno-limosa, com algumas raízes, calhaus de quartzo de pequeno e médio porte e carvões raros e dispersos. Camada onde se inscreve o nível arqueológico.

Camada 2 – Terra castanha clara, homogénea, de compacidade média, arenosa, sem carvões. Corresponde à mistura da camada 1 com a arena granítica.

Camada 3 – Arena granítica.

3.2.2. Estruturas

No quadrado B4, entre -92 e -103 cm, apareceu um nível de saibro, descontínuo e pouco espesso, que poderá corresponder ao que resta de um pavimento. Registe-se que a maioria do espólio deste quadrado, assim como dos A2 e B2, se encontra a cotas que não ultrapassam as desta possível estrutura.

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PENEDOS GRANDES, ARCOS DE VALDEVEZ
(NORTE DE PORTUGAL)

Nos quadrados A2 e B2 foi aberta uma fossa (fossa 1) no solo antigo e no saibro. No quadrado B4 foi aberta outra fossa (fossa 2), também no solo antigo e no saibro.

3.2.3. Espólio

Cerâmico

O espólio cerâmico é raro mas semelhante ao encontrado no Corte 1. É de fabrico manual, de pasta arenosa e de textura mediana e grosseira. A cozedura é redutora de média ou má qualidade. O acabamento é alisado ou corroído. Os fragmentos são lisos. As bases são de fundo plano simples. O único bordo exumado é ligeiramente esvasado, de lábio horizontal e corresponde a um vaso de diâmetro médio.

A maioria dos fragmentos aparece dispersa na camada e no interior das fossas.

Lítico

O espólio lítico é muito raro. Apenas detectámos uma possível lasca de xisto (?).

Ecofactos

Ainda não foram crivadas todas as terras deste corte, pelo que registámos, unicamente, carvões recolhidos na camada.

Data de radiocarbono

Foi enviada uma amostra de carvão, da camada 1, para datação por AMS, no Laboratório Angstrom, do Departamento de Ciências Materiais, da Universidade de Uppsala, Suécia. O resultado coloca esta ocupação entre os inícios do séc. X e os fins do séc. IX AC.

Ref. laboratório	C 14 (Anos BP)	Idade calibrada (anos AC - 1 sigma) 68.2%	Idade calibrada (anos AC - 2 sigma) 95.4%
Ua - 19498	2730±50	920-825	1000-800

3.3. Corte 2

3.3.1 – Estratigrafia

A estratigrafia deste corte apresentava as seguintes características.

Camada 1 – Terra castanha, heterogénea, de pouca compacidade, areno-limosa, com raízes de pequeno porte. Ocorre desde logo espólio, muito raro. Corresponde à camada humosa muito pouco espessa.

Camada 2 – Terra castanha escura, homogénea, de compacidade média, areno-limosa, com algumas raízes, calhaus de quartzo de pequeno e médio porte e carvões raros e dispersos. Camada onde se inscreve o nível arqueológico?

Camada 3 – Arena granítica.

3.3.2. Estruturas

Não foram detectadas quaisquer estruturas.

3.3.3. Espólio

Nos três quadrados escavados, apenas se exumaram 6 fragmentos cerâmicos, com características técnicas semelhantes às dos outros cortes.

3.4. Corte 3 (abrigo)

3.4.1. Estratigrafia (Est. IV)

A estratigrafia deste corte é algo complexa pois a sedimentação resultou de escorrências provenientes de vários lados:

Quadrado A3

Camada 1 – Coluvião mais ou menos horizontal, de cor castanha escura, areno-limoso.

Camada 2 – Coluvião inclinado, de cor castanha, areno-limoso, com menos matéria orgânica do que o anterior.

Camada 3 – Coluvião inclinado de cor castanha escura, areno-limoso, com carvões.

Camada 4 – Coluvião inclinado de cor castanha clara, arenoso.

Camada 5 – Coluvião inclinado de cor castanha escura, areno-limoso.

Camada 6 – Coluvião inclinado de cor castanha clara, areno-limoso.

Camada 7 – Coluvião inclinado de cor castanha escura, areno-limoso.

Camada 8 – Arena granítica.

Quadrados A1, B1 e C1 (Est. IV)

Camada 1 – Coluvião formando uma bolsa, de cor castanha escura, areno-limoso com calhaus de média dimensão.

Camada 2 – Coluvião, de cor castanha, areno-limoso, com menos matéria orgânica do que o anterior.

Camada 3 – Coluvião horizontal, de cor castanha clara, areno-limoso, com alguns calhaus de média dimensão.

Camada 3a – Coluvião inclinado, de cor castanha escura, areno-limoso, de média compactidade.

Camada 3b – Coluvião inclinado, de cor castanha clara, mais arenoso que a anterior, de compactidade média.

Camada 3c – Coluvião sensivelmente horizontal, de cor castanha escura, areno-limoso, de média compactidade.

Camada 3d – Coluvião sensivelmente horizontal, de cor castanha clara, arenosa, de média compactidade.

Camada 4 – Sedimentos arenosos, de cor amarelada, compactos, onde se inscrevem manchas de carvões (lareiras?) e calhaus de pequena, média e grande dimensão. Corresponde ao nível arqueológico.

Camada 5 – Sedimentos de terra castanha muito escura, areno-limosa, com carvões dispersos, onde ocorreram transformações antrópicas da ocupação arqueológica. Solo antigo antes da primeira ocupação do local.

Camada 6 – Sedimentos de terra negra, limosa, de fraca compactidade, onde ocorreram transformações antrópicas da ocupação arqueológica. Solo antigo antes da primeira ocupação do local.

Camada 7 – Arena granítica.

3.4.2. Estruturas

Nas camadas 1, 2 e 3 apareceram várias concentrações de carvões, rodeadas por pedras, de diversos tamanhos que interpretámos como sendo lareiras de épocas históricas e resultantes da ocupação do abrigo por pastores que ainda hoje povoam estes montes.

Na camada 1 as lareiras eram de diâmetros muito pequenos, talvez para assar maçãs, de acordo com as informações dos pastores locais.

Na camada 4, no quadrado A1, apareceu uma lareira apenas com carvões e cortiça carbonizada, sobre um pavimento de terra muito compacta, que se estendia pelos quadrados A1, B1 e C1. Sobre este pavimento existiu, também, um aglomerado de pedras de dimensões médias e grandes, parcialmente escavado (perfil oeste dos quadrados A1 e B1) e cuja funcionalidade não conseguimos determinar.

3.4.3. Espólio das camadas 4 e 5

Cerâmico

O espólio cerâmico é raro mas semelhante ao encontrado nos outros cortes. É de fabrico manual, de pasta arenosa e de textura mediana e grosseira. O acabamento é alisado ou corroído. Os fragmentos são lisos e aparecem dispersos na camada.

Destacamos um fragmento de uma pança com aderências metálicas.

Lítico

O espólio lítico é escasso. Resgistámos um polidor duplo, fragmentado, com vestígios de fogo e um seixo quartzítico com retoque lateral unifacial.

Metálico

Exumámos um fragmento em bronze, indeterminado.

Ecofactos

Recolheram-se carvões concentrados numa lareira, fragmentos de cortiça e restos de ossadas de pequena dimensão.

Data de radiocarbono

Uma amostra proveniente da estrutura de combustão da camada 4 insere esta ocupação entre os inícios do séc. VIII e os finais do VI AC, o que não concorda com a data obtida para a camada 1 do corte 1a.

Ref. laboratório	C 14 (Anos BP)	Idade calibrada (anos AC - 1 sigma) 68.2%	Idade calibrada (anos AC - 2 sigma) 95.4%
CSIC - 1832	2494±30	770-750 (2.2%) 700-520 (66%)	788-514 (94.1%) 464-449 (1.8%) 440-428 (1.4%) 422-412 (1.1%)

3.5. Corte 4

3.5.1. Estratigrafia (Est. V e VII - 1 e 2)

A estratigrafia deste corte apresenta as seguintes características:

Quadrados B2, C2 e C3

- Camada 0** – Terra castanha, heterogénea, pouco compacta, areno-limosa, com raízes. Camada humosa. Há já ocorrência de algum material arqueológico.
- Camada 1** – Terra castanha amarelada, arenosa, pouco compacta, com espólio. Não ocupa toda a área dos quadrados abertos neste corte. Camada de ocupação/abandono mais recente.
- Camada 2** – Terra castanha escura, algo compacta, areno-limosa, com carvões dispersos. Na base desta camada regista-se ocupação entre as cotas de -86cm a -92cm.
- Camada 2a** – Terra castanha acinzentada, algo compacta, areno-limosa, com calhaus de pequena dimensão. Só ocorre nos quadrados B2 e C2.
- Camada 2b** – Terra castanha clara ou amarelada, algo compacta, arenosa. É uma bolsa. Só ocorre no quadrado B2.
- Camada 3** – Terra amarelada, arenosa, de média compactidade, sem carvões e com raros vestígios arqueológicos. Estrutura?
- Camada 4** – Terra negra, areno-limosa, de compactidade média, com profusão de carvões. Nesta camada houve um pavimento argiloso, de cor amarela, conservado parcialmente nalguns locais. Camada de ocupação/abandono.
- Camada 5** – Terra castanha, arenosa, algo compacta, com mistura de arena granítica. Solo antigo, estéril.
- Camada 6** – Arena granítica.

Quadrado G4

- Camada 0** – Terra castanha, heterogénea, pouco compacta, areno-limosa, com raízes. Camada humosa.
- Camada 1** – Terra castanha amarelada, arenosa, pouco compacta, com espólio. Camada de ocupação/abandono mais recente.
- Camada 2** – Terra castanha escura, algo compacta, areno-limosa, com carvões dispersos, onde ocorrem dois pavimentos a cotas distintas. Camada de ocupações e abandono.
- Camada 2a** – Saibro correspondente ao último pavimento da camada anterior. Estrutura.
- Camada 3** – Arena granítica.

3.5.2. Estruturas

Neste corte aparecem vários pavimentos de saibro e lareiras. O estado de conservação dos pavimentos não permitiu determinar as suas dimensões.

As lareiras eram formadas por simples acumulações de lenha.

3.5.3. Espólio**3.5.3.1. Camada 1***Cerâmico*

O espólio cerâmico é raro. É de fabrico manual, de pasta arenosa, por vezes com algumas palhetas de mica associadas intencionalmente. A textura é mediana e grosseira. O acabamento é alisado. Os fragmentos são lisos e aparecem dispersos na camada.

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PENEDOS GRANDES, ARCOS DE VALDEVEZ
(NORTE DE PORTUGAL)

Destacamos um fragmento de bordo esvasado, com lábio horizontal, correspondente à forma 2, da tabela formal de A. Bettencourt (1999).

Lítico

O espólio lítico é escasso. Registámos dois fragmentos de seixos.

3.5.3.2. *Camadas 2, 3 e 4 (quadrados B2, C2 e C3) e camadas 2 e 2a (quadrado G4)*

Cerâmico

O espólio cerâmico é agora mais frequente. É de fabrico manual, de pasta arenosa, por vezes com algumas palhetas de mica. A textura é mediana e grosseira. O acabamento é alisado ou corroído. Os fragmentos são predominantemente lisos. O único fragmento decorado é um bordo que apresenta impressões de dedadas sobre o lábio. Há bordos da forma 1 e da 2 da tabela formal de A. Bettencourt (1999).

As bases são de fundo plano liso.

Lítico

O espólio lítico é efectuado com matéria-prima local. Registámos polidores, seixos com vestígios de lípidos, moinhos moventes, pesos sobre seixos e um nódulo de quartzo, fragmentado, com vestígios de fogo.

Ecofactos

Recolheram-se carvões concentrados, fragmentos de cortiça e restos de ossadas de animais. As terras, até agora crivadas, não forneceram sementes.

Data de radiocarbono

Uma amostra de carvões e cortiça da camada 2 do quadrado G4 indicia uma data do II milénio AC para a ocupação mais antiga deste corte.

Ref. laboratório	C 14 (Anos BP)	Idade calibrada (anos AC - 1 sigma) 68.2%	Idade calibrada (anos AC - 2 sigma) 95.4%
CSIC - 1833	3084±30	1410-1365 (32.8%) 1360-1315 (35.4%)	1426-1420 (1.2%) 1414-1288 (86.9%) 1282-1261 (7.3%)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de dados exumados dos cortes 1, 1a e 3 dos Penedos Grandes permitem concluir da existência de apenas um nível de ocupação, enquanto no corte 4 evidenciam-se, pelo menos, dois níveis.

A existência de restos de um pavimento nos quadrados B7, B8, C7 e C8 do Corte 1, sensivelmente à mesma cota, permite admitir que este local não foi perturbado pelas antigas explorações. Já a distribuição do espólio nos quadrados A2 e X1 (mais próximos dos grandes afloramentos graníticos), fazem-nos supor alterações anteriores, muito difíceis de detectar na

estratigrafia atendendo às características das camadas. Talvez tenha sido esta, a zona explorada nos inícios do séc. XX.

A maior concentração de material cerâmico neste corte, também permite colocar a hipótese de ter sido aqui que as comunidades habitaram preferencialmente durante a ocupação mais recente.

O corte 1a, localizado numa área muito abrigada, com fossas abertas no saibro e raridade de espólio, talvez correspondesse a uma área de armazenagem de produtos perecíveis.

Na área intermédia dos Penedos Grandes, ou seja, no Corte 2, não parece ter existido uma ocupação efectiva.

No abrigo (Corte 3), a presença de lareiras, de um artefacto fragmentado e danificado, em bronze e de um fragmento de cerâmica com aderências metálicas poderá indiciar que este local foi usado para actividades metalúrgicas.

No Corte 4, a estratigrafia é complexa e parece revelar alguns processos posdeposicionais, nas camadas superiores, talvez resultantes das antigas explorações. Por este motivo, a sua interpretação é provisória e passível de alteração após estudo mais aprofundado.

Numa primeira análise, parecem ter existido dois momentos de ocupação. Ao mais antigo, entre os finais do séc. XV e os inícios do séc. XIII AC, corresponderia a grande acumulação de ossadas de animais, assim como de pesos de tear ou de rede, em associação com lareiras e pavimentos. Ao mais recente corresponderiam alguns fragmentos de cerâmica e de artefactos líticos, correlacionáveis com os dos outros cortes atribuíveis a um momento da Idade do Bronze Final da bacia do Lima, inserível já no I milénio AC.

Em suma, o tipo de estruturas, artefactos e ecofactos, analisados em associação, autorizam a classificação deste local como um acampamento de topo, de curta/média duração, em paisagem de montanha e, muito provavelmente, associado a actividades pastoris, durante o II milénio AC. Posteriormente, o outeiro terá sido usado esporadicamente durante vários momentos do I milénio AC.

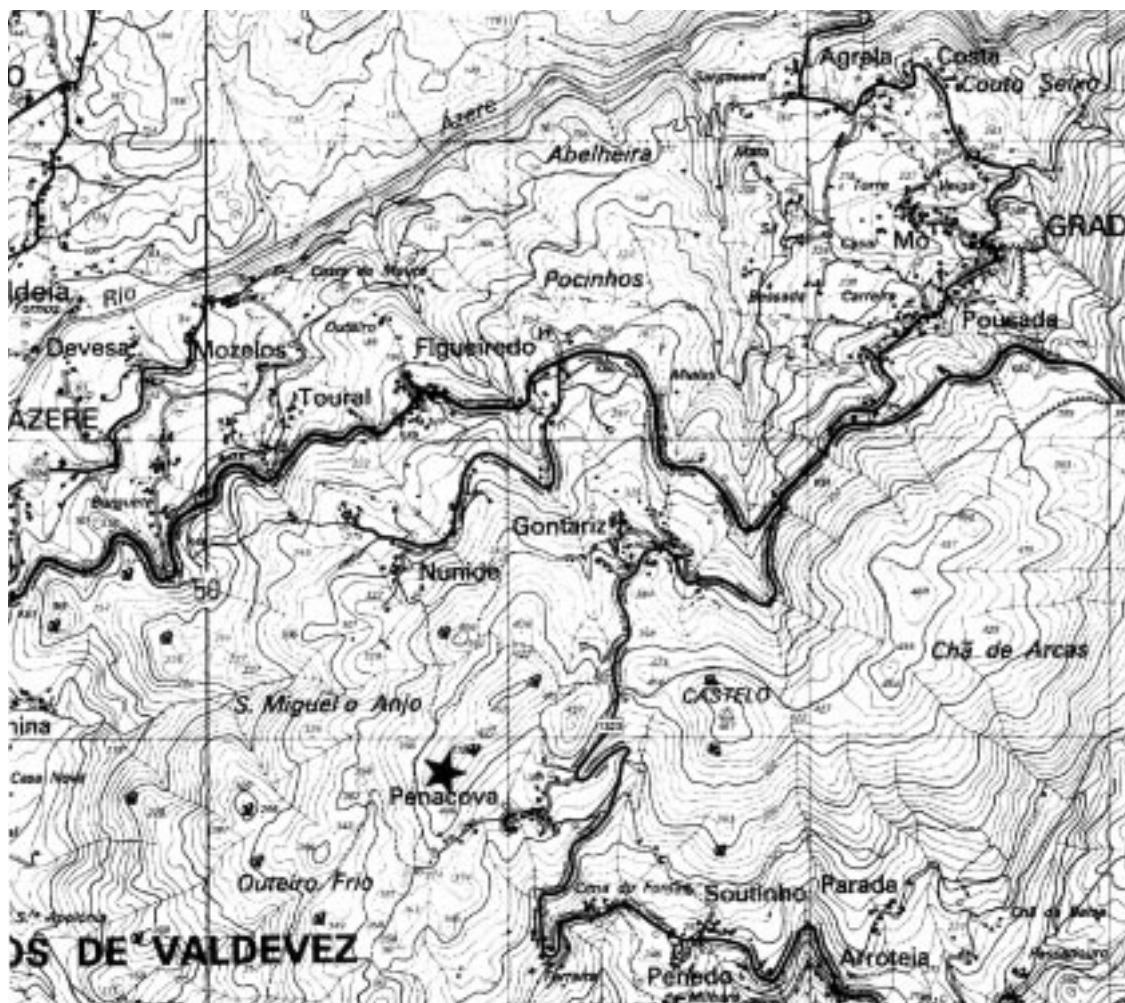
BIBLIOGRAFIA

- BETTENCOURT, A. M. S. (1999), *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols. (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho – policopiada).
- BRONK RAMSEY, C. (1995), Radiocarbon Calibration and Analysis of Stratigraphy: The OxCal Program. *Radiocarbon*, 37 (2), pp. 425-430.
- COSTA, M. A. (1930), Relatório da secção de arqueologia pré-histórica 1929-1930, *Arqueologia e História*, 9, Lisboa, pp. 142-145.
- PEREIRA, F. A. (1915), Cinegética arqueológica, *O Arqueólogo Português*, 20, Lisboa, pp. 224-258.
- STUIVER, M., Reimer, P. J., Bard, E., Beck, J. W., Burr, G.S., Hughen, K. A., Kromer, B., Mc Cormac, G., van der Plicht, J. y Spurk, M. (1998), INTCAL 98 Radiocarbon Age Calibration, 24000 – 0 cal BP. *Radiocarbon*, 40 (3), pp. 1041-1084.

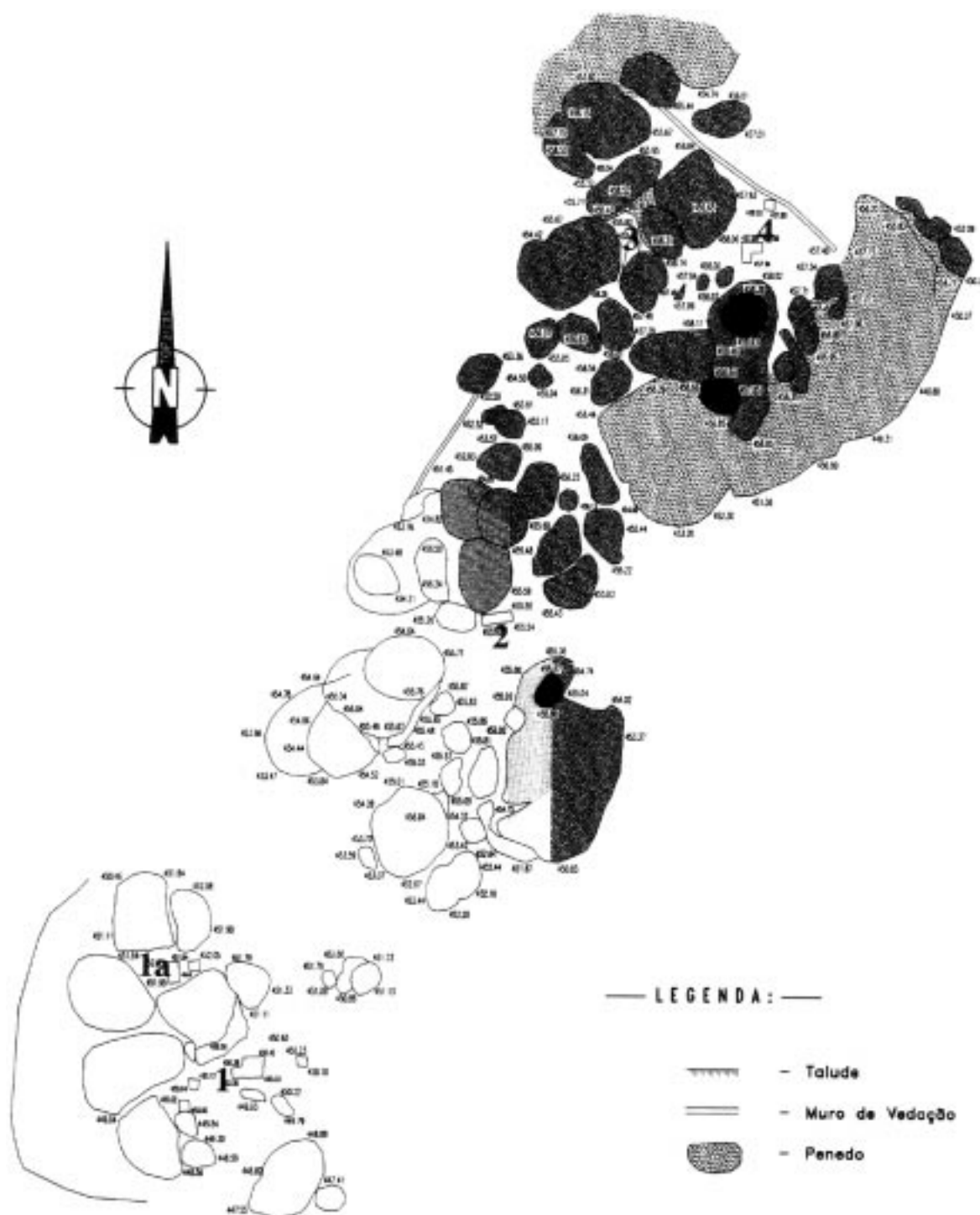
A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PENEDOS GRANDES, ARCOS DE VALDEVEZ
(NORTE DE PORTUGAL)



EST. I-1. Localização do povoado dos Penedos Grandes na Península Ibérica.

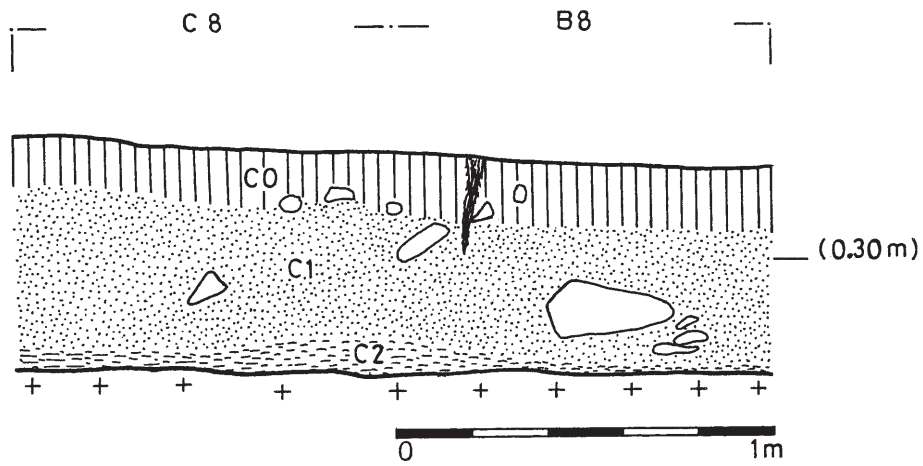


EST. I-2. Localização do povoado dos Penedos Grandes, na Carta Militar de Portugal.

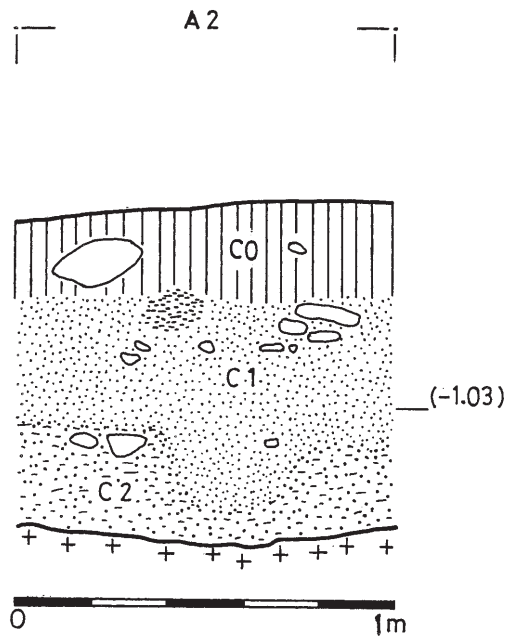


EST. II. Planta geral das escavações.

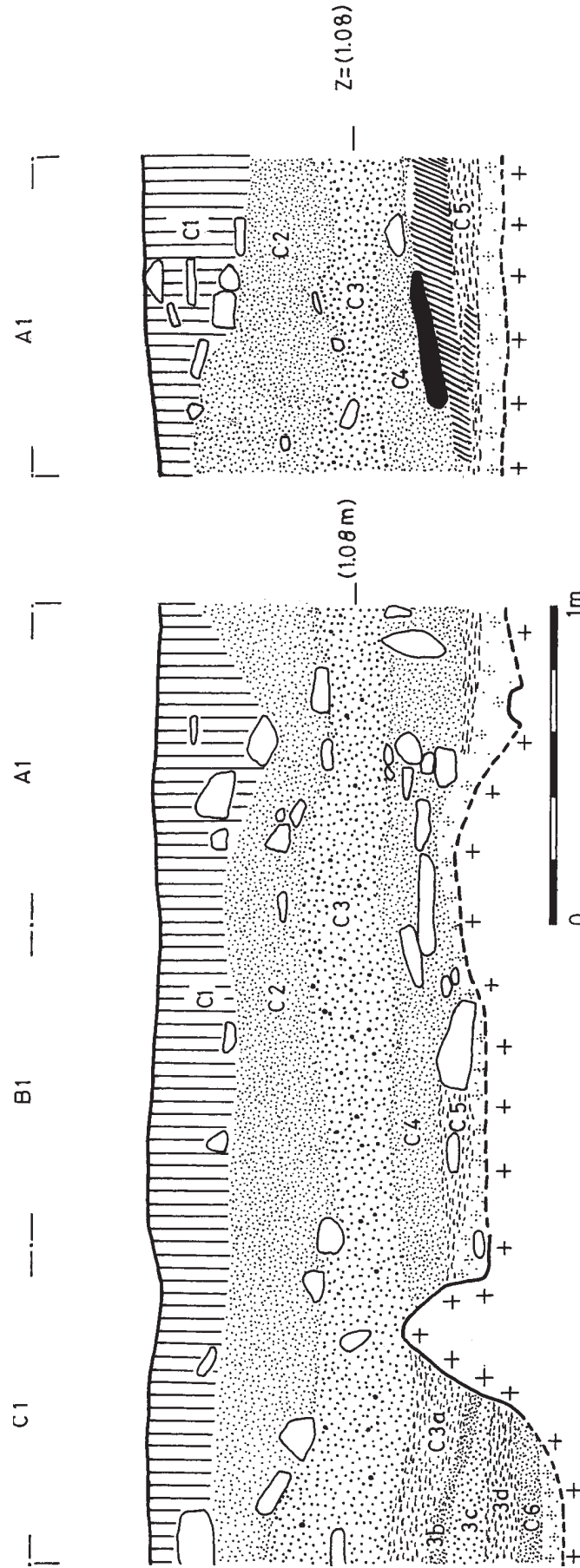
A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PENEDOS GRANDES, ARCOS DE VALDEVEZ
(NORTE DE PORTUGAL)



EST. III - 1. Penedos Grandes - Corte 1. Perfil Este dos quadrados C8 e B8.

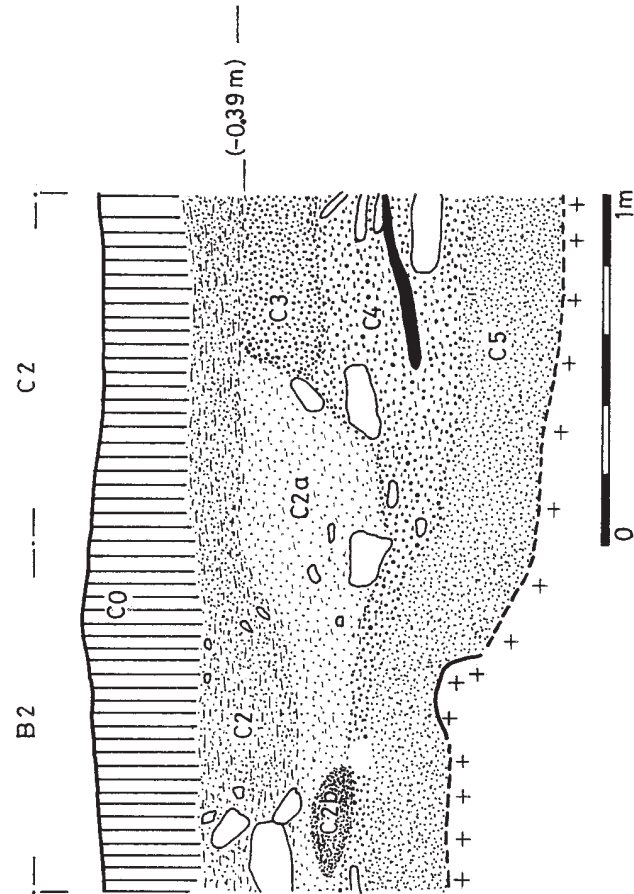
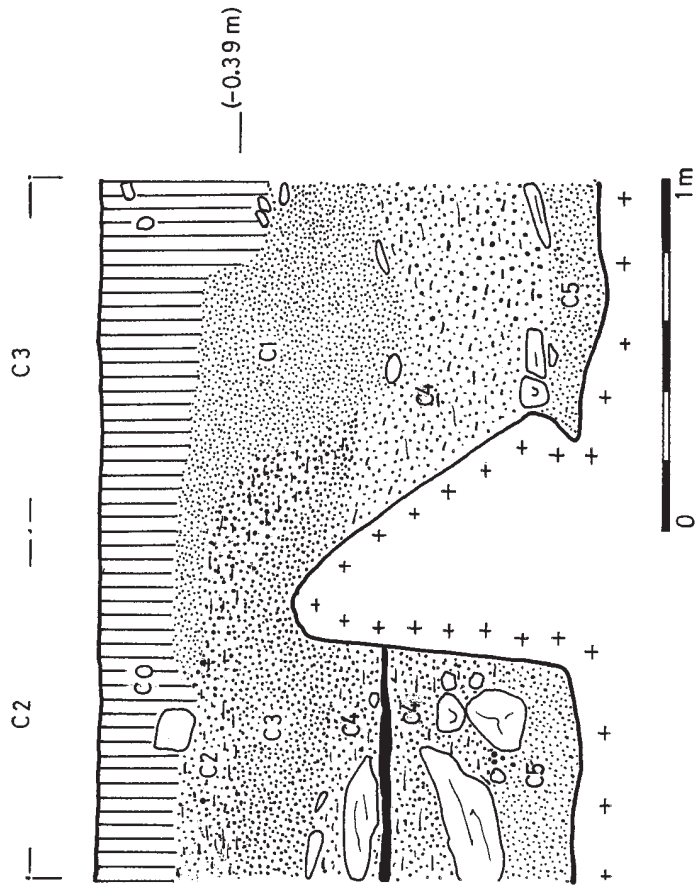


EST. III - 2. Penedos Grandes - Corte 1a. Perfil Sul do quadrado A2 onde se pode observar uma fossa, em parte cortada na arena granítica (cam. 2). O nível de ocupação corresponde, sensivelmente, à cota das pedras dispostas de forma horizontal.



EST. IV - 1. Penedos Grandes - Corte 3. Perfil Oeste dos quadrados C1, B1 e A2 e perfil Sul do quadrado A1. A mancha negra, na camada 4, corresponde a uma lareira, sobre um pavimento (tracejado).

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PENEDOS GRANDES, ARCOS DE VALDEVEZ
(NORTE DE PORTUGAL)



EST. V – Penedos Grandes – Corte 4. Perfil Oeste dos quadrados B2 e C2. Perfil Norte dos C2 e C3. A mancha negra, na camada 4, corresponde a um pavimento de saibro com grande acumulação de carvões e ossos de pequena dimensão.



EST. VI – 1. Penedos Grandes – Vista do lado Sul onde se abriu o Corte 1 (seta).



EST. VI – 2. Penedos Grandes – Local da abertura do Corte 1a.

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PENEDOS GRANDES, ARCOS DE VALDEVEZ
(NORTE DE PORTUGAL)



EST. VII – 1. Penedos Grandes – Vista do lado Norte. Na parte mais alta foi aberto o Corte 4 (seta).



EST. VII – 2. Penedos Grandes – Corte 4. Pormenor do pavimento, em saibro, do quadrado G2 com inúmeros vestígios de lareiras e ossos de pequena dimensão.

NOTA DA REDACÇÃO

A revista PORTVGALIA publicou, no volume 21-22, respeitante ao biénio 2000-2001, um artigo de Maria Conceição Rodrigues, do Instituto de Investigação Científica e Tropical (IICT), intitulado "Contribuição para o Estudo de Estações Arqueohistóricas em Cabo Verde. Os Concheiros de Salamansa e João d'Évora (Ilha de S. Vicente)" (pp. 249-280). Uma parte do estudo, respeitante ao Concheiro de Salamansa, incorpora dados resultantes dos trabalhos de campo levados a efeito em Abril de 1998 por uma equipa coordenada pelo Centro Português de Actividades Subaquáticas (CPAS), em cuja fase inicial a referida investigadora participou. O CPAS, organismo ao qual pertencem os dois investigadores que descobriram aquela estação arqueológica, solicitou, ao abrigo do Direito de Resposta, a publicação de um estudo que se encontra no prelo há cinco anos. Este estudo, intitulado "O concheiro de Salamansa (ilha de São Vicente, arquipélago de Cabo Verde): nota preliminar", da autoria de João Luís Cardoso, A. M. Monge Soares, Francisco Reiner, António Guerreiro, Carlos Barradas, Ricardo Costa e Carlos Carvalho, corresponde, na sua essência, ao Relatório enviado por aquele organismo ao Governo de Cabo Verde, em 1998, no final da missão na Ilha de S. Vicente. Com a publicação deste texto a revista PORTVGALIA pretende assegurar que, conforme lhe foi solicitado, seja respeitada "*a prioridade científica da publicação da descoberta*" e dos resultados da investigação arqueológica ao CPAS, e contribuir para o esclarecimento de uma complexa situação na qual se viu involuntariamente envolvida e à qual é totalmente estranha. Com a publicação deste estudo a direcção da revista PORTVGALIA entende dar por encerrado este assunto.

O concheiro de Salamansa (ilha de São Vicente, arquipélago de Cabo Verde): nota preliminar¹

João Luís Cardoso²
A. M. Monge Soares³
Francisco Reiner⁴
António Guerreiro⁴
Carlos Barradas⁵
Ricardo Costa⁶
Carlos Carvalho⁷

1. INTRODUÇÃO

Em 1993, dois de nós (F. R. e A. G.) percorreram em pormenor toda a orla litoral da ilha de São Vicente, tendo em vista o estudo da sua fauna de moluscos no âmbito da Missão Armadão I. Num fim de tarde, quando se percorria tracho setentrional da baía de Salamansa, uma pequena elevação imediatamente sobranceira à praia despertou a atenção; ali se acumulava, à superfície e em corte provocado pela ondulação marinha, grande quantidade de conchas, ossos de animais, porções de carapaças e de plastrões de tartaruga que, somados a fragmentos muito grosseiros de cerâmicas manuais, configuravam a existência de um concheiro de interesse arqueológico.

Por ocasião da Exposição “Cabo Verde Profundo”, realizada na sede do Centro Português de Actividades Subaquáticas (CPAS), alguns dos materiais dali expostos mereceram a atenção de entidades caboverdianas, designadamente do que foi depois Ministro da Cultura, Sr. Arq. António Jorge Delgado, do Embaixador de Cabo Verde em Portugal e do Conselheiro de Embaixada, Dr. Fernando Wahnnon Ferreira.

Desde logo foi manifestado, pelas referidas entidades, o interesse em promover intervenção arqueológica no local, tendo em vista o cabal esclarecimento das características e

¹ O presente texto (excepto o cap. 3), corresponde ao relatório enviado pelo CPAS ao Governo de Cabo Verde, em 1998, tendo-se mantido inédito.

² Agregado em Pré-História. Universidade Aberta (Lisboa).

³ Instituto Tecnológico e Nuclear (Sacavém).

⁴ CPAS e Projecto Delfim – Centro Português de Estudos de mamíferos marinhos.

⁵ CPAS.

⁶ CPAS e W.A.RP – Wide Adventure Reporters.

⁷ Secretaria de Estado da Cultura de Cabo Verde.

da época da referida ocupação humana. Em conformidade, organizou-se programa que pudesse dar resposta a tais objectivos, ficando a montagem dos indispensáveis apoios logísticos e financeiros, bem como os contactos oficiais, a cargo do CPAS, sendo a direcção dos trabalhos de campo e de gabinete confiada ao primeiro dos signatários. Com efeito, a realização desta intervenção afigurava-se urgente: dos cerca de cem metros que a estação possuía à data da sua descoberta, cerca de três quartas partes desaparecera entretanto, em consequência da constante acção erosiva do mar, cuja ondulação atinge toda a frente do concheiro, constituído por materiais muito pouco consolidados.

2. TRABALHOS REALIZADOS, RESULTADOS OBTIDOS

Os trabalhos de campo iniciaram-se pela regularização da frente do concheiro exposta à acção marinha, tendo-se crivado todas as terras desmontadas (Fig. 1), que formavam talude ao longo de todo o comprimento da acumulação, com cerca de vinte e dois metros de comprimento máximo. Para o efeito, implantou-se no terreno marcação de metro a metro, que possibilitou a recolha da totalidade dos materiais pelos sectores assim definidos, ainda que desprovidos de indicações estratigráficas, por corresponderem a desmontes da própria acumulação.

Depois de limpa e regularizada a frente exposta do concheiro (Fig. 3), procedeu-se à respectiva descrição e interpretação estratigráfica, com base nos sectores previamente definidos. A descrição efectuada sector por sector, bem como a amostragem exaustiva realizada, segundo a estratigrafia descrita foi da estrita responsabilidade de um de nós (J. L. C.); a respectiva interpretação, será apresentada em próximo trabalho. Foi ainda efectuado o respectivo levantamento gráfico e fotográfico de pormenor, que permitiram ilustrar diversos aspectos dignos de serem desde já destacados:

- Existência de diversos pisos de barro cosido, de espessura centimétrica a milimétrica, evidenciados pela coloração castanho-alaranjada que adquiriram devido ao calor (Fig. 6). Estes pisos, de desenvolvimento regular e uniforme, ainda que de aspecto lenticular, situar-se-iam no interior de unidades habitacionais de carácter muito precário, tendo adquirido a referida coloração, acompanhada de aumento de dureza, em resultado de incêndios que teriam atingido as cabanas, de forma recorrente;
- Os referidos pisos encontram-se limitados de um dos lados do corte exposto por amontoado de blocos de rochas ígneas, de origem local, constituindo muro, derrubado para o que seria o interior da primitiva cabana; torna-se no entanto difícil avaliar se esta correspondia a estrutura de planta quadrangular ou rectangular, de pequenas dimensões, como as que actualmente se observam no próprio local, ocupadas por pescadores, ou de simples pára-vento, como os também observados na zona norte da ilha. Esta questão só poderá ser resolvida mediante a escavação em extensão do sítio;
- Do lado externo da referida estrutura habitacional, em local imediatamente adjacente, observaram-se sucessivos leitos de cinzas finamente estratificados, de coloração esbranquiçada, por vezes alternantes com camadas de conchas muito fragmentadas. Trata-se de despejos de detritos domésticos produzidos na referida cabana, correspondendo as cinzas a varreduras de lareiras e as conchas a restos de refeições (Fig. 5); a sua abundância está, assim, ligada à formação do próprio montículo artificial

justificando a designação de “concheiro”. Verificou-se que a espécie mais abundante é a *Patella lugubris*, representada por grandes exemplares inteiros concentrados na parte superior da sequência estratigráfica; porém, ocorrem também restos de tartaruga, alguns deles alterados pelo calor, indicando o modo como os animais foram consumidos, a par de restos ictiológicos, em finíssimos leitões compactos. Especialmente junto da extremidade oriental do concheiro, abundavam ossos de cabra, frequentemente inteiros, em parte expostos pelo desmonte provocado pelo mar, conservando-se outros ainda *in situ* (Fig. 2). Tais restos foram datados pelo radiocarbono;

- Em estreita associação com os restos referidos, e dispersos entre eles, recolheram-se numerosos fragmentos cerâmicos, quase todos lisos e feitos manualmente ou ao torno lento, correspondendo a potes ou a taças fundas, de bom acabamento (Fig. 7, nº. 4; Fig. 8, nº. 7). Apenas alguns fragmentos ostentam decorações incisadas, produzidas por ponteiros deslizantes na pasta fresca, em motivos muito simples (Fig. 7, nº. 5). Um dos fragmentos recolhidos em 1993 possui decoração impressa de rosetas, produzida por matriz, talvez metálica (Fig. 7, nº. 6). As colorações dos recipientes são, via de regra, anegradas e as pastas médias a grosseiras, apresentando superfícies pouco alisadas, ou mesmo rugosas. Importa, no prosseguimento dos trabalhos, proceder a comparações com cerâmicas da Idade do Ferro da costa ocidental africana;
- Recolheram-se diversos artefactos líticos (raspadores e raspadeiras), executados sobre lascas (Fig. 7, nº. 1), por vezes obtidas de seixos rolados de rocha siliciosas (Fig. 7, nº. 2); é de destacar um furador espesso e curto, sobre lasca de sílex (Fig. 7, nº. 3);
- O conjunto de objectos metálicos é escasso, estando presentes espigões de ferro, muito oxidados e de diversos tamanhos (pregos ?), e raros materiais de ligas cupríferas, difíceis de classificar devido ao mau estado de conservação;
- Uma ocorrência, detectada aquando da regularização do corte e perto da sua base merece destaque particular por possuir evidente simbolismo: trata-se de um vaso inteiro, de excelente acabamento, realizado manualmente ao torno lento (Fig. 8, nº. 8), o qual foi depositado intencionalmente, com a boca voltada para baixo, sob um dos pavimentos supra referidos: no corte. Na Fig. 4, observa-se bem o pequeno covacho realizado para a sua deposição, que cortou o referido pavimento. O seu interior revelou resíduos anegrados, depositados sobre o fundo; trata-se, também, de assunto que merece ser desenvolvido em próximo trabalho.

3. CRONOLOGIA ABSOLUTA

No Quadro I apresentam-se as datas convencionais de radiocarbono obtidas para o concheiro de Salamanca acompanhadas de alguns dados julgados pertinentes.

Quadro I

Ref. de Laboratório	Ref. da Amostra	Tipo de Amostra	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Data convencional de ^{14}C (BP)
Sac-1616	Salamanca C1	Ossos	-13,13	275±60
Sac-1528	Salamanca C1 P	<i>Patella spp.</i>	-4,63	860±40
Sac-1530	Salamanca C2 P	<i>Patella spp.</i>	0	730±35
Sac-1531	Salamanca C6 P	<i>Patella spp.</i>	3,10	830±35

Note-se que Sac-1616 e Sac-1528 correspondem a duas datas obtidas a partir de amostras contemporâneas mas provenientes de reservatórios geoquímicos diferentes – da biosfera terrestre e da biosfera marinha, respectivamente. Deste modo é possível determinar o valor de DR para as águas costeiras da Ilha de S. Vicente, tendo em atenção o proposto por Stuiver e Braziunas (1993). O valor obtido a partir da curva – 690 BP – subtraído do valor de Sac-1528 permite atribuir a DR o valor de **170±40** anos. Tendo em atenção este valor de DR é possível calibrar as datas Sac-1530 e Sac-1531 fazendo uso da curva de calibração para organismos marinhos (Stuiver, Reimer e Braziunas, 1998), enquanto que a data Sac-1616 será calibrada fazendo uso da curva para amostras da biosfera terrestre (Stuiver *et al.*, 1998). No Quadro II encontram-se indicados os valores destas datas calibradas, as quais são apresentadas como intervalos máximos indicando-se, entre parêntesis, a intersecção com a curva de calibração.

Quadro II

Ref. de Laboratório	Data ¹⁴ C (BP)	Data Calibrada	
		1 (sigma) cal AD	2 (sigma) cal AD
Sac-1616	275±60	1520(1644)1786	1470(1644)1947
Sac-1528	730±35	1681(1708)1821	1655(1708)1950
Sac-1530	830±35	1621(1658)1684	1525(1658)1713

Por outro lado, fazendo uso do programa CALIB REV. 4.3 (Stuiver e Reimer, 1993) obtiveram-se graficamente as datas calibradas em causa.

Tendo em atenção os dados do Quadro II facilmente se verifica que a amostra da Camada 6 (Sac-1531) é mais antiga que a da Camada 2 (Sac-1530), mas que existe uma probabilidade razoável das amostras provenientes da Camada 1 (que não provêm do mesmo sector onde foram recolhidas as outras amostras e por isso as camadas não poderão ser correlacionadas lateralmente) serem as mais antigas de todas ou *grosso modo* serem contemporâneas da amostra proveniente da camada 6. De qualquer modo, a formação do concheiro será atribuível aos sécs. XVII e XVIII existindo, no entanto, uma probabilidade razoável de se ter iniciado ainda no séc. XVI. Note-se, por outro lado, o número diminuto de datas disponíveis para um sítio arqueológico tão complexo como é um concheiro e que o valor de DR determinado o foi apenas com um par de datas, o que torna a fiabilidade das calibrações efectuadas também diminuta.

Em publicação recentemente dada à luz sobre este concheiro (Rodrigues, 2001/2001) refere-se (p. 258) que as datas de radiocarbono obtidas no ITN – por conseguinte, as constantes do Quadro I – “permitiram estabelecer a cronologia absoluta do concheiro definida entre os séculos XV e o XVII d.C.”, sem que sejam apresentados os dados que justifiquem tal afirmação, pelo que, tendo em conta o que agora se publica, se terá de considerar como gratuita e sem base científica.

BIBLIOGRAFIA

BRITO, K.-Z. (1998) – Estação arqueológica de potencial interesse histórico. *A Semana*, 3 de Abril de 1998 (jornal semanário editado em Cabo Verde), p. 3.

- BRITO, K.-Z. (1998) – “Descoberta arqueológica de salamansa. Resultados laboratoriais não demoram muito”. *A Semana*, 15 de Maio de 1998 (jornal semanário editado em Cabo Verde), p. 2.
- LOPES, J. V. (1998) – “O mistério de Salamansa”. *Público*, 15 de Abril de 1998, p. 24.
- PINA, A. Dias de; PINA, C. de (1998) – “Vestígios de ocupação antiga em salamansa”. *A Semana*, 3 de Abril de 1998 (jornal semanário editado em Cabo Verde), p. 1-3.
- RODRIGUES, M. C. (2000/2001) – “Contribuição para o estudo de estações arqueohistóricas em Cabo Verde. Os concheiros de Salamanca e João d’Évora, Ilha de S. Vicente”. *Portugália*. Porto. Nova Série, XXI-XXII, p. 249-280.
- STUIVER, M.; BRAZIUNAS, T. F. (1993) – “Modeling Atmospheric ^{14}C Influences and ^{14}C Ages of Marine Samples to 10,000 BC”. *Radiocarbon*. Tucson. 35: 1, p. 137-189.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J. (1993) – “Extended ^{14}C Data Base and Revised CALIB 3.0 ^{14}C Age Calibration”. *Radiocarbon*. Tucson. 35: 1, p. 215-230.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J.; BARD, E.; BECK, J. W.; BURR, G. S.; HUGHEN, K. A.; KROMER, B.; McCORMAC, F. G.; van der PLICHT, J.; SPURK, M. (1998) – “INTCAL98 Radiocarbon Age Calibration, 24,000-0 cal BP”. *Radiocarbon*. Tucson. 40: 3, p. 1041-1083.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J.; BRAZIUNAS, T. F. (1998) – “High-Precision Radiocarbon Age Calibration for Terrestrial and Marine Samples”. *Radiocarbon*. Tucson. 40: 3, p. 1127-1151.



Figura 1 – Recolha e crivagem do talude de desmonte do concheiro, segundo a quadrícula métrica previamente definida, visível em primeiro plano.



Figura 2 – Ossos de cabra doméstica aflorantes no talude de desmonte do concheiro e observados em corte, na respectiva camada arqueológica, utilizados para datação.



Figura 3 - Vista parcial do corte do concheiro, depois de regularizado.



Figura 4 - Vaso depositado ritualmente com a abertura para baixo, encontrado na base da sequência estratigráfica, sob um piso de cabana; observa-se nitidamente a interrupção do referido piso aquando da abertura do covacho destinado ao enterramento do vaso, na zona assinalada pela escala. Ver Fig. 6.



Fig. 5 - Pormenor das lenticulas de cinzas esbranquiçadas (varreduras de fogueira), situadas do lado externo da parede de cabana ou de paravento constituída por blocos de rochas lávicas, visíveis do lado esquerdo, muito derruída.

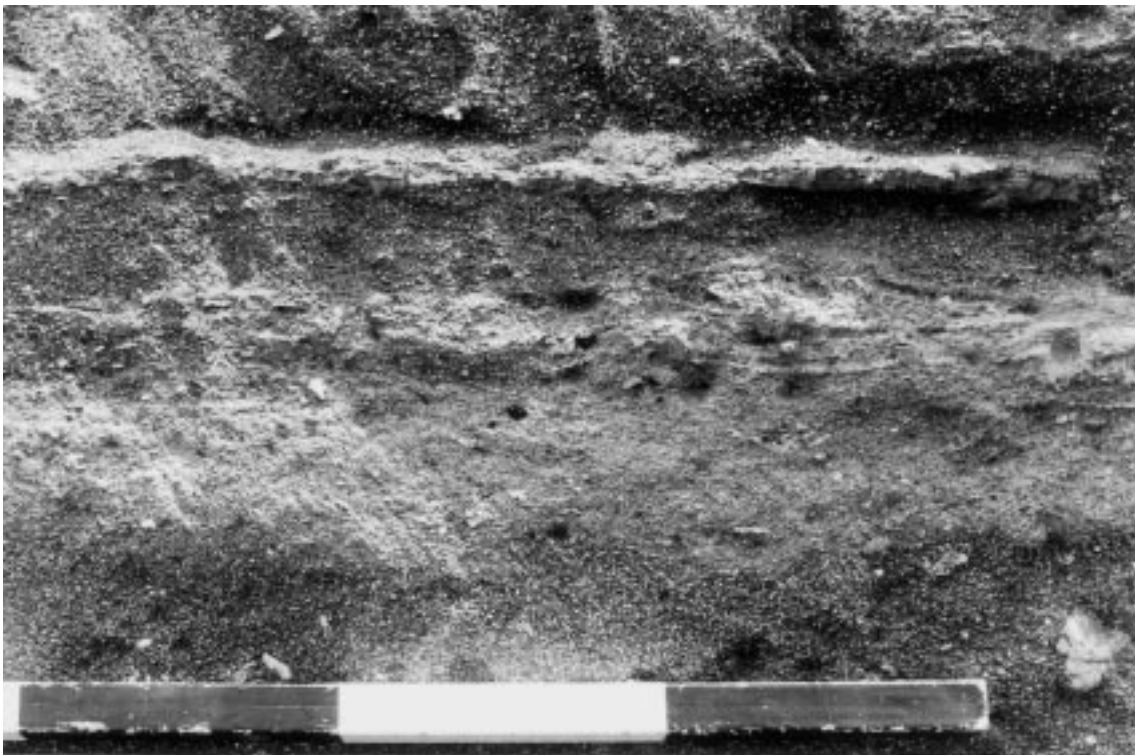


Fig 6 - Pormenor de piso de cabana sob o qual se enterrou ritualmente o vaso da Fig. 4, evidenciado por uma fina lenticula avermelhada endurecida, de argila cozida pelo calor, resultante de incêndio.

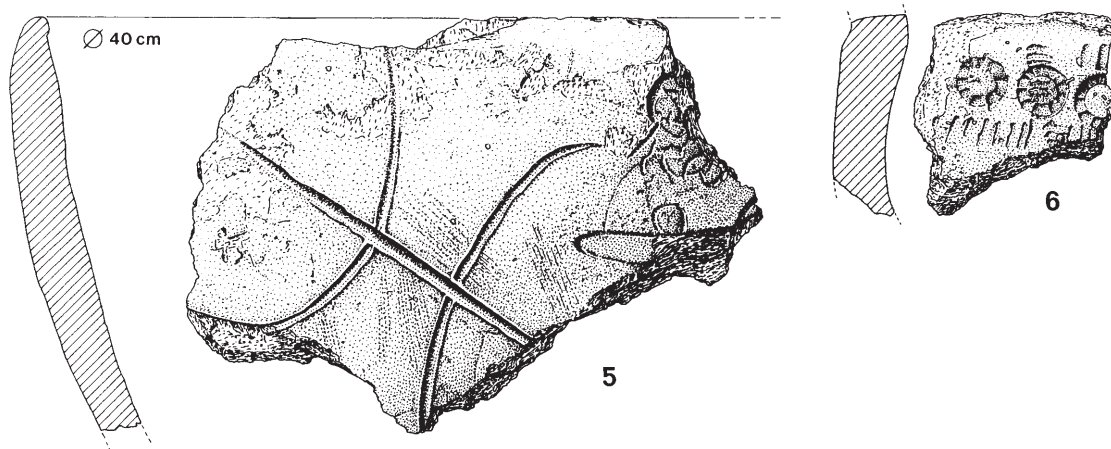
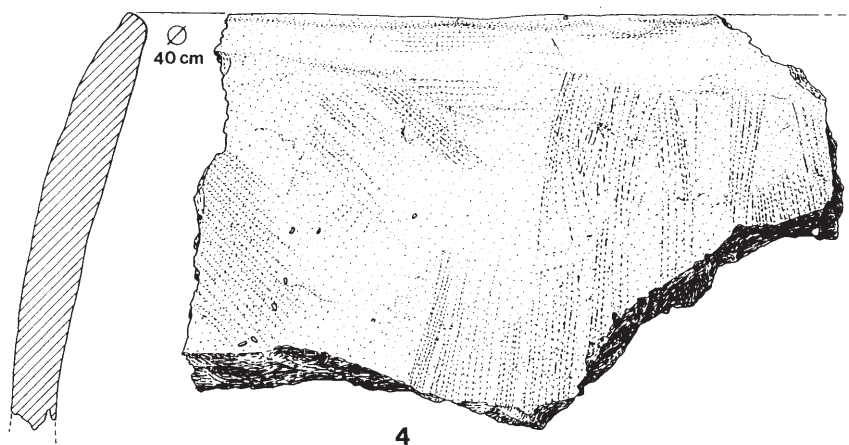
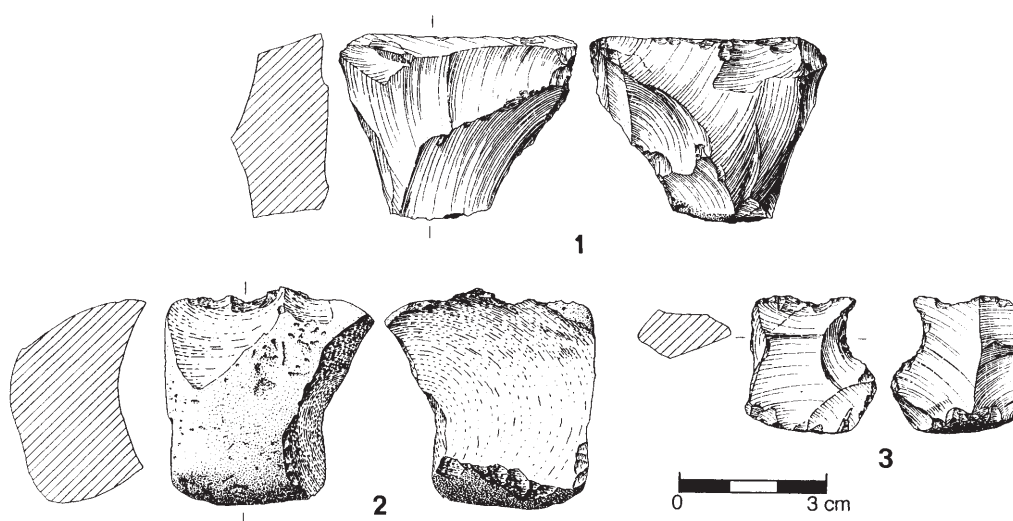


Fig. 7 – Em cima: indústrias líticas (raspador sobre lasca de sílex (1); raspadeira sobre lasca obtida de seixo de rocha siliciosa grosseira (2); e furador curto e espesso "bec", sobre lasca de sílex (3)).
Em baixo: cerâmicas lisas e decoradas por incisão (5) e impressão de matriz em roseta, talvez metálica (6).

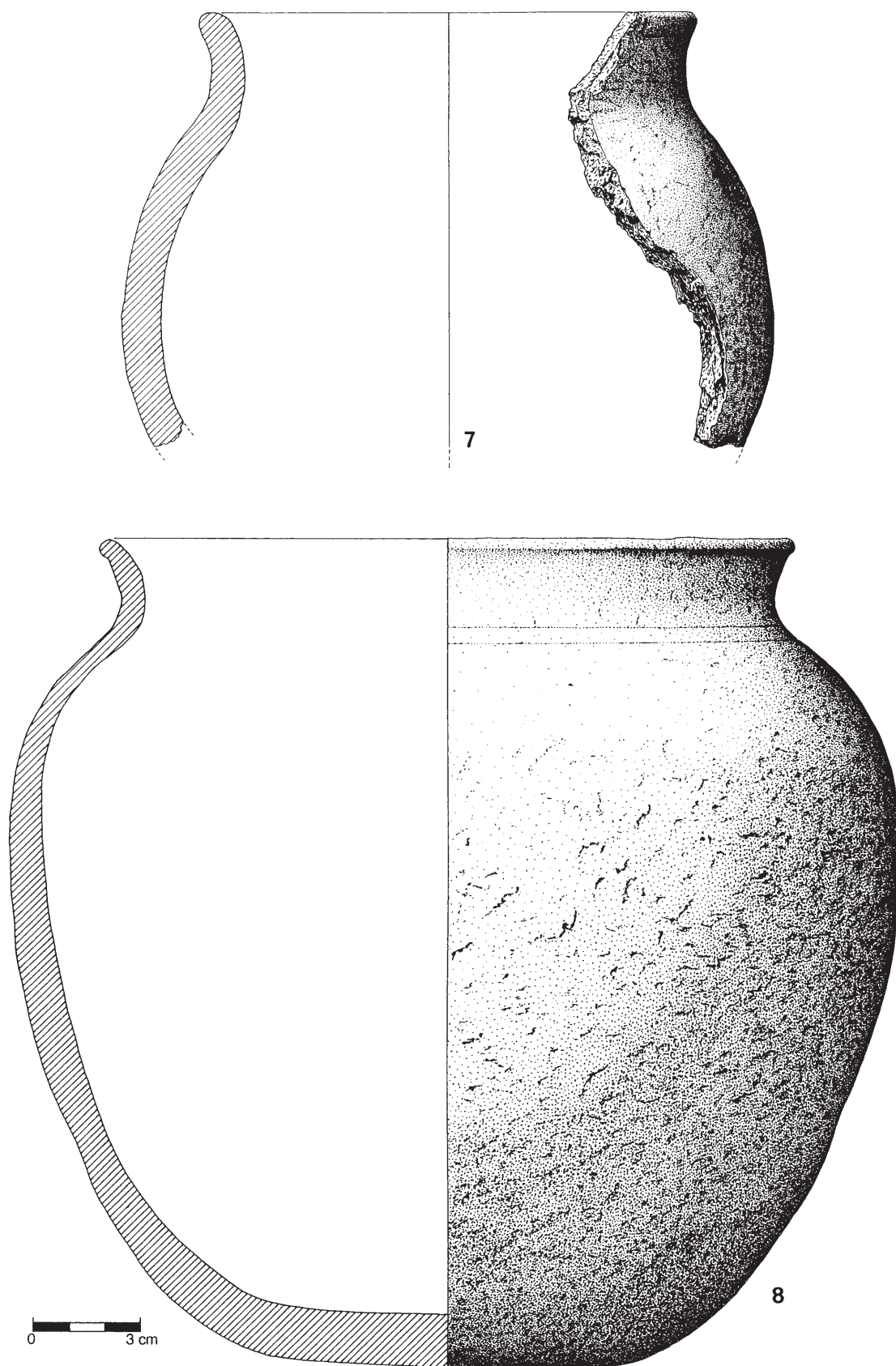


Fig. 8 - Cerâmicas lisas correspondentes a potes feitos manualmente ao torno lento. O exemplar nº 8 corresponde ao exumado sob piso da cabana (ver Fig. 4).

RECENSÕES CRÍTICAS

Recensões Críticas

Adel SIDARUS (Ed. de); Pierre GUICHARD (Introdução de) – *Fontes da História de al-Andalus e do Gharb*, Lisboa, Centro de Estudos Africanos e Asiáticos – Instituto de Investigação Científica e Tropical, 2000, 190 pp. + 5 estampas (ISBN 972-672-887-8).

Adel SIDARUS (Ed. de); Humberto Baquero MORENO (Introdução de) – *Islão Minoritário na Península Ibérica*, [«Biblioteca de Estudos Árabes», vol. 7], Lisboa, Hugin, 2002, 119 pp. (ISBN 972-794-097-8).

Com coordenação do Doutor Adel Sidarus (do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora), foram dados à estampa, num passado recente, estas duas colectâneas de estudos que ficam a marcar um lugar importante no contexto dos estudos de História que, entre nós, têm sido dedicados à presença e à herança muçulmana no Sul de Portugal. O que une estes dois volumes não é apenas o facto de terem o mesmo *editor* (no sentido britânico do termo), mas sobretudo o facto de eles serem a face visível de um estimulante projecto de investigação intitulado «*O Sudoeste Peninsular na Época Árabo-islâmica. Estudo e tradução de fontes e de literatura*», coordenado por Adel Sidarus, que foi aprovado e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do PRAXIS XXI. Este Projecto de Investigação propõe, como se revela na sua subtítuloção, editar as fontes documentais e literárias árabes referentes ao Gharb al-Andalus, em traduções realizadas directamente a partir dos originais em árabe. Como se compreende, um projecto desta natureza reveste-se de uma enorme importância para os estudos da presença muçulmana no território português uma vez que, para se aprofundar e renovar os nossos conhecimentos, dando-se um almejado salto qualitativo, é fundamental que os investigadores – historiadores e arqueólogos – tenham à sua disposição edições fidedignas das fontes históricas. É certo que possuímos, desde 1972-1974, a colectânea de fontes reunida por António Borges Coelho, que prestou (e continua a prestar) importantes serviços para quem pretende investigar sobre estes temas¹. No entanto, como se sabe, as traduções desta colectânea não foram realizadas directamente a partir do original em árabe mas, na sua maioria, a partir de versões castelhanas. O projecto coordenado por Adel Sidarus, congregando um conjunto de perto de três dezenas de investigadores, tem ainda a vantagem de encarar o conceito de «fonte histórica» de uma forma alargada, plurifacetada, englobando não apenas registos cronísticos e as descrições geográficas, mas também a componente literária (nomeadamente a poesia), toponímica, numismática e epigráfica. No âmbito desse projecto de investigação foram organizadas três mesas-redondas onde se procurou estabelecer um balanço dos nossos conhecimentos actuais e definir vectores de actuação. A primeira dessas mesas-redondas, consagrada às «Fontes da História de al-Andalus e do Gharb», decorreu em Évora em Abril de 1998; a segunda, sobre o «Islão minoritário na Península Ibérica», teve lugar em Évora em Junho de 1999; e a terceira, dedicada à «Literatura e Cultura no Gharb al-Andalus», teve lugar em Lisboa em Abril de 2000. Os volumes em apreço resultam da edição das actas dos dois primeiros encontros. Não iremos, aqui, proceder a uma recensão crítica

¹ António Borges Coelho (organização, prólogo e notas de), *Portugal na Espanha Árabe*, 4 vols., Lisboa, Seara Nova, 1972-1974 (2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1989).

destes dois volumes (pelo menos na estrita acepção da expressão «recensão crítica»), nem tão pouco a uma análise pormenorizada dos textos neles publicados. Limitar-nos-emos a fazer uma apresentação do conteúdo global destes volumes para que o leitor eventualmente interessado possa aferir da sua importância e do seu interesse.

O volume sobre as *Fontes da História de al-Andalus e do Gharb* constituiu um precioso instrumento de trabalho para quem se dedica a estes temas ou neles se pretende iniciar. Ao todo, e para além da «Introdução», da autoria de Pierre Guichard, e da apresentação do Projecto, por Adel Sidarus, são publicados oito contributos, quase todos eles assinados por autores estrangeiros, estruturados em dois grandes núcleos: um dedicado às fontes árabes, outro às fontes cristãs. A abrir o primeiro, Emilio Molina López apresenta, em «La Historiografía andalusí», um balanço crítico das edições de fontes para a História muçulmana da Andaluzia, fundamental para quem se quiser orientar nos meandros desse complexo universo onde, nas últimas décadas, se tem vindo a registar um crescente número de edições. Mas o seu contributo não se esgota na análise das fontes escritas, alargando-se igualmente à articulação entre estas e os dados arqueológicos, onde se têm registado alguns contributos interessantes (como, entre outros, os estudos de Juan Souto sobre os dados das fontes documentais para o conhecimento da arquitectura muçulmana). Christophe Picard apresenta, em «La connaissance du Garb al-Andalus. Une documentation variée», um balanço centrado no estudo do espaço português, que este investigador francês conhece bem e ao qual já dedicou diversos estudos e obras ao longo da última década e meia². Segue-se um estudo de Bruna Soravia sobre a produção literária e o contexto cultural durante as Taifas, e um balanço de Maria Antónia Martínez Núñez sobre o «al-Andalus y la documentación epigráfica». Este texto, que não se circunscreve ao espaço português mas que se alarga ao al-Andalus, procura sintetizar e problematizar os conhecimentos actuais de epigrafia muçulmana e, a cada passo, nele são referidos exemplos portugueses. Sublinhem-se as reflexões dedicadas à inscrição almoada de Silves, de 1227, e o derradeiro ponto, consagrado a uma visão global da epigrafia do Gharb al-Andalus. Tal como já sublinhamos para outros textos desta colectânea, o estudo de Maria Antónia Martínez é um bom ponto de partida para quem quiser penetrar nos domínios da Epigrafia Muçulmana portuguesa (onde conhecemos perto de sete dezenas de inscrições muçulmanas, a pedirem a edição de um *Corpus Epigráfico* ...). O seu contributo encerra com um bom elenco da bibliografia específica disponível. Segue-se a derradeira comunicação desta primeira parte, assinada por Maria Jesús Viguera Molins e dedicada à ocupação muçulmana na zona das Beiras, com particular incidência sobre a zona raiana de Riba-Côa. Este texto debruça-se sobre uma zona mais setentrional, tradicionalmente pouco explorada pelos investigadores que se dedicam à presença muçulmana, explorando bem os dados toponímicos. Já era, no entanto, conhecido uma vez que ele foi publicado nas actas do congresso *O Tratado de Alcanices e a importância histórica das Terras de Riba Coa*³, como de resto é devidamente assinalado no presente volume. Esta circunstância retira alguma novidade ao estudo mas não reduz o seu enorme interesse científico. A segunda parte, consagrada às «Fontes Cristãs» e ao contributo que elas podem trazer para o conhecimento da presença islâmica no território português, abre com uma comunicação de Stéphane Boissellier, autor de uma recente síntese sobre a história dos territórios portugueses a Sul do Tejo⁴, que trata aqui dos contributos das fontes documentais cristãs para o conhecimento do Gharb al-Andalus. E encerra com duas comunicações consagradas aos Mudéjares – uma de Jean-Pierre Molénat, outra de Maria Filomena Barros – quase que anunciando um dos temas centrais da segunda mesa redonda. Jean-Pierre Molénat dedica, desde há várias décadas, a sua atenção a estes temas, tendo estudado particularmente a comunidade mudéjar de Toledo. Maria Filomena Barros, que também tem investigado na problemática das comunidades muçulmanas sob domínio cristão, onde tem sido responsável pela renovação dos nossos conhecimentos, é autora de vários artigos sobre as comunidades mudéjares portuguesas e de uma síntese sobre *A Comuna Muçulmana de Lisboa (Séc. XIV e XV)*⁵, estando a preparar a sua dissertação de doutoramento sobre a mesma temática.

O segundo volume que aqui apresentamos resulta, como referimos, da edição da segunda mesa-redonda eborense, organizada em 1999 sob o título «*Islão minoritário na Península Ibérica. Recentes pesquisas e novas perspectivas sobre mudéjares, mouriscos e literatura aljamiana (Séc. XII-XVII)*». O volume abre com um prefácio de Humberto Baquero Moreno, um historiador que tem vindo a dedicar alguma atenção

² Vd., entre outros estudos de Christophe Picard, a recente síntese *Le Portugal Musulman (VIII-XIIIe siècle). L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*, Paris, Maisonneuve & Larose, 2000.

³ Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, *O Tratado de Alcanices e a importância histórica das Terras de Riba Côa*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 1998, pp. 131-152.

⁴ Stéphane Boissellier, *Naissance d'une Identité Portugaise. La vie rurale entre Tage et Guadiana de l'Islam à la Reconquête (Xe-XIVe Siècles)*, Lisboa, INCM, 1999.

⁵ Maria Filomena Lopes de Barros, *A Comuna Muçulmana de Lisboa (Séc. XIV e XV)*, [«Biblioteca de Estudos Árabes», vol. 4], Lisboa, Hugin, 1998 (diss. de Mestrado defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

aos problemas das minorias étnicas e da marginalidade no Portugal medievo. Alinham-se, depois, seis comunicações repartidas em três secções: uma consagrada aos «Mudéjares», outra aos «Mouriscos», e finalmente uma sobre «Literatura Aljamiada». Em todas elas regista-se a presença de um autor estrangeiro e de um investigador nacional (ou, pelo menos, versando sobre temáticas nacionais), o que se traduz numa dinâmica mais interessante para quem pretende perspectivar estes temas da nossa historiografia. A primeira secção é dedicada aos que, no Portugal medievo, eram designados os «*mouros forros*» – isto é, as comunidades muçulmanas que viveram sob domínio cristão preservando a sua identidade e a sua religião. Aqui voltamos a encontrar os contributos de Jean-Pierre Molénat e de Maria Filomena Barros. J.-P. Molénat apresenta uma visão sintética, mas aliciente, sobre o tratamento que as comunidades mudéjares receberam em diversos reinos da Península Ibérica (Aragão, Navarra, Castela, Portugal) ao longo da Idade Média, realçando «unidade» e «diversidade», situações comuns e diferenças históricas. Maria Filomena Lopes de Barros estuda os períodos de formação das comunidades muçulmanas portuguesas, definindo duas grandes fases: uma primeira que corresponde à segunda metade do Séc. XII, inaugurada pelo diploma de D. Afonso Henriques de 1170 que consagra e regulamenta a vida quotidiana dos mouros forros de Lisboa, Alcácer, Almada e Palmela; e uma segunda fase que corresponde à segunda metade do Séc. XIII, que secunda a incorporação do Algarve no território nacional, em 1249, e abarca os reinados de D. Afonso III e D. Dinis, com a concessão de diversos diplomas desde 1269 até aos finais da centúria. A segunda secção é consagrada à problemática dos «Mouriscos», isto é das comunidades muçulmanas que, vivendo sob domínio cristão, se viram obrigadas à conversão, tendo recebido o sacramento do baptismo, mas que preservaram práticas e costumes muçulmanos. Naturalmente, as fontes da Inquisição revelam-se veículos privilegiados para abordar estas problemáticas que, muitas vezes, envolvem gestos e comportamentos quotidianos. A síntese pelo lado castelhano é assinada por Mercedes García-Arenal, que nos apresenta um balanço que encerra com uma listagem da mais recente bibliografia sobre o tema (abarcando os estudos editados desde 1990). A síntese correspondente ao lado português coube a Rogério de Oliveira Ribas, da Universidade Fulminense do Rio de Janeiro. A terceira secção foi consagrada à «Literatura Aljamiada», de produção essencialmente quinhentista. Por literatura aljamiada entende-se, como se sabe, os textos redigidos em língua vernácula, ibérica (português, castelhano, aragonês...), mas transcritos em caracteres árabes. No que respeita a textos aljamiados, o panorama português é bastante pobre, limitando-se aos documentos redigidos pelo alcaide de Safim e publicados pelo nosso maior arabista, David Lopes, em 1897 e 1940⁶. Desta forma compreende-se que nesta derradeira parte a estrutura que temos vindo a encontrar noutras secções tenha sido alterada. Com efeito, em vez de um balanço sobre o panorama espanhol e outro sobre os estudos portugueses, os dois autores incidiram a sua atenção sobre os problemas da literatura aljamiada ibérica. O primeiro contributo é um «estado da questão» traçado, com mão segura, por António Vespertino Rodríguez. O segundo é um estudo da autoria de Luís Carmelo, que surge na esteira da sua dissertação de doutoramento, que incidiu sobre textos aljamiados aragoneses dos meados do Séc. XVI (1540-60), e foi defendida na Universidade de Utrech, aguardando para breve edição nacional.

Como se pode verificar, os dois volumes aqui apresentados encerram um conjunto relativamente farto de estudos, na sua maioria em jeito de balanço, que permitem uma abordagem dos vários tipos de fontes – de natureza bem diversificada – que se oferecem para o estudo da presença islâmica no território português. Por isso, e como registamos logo na abertura, estamos certos que eles irão ocupar um lugar importante no contexto dos estudos históricos sobre a presença muçulmana em Portugal.

Mário Jorge Barroca

⁶ Cf. David Lopes, *Textos em Aljamia Portuguesa. Estudo filológico e histórico*, 2ª ed., corrigida, Lisboa, INCM, 1940 (1ª ed., 1897).

ERRATA DO VOLUME 21-22 DE PORTVGALIA

Na p. 35, o quadro reproduzido na Fig. 8 corresponde, na realidade, ao Quadro 3. A Fig. 8, que foi omitida, é a seguinte:

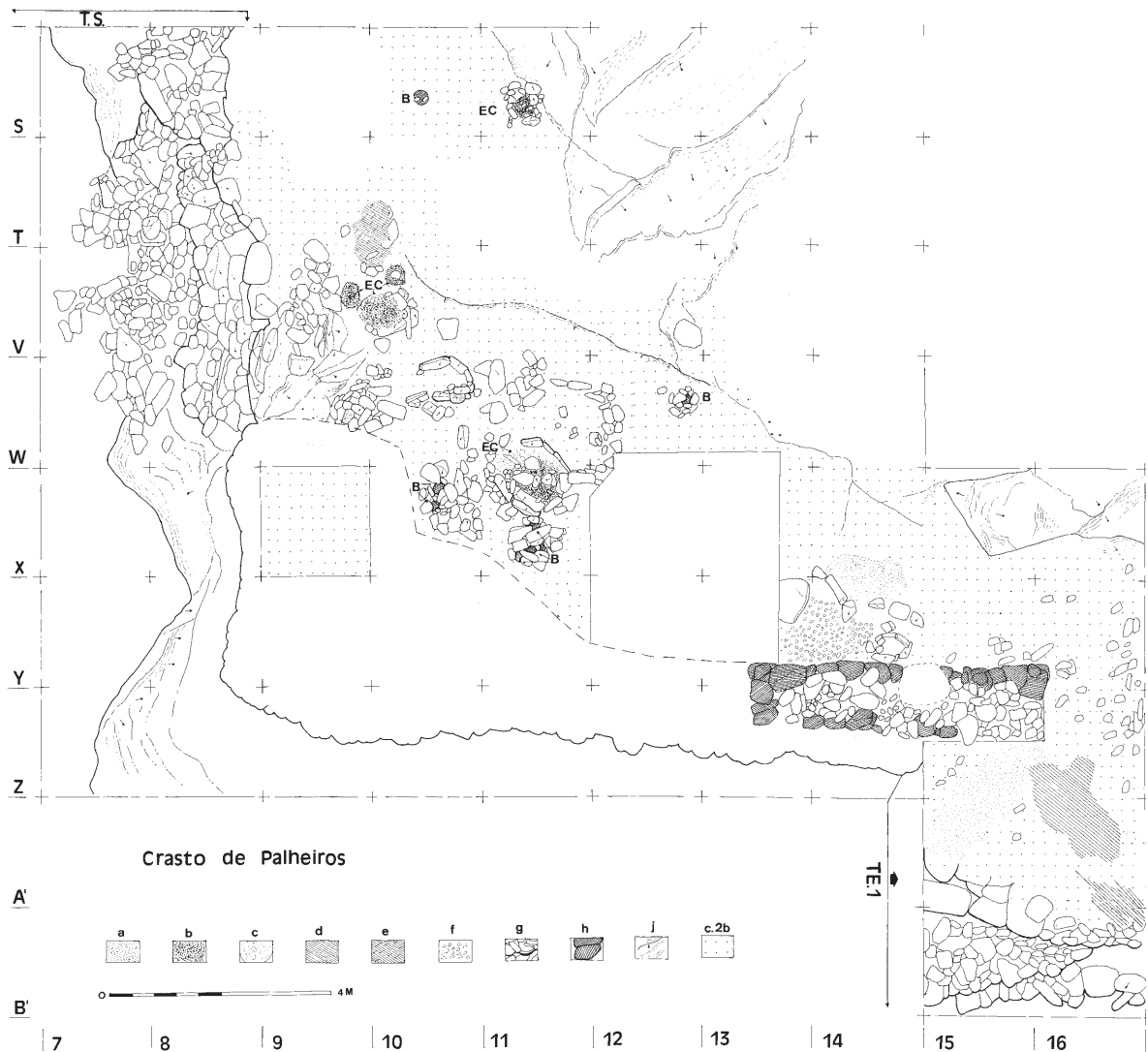


Figura 8 – Planta do Crasto de Palheiros ao nível da camada 2b (Crasto II) – Unidade Externa. Representam-se somente as estruturas habitacionais do topo da camada. **a** – terra queimada, cinzenta e negra, com algum carvão; **b** – terra queimada, negra, com muito carvão; **c** – nível contínuo de terra negra com muito carvão; **d** – nível contínuo de argila vermelha; **e** – argila vermelha e esbranquiçada, com ossos; **f** – cascalho solto; **g** – imbricamento das pedras em alinhamento ou arco; **h** – muralha da Idade do Ferro (muralha exterior); **j** – afloramentos/penedos; **2b** – área de dispersão da camada 2b; **B** – buraco de poste; **EC** – estrutura de combustão; **TS** – talude sul; **TE1** – talude exterior 1.

	Onde se lê	Leia-se
p. 137 (título)	las <i>pars urbana</i>	la <i>pars urbana</i>
p. 147, 149, 153 e 174	las <i>pars urbana</i>	la <i>pars urbana</i>
p. 153	las <i>villas</i>	las <i>villae</i>
p. 179, fig. 10	en el ábside	en el ábside de la misma.
p. 185, fig. 23	Torre Águila (Barbaño,	Torre Águila (Barbaño, Badajoz).
p. 186, fig. 25	Torre Águila (Barbaño,	Torre Águila (Barbaño, Badajoz).

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A publicação de um artigo na Revista PORTVGALIA, quando não solicitada pela Direcção da Revista, é condicionada ao parecer favorável de dois membros do Conselho Redactorial. A Revista não se responsabiliza pela devolução dos originais.

Os textos devem ser enviados em versão impressa e em disquete (Word para PC ou Mac) acompanhados dos originais das ilustrações. Na etiqueta da disquete será indicado o nome do(s) autor(es), título do artigo, programa e versão utilizados, tipo de computador (PC ou Mac).

Os textos deverão ser apresentados indicando título, autor(es), instituição a que pertence(m) e cargo que desempenha(m), seguido de resumo em inglês (com extensão máxima de cinco linhas). As citações ao longo do texto deverão seguir as seguintes normas:

a) Artigo em revista:

APELIDO em maiúscula, Iniciais do Nome (ano), Título do artigo, *Revista*, série, volume (fascículo ou número indicado entre parêntesis), local de edição, editora, páginas.

b) Artigo em obra colectiva:

APELIDO em maiúsculas, Iniciais do Nome (ano), Título do artigo, In APELIDO do Coordenador, Iniciais do Nome (Coord. de), *Título da Obra*, volume, Local de edição, editora, páginas.

c) Livro:

APELIDO em maiúsculas, Iniciais do Nome (ano de edição) - *Título do livro*, volume, local de edição, editora, páginas.

O ano indicado reporta-se à edição utilizada. No caso de haver mais do que uma edição indicar-se-à, no fim, entre parêntesis, o local e ano da 1ª edição.

Qualquer texto com mais de três autores será citado pelo APELIDO do primeiro autor, Iniciais do Nome, seguido da expressão «et al.».

Nas referências bibliográficas serão utilizadas as seguintes abreviaturas:

- AEA – *Archivo Español de Arqueología*, Madrid
- AP – *O Arqueólogo Português*, Lisboa
- BAR – série *British Archaeological Reports*, Londres
- BAu – *Boletín Auriense*, Orense
- BSAA – *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Valladolid
- CAME – *Congreso de Arqueología Medieval Española*, 1985 e ss.
- CEG – *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Santiago de Compostela
- CIL – *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlim 1863 e ss.
- EAE – série *Excavaciones Arqueológicas en España*
- MCV – *Mélanges de la Casa de Velázquez*, Madrid
- MM – *Madrider Mitteilungen*, Madrid
- NAH – *Noticiário Arqueológico Hispánico*, Madrid
- RFLUPH – *Revista da Faculdade de Letras - Série de História*, Porto
- RIC – H. Mattingly *et al.*, *The Roman Imperial Coinage*, Londres 1923 e ss.
- RRC – M. H. Crawford, *The Roman Republican Coinage*, Cambridge, 1974
- TAE – *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto
- TP – *Trabajos de Prehistoria*, Madrid

Todas as ilustrações serão designadas por *Fig.* seguidas da respectiva numeração em árabe. Cada artigo não poderá exceder, no máximo, as 16 páginas de figuras, dependendo o número de ilustrações da sua extensão. O autor facultará os originais das ilustrações. No verso destas deve ser indicado o respectivo número e, com seta, a sua orientação. A PORTVGALIA não publica desdobráveis nem fotografias as cores.

Não serão aceites artigos que não cumpram as Normas de Redacção.

A revisão das primeiras provas é feita pelos autores, aos quais é dado um prazo de cinco dias úteis (a contar a partir da data de carimbo do correio) para o fazer. Findo esse prazo, a Revista poderá dar andamento ao processo tipográfico.

Em fase de revisão de provas não são permitidas alterações de conteúdo, apenas se aceitando correcções de gralhas tipográficas. Estas deverão ser assinaladas na margem das provas, de forma bem visível, a vermelho, e de maneira clara e inequívoca.

A PORTVGALIA oferece um exemplar da revista e 25 separatas ao(s) autor(es) de cada artigo de fundo.

Os artigos devem ser enviados para o Coordenador da revista, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Apartado 55038 – 4150-564 PORTO.